

WILSON COSTA

O Rio do Destino

Romance Mediúnico

2ª edição



O Rio do Destino

Capítulo 1

-Feche os olhos e se concentre na minha mão, esqueça por um instante de tudo, esvazie a mente, tente não pensar em nada, agora existe apenas a minha mão. A mão espalmada do Doutor Cabral passava com movimentos horizontais para direita e para a esquerda, indo e vindo em frente ao rosto de Cícero. Os seus olhos vacilaram e se fecharam sonolentos, uma, duas vezes, logo surgiu em sua mente imagens que vinham e passavam. Imagens de uma floresta tranqüila com sons e vida palpitando, pássaros cantando saltitante, o sol brincando entre as folhagens, o riozinho de águas tranqüilas e cristalinas refletindo os raios solares bailou ante os seus olhos, as águas eram atrativas, convidativas, mas para Cícero havia nelas um enigma, algo que ele temia, que lhe causava pavor, pânico, vontade de fugir. Aos poucos o riacho tranqüilo foi se transformando, o espelho d'água foi mudando de cor e se tornando vermelho e agitado. Um rio de sangue correu transformado, os respingos vermelhos das águas revoltas se chocaram contra o seu rosto. Ele despertou agitado e assustado, correu ansioso para a janela e a abriu, colocou a cabeça para fora e respirou várias vezes apressadamente como se estivesse a sufocar, depois de alguns minutos, mais calmo voltou e se dirigiu ao médico.

-Desculpe-me Doutor Cabral, acho que isso não dará certo, já são quatro sessões e sempre acontece a mesma coisa.

-Calma Cícero, é assim mesmo, precisamos ter paciência e persistência para vencer esse bloqueio. Uma hora você atravessará essa barreira e verá o outro lado do que aconteceu, o motivo que faz você ver essas imagens em sonho. Por favor, não desista ainda, o caminho é longo, mas sei que teremos sucesso. Vamos fazer o seguinte, daremos um espaço maior para a próxima sessão, assim você relaxa e ganha uma folga maior.

-Está bem Doutor, quando volto?

-Daqui a um mês, dia quinze de maio.

-Está bem então Doutor.

Cícero saiu do bairro de Botafogo e foi para o seu escritório no centro do Rio de Janeiro, estacionou no subsolo do prédio onde trabalhava e subiu a pé as escadas, queria ordenar os pensamentos. Estava tenso e quando se sentia assim precisava andar, correr, se movimentar. Resolveu andar, seguiu pela Rua São José, atravessou o Largo da Carioca e pegou a Uruguaiana, caminhava rápido entre os transeuntes. O dia estava fresco e se sentiu melhor, mas quando voltava esbarrou numa moça, o

material que ela carregava caiu e ele se abaixou para recolher as pastas e os papéis espalhados

-Mas que desatenção, estou atrasada tenho uma audiência agora e você ainda aumenta meu atraso.

-Você é advogada?

-O que você acha? Não pareço uma?

-Desculpe-me gostaria de reparar isso, deixe-me fazer alguma coisa para superar esse transtorno, posso chamar um táxi. Dito isso ele nem esperou pela aceitação da moça, chamou o táxi que parou, ela entrou ele tirou uma nota e deu ao motorista.

-Por favor, a leve onde ela indicar, com urgência, mas sem riscos. Quando ele ia perguntar a ela o seu nome, já era tarde, o táxi partiu. O perfume e a imagem dela ficaram ainda em seus sentidos e assim voltou para o escritório e esqueceu pelo menos momentaneamente dos seus problemas. Ao chegar bebeu um copo de água e chamou a secretária.

-Andréa chame, por favor, o Aldo, preciso conversar com ele sobre o andamento dos negócios. Aldo entrou e se sentou à mesa de reunião.

-Trouxe os processos Aldo?

-Sim os mais urgentes, os demais podemos tratar depois.

-Quantos são?

-Quatro, mas o mais premente é o do senhor Gerson Andrades.

-Sei, então vamos a ele. A audiência é daqui a três dias, você já preparou a defesa prévia?

-Sim, me deixe explicar qual a minha visão de defesa.

-Quatro horas depois, encerrada a reunião, Aldo perguntou.

-E então como foi a consulta com o Doutor Cabral?

-O de sempre, não avançamos em nada. Estou ficando cansado e isso está influenciando a minha vida sob todos os aspectos.

-Fique calmo Cícero, no que depender da minha parte fique tranqüilo, tenho levado trabalho para casa e assim ganhamos tempo e adianto alguns processos menores.

-Eu sei que posso contar com você, mas não é justo, tenho me ausentado muito e prejudicado a nossa sociedade. As crises têm aumentado em frequência e não durmo mais do que poucas horas por noite. Sempre os mesmos sonhos e visões, uma casa vermelha, um rio de sangue, já tenho medo até de dormir.

-Mas sempre é isso que você vê Cícero?

-Vejo outras coisas que não consigo lembrar, são elas que o doutor Cabral está querendo desbloquear. Na verdade ele acredita que não são apenas as visões que eu lembro que me fazem mal. Não é só o que eu vejo que me perturba, mas todo o conjunto, o que lembro e o que não recordo. Assim a minha consciência fica nessa luta por querer recordar mais, por desvendar o que há por trás de tudo isso o que acaba me pressionando, aumentando a minha ansiedade e o meu desgaste provoca esse estresse.

-Acho que você tem que se desligar disso, pois veja bem, não pensando não há ansiedade e sem ansiedade não há estresse.

Cícero deu um sorriso e falou:

-Aldo você como psicoterapeuta é um excelente advogado.

-Mas pelo menos hoje eu vou tirar você dessa roda viva, vamos tomar chope e relaxar para amanhã. Só não aceito a recusa. Está intimado. Eu como advogado sou um excelente juiz.

Ambos riram e saíram

Capítulo 2

Em meados do século XIX num bairro da periferia de Londres, um jovem estava debruçado sobre os livros, adormecido e foi acordado pelo pai.

-Wilbert desperte, já é madrugada, são três horas, se você não for deitar eu também não durmo.

-Desculpe-me pai, não tive a intenção, mas o cansaço foi mais forte e me venceu.

-Eu sei filho, admiro a sua força de vontade, porém é necessário cuidados com a saúde física e mental. Está frio preparei a cama, vá se deitar, amanhã levantaremos cedo.

-Obrigado pai, vou recompensar o seu esforço, desde que mamãe faleceu que você tem sido o meu maior amigo e companheiro e em muitos momentos tem feito às vezes dela. Dê-me um abraço pai, saiba que o amo e respeito muito. Os dois ficaram um tempo assim ali, emocionados, depois foram deitar.

A noite estava fria e a rotina de alfaiate se repetiria na manhã seguinte para o senhor Alfred. Desde que a sua esposa Marie morrera que a sua família se resumia ao filho. Trabalhava por mais de quatorze horas diárias para dar contas das encomendas, tinha uma boa clientela, mas não era um bom comerciante, não sabia cobrar o preço justo por seu trabalho, por isso trabalhava muito e tinha um pequeno lucro, o suficiente para a manutenção da casa e dos estudos de direito de Wilbert. Este era um aluno brilhante e bem-quisto pelos professores, destacava-se sempre em todas as matérias, mas o que mais chamava a atenção era a eloquência com que defendia as suas posições. Sagaz e contundente, possuía o dom da argumentação embasada na legislação da época e nos pontos de vista que questionava a estrutura social e buscando mostrar avanços nas leis que se faziam necessárias para minorar as desigualdades do seu tempo. Não sendo um jovem das classes mais abastadas, enfrentou muitas discriminações, as quais superou com o brilhantismo e o esforço dos seus conhecimentos, dentre os que se antepunham a ele abertamente figurava o nome de Bernard

Sunterland, filho único de um membro do parlamento inglês e que juntamente com um grupo de outros amigos não via com bons olhos a abertura do clássico colégio às pessoas do povo e assim levava parte da sua vida a procurar formas e maneiras de atingi-lo. Pelo lado prático, do conhecimento e da técnica nada conseguiram, pois não podiam se nivelar em formação com Wilbert, buscavam assim atingi-lo na sua posição social, embora mesmo por esse caminho pouco conseguissem. Wilbert tinha como amigo leal Rosenberg, filho de influentes comerciantes judeus, mas que porém sofria dupla discriminação, pelo aspecto social e pela nacionalidade. Rosenberg queria se formar para assumir a direção dos negócios dos pais, era esforçado mais não tão brilhante aluno quanto Wilbert. Era extremamente dedicado aos estudos já que não tinha tanta facilidade quanto o amigo para aprender, aumentava assim as horas de leitura e pesquisas para se nivelar a ele em conhecimentos.

Os dois muitas vezes estudavam juntos e discutiam os conteúdos dos temas das diversas cadeiras do curso, se aprofundando nas questões históricas e na fonte de geração desta ou daquela lei. Observavam as aplicações na prática e buscavam informações sobre casos registrados, enfim faziam o que a maioria dos outros alunos não fazia, iam além do que era ensinado.

Wilbert acordou cansado, os olhos se recusavam a ficarem abertos, pegou a sua pasta com material de estudos e seguiu para a Universidade. O casaco preto pesado e o chapéu de feltro o protegeriam, o cachecol enrolado no rosto evitava que o frio cortante ferisse os seus lábios e prejudicasse a respiração. Depois de caminhar vinte minutos chegou ao pátio da entrada. Nas escadas encontrou Rosenberg.

-Bom dia amigo, a manhã está chuvosa, vamos entrar, na biblioteca deve estar mais acolhedor. Ontem à noite apaguei, não consegui terminar o trabalho sobre "A Consolidação de Cláusulas de Terra Ato de 1845", por isso cheguei mais cedo hoje para recuperar o tempo e concluir o trabalho.

-Eu cheguei mais cedo porque meu pai acordou muito mal-humorado, como sempre devido a questões ligadas aos negócios. Você sabe, ele quer que eu passe mais tempo dedicado a eles e eu acho mais importante ganhar conhecimento antes e terminar os estudos.

-Meu caro Rosenberg, acredito que o seu desejo seja totalmente compatível com sua ideologia, porém se você passar mais tempo envolvido nos negócios dos seus pais ao invés de estar com as meninas de Dona Clodeaux você teria uma importante fonte de conhecimento que o Colégio não nos disponibiliza. Quanto a esse ponto tenho que concordar com o seu pai. Lamento, mas é o que eu penso amigo.

-Ora, Wilbert, não há nada demais em querer estar com as garotas de dona Clodeaux, tudo é parte de ganhos de conhecimentos da vida.

-Seu grande canastrão, no fundo você sempre encontra um bom argumento, isso demonstra as suas qualidades para a profissão, por isso me diga então o que você pensa sobre essa questão da compra de terras por acordos e sobre o dinheiro de compra ou compensação?

Os dois trocaram então argumentos jurídicos sobre o assunto proposto e após duas horas Rosenberg disse – Sabe Wilbert, se você aceitar trabalhar para o meu pai seria muito bom, temos muito trabalho e poderíamos fazer uma boa dupla. O que você acha?

-Você fala sério?

-Sim.

-Mas como você pode falar pelo seu pai?

-Ele não quer que eu assuma os negócios dele? Então eu tenho competência para contratá-lo. Depois o meu pai admira muito você. O que você me diz Wilbert?

-Posso pensar?

-Mas claro Wilbert, o quanto você quiser.

Logo após chegou Bernard e parou diante da mesa dos dois.

-Bom dia, cavalheiros, estão se preparando para o debate de amanhã a tarde?

-Bom dia Bernard, devo dizer que não, o tempo não é muito, mas para quem está bem preparado isso não chega a ser um agravante. Respondeu Wilbert.

-Gostaria que o sorteio nos pusesse frente a frente. Como você disse, para quem está preparado qualquer adversário é adversário.

-Não me considero um adversário seu, Bernard.

-Digo que o seja para os debates Wilbert.

-Seria um prazer poder enfrentá-lo no campo dos conhecimentos, seria um bom teste.

-Aguardemos, pois.

Senhor Wilbert, até mais.

-Esse sujeito me tira do sério, falou Rosenberg.

-Calma amigo, não podemos dar matéria a ele para alimentar a discórdia, por outro lado a vida coloca esses seres em nossos caminhos para nos dotar de mais paciência e controle.

-Está agora se voltando para as idéias de dar a outra face, parece que segue as idéias do louco Kardec?

-Louco Rosenberg? Porque louco?

-O homem fala que os espíritos dos mortos voltam e assumem os corpos dos vivos, para resgatar débitos passados.

-Caro Rosenberg, muita calma, não fale assim sobre algo que você nem mesmo tem informações precisas e aprofundadas. Esqueceu que isso não fica bem para um futuro magistrado? O professor Rivail é um homem íntegro e um estudioso, jamais foi um homem venal, irresponsável ou muito menos louco. Faz um trabalho minucioso, detalhado, com base metódica e bem documentado.

-Mas dizem que ele é um anticristo.

-Faça-me o favor Rosenberg. Não fale da hipocrisia hipocritamente. Eu mesmo pretendo ir à França travar conhecimentos com esses registros de fenômenos descritos por Kardec. Eu tenho trocado correspondências com ele. Escrevi-lhe primeiro para fazer perguntas sobre o seu trabalho e depois conforme fui aprendendo sobre o assunto passei a buscar aqui em nosso país aqueles que também pudessem me ajudar no assunto.

-Os fenômenos a que você se refere são o das "[mesas girantes](#)"?

-Sim Rosenberg, o Professor Rivail, ou seja, Allan Kardec é amigo de Fortier, um [magnetizador](#) de longa data, diz que a princípio não deu muita importância a esses relatos atribuindo-os somente ao chamado [magnetismo natural](#) do qual era estudioso anteriormente, só em maio de [1855](#) sua curiosidade se voltou efetivamente para as mesas, quando então começou a freqüentar reuniões em que esses fenômenos se produziam.

-Mas porque as mesas giram Wilbert?

-Fenômenos sempre ocorreram, Rosenberg, muitos são fáceis de serem imitados, são certos efeitos físicos, ou efeitos inteligentes vulgares, tais como os movimentos, as pancadas, os transportes, a escrita direta, as respostas banais, mas há as comunicações inteligentes de alta importância, de relevantes considerações espirituais, manifestadas por espíritos de elevados graus de evolução e iluminação. O mundo espiritual definiu que chegou a hora certa de chamar a atenção do mundo para o conhecimento, de que existe de fato uma continuação da vida depois da morte física, da morte terrena, usando o fenômeno das mesas e dos objetos que se movimentam. Isso foi o efeito chamativo, uma atratividade para mostrar que o mundo espiritual é uma realidade, com um objetivo maior de educar o ser humano para uma vida menos materialista e mais espiritual.

Rosenberg olhava com os olhos esbugalhados

-Mas onde você aprendeu tudo isso?

Wilbert com um sorriso respondeu.

-Meu caro Rosenberg, leio muito e até já troquei correspondências com o professor Rivail.

-Você já viu as mesas girantes?

-Já sim, esse fenômeno está ocorrendo no mundo todo numa mesma época e isso é parte, acredito, da estratégia do mundo espiritual para chamar a nossa atenção, para nos trazer uma realidade diferente da que existe, pra nos dizer que temos uma continuidade após nossa partida pela morte. Quando minha mãe faleceu, fiquei muito triste e abatido, fiz muitos questionamentos e obtive bem poucas respostas. O meu encontro com uma senhora vidente me trouxe um pouco de luz, mas foi ela quem primeiro falou sobre o Senhor Kardec. Muita gente de mau caráter usava produções de espectros nos teatros, injustamente, como tendo relações com a aparição de espíritos, das quais são apenas uma grosseira e imperfeita imitação. As evocações espíritas não consistem, como alguns imaginam, em fazer voltar os mortos. Não é senão nos romances, nos contos fantásticos de fantasmas e no teatro que se vêem os mortos descarnados saírem de seus sepulcros vestidos de lençóis e fazendo estalar seus ossos. O Espiritismo, não faz reviver um corpo morto; um corpo morto é um corpo morto, definitivamente morto, mas sim o ser espiritual, fluídico, inteligente o espírito que se separa do corpo, no momento da morte, e uma vez operada a separação não tem mais nada em comum com o corpo desligado.

-Qual o papel desse Senhor Kardec?

-As comunicações inteligentes, que se recebem dos espíritos, que podem ser boas ou más, justas ou falsas, profundas ou levianas, segundo a natureza dos Espíritos que se manifestam. A sabedoria e o saber são dos espíritos avançados, os que provam a ignorância e as más qualidades são espíritos ainda atrasados, mas que progredirão com o tempo. Os Espíritos só podem responder sobre o que sabem, segundo seu adiantamento, ou sobre o que lhes é permitido dizer, porque há coisas que não se deve revelar, já que nem tudo é dado ao homem conhecer. Agora o Senhor Kardec já não se atém a esses fenômenos, os das mesas girantes, ele trabalha agora com os médiuns, aqueles que intermediam os contatos entre os dois mundos, quando então o Senhor Kardec soube discernir dentre as manifestações as que vindas de origem confiável, passou a catalogar como as respostas obtidas para perguntas padrão e as organizou então por tipos de respostas dadas, também o fez, pelas mesas girantes, mas não todo o tempo pois viu que a partir delas pode obter um novo canal, e os comparar, isso o surpreendeu e lhe convenceu de que o movimento e as respostas complexas das mesas deviam-se à intervenção de [espíritos](#) e inteligentes.

-Você está dizendo que os espíritos podem comunicar-se conosco diretamente e com o mesmo nível de inteligência que possuímos?

-Rosenberg, não existe diferença intelectual entre nós e eles, eu não disse a você que a morte não extingue a vida? Portanto se o ser segue vivo ele mantém as mesmas características, perfil, predicativos, qualidades e defeitos, inteligência e ignorância. O professor Rivail está se dedicando à estruturação de uma proposta de compreensão da realidade espiritual, baseada no desejo de integração entre os conhecimentos científicos e o religioso, com o objetivo de concluir pela investigação e coleta de informações tomadas aos espíritos, a montagem do conhecimento real. A idéia é procurar as ligações entre as dimensões espirituais e a nossa. Adotou, nessa tarefa, o pseudônimo – Allan Kardec – nome esse, segundo o que teria lhe dito um espírito, que foi utilizado em uma encarnação sua, anterior, como [Druida](#), mas Rosenberg se você quiser poderei levá-lo a uma reunião desse tipo e você poderá julgar com seus próprios olhos.

-Olha Wilbert as minhas idéias ainda são as existencialistas, quem sabe, um dia se eu vir às tais mesas girando, eu venha a me interessar por essas coisas de doido.

-Tudo ao seu tempo, tudo ao seu tempo Rosenberg.

Amigos leitores, abro aqui um espaço pra explicar que por um plano maior da espiritualidade durante certo período de tempo nos meados do século XIX, deu-se a intensificação de um fenômeno chamado das mesas girantes que é um caso particular dos fenômenos denominados psicocinéticos. Trata-se da comunicação com espíritos, através de pancadas desferidas no solo por um ou dois pés de uma mesa ou de uma cadeira.

Convencionava-se um código, geralmente um alfabeto cujas letras eram numeradas segundo a ordem natural. Conforme o número de batidas, pode se selecionar a letra correspondente, e assim, obter a mensagem letra por letra. As pessoas se sentavam ao redor da mesa e colocavam as mãos espalmadas sobre o tampo. Depois de algum tempo a mesa começava a dar sinais de movimento. Muitas vezes os movimentos tornam-se quase incontrolláveis e a mesa erguia-se no ar, girava sob as mãos dos que faziam a sessão. Desse modo, podiam convencionar-se uma forma de código.

Inicialmente, após o episódio das irmãs Fox, de Hydesville, a 31 de Março de 1848, em muitas outras casas também começaram a ocorrer os fenômenos das mesas. Essa era uma maneira da espiritualidade chamar a atenção para o mundo dos espíritos, um forma de mostrar que era uma realidade a existência de vida após a morte.

A partir daí, iniciaram-se as tentativas de comunicação com os agentes invisíveis, passando-se mais tarde ao emprego das mesas girantes. A novidade se espalhou pelo estado de Nova Iorque e dali para quase toda a América do Norte. Dentro de mais algum tempo, a Europa seria tomada pela febre das mesas girantes. A coisa tornou-se uma moda. Em 1852, eram comuns os convites para reuniões elegantes, na Inglaterra, onde, após o chá, os presentes se divertiam consultando as mesas girantes.

Mais tarde iriam aparecer, também na Europa, as variantes do sistema das mesas girantes. Surgiriam as sessões com os copos deslizantes, dentro de um círculo formado pelas letras do alfabeto. Os circunstantes colocavam a ponta do dedo indicador na borda do fundo do copo emborcado sobre a mesa. Dentro de algum tempo, mais ou menos longo, o copo começava a mover-se e ia apontando as letras, uma a uma, soletrando, assim, as palavras, com tempo surgiu um novo método que ao invés do copo, usava-se uma pequena tábua dotada de três pés que continha um indicador. O aparelho se movia dentro de um círculo formado por letras do alfabeto, incluindo também os algarismos de 0 a 9 e as palavras sim e não. A prancheta foi reinventada em 1853, na França, e tomou o nome de Ouija.

O Ouija foi aperfeiçoado, constando de uma tábua plana de madeira, com o formato aproximado de um coração. Na extremidade mais estreita há um dispositivo para fixar-se um lápis. Duas roldanas móveis serviam de apoio à parte posterior mais larga. Desse modo obtém-se um apoio triangular que pode deslizar facilmente para qualquer lado. Apóia-se este aparelho sobre uma folha de papel e sobre a tábua, colocava-se a mão espanada, ou a ponta dos dedos. Podiam participar uma, duas ou mais pessoas. O Ouija deslocava-se escrevendo palavras sobre o papel.

Nada é por acaso. O mundo espiritual tinha planos maiores para dar seguimento aos fenômenos das mesas girantes, tinha a intenção de trazer conhecimentos mais importantes e fundamentais para mudar a face dos conhecimentos até então vigentes, nesse contexto encontramos Allan Kardec. Foi em 1854 que ele ouviu, pela primeira vez, falar das mesas girantes. Um magnetizador, Fortier, velho conhecido de Kardec, foi quem o informou a esse respeito.

-Já sabe da singular propriedade que se acaba de descobrir no magnetismo? Parece que já não são somente as pessoas que podem magnetizar-se, mas também as mesas, conseguindo-se que elas girem e caminhem à vontade. Kardec ponderou que tal fato parecia inteiramente possível, visto o fluido magnético poder atuar também sobre os corpos inertes e fazê-los mover-se.

Kardec então retrucou.

-Acreditarei nisso quando o vir, e quando se me tiver provado que uma mesa tem um cérebro para pensar, nervos para sentir, e que possa se tornar sonâmbula; até lá, permiti-me nisso não ver senão uma história de fazer dormir.

Durante tempos Kardec ficou a matutar: Nisso está, pois, um fato inexplicável, em aparência contrário às leis da Natureza, e que a minha razão repele. Ainda nada vi, nem nada observei; as experiências, feitas na presença de pessoas honradas e dignas de fé, me confirmaram uma possibilidade do efeito puramente material, mas a idéia de um objeto inanimado possa vir a se mover sem uma interferência direta do homem, não me entra ainda no cérebro.

Mas Kardec, passado algum tempo, encontrou-se novamente com o Fortier, e este disse:

-Temos uma coisa muito mais extraordinária: não só se consegue que uma mesa se mova magnetizando-a, mas também que fale. Se a interrogamos ela responde.

Kardec mostrou-se céptico, e disse.

-Só acredito se vir o fenômeno, atribuir inteligência a uma coisa puramente material beira ao um absurdo.

No começo de 1855, encontrou-se com o seu amigo Carlotti que lhe falou longamente acerca das mesas girantes, acrescentando uma interpretação para o fenômeno.

-Há a intervenção dos espíritos, tenho notado que eles se identificam e respondem de maneira correlata e inteligente aos questionamentos feitos. Disse ele .

Mesmo assim Kardec manteve-se incrédulo.

Em Maio de 1855, Kardec teve a oportunidade de, pela primeira vez, presenciar o fenômeno das mesas girantes. Assistiu, então, a alguns ensaios de escrita direta numa ardósia, com o auxílio de uma cesta. Imediatamente percebeu que por detrás daquele fenômeno situava-se algo muito importante, de um valor imensamente revolucionário e que poderia revolucionar a sabedoria espiritual então conhecida e propagada e resolveu estudar a fundo.

Posteriormente, Kardec relacionou-se com a família Baudin, tendo sido convidado para assistir às sessões semanais que se realizavam em sua casa.

Sobre isso Kardec disse o seguinte:

-Os médiuns eram as duas senhoritas Baudin, que escreviam numa ardósia com o auxílio de uma cesta, chamada carrapeta e que se encontra descrita no Livro dos Médiuns. Esse processo, exige o concurso de duas pessoas, e o mais importante impossibilita intromissão das idéias do médium.

Ele teve o ensejo de ver comunicações contínuas e respostas às perguntas formuladas, algumas vezes até a perguntas mentais, que acusavam, de modo evidente, a intervenção de uma inteligência estranha. Para Kardec, os assuntos tratados eram frívolos e os assistentes ocupavam-se, principalmente, de coisas pertinentes à vida material, ao futuro, de coisas que nada tinham de realmente sério. A curiosidade e o divertimento eram os motivos de todos. Foi nessas reuniões que então Kardec começou os seus estudos sérios de espiritismo por meio de revelações e metodologia disciplinada. Ele aplicou rigorosamente o método científico positivo em suas investigações e declarou taxativamente.

-Compreendi, antes de tudo, a gravidade da exploração que ia empreender; percebi, naqueles fenômenos, a chave do problema tão obscuro e tão controvertido do passado e do futuro da Humanidade, a solução que eu procurara em toda a minha vida. Era, em suma, toda uma revolução nas idéias e nas crenças; fazia-se mister, portanto, andar com a maior circunspecção e não levianamente; ser positivista e não idealista, para não me deixar iludir. Logo Allan Kardec percebeu que os espíritos nada mais eram do que as almas dos homens, não possuindo nem a plena sabedoria, nem a ciência integral: Sobre isso ele falou.

-Conduzi-me pois com os espíritos, como houvera feito com homens. Para mim, eles foram, do menor ao maior, meios de me informar e não reveladores predestinados.

Finalmente, em 1857, após minuciosa pesquisa, ele apresentou a sua primeira obra sobre o que houvera investigado.

-Foi assim que mais de dez médiuns prestou concurso a esse trabalho. Da comparação e da fusão de todas as respostas, coordenadas, classificadas e muitas vezes remodeladas no silêncio da meditação,

foi que elaborei a primeira edição de “O Livro dos Espíritos” entregue ao publico, hoje 18 de Abril de 1857.

Capítulo 3

Wilbert chegou em casa à noite e encontrou o pai com duas cartas, uma do senhor Kardec convidando-o a acompanhá-lo em algumas seções que faria para ajudá-lo a compor um livro que vinha alinhavando e outra de dois irmãos, procuradores de um senhor Frider. Surpreso e comovido com o convite, Wilbert imaginou a felicidade de estar junto ao senhor Rivail, embora no momento não pudesse abandonar os estudos de seu curso de direito, já que estava a poucos meses de terminá-los. As dificuldades que teria quando resolvesse aceitar ir a Paris podiam ser resolvidas futuramente, por outro lado certa preocupação anuviou os seus pensamentos quando conjecturava com o pai sobre a outra carta, a do convite dos advogados procuradores. Não sabia exatamente o porquê, mas aquela convocação ao escritório dos irmãos Greenwall lhe trouxe angustia e preocupação.

Passados dois dias, Rosenberg teve oportunidade de conversar com seu pai sobre a proposta feita a Wilbert.

-Bom Rosenberg, devo dizer que estou surpreso com a sua atitude. Primeiro pelo seu envolvimento com os nossos negócios, depois porque Wilbert é uma pessoa decente, íntegra e batalhadora. Conheço muito bem o seu pai, e devo dizer que os admiro pela luta e pela busca de um lugar ao sol, mas me diga de onde surgiu essa idéia?

-Pai, eu e Wilbert somos muito amigos, muito unidos, somos como irmãos, até as perseguições na Universidade são dirigidas a nós dois, mais freqüentemente. Depois ele seria uma boa contratação e com certeza poderia proteger os nossos bens e por último poderíamos ter o prazer de desenvolvermos uma boa prática de conhecimentos juntos.

-Fico feliz e até torço para que ele aceite.

-Vou falar com ele hoje à tarde e poderemos começar amanhã. O que o senhor acha?

-E os estudos vão continuar?

-Claro Pai, acredito que os estudos nos ajudarão e para isso pretendo terminá-los, faltam apenas seis meses para o fim do curso. Podemos fazer o nosso trabalho nos momentos disponíveis, recebendo um salário correspondente ao tempo dedicado?

-Está certo filho, faça isso, assim poderão ir gradativamente se familiarizando com os diversos ramos de negócios que possuímos. Estou muito feliz por isso.

Tão feliz ficou Rosenberg que nem esperou para se encontrar com Wilbert na Universidade e assim foi direto a alfaiataria do Senhor Alfred.

-Bom tarde Senhor Alfred. Onde está Wilbert?

-Na sala estudando, pode entrar Rosenberg, seja bem-vindo.

-Wilbert o meu pai aceitou o convite para contratar você.

-Pare Rosenberg, mas que confusão é essa? Vamos com calma. Explique-se devagar.

-Conversei com o meu pai sobre a sua contratação. Ele não só aceitou como disse que ficaria feliz se você aceitasse.

-Mas eu pedi tempo para pensar não foi Rosenberg?

-Sim, mas achei que deveria falar logo com ele assim podemos ir aos poucos nos familiarizando com os negócios e aplicando os nossos conhecimentos.

-Mas e os nossos estudos?

-Ora Wilbert faltam somente seis meses, não será isso que nos impedirá de chegarmos ao final de curso, pelo contrario, isso somente acrescentará conhecimentos ao nosso curso.

-Bom Rosenberg, vejo que você tem razão, vamos sim, vamos à luta então, mas....

-Mas o quê?

-Mas se eu sentir que isso possa dificultar o curso eu paro.

-Vamos Wilbert sem tantos medos e preocupações.

-Isso não acontecerá. Vamos então.

Apertaram as mãos e depois foram para as aulas.

Capítulo 4

Wilbert respondeu a carta do senhor Kardec pedindo desculpas e agradecendo o convite, mas mostrou que o momento não lhe permitia ausentar-se por motivos do fim do curso e porque estava iniciando atividades profissionais nas empresas de Rosenberg. Pediu a ele que, caso pudesse, continuasse a troca de correspondência, dentro do assunto que tanto o empolgava pois assim que fosse oportuno iria ao seu encontro com todo o prazer do mundo.

Infelizmente ele não poderia realizar o seu desejo, a vida colocara diante dele questões passadas que necessitavam de ajustes, de conclusões para o seu crescimento, para eliminar débitos e avançar no seu desenvolvimento espiritual. Ocorrências estavam prestes a mudar o rumo da sua vida definitivamente.

Na Universidade diante da bancada da sala circular estavam os alunos do último ano do curso de direito e diversos professores avaliando o desempenho dos seus alunos em debates, ali se simulavam cenas de julgamentos onde os assuntos eram definidos previamente, mas os opositores, de defesa e promotoria eram sorteados durante o evento, assim naquele momento haviam sido sorteados Rosenberg na defesa e Bernard na promotoria. O assunto: o avanço das associações de empregados em busca de direitos sociais frente às empresas contratadoras e o Estado.

O que vamos aqui relatar é apenas uma parte do que foi debatido, para fins de entendimento das opiniões de cada um dos debatedores.

O mestre mediador pediu que Bernard abrisse os trabalhos fazendo uma explanação concisa e voltada para os direitos de quem contratava mão-de-obra definindo as questões de cargas horárias, prazos e salários, coisas recém implantadas na época e quais os efeitos sociais causados por esse sistema.

Bernard então falou.

-Inicio os meus argumentos mostrando que as instituições são a base da existência da nossa nação, como formadora de bens, como geradora de riquezas. Quero mostrar o risco que nos impõem a abertura do pensamento de caráter socialista, essa praga que se apregoa e se alastra perante a nossa sociedade, cuja condescendência para com ela, acarretará desequilíbrios no que está definitivamente estabelecido e estabilizado. A ideologia fértil produz idéias que servirão em expansões cada vez mais exigentes e que subverterão a ordem do que é o direito natural adquirido pelas lutas, pelas conquistas que consumiram sangue e vidas dos nossos antepassados, direito esse intocável e divino. Portanto os que laboravam ontem na terra podem hoje dispor de emprego certo, de ganho confiável, compatível e correspondente ao produto do seu trabalho e condição social. Aqueles que empregam são beneméritos, aqueles que se empregam sabem de antemão as condições estabelecidas, portanto os contratos são de pleno direito e pleno vigor.

-Senhor Rosenberg, por favor, exponha os seus pensamentos ante a explanação do senhor Bernard, contrapondo-se, a ele. Argumente no mesmo período de tempo, mas não se alongue.

-Pois não, caro mestre. A minha visão das condições contratuais impostas aos trabalhadores industriais poderá ser chamada pelo meu caro Bernard, de socialista. Porém, nem sempre o que é de direito é o justo. A livre associação dos empregados, embora possa parecer um risco aos olhos de alguns, é parte do direito de expressar idéias e posições de quem busca obter uma vida em melhores condições de dignidade e crescimento, isso é um direito inalienável a qualquer cidadão. Os direitos naturais, aqui citados pelo nobre colega Bernard, são senão o apelo ao luxo e da voluptuosidade disfarçada, transformando essa estrutura atual em algo bem próximo a escravidão, política que encobrem uma situação de poder pela força de uma situação econômica. Que subjagam, que extraem o máximo querendo dar o mínimo. Que não honram nem dignificam os nossos antepassados e lembro a todos os senhores onde há escravidão, não há nações verdadeiramente livres, mas governo despótico. Uma nação precisa legislar para todos os seus súditos.

Após o tempo esgotado foi dado Bernard o direito de replicar e a Rosenberg de tréplica. O debate acolarado possibilitava a participação dos colegas assistentes, mas Rosenberg investido de uma oratória plena refutava cada uma das argumentações de Bernard, a platéia que inicialmente ouvia sem manifestações e dividida, aumentou o burburinho, pequeno aplauso manifestava o apoio a Rosenberg. Era evidente que o descontrole começava a dominar Bernard, o rosto afogueado e o suor davam mostras na aparência do como ia o seu emocional.

Por mais de uma vez Bernard tentou lembrar a Rosenberg, qual era a sua situação econômica, e que ela não era compatível com o discurso que apresentava.

Rosenberg o fez ver que justiça nada tem a ver com condição econômica, que ele estava prestes a assumir os negócios dos pais, mas que pretendia administrá-los com justiça social.

A intervenção dos mestres foi necessária devido ao rumo que os debates estavam tomando. Acalmados os ânimos e encerradas as avaliações, Wilbert foi ter com Rosenberg.

-E então meu caro como me saí?

-Eu não teria feito melhor, agradavelmente você se superou. Parabéns amigo.

-Vamos para a o escritório então, o meu pai nos espera.

Dias depois o Senhor Alfred compareceu ao escritório dos Greenwall.

O primeiro irmão Greenwall a falar foi Phill, tão gordo quanto alto, que mal conseguia se acomodar na cadeira de espaldar alto e trabalhado, e com a sua voz tronitante falou:

-Senhor Alfred, o Senhor deve estar se perguntando o porquê de o termos convidado a comparecer ao nosso escritório? Devo dizer que a princípio a notícia é boa e que talvez o senhor nem mesmo saiba que tinha um parente em Richmond, mas tinha, ele era o senhor Andrews Frider. Ele faleceu, mas antes como não possuía nenhum parente próximo de primeira linha vivo, nos incumbiu de procurar na segunda linhagem de parentes a quem pudesse deixar a sua herança. O senhor foi o único que conseguimos descobrir, como sendo sobrinho de uma irmã do Senhor Andrews ou seja, sobrinho do falecido marido da Senhora Ema, também falecida ano passado. Ela era irmã de sua mãe. Assim Senhor Alfred devemos passar ao Senhor a lista dos bens que serão seus a partir dos desembaraços legais.

Depois o irmão Felphes, um homem de estatura média e calvo, corretamente vestido, cabelos penteados com óleo que lhes dava um brilho exagerado. Esguio e sentado perfeitamente ereto, contrastava com o seu irmão Phill.

-Consta aqui a princípio, senhor Alfred, uma casa composta de oito quartos em um terreno de cem acres, duas casas de campo, uma em Carmarthen e outra em Pembrokeshire, cinqüenta mil libras em dinheiro e mais cinqüenta em papéis nominais. Algumas peças de arte de valores próximos a cem mil libras, e um grande lote de terras a algumas poucas milhas de Londres, em York, terreno que está em litígio com uma família, que não me recordo de pronto do nome, mas tenho aqui nos documentos que vou lhe passar. Digo a princípio, pois poderemos ainda apurar alguns bens espalhados pelo país, que só descobriremos após a leitura total das papeladas deixadas pelo senhor Andrews. Somos os seus procuradores perante a justiça, isto é se o senhor desejar que continuemos?

-Claro, claro, disse Alfred ainda aturdido com tudo o que se passava.

-O Senhor agora é um homem rico. Ah, sim ainda foram deixadas pelo Senhor Andrews, um adiantamento, de quinze mil libras para que seja entregue ao Senhor em espécie, para as despesas iniciais e até que esteja concluído o processo. O senhor deseja saber mais alguma coisa?

-Sim Senhores, quero sim, quero saber onde está enterrado esse Senhor Andrews? Quero agradecer-lhe levando flores e fazendo uma oração.

Capítulo 5

Wilbert e Rosenberg saíram da Faculdade, desceram as escadarias e foram alegres conversando e trocando assunto sobre o acontecido no debate. Chegaram à base e tomaram o rumo da saída, em um dos andares superiores Bernard os olhava ressentido, a derrota evidente no debate doía por si só, mas perder para um judeu, amigo de Wilbert e que ainda por cima saíram rindo dele, isso era demais para o seu orgulho e espírito mesquinho. Naquele momento ele jurou que não daria paz aos dois até se livrar definitivamente deles. O seu olhar os acompanhou até perdê-los de vista, pensou, precisava achar uma forma de atingi-los profundamente de uma maneira que os prejudicasse seriamente, queria as vidas dos dois sofridas, mas queria que fosse de uma maneira muito dolorosa mesmo, assim saiu com os pensamentos fervilhando sobre o assunto.

O cocheiro veio pegá-lo e ele entrou batendo a porta do coche. Vociferava entre os dentes ameaças veladas aos dois, o cocheiro antes de partir disse que o seu pai o esperava para irem as compras para o casamento de um membro da família. Embora não tivesse a mínima vontade de ir às compras ele não ousava desafiar a vontade do pai, assim foi obrigado a ir o que aumentou ainda mais o seu mau-humor. Logo depois de pegar o pai de Bernard o cocheiro seguiu para a alfaiataria de Alfred.

-Então Bernard como está nos estudos? Indo bem? Perguntou Suterland.

-Sim pai, estou indo muito bem.

-Que bom! Afinal faltam poucos meses para que termine o curso e então quero que desde já, a partir de hoje, você me acompanhe sempre que puder para observar o mundo dos negócios e vá ganhando vivência. Estamos indo ao alfaiate Alfred, lá temos dois assuntos importantes para cuidarmos: um comercial e diz respeito ao casamento do seu primo Albert, ou seja, às roupas que iremos usar durante a cerimônia, e o outro assunto, um tanto mais complexo, porém não menos importante, sobre as terras que estão em litígio jurídico lá em York.

-Mas o que tem o senhor Alfred com elas?

-Ele é o novo proprietário.

-Mas como assim pai?

-Ele as recebeu de herança, não só as terras, mas também uma boa fortuna. Ele agora é muito rico e imagino que nem faça idéia do quanto. Talvez agora que estamos lidando com um alfaiate, possamos resolver as questões das terras e reavê-las definitivamente.

Chegando a loja o cocheiro apeou e eles desceram e entraram na alfaiataria

-Bom dia Senhor Alfred.

-Bom dia Senhor Suterland, estou dando os últimos retoques na sua vestimenta, mas podemos experimentá-las agora?

-Claro Alfred deixe-me vê-la.

O Senhor Suterland vestiu a casaca e disse - De fato Alfred você é o melhor alfaiate de Londres, está excelente, veste bem e tem um caimento e um corte impecável. Parabéns. Traga as calças, por favor.

Enquanto vestia as calças o senhor Suterland aproveitou para tocar no assunto das terras.

-Meu caro Alfred o que você ainda faz aqui trabalhando como alfaiate, quando é um homem rico?

Quero lhe parabenizar pela sua sorte.

-É verdade que recebi uma boa fortuna, mas não sei se sou um novo rico, para dizer com franqueza gosto do que faço e não tenho assim nenhuma pretensão de assumir uma vida de luxo e de ócio. Vou manter a loja aberta e trabalhar enquanto puder, apenas, talvez diminua o ritmo das minhas atividades e busque conhecer um pouco mais o meu país.

Por dentro Bernard se roeu. - Que estúpido, um alfaiatezinho ignorante, uma mente pequena e simplória. Acho que nem sabe bem o que é dinheiro.

Suterland falou então - Bem Alfred, acredito que você diga isso por ainda não estar familiarizado com o que o dinheiro possa lhe proporcionar, mas logo descobrirá que não só de luxo e ócio vivem os ricos. Mas vejo que é um homem desprendido e gostaria de poder lhe falar de um assunto que vem se arrastando por longos anos nos meandros da justiça e que agora diz respeito a nós dois.

-Pois não senhor Suterland.

-Acredito que saiba que dentre os bens que foram herdados estão terras em York, talvez você não saiba, mas estas terras eram posses de minha família há muitos anos, porém foram compradas por esse seu parente Andrews com documentação que eu contesto judicialmente.

-Os procuradores do Senhor Andrews agora são os meus e eles que cuidam deste caso, eu Senhor Suterland, desconheço os detalhes, por isso peço que o Senhor os procure.

-Ora meu caro Alfred o que você acha que tenho feito durante todos esses anos? Se lhe falo sobre isso é pela oportunidade nova de dar uma solução mais rápida a esse caso, acredito que se conversarmos possamos chegar a um acordo que seja bom para ambos.

-Senhor Suterland, como lhe disse não poderia decidir sobre algo que desconheço, mas o que eu posso fazer é me orientar sobre o assunto e ponderar num outro momento, mas a princípio repito, que sou um homem simples e que não farei do que ganhei uma fonte de mudanças brusca na minha forma de ser, mas cada uma das moedas que compõem essa herança será destinada ao meu filho e à sua formação. Como disse Senhor Suterland irei avaliar o caso, mas com um olhar voltado ao que for melhor para o futuro do meu filho.

Suterland, contido não deixou expresso o constrangimento a que achava estava sendo submetido, tentou tratar tudo diplomaticamente para não perder a oportunidade de resolver a questão fora do nível jurídico, entretanto Bernard se continha intimamente para não atirar sobre Alfred o que pensava. Achava que Alfred não passava de um reles alfaiate que por sorte do destino havia recebido uma herança. Achava que o seu pai estava sendo polido demais e que tratava Alfred com concessão e um respeito que este não merecia.

Depois então de provar as roupas eles se retiraram.

-Bernard estava inquieto e isso chamou a atenção do seu pai. – O que o deixou assim nesse estado?

-O nível da conversaçao me incomodou pai.

-Como assim Bernard?

-Achei que o Senhor tratou o alfaiate de uma forma muito cortês e polida, acho que deveria ser mais incisivo, que o pressionasse mais contundentemente, que deixasse claro quem é quem na história.

-Sou um parlamentar e a função me trouxe uma visão de vida diferenciada. A política não deixa espaço para atitudes extremadas, mesmo desconfortável, eu vi que Alfred ainda é o melhor caminho para conseguirmos o que pretendemos, portanto não devemos atacá-lo nem causar situação de conflito com ele. Devemos caminhar e esperar que as relações nos tragam novas informações, que as circunstâncias se moldem para irmos pisando conforme o terreno.

-Pode ser pai, mas ainda penso que um pouco de pressão não faria mal, esse povo está acostumado a ser mandado, conduzido.

-Bernard as pressões se fazem na hora certa, no devido momento. Eu disse que não haverá pressões desnecessárias? Eu sou um parlamentar, tenho poderes, meus meios e métodos, o que se puder fazer dentro da lei que se faça, se não, apenas lamento ter quer usar outros caminhos.

Capítulo 6

Rosenberg e Wilbert tomavam ciência do ambiente e dos negócios de Jacobo.

O Senhor Jacobo estava satisfeito de ver o filho ali envolvido, curioso, interessado e com os acréscimos positivos da companhia de Wilbert. Jacobo o admirava e ficava feliz de ver os dois tão integrados e amigos, via em Wilbert o segundo filho que a sua esposa não conseguira lhe dar.

-Wilbert, eu soube que vocês receberam uma boa herança!

-É sim Senhor Jacobo, o meu pai recebeu.

-Sabe filho também já soube que o parlamentar Suterland foi procurá-lo, para tratar de um bom lote de terras que vocês receberam em York.

-Não soube desse fato Senhor Jacobo.

-Pois é Wilbert no mundo dos negócios é preciso ser bem informado, ter bons contatos uma rede de informações, mas quero alertá-lo que com a fortuna vêm muitas preocupações e cuidados, o dinheiro é um bem, se soubermos usá-lo com parcimônia, sendo generoso e pródigo, se não ele se torna uma escravidão e um mal, uma prisão sufocante. Os Suterland não são exatamente pessoas confiáveis, por trás do seu jeito suave e aristocrático se esconde uma alma habituada ao domínio, às possessões e o jugo, não admitem perder, por isso não se descuide.

-Eu sei Senhor Jacobo, e agradeço o aviso. Eu sei dos males e dos benefícios advindos do dinheiro, confio que o meu pai saberá não ser escravo dele, e saberá usá-lo de forma adequada. Não vou dizer que não foi bom recebê-lo, foi sim, porém e não fiquei exatamente feliz.

-Mas você continuará conosco agora que está com dinheiro suficiente para fazer o que quiser?

-Senhor Jacobo o dinheiro é do meu pai, não é meu, depois para mim o que de fato tem valor é o conhecimento. Quero continuar sim, apenas quero que depois de formado o Senhor me permita tirar duas semanas sem remuneração como uma licença. Preciso ir a França, quero encontrar o Senhor Allan Kardec.

-Sei, o homem que conversa com os espíritos. Disse Jacobo.

-Isso mesmo Senhor Jacobo, ele conversa com os espíritos para esclarecer como é a vida aqui e lá no outro lado, para nos trazer esclarecimentos relevantes quanto a esse mistério que é a morte.

-Por mim tudo bem. Faça isso se é importante para você.

-Obrigado senhor Jacobo.

Na residência dos Suterland, Bernard conversava na varanda com o primo Russel e com mais dois

amigos do seu grupo da Universidade. Fumavam os charutos do pai de Sutherland e bebiam.

-Então Russel amanhã será o seu grande dia, como se sente? Falou Bernard soltando uma baforada.

-Mal, você sabe que é apenas um casamento arranjado para satisfazer os desejos das duas famílias.

-Você quer dizer interesses?

Os três riram, menos Russel.

-E o que você pensa sobre isso, acha que também vai escapar de uma situação semelhante? Mesmo sabendo que a grande maioria dos casamentos atende a interesses diversos.

-Estou me formando esse ano e pretendo ter uma vida independente, estar o máximo possível afastado de família, para poder viver do meu jeito a minha vida.

-Você acha que seria fácil assim se livrar dos seus pais? Disse Albrain, um jovem loiro de cabelos encaracolados, alto, magro e com o rosto marcado por varíola.

-Não sei, mas quando chegar a hora irei para outro país com a desculpa que farei estágios.

-Com que dinheiro? Riu Owein.

-Levarei o que eles me derem e o que eu puder conseguir. Peço algumas jóias a minha mãe e pego outras, depois que me estabelecer por lá não volto ou só volto quando estiver independente. Bernard pronunciou aquelas palavras sem saber que o seu desejo seria atendido, porém não exatamente da forma que desejava.

Por isso devemos cuidar dos nossos pensamentos e das nossas palavras, a vida tem olhos de ver e ouvidos de ouvir e poder fazer as coisas acontecerem.

-Você tem talento para isso Bernard, apenas não tem cabeça. Falou o primo.

-Você verá se tenho ou não, pelo menos não farei esse seu papel de homem apaixonado por uma mulher que não me ama.

-E você ama alguém?

-Ele está apaixonado sim, por Catherine. Disse Owein.

-Pare com isso Owein! Somos apenas bons amigos.

-Amigos? Quem foi que mandou entregar um buquê de flores-do-campo no aniversário dela? Quem é que foi ao desfile da primavera e ficou olhando para trás e para cima onde estava exatamente sentada a Lady?

-Quem está totalmente envolvido por ela não sou eu. Reforçou Albrain.

-Mas dizem que quem está totalmente envolvida é ela. Falou Russel querendo dar o troco no primo pelas observações jocosas que ele fizera sobre o seu casamento.

-Mas por quem? Perguntou Owein.

-Pelo que eu saiba não é por você Bernard.

-É por Wilbert. Falou Russel, olhando para o primo e esperando por sua reação.

Bernard levantou de pronto e deu um tapa no copo de bebida que estava sobre a mesa e retirou-se em direção ao pomar.

Os três ficaram em silêncio e depois que se despediram se foram.

Capítulo 7

Wilbert escreveu para o Professor Kardec, dizendo que no fim do seu curso iria à França visitá-lo e que passaria duas semanas com ele. Mas não seria isso que aconteceria, situações inesperadas iriam modificar as intenções de Wilbert.

O casamento de Russel aconteceu nos jardins da casa de campo da família. A noite caía quando, já totalmente embriagado, Bernard viu Catherine conversando com Owein e foi até lá. Antepôs-se entre os dois e segurou Catherine pelos ombros.

-Quero que você me diga o que está acontecendo?

-Sobre o que Bernard?

-Porque que você não responde aos meus mimos, não corresponde às minhas expectativas, nem ao menos agradece à minha atenção?

-Pare com isso Bernard você está bêbado – Disse Owein, segurando-o pelo braço.

De um puxão Bernard retirou o braço da mão de Owein e em ato contínuo deu-lhe um empurrão que o lançou ao chão.

Na confusão quem estava por perto separou Bernard e Owein.

Bernard saiu então da festa e vagou pela cidade aos prantos, caiu pelas vielas e ruas escuras, tropeçou e vomitou várias vezes. Sentou-se vociferou pragas e maldições contra Wilbert e o seu pai. Sem que perceber se sentou no batente da alfaiataria de Alfred, caiu de cabeça nos degraus e ficou de olhos fechados, ao Abri-los viu o letreiro, fechou os olhos e pensou que sonhava, pois dois homens de negro estavam em pé diante dele, eram estranhos no vestir e na aparência, sabia vê-los mas não tinha certeza da suas presenças. Pensou estou muito bêbado,

Um deles falou - Olhe só Morcego como está esse menininho? Que péssimo estado o dele.

-Se ele fosse um homem e não uma criança perdida tomaria uma atitude. Não é mesmo Severo?

Eu não sou uma criança, sou um homem e sei muito bem o que eu quero. Disse Bernard, falando arrastado, com a voz pastosa e trocando as sílabas.

-Então vejamos o que você quer, o que pode de fato. Falou Severo, o mais alto e de olhos profundos. A sua voz era forte e grave e soava como se falasse dentro de uma caverna, visceral e pausada. Os seus lábios eram pálidos e frios, e a pele do rosto arroxeadada.

-Há uma mulher que se chama Catherine, você a deseja de verdade ou é apenas uma vontade débil de um menino choroso?

-Ou você deseja ser eloqüente e seguro como Wilbert? Falou o Morcego, mais baixo e mais forte que Severo, sombrio e ameaçador. O seu rosto sorria malicioso enquanto falava.

-Diga menino chorão. Você quer que eu o leve para sua mamãzinha, ou quer negociar conosco e fazer os seus desejos se realizarem?

-Parem! O que querem de mim afinal?

-Sabemos quem você é e como é. Sabemos como você pensa e o que quer, e queremos dar a você o que deseja.

-Sabemos que seus olhos olham para Catherine e a desnudam quando a vê passar, a admiram como se ela estivesse sem uma peça de roupa sequer. Sabemos dos seus delírios e suores noturnos quando abraça o travesseiro como se abraçasse o corpo dela. Sabemos que você a usa para satisfazer os seus sonhos oníricos e devassos. Você tem imaginação e uma mente poderosa rapaz, só precisa saber usá-la para o seu próprio proveito, falou Severo.

Depois o Morcego continuou.

-Sabemos que você deseja ser respeitado e admirado, ter dinheiro e gastar sem limites. Que você quer as delícias e os prazeres da vida e da carne. Que você deseja os bens do seu pai, que já o viu várias vezes morto para herdar o que ele possui. Sabemos que você sempre odiou Wilbert, porque ele embora pobre tem tudo o que você deseja e não tem. Sabedoria plena, eloquência e inteligência imediata, raciocínio veloz e postura serena, que não se abala. Que tem o respeito e admiração dos colegas e dos mestres. Que têm o amor do pai e o da mulher que você deseja.

-Mas por quê? Em troca de quê? Falou Bernard.

-Pronto você disse a palavra mágica, em troca de quê? Da sua alma, dos seus serviços. Queremos que seja nosso sócio. Isso mesmo. Se você se dispuser a nos dar a sua alma, lhe daremos tudo o que desejar, trabalharemos para você hoje e você para nós amanhã, assim estaremos quites.

-Bernard pensou que deveria aceitar - Não tenho alma mesmo, alma não existe é coisa dos idiotas e crédulos.

-Então estamos acertados – Disse o Morcego. Na hora H, estaremos esperando você.

-Esperem. Eu não disse que tinha aceitado.

-Não disse? Achamos ter ouvido você dizer que iria aceitar, pois almas não existem.

-Eu, eu não falei nada.

-Mas então caro Bernard o que deseja ser? O garotinho preso às saias da mamãe ou um homem de fato?

-Digamos que eu aceite. Como vou saber se vocês poderão fazer tudo o que prometem?

-Olhe bem para nós, temos cara de quem faz promessas vãs.

Bernard olhou pela primeira vez direto para eles, o sangue gelou em suas veias e o corpo arrepiou e ele disse.

-Não, não têm.

-Antes vamos dar a você uma prova de que falamos a verdade. Vamos deixar você sóbrio. Levante-se, ande e veja por si mesmo.

-Como fizera isso? Eu estava muito mal a alguns minutos atrás.

-Não importa. Vê essa alfaiataria? Aí dentro estão dois dos que você deseja se ver livre, estamos certo?

-Sim.

-Lá dentro estão quinze mil libras em espécie. Sabia?

-Não, não sabia.

-Elas poderão ser suas, bastam apenas duas pauladas e uma fagulha no lugar certo. A porta está

aberta, basta entrar, mas não se esqueça dos fósforos.

Bernard forçou a fechadura que se abriu até com certa facilidade. A luz da rua iluminava a sala de confecção e ele pegou os fósforos e acendeu uma das vela do castiçal para percorrer os outros cômodos. Abriu gavetas, vasculhou tudo e foi aos quartos. Viu Wilbert dormindo em seu quarto, depois seguiu pelo corredor e entrou nos aposentos de Alfred, foi até a cômoda ao lado da cama e nada encontrou. Depois foi até uma escrivaninha do outro lado da cama e encontrou uma valise, ao puxá-la esbarrou em algo que caiu, Alfred despertou e o agarrou pelo braço. Ele empurrou Alfred que caiu sobre a cama, a vela caiu sobre as cobertas e o fogo se espalhou. Alfred levantou-se, tossiu algumas vezes e agarrou novamente Bernard, a valise se abriu e algumas notas e moedas se espalharam, Bernard pegou uma jarra e acertou a testa de Alfred que caiu inerte. O barulho despertou Wilbert que correu a tempo de agarrar Bernard que ainda estava com a jarra nas mãos e com ela o golpeou também, Wilbert caiu desacordado. Bernard correu saiu e sumiu pela noite.

Sentados na calçada em frente à alfaiataria, Severo e Morcego observavam tudo, sorrindo satisfeitos, as coisas corriam como planejaram.

C apítulo 8

Jacob e Rosenberg chegaram ao hospital para ver Wilbert, as suas visitas eram constantes e já há

três dias ele estava entre a vida e a morte. Conversaram com o médico que coordenava a equipe e ele disse que a situação era extremamente grave. Além da pancada na cabeça ele havia aspirado muita fumaça, mas se não fosse ele ter caído próximo a porta de saída, que estava aberta, ele teria a mesma sorte do pai, que caíra no quarto e não houve jeito para os bombeiros retirá-lo de lá com vida.

-Meus caros, sabem rezar?

-Sim Doutor Ernest.

-Então o façam, pois ele precisa. Fizemos e estamos fazendo o que podemos, ele tem ao seu lado a juventude e vigor físico, por isso temos esperanças na sua recuperação, embora a situação seja de fato grave. Vocês já sabem se a polícia descobriu algo?

-Sabemos que o investigador está levantando informações nas redondezas. Disseram que um homem ficou muito tempo deitado vomitando na porta da alfaiataria, e que estava bem vestido e totalmente bêbado. Acreditam que possa ter sido ele, pois um homem que saía para trabalhar viu um sujeito passar correndo nas proximidades, carregando uma valise, com a mesma descrição dada por outros moradores, mas não se sabe ao certo, as informações são ainda imprecisas. Falou Jacob.

-E a loja?

-Queimou toda. Só restaram cinzas e vidas destruídas.

-Alguém tinha motivos para isso?

-Alfred recebeu uma herança recentemente, uma boa quantia em dinheiro vivo. Os bombeiros acharam parte do dinheiro queimado e algumas moedas espalhadas, se foi para roubar acho que nada que tenham levado pagaria a vida de um homem como Alfred.

-Compreendo Senhor Jacob, infelizmente temos vivido tempos de violência, o crescimento urbano e industrial tem atraído para Londres pessoas de todos os níveis da sociedade, muitos vêm em busca de emprego e condições melhores de vida e não encontrando nada por fazer ficam pelas ruas mendigando, esmolando e praticando pequenos crimes. Embora tenha havido crescimento econômico ele deixa muitos de fora, por faltar especialização, a miséria é grande e afeta a todos. Estranho Senhor Jacob é que tenham descrito esse mal-feitor como um homem bem apessoado não é?

-É de fato Doutor, mas temos que esperar para termos as explicações mais claras.

-Meus caros amigos me dêem licença por favor, a obrigação me espera, com licença.

O espírito de Wilbert vagava por uma região desolada, escura onde as árvores eram retorcidas e pobres em viço, para ele caminhar era doloroso e difícil, a cabeça doía e ele não podia respirar direito, os olhos estavam enevoados e as costas queimadas ardiavam e o impedia de ficar ereto. O solo lamacento e negro afundava sob os seus pés. Não sabia onde estava. Acordara à noite com barulhos de luta e cheiro de algo queimando, quando correu viu as labaredas no quarto do seu pai e um homem em pé, perturbado e ainda nem bem desperto pensou que fosse o seu pai Alfred e o segurou e não

entendeu a resistência e só então percebeu que não era ele. O homem estava vestido com um jaquetão de tecido grosso e um dos botões soltou da sua vestimenta e ficou na mão de Wilbert. O homem o golpeou, ele caiu e acordou naquele lugar estranho. Onde estou? Falou baixo consigo mesmo.

-Olá meu jovem, está perdido? Podemos ajudá-lo?

-Quem são vocês? Onde estou? Como podem me ajudar?

-Ah! A palavra mágica. Como podemos lhe ajudar. Muito simples apenas diga que quer sair daqui e nós lhe diremos como?

-Eu quero sair daqui! Mas como vim parar aqui?

-Bom isso é uma longa história teríamos que nos remeter a muitos e muitos anos atrás, não cremos que você esteja em condições de fazer esforços mentais para tal. Disse o Morcego.

-Mas eu posso fazer um resumo e assim você poderá se satisfazer e entender como poderá sair daqui. Certo dia, um homem chamado Sorensen, cavalgava ao lado de outro chamado Drussen, pelos bosques a oeste da Inglaterra, conduzindo um grupo de quinze homens quando foram atacados por outro grupo maior que matou a todos. Consegue lembrar disso?

Você quando sonha sempre vê um rio de sangue não é Wilbert? Pois foi o nosso sangue que se misturou às águas do regato e correu por muito tempo, deixando essa marca registrada em sua mente, marca do arrependimento e da covardia. Recorda agora Wilbert?

Wilbert lembrou que sempre sonhava com um rio de sangue, mas não conseguia recordar dos detalhes, mas não podia se esforçar muito naquele momento, o seu estado não permitia. A cabeça doía muito mais agora, piorara depois que os dois forçaram aquele diálogo, que para ele até aquele momento não fazia sentido.

-Você está com dificuldade realmente nesse momento para recordar o que se passou. É compreensível falou Severo com um ar de deboche.

-Mas naquele dia nas florestas outro homem estava com você durante o ataque traiçoeiro e covarde, era Alfred, o seu querido pai, que agora ninguém sabe por onde anda.

-Esperamos que seja nas profundezas do inferno. Disse o Morcego.

-Ah, mas você ainda não sabe o que aconteceu com ele não é mesmo? Desculpe-nos então meu jovem, não fizemos por mal. Dar uma notícia assim sobre a morte de alguém dessa forma abrupta, sem um preparo adequado, é um descuido imperdoável. Disse Severo ironicamente.

Embora Wilbert sofresse de tantas dores, a maior o acometera com a notícia da morte do pai.

-Chore e sinta as dores que sentimos quando tivemos as nossas vidas tiradas repentina e traiçoeiramente.

-Por que aconteceu isso com o meu pai?

-Não fizemos nada, a nossa parte de verdade foi modesta, apenas demos uma pequena ajuda a outro membro daquele seu bando, um ser fraco e submisso, fácil de ser manipulado e convencido, para que hoje causasse esse, digamos acidente, na loja do seu pai. Nós sugerimos que ele entrasse na loja à noite, aliás entrar na alfaiataria foi somente um detalhe e o incêndio uma consequência.

Severo continuou falando.

-Então jovem o que quer fazer? Vai continuar aí caído na lama choroso e lamurioso ou irá se levantar, sair daí e nos servir?

Uma força que Wilbert não sabia de onde vinha foi tomando o seu ser. Ele então se ergueu e falou.

-Quem está caído? Não confio em vocês, nada quero de vocês, vou sair daqui pelos meus meios.

Os dois gargalharam e zombaram de Wilbert.

Então ele ajoelhou-se e orou. “Meu pai onde quer que o senhor esteja, ajude-me e me proteja. Jesus dê-me força e discernimento para seguir na busca dos seus ensinamentos”. Não me deixeis cair em tentação e livrai-me do mal.

Uma luz azul e forte surgiu do espaço e envolveu Wilbert. Severo e morcego cobriram os olhos e assustados correram para longe .

-Uma paz e serenidade envolveu Wilbert e uma sensação de carinho o tomou.

-Pai, é você que está aí?

-Sim filho, fique tranqüilo, estou bem e em paz. A vida não acaba com a morte. O fogo destrói os bens materiais e a matéria, mas não o espírito, esse segue vivo, intenso, eterno. Não lamente a minha ausência, agradeça a Deus, pois eu pude limpar a minha alma de um mal muito grande que cometi em meu passado, orientado pelo ódio e pela revanche, pelo desconhecimento das leis da vida e das leis do nosso Pai Eterno. Os dois espíritos que estavam ao seu lado eram o Severo e Murdock, o Morcego, eles foram contemporâneos nossos. Vivíamos numa mesma localidade, mas de lados opostos, eles servindo a um Lorde, Starton, um sanguinário e sem escrúpulos dono de terras, que causou um enorme mal a todos os que viviam sob os seus domínios. Foram muitos anos de barbáries e desmandos. Severo e Murdock eram o braço direito dele e viveram praticando atos em comunhão com o seu líder.

Nós, eu, você, Rosenberg, Jacob e Bernard éramos todos pertencentes a uma organização formada com intuito de acabar com aquele estado de coisas. Catherine era a única mulher admitida em nosso grupo e ela se chamava Aubrey. Ela foi raptada por Starton, por ter se recusado a servi-lo como amante eventual, obrigada a viver em seu castelo recebendo as suas migalhas e lhe servindo como dama. No dia em que nós os atacamos, tínhamos apenas a intenção de resgatar Catherine, livrá-la porém Bernard secretamente alterou as minhas instruções, orientando cada um dos nossos homens envolvidos no ataque e determinando contra a minha vontade a morte de todos eles. Assim os nossos homens foram para a ação com a orientação de eliminar cada um dos seguidores de Starton como se a ordem fosse minha. Você Wilbert vinha secretamente trabalhando para Starton e repassando as informações para o nosso grupo, inclusive essa ação de ataque à caravana foi feita através de um aviso seu do dia e do percurso que eles definiram. Você vinha junto com os homens de Starton quando ocorreu a nefasta ação, foi inclusive ferido por uma seta no ombro. Éramos em número duas vezes e meia maior do que eles e poderíamos facilmente dominá-los e partir levando Catherine, mas não foi o que se viu, ao contrário, o que aconteceu foi um massacre terrível e desumano. Foram mortos homens dominados e rendidos, que pediram que lhe poupássemos as vidas. Os meus gritos foram abafados pelos de Bernard e dos próprios atingidos. Dos meus olhos nunca se apagaram as imagens de dor e covardia, do misto de terror e de ódio que povoou aquela estrada naquela manhã de primavera. Tempos depois soubemos que Bernard tinha provocado aquela carnificina para apagar os vários favores que ele fizera a Murdock e Severo, pois temia ser descoberto por nós, porém o maior motivo foi que ele roubara Starton e os dois souberam que fora ele o autor do furto. Assim Bernard eliminava os únicos que ele imaginava saber dos seus atos.

-Pai porque eu não lembro desses fatos?

-Wilbert você está fora do seu corpo apenas momentaneamente. O choque que você sofreu foi intenso e inesperado, associado às feridas do seu corpo, causaram a saída abrupta de seu espírito do seu corpo carnal, mas esse deslocamento não deve e nem pode ser definitivo. Temos planos de vida para você, resgates, evolução pelo conhecimento e pelos relacionamentos. Esperamos que você retorne e

dê seguimento ao seu destino. Vou ajudá-lo nesse retorno, estou agora associado a um grupo que trabalha para que todos esses acontecimentos passados sejam definitivamente esquecidos pelo perdão e por novos atos de condescendência e cooperação mútua. Alguns dos que estão aqui, são os mesmos que naquele dia fatídico na Velha Inglaterra participaram do massacre, mas que hoje trabalham ajudando no resgate dos que ainda vagam perdidos pela dor e pelo remorso, dos que massacraram e dos que foram massacrados. Severo e o Morcego ainda perseguem aqueles que nos seus conceitos foram os culpados pelas suas mortes. Eles desde então não reencarnaram, construíram uma organização no limbo, voltada para perseguir e aprisionar sob torturas mentais e outros métodos os infelizes que fragilizados não resistem aos seus argumentos. Graças a Deus você resistiu, mas tememos que eles não o deixem em paz. Siga meu filho e saiba que estaremos lhe orientando, inspirando bons pensamentos e dentro da medida do possível o protegendo. Peço ainda que não faça da sua vida uma busca ao culpado pelo que aconteceu à nossa casa e às nossas vidas. Os que plantaram o mau por seus próprios desejos responderão por isso, os sofrimentos que dessa escolha advirão serão ainda grandes, mas necessários para todos eles entenderem como funciona a vida. Ninguém recebe aquilo que não planta e só colhe aquilo que semeia.

Vá agora filho, que Deus o guarde e ilumine.

Na mansão dos Suterland, Bernard chegou quando amanhecia e o seu pai olhava pela janela do seu quarto no piso superior pelo vão da cortina e o viu ocultando alguma coisa numa sebe, depois o viu entrar e Suterland desceu ficou na sala principal sentado na penumbra. Bernard abriu a porta e retirou o casaco na ante-sala e avançou pelo corredor até o salão principal. Sentou-se, jogando-se sobre a poltrona sem ver o pai, suspirou profundamente.

-Onde você estava Bernard?

Tomado pelo susto Bernard levantou-se e balbuciou algumas palavras incompreensíveis. Ainda mal feito das emoções fortes que vivera há poucas horas não soube o que dizer.

-Vamos fale Bernard, onde esteve todo esse tempo?

-Não sei pai, acho que bebi muito e não sei por onde andei. Não me recordo.

-Que atitude é essa? Desde quanto o meu filho, membro familiar da casa dos Suterland, de uma linhagem de homens públicos e de tradição pode se dar ao prazer de andar por aí embriagado, sem nem mesmo saber o que fazia ou por onde andava?

-Mas pai eu sou maior de idade e...

Uma bofetada desferida pelo pai o calou.

-Cale-se e não se atreva a me falar neste tom. Nunca mais altere a voz quando se dirigir a mim. Um homem que ainda não tem sustento próprio? Um homem maior de idade não anda por aí embriagado, expondo a si e aos seus. Veja o seu estado lastimável, veja as suas roupas, imundas, fétidas, rasgadas, faltando parte e botões. Como conseguiu em tão poucas horas chegar a esse estado? Onde por Deus você conseguiu atear fogo a si próprio? Onde você conseguiu queimar a casaca? Vamos me

diga?

-Não sei pai, acho que caí por aí e me queimei junto com alguns mendigos.

-Vá imediatamente cuidar-se. Mais tarde conversaremos.

Bernard magoado e ofendido, mas sem ânimo pra retrucar foi a lavanderia e deixou a casaca, foi tomar banho e subiu para o seu quarto na ala da casa contrária a do quarto do pai.

O pai Suterland saiu e foi até a sebe onde viu o filho ocultando alguma coisa. Vasculhou e encontrou a valise, entrou no escritório a abriu. Surpreendido passou algum tempo admirado com a quantidade de dinheiro que havia ali. Calculou que algo em torno de quatorze mil libras. Suterland não soube naquele momento o que pensar, seu filho além de um beberrão não podia ser um ladrão. Mas o que pensar sobre aquele dinheiro? De onde viera? Ele cruzou o quarto pensativo e decidiu que não valia a pena ficar buscando respostas e tirando conclusões sem informações. Deitou-se dormiu um pouco, já que passara a maior parte da noite sem dormir esperando por Bernard. Quando acordou foi caminhar pelo jardim, alguma coisa grave deveria ter acontecido. Foi quando o cocheiro James, se aproximou – Senhor Suterland, o Senhor pretende sair já pela manhã? No final de semana não nos foi possível saber as suas atividades para os próximos dias devido ao casamento do seu sobrinho.

-Não sei ainda James, deixe o coche pronto e fique atento.

-Pois não senhor. O seu desjejum está servido no pátio coberto. -Obrigado James. A propósito Bernard já acordou?

-Não que eu tenha visto Senhor.

Suterland sentou-se e iniciou o seu desjejum, pegou o jornal e surpreendeu-se com a notícia principal. O incêndio na alfaiataria de Alfred e a sua morte, leu e releu, buscando os detalhes. Viu que Wilbert estava no hospital e que havia um suspeito, um homem que fugira carregando uma valise. A notícia dava conta que fora achado um botão metálico nas mãos de Alfred. O choque por esse detalhe fez Suterland tontear. Fechou o jornal. Lembrou da casaca tosquiada de Bernard, a valise com as quatorze mil libras, respirou fundo, não seria apenas coincidência, não, não havia dúvidas, estava tudo muito claro. Nós fomos até e alfaiataria experimentar as roupas. Deus do céu, o que será de nós? Preciso agir imediatamente. Procurar saber com os meus contatos mais detalhes sobre tudo isso. Apurar o que sabem sobre o assunto, mas principalmente, saber de Bernard tudo o que aconteceu a noite passada. Suterland chamou então a camareira.

-Marta, acorde Bernard e mande-o descer agora.

Chamou James.

-Traga a casaca de Bernard, aquela q ele vestia ontem quando chegou.

Quinze minutos depois Bernard desceu, estava com uma péssima fisionomia, não conseguiu conciliar o sono e nos poucos momentos em que dormiu os pesadelos o despertaram.

-Bom dia meu pai.

-Sente-se Bernard, sirva-se e depois me conte exatamente o que você sabe sobre essa notícia? Falou Suterland atirando o jornal sobre o seu colo.

Mesmo que ele, Bernard quisesse mentir os seus olhos arregalados o denunciavam.

-Nada sei sobre isso pai.

-Seu estúpido, mentiroso. Quem você pensa que é para tentar me enganar assim? Você tem muito que me explicar e não minta de novo ou se arrependerá. Vamos comece. Falou exasperado Suterland.

Bernard sentiu um frio percorrer a sua espinha e a voz emperrou, gaguejou.

-Vamos Bernard comece, o que você me esconder somente servira para complicar mais sua vida e as

nossas, tudo o que eu souber servirá para eliminar as provas contra você. Agora preciso saber de tudo o que aconteceu sem mentiras desta vez.

-Veja sua casaca e veja a notícia sobre o botão encontrado nas mãos de Alfred.

-Não sei como começar pai, mas não tive culpa.

-Bernard, não me faça perder a calma que me resta.

-Está bem pai, depois que discuti com Owein por causa de Catherine, saí sem saber para onde ia, caminhei muito e fui dar na cidade. Caí em vários lugares e vomitei muito, não sei exatamente o que aconteceu, só lembro que dois homens vestidos de negro conversaram comigo e me disseram que eu poderia ajeitar os fatos para ajudar o senhor no litígio das terras.

-Como assim Bernard?

-Não recorro exatamente pai, só sei que eles me induziram a entrar e vasculhar as coisas do Senhor Alfred, disseram-me que ele precisava ser colocado no seu devido lugar. O Senhor Alfred me surpreendeu quando eu estava no seu quarto, me agarrou e lutou comigo, uma vela caiu e incendiou a casa. Não tive culpa pelo incêndio.

-Seu cretino, idiota, imbecil a culpa então é minha que não lhe dei uma orientação precisa e mais dura. E que o fez trazer o dinheiro da valise para cá? Foi induzido também a fazer isso?

Bernard ficou calado, pois não havia argumento nem respostas para aquela pergunta.

-Agora temos quatro ou cinco crimes, a saber; duas agressões, invasão, roubo e quem sabe um assassinato, o que mais eu não sei nesta história? Vou sair agora e descobrir, espero que você tenha me dito toda a verdade, não quero ser surpreendido com mais nada. Agora não saia de casa, nem fale com quem quer que seja.

Capítulo 9

No hospital Rosenberg, sentado ao lado da cama de Wilbert adormeceu. Fazia quatro dias que ele e a sua família se revezavam nos cuidados a Wilbert.

Wilbert acordou e olhou em volta viu que era uma enfermaria de hospital, sentiu a garganta seca e irritada, os olhos cansados e o peito com dificuldades de respirar. A cabeça enfaixada doía, ele procurou ao redor e viu Rosenberg.

-Você veio cuidar de mim e fica dormindo seu preguiçoso?

-Wilbert! Louvado seja Deus! Bem-vindo meu querido amigo! Agora sei que orações funcionam - Como você está?

-Doem-me as costas e a cabeça.

-Você sofreu queimaduras em boa parte das costas, braços, pescoço, um dos pés e em uma das orelhas. Graças a intervenção do seu vizinho, Danton, que saía para o trabalho, você não sofreu uma extensão maior de danos. Rosenberg lembrando-se de Alfred calou-se, mas Wilbert falou – Eu sei amigo sobre o meu pai, ele não pode ser salvo, não teve a mesma oportunidade que eu, não é isso?

-Sim meu amigo, ele não conseguiu sair da loja. Lamento muito, mas como você sabe sobre isso?

-Não vamos falar disso agora, em outra oportunidade poderemos falar, mas lembre-se apenas, foi ele mesmo quem me disse.

Rosenberg imaginou que o amigo ainda estava sobre o efeito das dores e medicamentos e não sabia direito o que dizia.

-Vou chamar o doutor, não é conveniente que você continue a falar, você precisa de descanso.

-Mais descanso Rosenberg? Riu ainda enfraquecido Wilbert - Você pensa que eu estou variando não é? Mas logo eu irei lhe contar sobre o que aconteceu e sobre o meu pai.

Sutherland usando sua rede de informações soube que um inspetor de grande prestígio, de uma carreira longa e de sucesso, estava à frente das investigações, ele era Shelton Reynolds. A primeira abordagem da polícia apurou que um jovem fugiu da cena do crime carregando uma valise e que vestia roupas de boa procedência. Soube também que a polícia seguia a linha de roubo e buscaram apurar junto aos irmãos Greenwall sobre a herança recebida pelo Senhor Alfred. Souberam que Alfred recebera uma alta soma em dinheiro e que a manteve em casa. Agora iriam convocar Danton para dar depoimento, mas teriam que esperar que ele chegasse de alto-mar, pois era marinheiro e ficava, às vezes, vários dias sem vir a terra.

Suterland convocou um dos seus assessores mais fiéis e pediu para que ele esperasse pelo marinheiro Danton e procurasse saber o que ele vira e o que sabia sobre o assunto do incêndio, e que se fosse o caso, que lhe oferecesse uma alta quantia para ficar calado. Suterland voltou para casa e chamou Bernard e a esposa Emily. Contou a ela tudo o que aconteceu e falou da sua decisão?

-Bernard você só fez besteiras e estragou a sua vida, não vou deixar que você estrague as nossas. Por outro lado, embora você tenha cometido uma série de erros não vou deixá-lo entregue aos seus carrascos. Não quero você por aí, agravando a situação. Portanto a partir de hoje você irá sair desta casa e irá para um outro país, possivelmente para a Bélgica, isso dependerá de onde conseguirei a documentação necessária para a sua estadia.

Emily caiu em prantos e pediu a Suterland que não fizesse aquilo.

-Emily não seja emocional, o que você prefere que seu filho esteja longe ou que esteja na cadeia para sempre?

-Mas você pode ajudá-lo.

-Estou ajudando Emily, você não sabe o quanto estou.

-Ele irá aprender muito, irá tornar-se um homem de fato. Ouça, você irá viver em um outro país e com outro nome. Levará apenas as suas roupas e o dinheiro que você roubou de Alfred. Isso será tudo o que você levará desta casa. Você hoje após o jantar sairá com James e irá para Kent e de lá seguirá para a França numa embarcação que contratei e depois como disse possivelmente para Bélgica ou Alemanha. Se a polícia chegar ao seu nome direi que você fugiu sem dar notícias. Espero que receba essa oportunidade não como um castigo, mas como uma nova chance de vida. Apesar de tudo espero que você seja feliz. Não quero que me procure mais, mesmo que nada seja descoberto, pois eu sempre saberei o que você fez. Assim dizendo Suterland se retirou.

Emily abraçou o filho e chorou, porém em seu coração sabia que apesar da dureza, o marido fizera o melhor para o filho. Ela o levou até o seu quarto e pegou algumas economias que possuía e também algumas jóias valiosas e as deu ao filho.

Assim Bernard se foi, rumo à colheita do que plantara.

O inspetor Reynolds foi procurar Wilbert no hospital assim que soube que ele saíra do estado de coma.

Ele era um homem pequeno e calvo usava um chapéu cinza, tipo côco e uns óculos escuros redondos. Tinha uma miopia acentuada e a luz excessiva o incomodava. Ao chegar ao quarto abriu a capa e retirou um pequeno caderno de anotação.

-Então Senhor Wilbert vejo que já está em processo de melhora, lamento pelo seu pai e espero que possamos esclarecer logo esse caso e punir os culpados. Quero dizer ao Senhor que da minha parte, nos vinte e cinco anos de profissão, que de todos os casos que me foram entregues, apenas não resolvi

aqueles que por alguma circunstância os culpados se entregaram antes, ainda assim foram apenas três, mas me diga Senhor Wilbert, o que o Senhor faz da vida?

Wilbert lhe disse sobre as suas atividades e rotinas de vida.

-Senhor Wilbert, o Senhor sabe que é um dos suspeitos do ocorrido?

-Crê que eu possa ser Senhor?

-Reynolds, Shelton Reynolds, disse o investigador.

-Pois é Senhor Reynolds, tecnicamente sim, posso ser um dos suspeitos, porém eu fui atingido na cabeça por um golpe, não seria fácil que eu mesmo me atingisse. Certo? E depois eu mesmo não o faria para sofrer todas essas queimaduras. Eu amava meu pai com fervor e por fim, tudo o que ele possuía e o que ele recebeu como herança era por direito meu também. E pelo que soube não fui eu quem fugiu com a valise contendo as quinze mil libras.

-Perfeito o seu raciocínio senhor Wilbert, foi exatamente isso que conjecturei, porém precisamos eliminar todas as possibilidades com provas ou substituí-las por outras evidências substanciais.

-Concordo senhor Reynolds. O senhor está procedendo corretamente.

-Mas senhor Wilbert me diga, o senhor seu pai tinha inimigos?

-Não senhor, meu pai era um homem íntegro, pacífico, um trabalhador dedicado e um homem de religiosidade.

-Sei. O senhor tem alguma teoria sobre o que aconteceu?

-Senhor Reynolds, imagino que tenha havido uma tragédia, porém não intencional. O ladrão foi em busca do dinheiro e o incêndio foi acidental, é isso que imagino que tenha acontecido.

-Perfeito senhor Wilbert. Por hoje é só, estarei mais tarde com o senhor Danton, o marinheiro que o salvou de morte certa. Soube que ele viu um jovem bem vestido correndo com uma valise próximo a sua residência. É possível que ele possa fazer um retrato falado do suspeito.

-Senhor Reynolds, para mim o mal maior já aconteceu, embora eu saiba que por desejo do meu pai isso devesse ficar assim como está, cabe ao senhor de fato fazer o seu trabalho, mas o que vier a acontecer não irá mudar o fato de que eu o perdi, e nada o trará de volta.

-Explique-me melhor essa afirmação que o seu pai desejaria deixar as coisas como estão?

-Não sei se o senhor entenderia o que eu tenho a dizer.

-Por que não experimenta senhor Wilbert? Pelo menos quem sabe o senhor não me apaga a má impressão dessa afirmação.

-Bom senhor Reynolds, como lhe disse, o meu pai era uma pessoa extremamente, digamos, afinado com a vida. Estou querendo eliminar o termo religioso propositadamente. Mas ele tinha um pensamento próprio e muito especial para o nosso tempo. Ele acreditava que a vida prossegue independente da nossa morte, e eu também creio nisso. Sempre comungamos de pensamentos semelhantes e trocávamos muitas conversas a respeito, era instigante perceber que mesmo sem estudos profundos ele discorria sobre as leis da vida com conceitos que vinham exatamente de encontro ao que eu pensava e acreditava. Éramos pessoas ligadas nas novas correntes espiritualistas que estão buscando respostas para os porquês da nossa existência. Há bem pouco tempo recebi uma correspondência do senhor Rivail, me convidando a passar com ele uns dias acompanhando as suas pesquisas e a elaboração de um conjunto de questionamentos feitos aos espíritos e organizados segundo as suas respostas com uma base científica, na França.

-O professor Rivail é o codinome do senhor Allan Kardec?

-Sim senhor Reynolds, o senhor sabe algo sobre isso?

-Sim, sei sim, pode parecer estranho para o senhor que um policial tenha conhecimento desse assunto, mas não o é. Para mim sempre que há evidências eu vou investigá-las, e foi assim que quando dei por mim já estava profundamente envolvido por esse assunto. Conheço sim os estudos do senhor Kardec, porém por motivos óbvios não divulgo isso entre os meus pares.

-Entendo senhor Reynolds.

-Mas desculpe-me a interrupção, prossiga, por favor.

-Agora ficará mais fácil falar sobre a experiência que eu tive enquanto estava em coma. Eu me vi em um local sombrio e o meu pai foi ao meu encontro e foi quando ele me disse que eu não fosse em busca do criminoso, pois que ele já estava colhendo os resultados da construção do seu destino pela dor.

-Bom senhor Wilbert, respeito o desejo do seu pai, mas não será isso evidentemente que eu farei. Irei sim em busca desse sujeito, agora sim com mais disposição, pois me causou uma boa sensação ter sabido sobre o seu pai. Mas me diga uma coisa senhor Wilbert, como foi que ele lhe falou do criminoso?

-Como assim?

-O que lhe disse seu pai sobre ele?

Wilbert tinha uma vaga lembrança das coisas que vivenciou naquela situação do encontro, mas não trazia à recordação todos os detalhes do que foi conversado.

-Senhor Reynolds, o senhor está querendo recolher as informações do meu pai para usá-las contra o que era do seu desejo, ou seja, procurar o criminoso quando ele desejava que isso ficasse nas mãos de Deus?

-Senhor Wilbert, o senhor sabe que sonegar informações é uma obstrução à lei? Que isso é um crime?

-E o senhor, senhor Reynolds irá até a um Juiz alegando o quê? Que eu sonego informações a mim passadas por um homem morto?

-Bom senhor Wilbert não vamos ser extremistas. Não precisamos radicalizar. Mas me diga, senhor Wilbert, o senhor seu pai não quer, digamos assim, que o crime seja desvendado por quê?

-Porque isso é um caso de outras encarnações e que segue causando males ainda hoje, e depois cremos que quem provocou tudo isso está plantando a sua própria infelicidade.

Bom senhor Wilbert, diga ao senhor seu pai que lamento muito, mas que irei até o fim para descobrir o criminoso, pois isso é a minha função, minha obrigação e o meu dever. Se quiser ainda, enumerarei mais alguns motivos, mas posso lhe dizer senhor Wilbert que isso é a minha vida, é assim que sei viver e é assim que sou feliz, caçando criminosos.

-Não posso impedi-lo senhor Reynolds.

-Diga-me mais uma coisa senhor Wilbert, o Senhor crê de fato em tudo o que me disse sobre outras vidas?

-Sim Senhor Reynolds creio absolutamente no que disse, a vida na forma de reencarnação é uma maneira mais justa de Deus nos delegar responsabilidades, os ensinamentos que nos foram dados conhecer antes de esperar um momento definido e final de ressuscitar os mortos e promover um julgamento para os mortos revivos é extremamente improvável sendo o nosso Deus tão perfeito e justo.

-Sob que sentido Senhor Wilbert?

-Esses mortos estariam aonde? Porque alguns vivem mais e outros nem chegam a respirar e morrem? Porque os que viveram por mais tempo deveriam ser julgados sob condições de direitos iguais aos

os que nasceram e viveram poucas horas? Porque Deus deixaria seus filhos que cometeram erros abandonados e daria o paraíso a outros, sabendo que filhos seus estariam num inferno sob sofrimento eterno? Nada disso me parece ser uma idéia de bom senso de um bom Deus.

-É Senhor Wilbert, vejo que o Senhor não orienta seus pensamentos de fé apenas pela fé absoluta, mas me diga esse Senhor Kardec, o Senhor fala dele como se o conhecesse.

-Sim o conheço de trocarmos correspondências e de estar sempre atualizado com artigos e noticiários sobre o assunto publicados, ele é um homem sério e metódico, que optou pelo trabalho científico e não por fazer juízo indevido e precipitado do que desconhece. Ele fez estudos sérios em Espiritismo, pela observação e aplicação da ciência, com o método da experimentação; jamais usando teorias preconcebidas, observava atentamente, comparava, deduzia as conseqüências, os efeitos, procurava remontar às causas, pela dedução e o encadeamento lógico dos fatos, não admitia uma explicação como válida senão quando podia resolver todas as questões ligadas a ela. Assim sempre procedeu. A seriedade sempre foi seu guia, ele sabia que estava lidando com uma coisa maior e pouco explorada, ou tratada quase sempre de maneira empírica ou leviana, a exploração que iria empreender entrevia fenômenos e chave do problema, um meio tão obscuro e tão controverso que mexeria tanto como o passado como do futuro da Humanidade, uma revelação nas idéias e nas crenças, algo tão importante e sério que precisava agir com circunspeção, positivismo sem prévio idealismo para não se deixar iludir ou ser enganado.

-Apaixonante Senhor Wilbert seu depoimento, vejo que precisaremos conversar mais sobre tudo isso, tudo tão novo e tão tentador.

Wilbert foi liberado pelos médicos e como não tinha mais para onde ir, foi para casa de Jacobo. Este contratou uma enfermeira que passou a cuidar dos seus ferimentos de queimaduras, Yonah era o nome dela, jovem e dedicada ao que fazia, era zelosa e atenta e excedia em cuidados a Wilbert. No começo ele envolvido com suas dores e com a situação em que se encontrava não prestou maiores atenções a ela. Mas o seu talento para a profissão, o carinho com que o velava, foi aos poucos, cativando-o. O seu perfume natural era agradável ao seu olfato, o seu toque aliviava as suas dores, a sua recuperação estava evidentemente mais rápida e surpreendendo aos médicos. A sua presença pessoal o tomou por completo, até a sua ausência passou a deixá-lo ansioso. As conversas que tinham eram serenas e embora as suas opções religiosas e culturais fossem diversas umas das outras eles partilhavam idéias sobre a vida com uma visão muito semelhante. Ela percebia a sua entrega aos seus cuidados e se sentia bem ao lado dele. O esforço para não se envolver com um cliente foi em vão e logo eles sentiam um pelo outro um verdadeiro e forte laço de afeição.

E esse esforço de se preservar de envolvimento se esvaiu definitivamente ao presenciar a conversa de Wilbert e Rosenberg. Ela estava no quarto quando Rosenberg instigou o amigo sobre as mesas

girantes.

-Wilbert, eu soube que aqui também em Londres existe uma agitação em torno do assunto dos espíritos.

-Eu sei Rosenberg, isso é um fenômeno mundial, que ocorre na America, na Europa e acredito que em outras partes do planeta. O que acredita o senhor Kardec é que as notícias de que outros planos físicos existem e nos chegam com os fenômenos que estão ocorrendo pelo mundo afora, seria esse um plano inteligente traçado pelos que chamamos de espíritos para nos dar conta que eles vivem e que a vida segue de uma forma diferente, porém não interrompida pela morte como acreditávamos.

-E quais seriam as provas de que isso é real e concreto? Falou Rosenberg.

Wilbert riu e disse – Que belas palavras você escolheu para falar de coisas sutis e etéreas, mas vivas e inteligente, preocupada e atenta a tudo, buscando a evolução e o crescimento de todos nós. Talvez você não possa ver esses espíritos ou talvez você não venha a ter nada de concreto, no sentido de ter substância palpável, mas você já poder começar observando a realidade espiritual nos grupos de estudos aqui mesmo em Londres, você poderá ver os fenômenos de efeito físico acontecendo, se isso para você é algo real e concreto posso indicar um grupo conhecido meu.

-Não disse que eu queria ver alguma coisa, apenas perguntei se poderia ser comprovadamente evidenciada a existência de vida após a morte.

Wilbert mais uma vez sorriu.

Yonah seguia a conversa interessada naquele assunto novo e que mesmo sendo ela judia trazia interesses em compreender a vida e os mistérios de existência. Olhou para Wilbert e pensou ver nele uma áurea de luz e felicidade, uma expressão serena, mesmo vivendo naquele tempo sobre uma cama e passando por dores e privações, enquanto dava as explicações ao amigo.

Wilbert prosseguiu.

-Veja bem Rosenberg, mesmo que nada disso fosse possível ser acessado, pois você poderia muito bem observar a vida e tirar provas de que a vida não existe por acaso, o mais lógico seria de fato a continuação da vida, em tudo o que olho vejo uma mão invisível atuando e me dizendo da perfeição de tudo a nossa volta, veja os nossos corpos, a distribuição dos órgãos e partes de uma maneira coerente e conexa, veja seus pés lhe o apoio devido a sua configuração, suas pernas construídas de maneira a lhe dar mobilidade e deslocamento, imagine se não as tivéssemos? Veja seus braços e mãos, seus ouvidos ao lado da cabeça. De modo a podermos ouvir com mais eficiência, nossos olhos protegidos pelas cavidades oculares e cílios, nosso cérebro abrigado dentro do crânio. Passe a se observar então Rosenberg, e vá descobrindo outras singularidades que talvez nunca se tenha atentado. Observe o mundo ao seu redor, como se alimentam e crescem as arvores, cada uma guardando uma peculiaridade de frutos e folhas, e sementes que mesmo plantadas longe da sua mãe de origem renasce com as mesmas características, isso não é uma forma de continuidade da vida? Os pássaros que alimentam seus filhotes, quem os ensinou a fazer isso? E a luta e a defesa que fazem quando ameaçados, quem os ensinou a preservar a vida? Os astros assentados nos céus, a lua que flutua nas noites e o sol que nos dá calor e alimenta a vida? Tudo milimetricamente construído e organizado.

Wilbert falava tão emocionadamente que Rosenberg pensou duas vezes antes de interrompê-lo, mas não podia deixar de manifestar suas duvidas.

-Wilbert porque então alguns nascem com defeitos e doenças se tudo é tão perfeito como diz você?

-Não é culpa de Deus se as coisas não saem devidamente perfeitas.

-Ah muito bom isso, a culpa é de quem então?

-Nossa mesmo, ainda não sei explicar tudo, creio que com o passar dos tempos poderemos obter

explicações mais claras e precisas quanto ao que você questiona, entendo que de algum modo interferimos nos processos de Deus, alterando seu desenvolvimento e por outro lado as pessoas que nascem deformadas com doenças corporais e mentais devam trazer marcas de deformidades anteriores.

-Anteriores como Wilbert, você quer dizer de outras vidas?

-Sim Rosenberg, veja como isso seria tão lógico e justo.

-Wilbert isso já basta, está indo longe demais.

-Está bem Rosenberg, apenas observe e pense.

Ao termino da conversa dos dois , dois seres estavam definitivamente impressionados, um era Rosenberg e o outro Yonah.

As resistências que se encontravam em Yonah, desapareceram e diante daquele homem forte que discorria sobre coisas que ela nunca ouvira antes, de uma maneira firme e segura, e que mostrava uma confiança em sua forma de pensar e em Deus, a deixou emocionada e pensativa, aquele homem mexia com ela e com os seus princípios, e a colocava em contradição com os seus ensinamentos religiosos e punha a dúvida em sua mente. Aquele homem que a fazia fixar o olhar nele como jamais se atreverá a fazer antes em outro.

Caros leitores os processos de ligação física ocorrem impulsionados pelos sentidos, olfato, visão, tato etc, porém há sentidos mais sutis e percepções mentais que definem os gostos pessoais, pelas experiências vividas em diversas encarnações. Inicialmente existem as lembranças que funcionam como uma gravação em uma fita magnética e que se aderem ao conjunto de energia que somos nós, poderíamos dizer que de certa forma esse “sentir”, seria dentro de uma escala de valores, de baixas vibrações se comparados às energias mais sutis que podemos sentir eventualmente em ocasiões especiais. Algumas vezes pela elevação espiritual, aqueles ditos santos, alguns iogues, ou alguns seres que sublimaram o sentido físico da vida, e até mesmo nós podemos em sentir essa sublimação determinados momentos, as mães também os sentem no processo de gestação, ou ainda aqueles que estão amando, as intuições são também relacionadas nesse rol. O que chamamos de amor é um sentir que está nessa escala mais sutil das percepções espirituais, que estão além dos sentidos apenas físicos, é quando a alma sente primeiro que o corpo.

Ele está e não está em nós. Vamos explicar, as energias de sentir que são as físicas emanam de nós por estarmos encarnados, elas são os instrumentos que nos possibilita aferir o que sentimos e o quanto sentimos, essas energias dizem à nossa mente que estamos sentindo algo especial e que devemos observamos com atenção. Porém há no universo uma energia amorosa que sendo infinitamente sutil necessita que estejamos perfeitamente alinhados com as a natureza divina para captá-la.

Yonah era um ser que tinha essa facilidade devido as suas qualidades de ser, de integridade de bondade de doação, de generosidade de sentir e absorver essas energias do universo e usá-la mesmo que inconscientemente para o bem, no caso de Wilbert para a cura mais acelerada e com melhor resultado. O amor de Yonah por ele o estava curando mais rapidamente.

Quando Wilbert e Yonah se aproximaram os dois processos se ligaram, o físico e o divino. Uma irradiação de amor abriu os seus corações e suas almas alinhadas com o Universo se uniram e se bendisseram. Os processos cármicos estavam assim funcionando também, os espíritos de Wilbert e Yonah se encontraram e se reconheceram. Eles haviam estado juntos em outras encarnações que não aquela do massacre nas florestas da velha Inglaterra, pois se mantiveram afastados por projetos maiores e por opções deles e do alto.

Uma tarde Catherine foi visitar Wilbert. Quando ela chegou Wilbert estava acompanhado de Rosenberg, Catherine desde que o conhecera sentira por ele uma atração muito forte, porém as suas intenções nunca evoluíram, ela sentia que Wilbert mesmo a tratando com deferências não lhe dava abertura para expressar mais profundamente os seus sentimentos, nem tampouco ele alguma vez, tocou em qualquer assunto sobre sentimentos que não fossem os de amizade. Ela sempre que tinha oportunidades estava próxima a ele, esperando que com sua presença pudesse tocar o coração de Wilbert.

Wilbert não era um homem leviano que buscasse seduzir alguém apenas para se aproveitar, fosse para provar seu poder de sedução, fosse para tirar proveitos sensuais ou maliciosos. A sua linha de pensar era reta e não via dignidade em aproveitar-se daqueles que por qualquer motivo fossem mais frágeis ou ingênuos. Sabia que Catherine tinha por ele uma atração e por diversas vezes ela procurara dar abertura a esse assunto, buscando avaliar as suas intenções como homem ou provocando um posicionamento. Wilbert sempre conseguiu de uma maneira ou de outra desvencilhar-se e deixar as situações mais leves, sem magoar ou criar uma ruptura no relacionamento que apesar das intenções de Catherine era agradável. Ela era uma mulher bela e culta, sempre muito elegante e requintada, possuía uma veia de bom-humor e ironia fina e que embora fosse de uma família aristocrática não era preconceituosa. Ela tinha por Wilbert de fato um sentimento misto de admiração e desejo.

Quando os três brincavam e riam, entrou Yonah trazendo uma bandeja contendo as medicações e ungüentos que iria aplicar em Wilbert.

-Com licença, desculpem-me a interrupção, mas os medicamentos devem ser ministrados nos horários determinados e o Senhor Wilbert deverá ficar um tanto exposto e por isso peço que me dêem licença

A aversão de Catherine por Yonah foi imediata.

Os espíritos também se reconhecem, porque trazem em si, mesmo que inconscientemente bloqueados pela nova encarnação, vestígios que quando acionados por situações de encontro, de traumas ou de extrema gravidade se reascendem e ativam os sentidos e os sentimentos negativos ou positivos para cada situação.

Assim Catherine e Yonah inconscientemente ativaram os seus sentidos de defesa e aversão uma pela outra, advindos de antigas vivências. As diferenças nos procedimentos, as reações e posturas diante da situação seriam verificadas futuramente, quando os níveis de conhecimento e evolução de cada uma dariam as definições de suas atitudes. Porém ainda ali, naquele ambiente ,poderemos ver essas manifestações acontecendo.

-Pois não Yonah, pode seguir com sua atribuição - Falou Wilbert. Catherine Yonah irá tratar dos meus ferimentos nas costas e no rosto, não será agradável de se ver, não creio que seja para você uma situação fácil. Se puder espere até que Yonah termine.

-Vejo que embora já nos conheçamos há algum tempo você ainda pouco sabe sobre mim. Tenho um caráter combativo e forte, a minha aparência gentil, não define, nem atribui a minha personalidade fraqueza ou melindres.

-Desculpe-me Catherine, não foi a minha intenção.

Rosenberg olhava para cada interlocutor e via além das reações, as palavras, o comportamento de cada um pelos efeitos fisionômicos e pelos olhos.

Wilbert estava de certa forma surpreso, mas divertido, pois não esperava a reação de Catherine àquele nível. Catherine ficara importunada pela observação de Wilbert, pois não queria parecer aos seus olhos uma mulher fútil ou supérflua. Ela sabia da forma de pensar de Wilbert e por isso procurava se ajustar às idéias, gostos e preferências manifestados por ele. Yonah, envolvida indiretamente na questão, esperava com a bandeja nas mãos o resultado da discussão. Em seus olhos havia altivez e a sua postura era naquele momento profissional, porém, ao parecer de Rosenberg, estava acontecendo um duelo feminino silencioso, que só os olhares deixavam transparecer em busca de um espaço no coração de Wilbert.

Catherine se sentou, resolvida a ficar no quarto enquanto Yonah cuidava de Wilbert.

Yonah retirou as gazes que protegiam os ferimentos, cuidadosamente uma a uma. Catherine se sentiu de fato incomodada com a visão de parte das costas de Wilbert em feridas, mas também observou que eram largas, o espaldar e os músculos dorsais bem trabalhados. Depois observou o perfil do rosto, os olhos tranqüilos mesmo naquela situação, as linhas do nariz, do queixo, os lábios, admirada e esquecida não via que também era admirada por Rosenberg que por sua vez a mirava e percorria os seus traços com encantamento e enlevo.

Yonah, por sua parte quando estava perto de Wilbert era feliz e sentia prazer por poder tratá-lo e cuidar da sua recuperação, suas mãos claras quase que deslizavam e era como se de sua superfície emanasse uma nevoa fluídica e suave. Um leve sorriso pousado em seus lábios dizia da felicidade de poder cuidar daquele que em poucos dias já era a razão da sua vida.

Catherine observou, preocupada, aquele quadro onde Yonah e Wilbert pareciam extasiados, onde parecia que um mundo à parte se instalara, onde parecia que nada mais havia em volta, um mundo particular e reservado aos dois.

Catherine procurou quebrar aquele encantamento perigoso e incômodo. Levantou-se bruscamente como se quisesse observar mais de perto o que acontecia e derrubou a bandeja. A sua intenção provocativa funcionou, pelo menos naquele momento.

Yonah saiu para providenciar a reposição do material e limpar a sujeira ocasionada.

Catherine postou-se próxima a cama e apoiou a mão sobre o braço de Wilbert.

Capítulo 10

O inspetor Reynolds convocou Danton para depor sobre o caso de Alfred. Um mensageiro entregou a ele a convocação para que dali a três dias comparecesse a depor, mas logo após, um senhor bem vestido e portando uma valise de couro bateu à sua porta.

-Por favor posso entrar Senhor Danton?

-Sim, por favor, entre, mas quem é o senhor?

-Isso não importa muito, digamos que eu represento os interesses de uma pessoa importante e interessada em ter informações sobre o que o senhor sabe a respeito do caso do incêndio da alfaiataria.

Danton na sua juventude fora um rapaz que se envolveu com vários tipos de gangues nas periferias de Londres. Sem pai e sem ninguém que o criasse, rapidamente foi seduzido pelo dinheiro fácil e a vida de liberdade. Fora preso várias vezes e a cada vez por delitos mais graves. Ele estava na cadeia quando conheceu Alfred, que fazia a entrega de uma remessa de uniformes para os empregados da prisão. Danton estava trabalhando na limpeza e organização de uma biblioteca interna constituída pelos presos, quando travaram um dialogo rápido, mas fundamental para a mudança de vida e de comportamento de Danton.

-Vejo que a biblioteca está ganhando uma estrutura cada vez melhor.

-Eu não me importo muito com isso, senhor.

-Pois vou dizer uma coisa meu rapaz, você não faz idéia da oportunidade que está desperdiçando. A vida nos coloca momentos únicos, que devemos agarrar e aproveitar. Você acha que está aqui agora por quê? Cuidando dessa biblioteca?

-Só estou aqui porque quero sair logo.

Alfred caminhou observando os títulos ordenados - Aposto que você nunca abriu um desses, nem sabe do que falam os autores. Aposto que você que não saberia me dizer sobre o conteúdo deste aqui, depois que o lesse e se eu lhe perguntasse. Vou deixar uma libra aqui dentro dele, uma libra. Depois que você conseguir e puder me responder sobre o seu conteúdo, deixarei mais uma libra, e assim o farei com outros, a cada vez que aqui eu vier. Quem sabe se você não consegue alcançar uma boa fortuna antes de sair daqui.

Danton pegou o livro, e Alfred se retirou. Depois que terminou a limpeza Danton levou o livro para a cela e o leu em três dias, depois ficou ansioso aguardando o retorno de Alfred, na semana seguinte ele voltou e foi à biblioteca. E lá estava Danton com o livro nas mãos o aguardando.

-Pelo que posso deduzir você agarrou a oportunidade, não foi?

-Ele não respondeu, era esquivo e desconfiado, os anos de dificuldades o tornou atento e alerta, os olhos vivos e inquieto olhavam rapidamente para as pessoas, mas não se fixavam, só pesquisavam quando não estava sendo olhado. Alfred percebeu logo isso e não o fixava, deixava-o à vontade, pois sabia que ele o estava observando – Mas vamos nos sentar e ver o progresso que você fez.

-Esse livro fala de oportunidades e conquistas, de como uns percebem os ventos bons e aproveitam para irem muito longe ganhando o mar.

-Senhor Alfred.

-Sim Danton eu quero ser marinheiro.

-Que bom Danton, qualquer que seja a profissão devemos fazê-la com amor, dedicação, pois a felicidade e satisfação são filhas dessas duas qualidades. Mas por que você deseja ser marinheiro?

-O meu pai morreu no mar.

-Está certo Danton, mas quem sabe se não estará aqui, agora à oportunidade de você mudar de vida e ser marinheiro como deseja? O personagem desse livro foi um homem que nasceu com a visão e que não conseguia se firmar como homem de bem e cidadão, depois ficou cego, mas que só assim pode durante a sua vida conseguir construir uma vida de prazer, realização e felicidade, por que você acha que isso aconteceu Danton?

-Porque a cegueira foi a sua oportunidade de mudar de vida, Senhor Alfred? Pois só quando perdeu a visão conseguiu enxergar.

Alfred ficou por um tempo calado, surpreendido com a resposta dada por Danton. Aquele menino sem oportunidades tinha uma sagacidade e uma percepção muito aguçada. A princípio ele foi apenas intuído que deveria ajudá-lo, agora tinha certeza que ele merecia uma chance.

-Muito bem Danton, mas você acha que a vida que construímos pode ser de fato, transformada, se quisermos e nos esforçarmos para isso?

-Senhor Alfred, depois que eu li esse livro percebi que a gente pode ver a vida sob várias formas, mesmo que a gente não tenha os “olhos para ver”. Esses dias eu vi Senhor Alfred, que eu estava apenas olhando a vida por um ângulo. Isso abriu novas perspectivas para mim. Quero cumprir a minha pena e vou ser sim marinheiro, é isso que eu quero ser.

Alfred ficou emocionado e feliz, como disse Danton, a vida nos mostra muitas coisas, precisamos apenas ver o que ela deseja dizer. O fato de que com apenas uma conversa poder ter ajudado uma pessoa a sair da escuridão e ver a luz, era um exemplo disso.

-Muito bom Danton, eu prometo que tudo farei para ajudá-lo.

-Tome aqui a outra libra que acordei, agora vou escolher outro livro para que você leia e na próxima semana aqui estarei para que possamos continuar.

Assim Alfred fez por vinte e cinco semanas.

Depois que Danton saiu da cadeia Alfred foi buscá-lo e o alojou no quarto de Wilbert, lá ele morou algumas semanas e ganhou a amizade e a simpatia de Wilbert que o tratou como a um irmão. Logo Alfred o apresentou a um engenheiro naval chamado Anyston, com ele Danton aprendeu muito e ganhou sustento próprio, porém o seu sonho era ser marinheiro e assim ele conseguiu um emprego em uma das companhias para quem Anyston atendia, depois de alguns meses de trabalho ele comprou uma pequena casa próxima a de Alfred e se casou, mas a relação de reconhecimento e de gratidão jamais deixaria o seu coração.

Assim o diálogo entre ele e o representante dos Suterland prosseguiu – O senhor pode me dizer o que viu naquele dia do incêndio?

-Eu saía para o meu trabalho, sou marinheiro e quando passava pela rua da alfaiataria vi um rapaz loiro de cabelos encaracolados, correndo, ele vinha da direção da loja e estava com uma valise de couro.

-E o Senhor poderia reconhecer o jovem?

-Creio que sim, pois ele esbarrou em mim e por alguns segundos pude olhar o seu rosto. Os primeiros raios de sol já saíam e pude ver o eu seu rosto, vi também que sua casaca estava tosquiada no braço esquerdo.

-O Senhor já contou isso à polícia?

-Contei aos policiais no dia do incêndio que vi um homem correndo, vindo da direção da casa do senhor Alfred, apenas isso. Eles me disseram que eu seria novamente convocado para esclarecimentos mais detalhados. Inclusive acabei de receber uma intimação.

-Senhor Danton, tenho um pedido para fazer e gostaria que pudesse ser atendido, é muito importante que o senhor esqueça que viu aquele rosto.

-E por que eu deveria?

-Bom Senhor Dalton, por vários motivos, mas prefiro falar apenas de um. Vejo que o senhor é uma pessoa humilde e acredito tenha sonhos e desejos de realizá-los, portanto se nos fizer esse favor poderemos lhe fazer outro, qual seja realizar os seus sonhos. Então ele abriu a valise que trazia recheada de dinheiro e a ofereceu a Danton.

-Senhor não sei quem o senhor representa. Falou Danton rispidamente, porém o senhor Alfred era o pai que eu não tive Wilbert o meu irmão, eles me acolheram quando eu nada tinha e me deram um teto e educação, arranjaram-me um emprego, devolveram-me a dignidade e a auto-estima, e jamais varias valises dessa que o senhor viesse a me oferecer, pagariam o que eles fizeram pela minha vida. Por isso Senhor Desconhecido eu não irei sonegar, nem omitir quaisquer informações a polícia para que ela possa descobrir o assassino do Senhor Alfred.

-Senhor Danton, já entendi muito bem o que o senhor está expressando, mas não posso decidir isso. Terei que falar como o meu superior sobre o seu desejo de que seja aumentada a proposta.

-Senhor Danton seja razoável e pelo menos pense sobre o assunto.

-Nada mais temos a falar, por favor, retire-se.

-Escute Senhor Danton não sei como consegui atestados de conduta para ter acesso ao quadro de empregados na empresa onde trabalha, mas sei que o senhor terá grandes dificuldades para viver sem esse emprego tendo uma esposa grávida. Se o senhor puder ser razoável ...

Ele não conseguiu terminar a frase, pois aos empurrões Danton o pôs para fora e bateu a porta.

Julia esposa de Danton veio ter até ele e o abraçou.

-Temo querida que esse caso venha a nos dar muitos problemas, mas vou até o fim.

Reynolds foi até a casa de Jacob e lá conversou com ele e Rosenberg.

-Senhores, eu soube que o Senhor Rosenberg é o melhor amigo de Wilbert, creio que por isso ele está aqui com vocês.

-Sim senhor Reynolds, Wilbert é o meu grande amigo e quase irmão.

-Acredito que ele sendo o seu melhor amigo e quase irmão o senhor saiba muitas coisas sobre ele, portanto me diga se ele têm inimigos.

-Wilbert? Que eu saiba ele é uma pessoa bem quista e querida por todos.

- Pense bem Senhor Rosenberg, isso pode ser a diferença para uma solução.
- Bem, inimigo mesmo não, tem apenas alguns desafetos, por questões acadêmicas.
- Bem isso já é uma diferença, não é mesmo. Para nós da polícia qualquer informação é importante. Neste momento estou apenas colhendo informações, é uma etapa onde qualquer detalhe pode compor uma linha de pensamentos e interligá-los. Mas me diga quem são esses desafetos.
- Bem o mais operante é Bernard Suterland, ele lidera um grupelho de ciumentos e frustrados na Universidade.
- O senhor falando assim não me parece se tratar apenas de desafetos.
- Senhor Reynolds estamos falando de um assassinato, como disse, isso são rugas de colégio.
- Como lhe disse Senhor Rosenberg um fato leva a outro que leva a outro, essa é a segunda vez que ouço o nome de um Suterland ligado a esse caso, como vê pode ser apenas rugas de colegiais, mas essa é a primeira associação que temos das informações colhidas.
- Mas quais as outras ligações?
- Senhor Jacob, esse é um caso policial e como tal devo manter certos sigilos.
- Com certeza Senhor Reynolds, porém creio que esteja se referindo a herança e ao litígio das terras recebidas por Alfred.
- Sim Senhor Jacob, sabe algo sobre isso?
- Soube que Suterland foi pedir a Alfred para facilitar um acordo.
- Interessante essa informação, mas o que disse o Senhor Alfred?
- Que ele fosse conversar com os procuradores.
- Senhor Rosenberg, como se comportou o senhor Bernard, após saber sobre o que aconteceu ao Senhor Alfred?
- Ele não apareceu mais na Universidade.
- Estranho? Alguém sabe sobre o que ele anda fazendo.
- Um dos amigos dele andou dizendo que ele bebeu demais durante o casamento do primo, e que depois de criar uma confusão com um amigo saiu sem rumo e que só chegou no dia seguinte em casa, mas depois disso ninguém mais o viu.
- Obrigado, os senhores foram de muita valia, passar bem.

Capítulo 11

Catherine depois que viu o interesse de Yonah por Wilbert passou a visitá-lo diariamente e tudo fez

para mantê-la afastada dele. Usou todos os seus recursos, os físicos, o poder econômico e social. Impôs-se por sua posição e tentou influenciar Rosenberg a afastar Yonah. Rosenberg que já tinha percebido tudo o que vinha acontecendo, não se esforçou para atender a Catherine e deu algumas desculpas para desestimulá-la. No fundo ele queria deixar tudo como estava, ele sabia que Wilbert não tinha nenhum interesse em Catherine e assim isso só facilitaria o caminho para ele próprio tentar alguma coisa junto a ela. Ele não queria demonstrar interesses por Catherine, embora os tivesse sim, pois de alguma forma ela e Wilbert ainda tinham um relacionamento e mesmo que para Catherine fosse muito mais do que uma simples amizade. Ele não achava correto e ético manifestar o seu sentimento por ela enquanto isso não estivesse definitivamente resolvido entre eles.

Por sua vez Catherine vendo que nada conseguira por intermédio dele, partiu para ação direta. Acuou Yonah no corredor e disse a ela o que sentia por Wilbert.

-Quero lhe fazer uma oferta de emprego.

-Eu já tenho um emprego Senhora Catherine.

-Mas é um emprego onde você irá ganhar o triplo do que ganha aqui por um ano, e sem precisar ir ao emprego. Basta que você não venha mais aqui.

-Senhora, fui contratada pelo Senhor Jacob e não tenho nenhuma pretensão de abandonar o contrato.

-Veja se você se coloca em seu lugar e não tente ser o que você não pode. Eu conheço Wilbert há muito tempo e temos uma afeição pelo outro e não quero nenhuma aproveitadora por perto.

-Escute, a Senhora está passando dos limites, nunca provoquei o Senhor Wilbert, se ele sente alguma coisa pela senhora, não vejo o porquê dessa insegurança e se ele sente alguma coisa por mim isso é iniciativa dele. Não sou aproveitadora nem oportunista.

-Como ousa me desafiar?

-Não é desafio, são os fatos. Se alguém aqui está fora do seu lugar esse alguém é a Senhora, pois o seu nível não é o do Senhor Wilbert. Com licença agora Senhora, tenho muito que fazer.

-Você irá se arrepender por isso

Reynolds tendo todas aquelas informações em mãos achou que o melhor seria visitar os Suterlands.

-Senhor Suterlands, desculpe chegar cedo e sem avisar, porém o assunto é de veras importante e não tomarei demais o seu tempo.

Sutherland convidou Reynolds a se sentar.

-Obrigado, mas prefiro ficar de pé.

-Pois então diga Inspetor.

-Primeiro gostaria de falar com o seu filho Bernard.

-Lamento inspetor, mas o meu filho está fora.

-E quando volta então?

-Não sabemos ao certo.

-Como assim Senhor Suterland?

-O meu filho está doente e foi para fora se tratar.

-E foi uma doença repentina? Desde quando ele está fora?

-Desde terça-feira, a doença foi diagnosticada pelo Doutor Anton Gordon, é uma doença pulmonar séria e grave e foi urgente mandá-lo a Viena tratar-se numa clinica especializada.

-E posso saber qual Senhor Suterland?

A essa altura da conversa o tom já não era ameno e as perguntas e respostas já eram rápidas e ríspidas. Suterland levantou-se – Senhor Reynolds não responderei a mais nada se não me disser porquê deseja ver o meu filho.

-Senhor tenho muitas evidências que colocam o seu filho no centro dos acontecimentos.

-Explique-se melhor Inspetor. – Disse Suterland tentando colher informações.

-Soube que o seu filho era um dos desafetos do filho de Alfred Cullingans, e que ele saiu na noite do casamento de seu sobrinho e só retornou pela manhã. Sabemos que o senhor tem um desentendimento jurídico com os Cullingans e que foi procurá-lo acompanhado de Bernard, soube ainda que um rapaz com as mesmas características dele fugiu do local do incêndio carregando uma valise.

-Senhor inspetor isso é uma conjectura sua ou posição oficial?

-Senhor Suterland, não são provas contundentes, mas no momento as evidencias reunidas dão conta de que seria interessante conversar com o seu filho e esclarecermos quaisquer duvidas, acho que isso seria o mais sensato.

-Pois vou lhe dizer uma coisa Inspetor, o mais sensato que o Senhor faria seria voltar à sua central e reunir provas, se é que as têm, antes de tentar incriminar o meu filho. Só assim talvez possamos conversar. Até então não temos mais nada a dizer um ao outro.

-Senhor Suterland, ainda não me disse em qual clínica Bernard está.

-Bom dia Senhor Reynolds. James o acompanhe até os portões.

Suterland ficou pensativo, sabia que precisava tomar providências imediatas ou as coisas tomariam rumos perigosos, o tal do Danton, era a principal testemunha, pois tinha visto o rosto de Bernard, se fosse apresentado à foto de Bernard poderia identificá-lo ou mesmo se fizesse um retrato-falado, daria no mesmo, já que o inspetor estava muito próximo de associar definitivamente os fatos e uma foto de Bernard seria o último elo para isso acontecesse. Afastar do cargo o inspetor Reynolds e calar Danton seriam as únicas maneiras de deter esse desfecho do caso. Precisava agir de imediato.

-James prepare o carro, vamos sair!

-Wilbert como você está hoje? Perguntou Yonah.

-Você mesma pode me dizer como estou, não acha? Não me olho faz muito tempo, mas, acho que

estou mais preparado para enfrentar a situação. A aparência deve estar feia, mas as dores cessaram e eu já posso deitar sobre as costas agora.

-Wilbert as dores que precisam cessar são as da sua cabeça e do coração, não macule sua bela alma se preocupando com a aparência, você está saudável e continua um homem bonito.

-Obrigado, Yonah, você tem sido uma enfermeira especial e uma mulher sensível que me tem dado ânimo para superar esse momento difícil. Vejo que alguma coisa está deixando você preocupada. É algo que eu possa saber?

-Nada a se preocupar Wilbert, fique tranquilo.

-Yonah, você fala de coração quando fala que as marcas das queimaduras não afetarão a visão que você tem de mim?

-Sim Wilbert para mim você será sempre o mesmo.

-Yonah quero que você me fale a verdade, não quero que fale apenas para me agradar, é importante que você me diga, pois disso irá depender o que vou dizer a você depois.

-Wilbert não quero acreditar que isso seja insegurança. Você sabe que falo mais como uma amiga do que uma profissional de saúde. Quando olho para você vejo um homem íntegro, integral, são. O que vejo em você é o que você representa.

-E o que eu represento para você?

Yonah corou e baixou os olhos, algumas lágrimas correram e Wilbert a segurou pela mão, depois a puxou e os seus lábios se uniram. Por um tempo que para os dois parecia infinito ficaram ali, os lábios colados e os peitos pulsando acelerados, os braços enlaçando os corpos esquecidos do mundo e do arredor, assim não viram quando Catherine entrou.

-Wilbert! – Gritou ela.

Como que saídos de um transe Yonah e Wilbert voltaram à realidade, e depararam com o rosto lívido e choroso de Catherine.

Os três ficaram por alguns segundos entreolhando-se sem que ninguém tivesse a iniciativa de romper aquela situação. Quem teve a condição para isso foi Rosenberg, que chegou logo a seguir a Catherine e ficou sem entender o que se passava.

-O que está acontecendo? Posso saber?

Quebrado o encanto Catherine correu aos prantos. Wilbert chamou por ela, mas ela nada ouvia e só queria estar longe de tudo aquilo. Yonah pediu licença e saiu também.

-Meu caro Wilbert posso saber que cenário foi esse? Qual drama estava sendo encenado?

-Antes fosse um drama encenado Rosenberg. Catherine chegou de surpresa e nos encontrou trocando um beijo.

-Salve meu caro Wilbert, você não perde tempo! Quem me dera ter duas belas mulheres apaixonadas por mim, assim como Yonah e Catherine.

-Não brinque Rosenberg a coisa é séria.

-Ah muito boa essa. A coisa é séria e você acha que eu estou de brincadeira? Pois eu falei muito sério, quem me dera ter duas belas mulheres como ela se conflitando por mim.

-Eu não falei nesse sentido Rosenberg. Não queria magoar Catherine, foi uma situação desagradável, também não foi uma situação provocada, simplesmente aconteceu. Estou apaixonado por Yonah, definitivamente e irremediavelmente perdido.

-Você é um galanteador, brincou com Catherine, e agora como vai fazer?

-Não sou um galanteador, nem nunca brinquei com os sentimentos dela, afinal nunca lhe dei nenhuma

esperança de nada. Hoje mesmo eu iria pedir a Yonah que aceitasse se casar comigo.

-Ufa! Mas o que é isso? É serio mesmo?

-É serio mesmo, Rosenberg. Muito sério. Mas preciso falar com Catherine.

-Ouça o meu conselho, fique quieto e deixe a poeira cessar.

-Não mexa com a fera que está atordoada.

Wilbert colocou as pernas para baixo vagarosamente e apoiou um dos pés no chão.

-Espere que eu vou ajudá-lo.

-Não Rosenberg, preciso avaliar a minha real situação. Wilbert sentou e depois pôs o pé ferido pelo fogo no chão e apoiou suavemente. Deu um passo vacilante e depois mais outros. Foi até a parede no outro extremo do quarto. Encostou e respirou ofegante, fechou os olhos e agradeceu a Deus, aquele momento. Voltou para a cama e falou - A partir de amanhã farei isso regularmente e quero sair um pouco, sair, sentir o sol e o vento, recuperar o tempo em que vivi esse tormento.

O Jacoob entrou no quarto e cumprimentou Wilbert pela recuperação.

-Vejo que você está com um ar bem melhor Wilbert.

-Estou mesmo Senhor Jacoob e quero agradecer ao Senhor e a sua família o carinho e a dedicação dispensados a mim.

-Faço por você como se fosse pelo meu filho, mas vim aqui chamar Rosenberg para almoçar. Yonah irá trazer a sua refeição.

-Hoje Senhor gostaria de almoçar com vocês na mesa de refeição, isso se o senhor não se incomodar.

-Incomodar-me? Ora Wilbert esse é mais que um prazer, é um presente!

-Rosenberg, por favor, pegue as minhas vestimentas, quero estar elegante e de acordo com o momento.

O assessor de Suterland foi procurar Danton, e não o encontrou. Falou então com a sua mulher Julia.

-Senhora gostaria que conversasse com o seu marido e o convencesse que não é uma boa idéia ele depor sobre o que viu no dia do incêndio. Pelo que vejo a Senhora espera um bebê, por que seu marido quer se meter em confusão e prejudicar o seu filho?

-Senhor, peço que se vá agora, não tenho passado bem com a gravidez e o melhor é o senhor conversar com Danton e não comigo.

-Eu creio que sim, porém quero que todos vocês, que a sua família tenha muita saúde e vida longa. Seria de muita tristeza saber que algo de mal aconteceu com vocês. Recomendações ao Senhor seu marido.

Julia sentou na cadeira e sentiu as contrações fortes chegarem e sentiu um suor frio escorrer pela testa, abraçou a barriga como querendo proteger o bebê. Aqueles dias depois da morte de Alfred

foram particularmente difíceis para eles. As ameaças veladas, e por vezes diretas daquele homem tinham tirado a sua vida do prumo. Danton andava calado e nervoso. Quando estava em casa não sossegava, andava sem parar entrando e saindo de cada cômodo e pelo quintal, mexe aqui e ali e não terminava coisa alguma que iniciava. Tinham conversado e no íntimo ela temia que as ameaças levadas até ela por aquele homem pudessem ser cumpridas, mas apesar disso sabia que o seu marido não era homem de se intimidar com nada, o conhecia muito bem e sabia que ele iria até o fim, era um homem determinado, decidido e que embora jovem já trazia uma experiência de vida muito grande. Sabia ainda que Danton tinha pelo senhor Alfred consideração e estima imensa e que sofreu muito com a morte dele. Ele com certeza iria até o fim e não deixaria de prestar o depoimento para que fora convocado, mas temia que isso viesse a lhes trazer conseqüências danosas.

Suterland agiu rápido e procurou os seus correligionários e pares na câmara e dentre estes aqueles que mais lhes deviam favores e dos quais detinha informações comprometedoras. Assim começou a se delinear as ações de bloqueio às investigações sobre o caso Alfred.

O Inspetor Reynolds foi convocado pelos seus superiores e foi obrigado a transferir o caso para outro colega. Sua reação foi totalmente de indignação, porém o seu chefe se colocou irreduzível e proibiu que ele sequer tocasse mais naquele assunto sob a ameaça de puni-lo com um afastamento sumário e definitivo. Intimamente Reynolds sabia que havia o dedo dos Suterland no seu afastamento, mas disse para si mesmo que continuaria particularmente investigando.

A empresa onde Danton trabalhava o avisou que ele seria transferido para o escritório do norte do país e deu duas semanas para que ele organizasse sua partida. Danton alegou que não poderia ir de pronto, pois a sua esposa estava grávida e teria o bebê logo nas próximas quatro semanas, porém o seu imediato colocou a situação da seguinte forma, ou ele partiria conforme determinado ou perderia o emprego.

Danton chorou sozinho e calado engoliu as lágrimas e prometeu que não deixaria aquilo assim sem uma atitude, ponderou apenas que não era o momento para tomar atitudes drásticas ou impensadas, mas faria algo com certeza, não deixaria a situação simplesmente sem uma resposta.

Capítulo 12

Danton foi se despedir de Wilbert, e contou que estava de partida. Wilbert quis saber o que havia contribuído para a sua partida inesperada e ele não soube explicar. Achou que havia algo de estranho no fato, mas não quis constranger Wilbert levantando suspeitas ou suposições que levassem a atribuir sua partida ao caso do seu pai. Wilbert abraçou o amigo e desejou sorte e felicidades a ele.

Sutherland ficou mais tranqüilo quando soube dos resultados de suas ações em relação a Reynolds e Danton e satisfeito por não ter que desembolsar nada. Danton compareceu no dia determinado pela petição policial, mas dispensaram-no sem nem mesmo tomarem o seu depoimento. O caso Alfred foi arquivado como incêndio acidental.

Bernard escreveu uma carta chorosa para a sua mãe dizendo da sua solidão e das dificuldades que estava encontrando, com a língua e com os costumes. A mãe respondeu que o caso estava arquivado e que ela iria junto ao seu pai fazer carga para o seu retorno, já que nada havia mais a temer. E assim ela o fez, influenciou o marido, impondo-se como mãe e pelas circunstâncias que eram novas. Sutherland não queria ceder, achava que o filho merecia passar por tudo aquilo para que não tornasse a repetir uma situação tão desastrosa como aquela. Emily era uma mulher persistente e que tinha muitas cartas nas mangas. Primeiro porque ela tinha conhecimento de muitas das influências perniciosas de seu marido na vida pública, de muitas de suas atividades ilegais e assim ele acabou

por ceder a ela, e deixou que o filho voltasse.

A esposa de Danton quando soube que eles iriam para outra região do país teve uma crise nervosa e foi levada às pressas para o hospital. O bebê nasceu espontaneamente e antes do prazo previsto. Nasceu menina e pequena, assim Danton conseguiu adiar a sua partida. A criança lutou pela vida por duas semanas, mas dificuldades respiratórias a levaram. Ela morreu com dezoito dias apenas nesse planeta.

Danton se exasperou, já que depois da paixão pelo mar e de ter realizado o sonho de ser marinheiro, tinha um segundo sonho tão intenso e tão importante quanto o outro, que era o ser pai. Queria poder dedicar parte da sua vida a um ser que fosse criado e educado por ele, quando ele daria tudo o que nunca tivera de carinho, de cuidados e amor. Saiu do hospital e caminhou pelas ruas sem destino, pensou que as dificuldades que tivera na vida tivessem terminado, mas não, de repente a sua vida o virara de cabeça para baixo. Quanto mais Danton caminhava, mais as idéias iam se aclarando e passou a ver a sua dor de outra maneira, o caso do Senhor Alfred parecia ter sido colocado em seu caminho para que ele, Danton, fosse avaliado. Pensou no homem que fora a sua casa tentar corrompê-lo, na sua transferência para outra cidade e agora a morte de sua pequenina filha, pensando assim não se exasperou, mas decidiu que tinha um compromisso com a vida, tinha um compromisso com o Senhor Alfred, ele foi o único amigo leal que encontrara, depois dele tantas coisas boas aconteceram, se a vida estava ruim, não fora por ele mas por quem de uma forma covarde tirara a sua vida, sim o seu compromisso era com a vida, iria viver para poder ver trás das grades quem fizera mal ao seu amigo Alfred. Resolveu então ir até a Chefatura de Polícia e procurou o inspetor Reynolds.

-Senhor Reynolds quero lhe falar sobre o caso Alfred.

-Não posso falar sobre isso, fui afastado e proibido de qualquer ação no tocante.

-Eu sei disso, mas acredito que fomos afastados por sermos os responsáveis pelas condições de riscos em que colocávamos a família Sutherland.

-Vamos sair e conversamos fora daqui.

Assim saíram e enquanto caminhava Danton falou sobre o que pensava que acontecera, disse que não desistiria de buscar quem fora o culpado pela morte de Alfred.

Reynolds disse que informalmente continuava a averiguar e que poderiam fazer o retrato falado do homem que ele vira, isso ajudaria a seguir uma linha de pista que tinha quase certeza poderia elucidar o caso.

-Mas como o Senhor irá fazer isso?

-Tenho um amigo na central que poderá fazer o retrato falado do suspeito com sua ajuda Quando você poderá ir lá?

-Agora mesmo.

-Agora não poderei ir, ele não está aqui em de folga. Espere-me sair e depois vamos juntos.

Assim foi feito. No final da tarde os dois saíram e juntos foram ter com Thomas. Ele além de Investigador era o desenhista da central. Depois das apresentações Thomas pegou a prancheta e começou a fazer os esboços de acordo com as orientações de Danton. Depois de duas horas Danton se deu por satisfeito. Reynolds que permaneceu sentado sem interferir nem olhar o desenho antes de terminado, levantou-se e logo que pode vê-lo ficou visivelmente impressionado com a semelhança do desenho com o filho de Suterland, Bernard.

-Você o reconhece como alguém Reynolds?

-Sim, sim eu diria que seria Bernard, aliás, eu já vinha seguindo todas as evidências e elas conduziam para a casa dos Suterland, mais precisamente para o filho Bernard.

-E agora o que você pretende fazer?

-Pouco posso fazer, mas vamos guardar mais essa evidência e esperar.

-Esperar? Mas se ele foi o responsável pela morte do Senhor Alfred, ele não pode ficar impune. Só porque ele é filho de um rico, de uma família poderosa não irá responder pelo que fez? Por muito pouco fui preso, muitas vezes fui parar na cadeia por pegar comida para saciar a minha fome, mas nunca matei ninguém, isso é muito grave Reynolds.

-Calma Danton a minha experiência me diz que temos que ter tudo muito bem definido, não temos ainda provas para afirmar com certeza. As precipitações nesses casos só dão chances aos culpados de escaparem. Eles não sabem que estamos juntos nessa empreitada. Vou segui-lo, vou descobrir essa história da doença dele. Vou apertar o médico, fazê-lo falar, descobrir algum podre, envolvê-lo, vou tornar a vida dele um inferno até ele fraquejar, se comprometer, deixar alguma brecha para que possamos incriminá-lo definitivamente.

-Está bem Reynolds acho que você sabe o que fazer. Desculpe-me.

-Sim Danton, Thomas também irá nos ajudar, estamos lidando com gente poderosa, astuta e perigosa. Temos que ser inteligentes e frios, agir com cautela e precisão. Só temos uma única chance, portanto não devemos falhar.

-Você pode me dar uma cópia desse retrato falado?

-Posso sim, vamos fazer as impressões no jornal do Proud, ele é nosso amigo já fez outros serviços desse tipo para nós.

Wilbert soube que Danton havia perdido a filha, pediu a Rosenberg que o ajudasse a ir ao hospital onde estava Liza. Quando chegaram lá, ela estava só. Wilbert ainda mancando devido ao ferimento

nos pés foi até próximo ao leito e a confortou. Liza chorou. Wilbert quis saber o que aconteceu para que a gestação que vinha dentro da normalidade, houvesse resultado naquelas circunstâncias. Liza ainda descontrolada pela situação que vivia, falou sobre o homem que foi duas vezes à sua casa e os ameaçou. Disse da resistência de Danton e do medo que ela sentia de ter que conviver com daquela forma. Disse que ele saíra cedo e que ainda não tinha voltado, ela temia que ele se metesse em confusão.

Wilbert ficou surpreso porque ele não lhe contara nada sobre aquilo

-Porque ele não me falou sobre isso?

Liza com os nervos abalados desandou a falar rápida e atabalhoadamente.

-Calma Liza. Pediu Wilbert – Fale, por favor devagar, só queremos ajudar, não fique assim, queremos o bem e o melhor para vocês.

As palavras tranquilizadoras de Wilbert causaram um alento e tiveram um efeito tranquilizador para ela.

-Desculpe Wilbert eu sei que você e o seu pai sempre ajudaram a nós, principalmente a Danton. Ele não queria incomodá-lo, mas um homem veio a nossa casa e nos disse que se Danton insistíssemos em contar tudo o que ele viu naquele dia trágico, que nós nos arrependêríamos, que a nossa família estaria em risco.

-Continue Liza, pode nos contar tudo.

-Depois Danton foi chamado ao escritório da navegadora e foi transferido para o norte do país, porém devido à minha situação de gravidez, ele conseguiu adiar a partida. Meu Deus não entendo essa atitude de Danton. Disse Liza.

-Mas quem foi o homem que visitou vocês?

-Não sabemos Senhor Wilbert, ele nos disse que estava a mando de um homem rico e poderoso. Veio com uma valise de dinheiro e ofereceu a Danton, que quase o pôs para fora a pontapés. Enquanto conversavam Danton chegou. Wilbert o questionou sobre o que Liza havia contado. Ele argumentou que não queria dar mais motivos para mais dores a ele que tinha perdido o pai e que estivera hospitalizado.

-Mas eu sei me proteger perfeitamente bem e o Senhor Alfred era um homem bom, honesto, humano e a quem eu devo a mudança da minha vida, jamais eu negociaria esses valores. Falou ele.

-Agradeço de fato a sua atitude de homem decente e correto, mas não se iluda com as aparências. Você foi um homem que trouxe a experiência das ruas, mas não conhece o modo de agir dessa classe de bandido. Os ricos e intitulados, os nobres de baixa índole e caráter utilizam métodos que não são diretos, eles vão minando, sufocando e subjugando os seus alvos como se fossem uma serpente. Agem ocultos e não se mostram, usam terceiros para fazer as partes sujas, manipulam e corrompem autoridades e a quem estiver no caminho dos seus interesses e quando não conseguem por esses métodos então usam os que você já conhece. Danton me diga quando você terá que viajar devido a sua transferência?

-Não sei bem, agora, depois do problema de Liza, talvez eles me concedam mais uma semana, mas não creio que seja mais do que isso. Talvez eu tenha que deixar Liza por aqui, não poderei levá-la assim de resguardo.

-Danton eu vou pensar o que poderemos fazer, talvez amanhã mesmo volte aqui e traga uma posição para vocês. A princípio se você tiver que se transferir de fato deixe que eu cuidarei de Liza.

Nesse momento Rosenberg disse – Ela poderá ficar conosco, em minha casa, até tudo se resolver.

-Obrigado amigo, de você só poderia esperar isso, mas você já está fazendo muito por mim, me hospedando, me acolhendo, não queremos dar mais trabalho.

-Danton não se preocupe tudo ficará bem, eu prometo.

Liza ainda chorosa disse – Senhor Wilbert eu não quero ir, não quero sair de Londres.

-Liza, mais cedo ou mais tarde teríamos que sair mesmo de Londres. Perco sempre uma boa parte das minhas folgas tendo que me deslocar de Dover até Londres. Falou Danton.

-Calma Liza. Não se desespere. Vamos conversar e ver o que seja melhor para vocês, já prometi que buscarei uma solução. Falou Wilbert. Nós vamos agora, mas voltaremos logo.

À noite Wilbert adormeceu e durante a madrugada sonhou. Estava montando um cavalo e acompanhava um grupo que seguia em silêncio por um bosque. À sua frente ia uma mulher com a cabeça coberta por um capuz de uma capa longa que lhe cobria todo o corpo e deixava apenas o rosto de fora. Cavalgavam devagar, ela fez praticamente todo o percurso cabisbaixa e calada. Num determinado ponto da estrada apearam e se acomodaram em uma clareira, iriam passar a noite e seguir pela manhã. Um dos componentes da caravana era Severo que organizou o acampamento e o outro era Murdock que tomou para si a defesa do grupamento durante aquela noite. A mulher que era uma prisioneira sentou-se sobre uma pedra e olhou nesse momento para ele Wilbert, que no sonho se chamava Armitage, os seus olhos estavam tristes, tanto pela sua situação de prisioneira, tanto porque ela alimentava um amor por ele que não era correspondido. Embora ele não a visse como hoje ela é, Wilbert soube que aquela mulher era Catherine. Ele estava ali acompanhando o grupo como um membro de comitiva de Sir Starton, porém ele se infiltrara no castelo para levantar informações e tentar repassá-las para o grupo liderado por Alfred, que iria tentar resgatá-la. Os dois conversavam enquanto comiam uma refeição frugal própria para quem viajava.

Wilbert a chamou de Aubrey e falou com ela.

- Esteja preparada porque logo ao amanhecer você estará libertada.

-Deveria o meu coração estar feliz por isso, mas a atenção dele está presa a um sentimento mais importante do que a minha liberdade, de que me adianta estar livre se ele continuará preso?

Wilbert responde: -Não podemos dizer para o coração os caminhos que ele deve tomar, assim como o seu, o meu também tomou o rumo que achou ao seu gosto. Falo daquilo que você deve entender, pois se o seu se interessou por quem não poderia, o resultado será a frustração. Por certo que devemos ter admirações, e eu as tenho por você sim, qual homem não teria? Mas os rumos do amor, pelos quais ele escolheu trilhar seguem em direção a outras paragens. Não me queira mal, se não posso corresponder aos seus sentimentos.

Naquela noite Wilbert dormiu na tenda ao lado da dela, as inquietudes não a deixaram conciliar o sono. A dor e as lágrimas eram de fato o resultado correspondente às palavras que ele dissera a ela,

o da frustração. No coração de Catherine estava plantada uma semente que ela não queria arrancar e que seguiria com ela por outras vidas.

Muitas outras ações que por serem frutos da insatisfação da alma e tomadas sob o envolvimento das circunstâncias nos levam a ir deformando os nossos destinos. Tomada assim pela infelicidade que ela entendia ser uma trama da vida para feri-la, ela assim abandonava os caminhos que poderiam sarar as suas mágoas e fazê-la feliz, e seguia vivendo e agindo baseada nessa falsa premissa, tomando decisões que somente aumentava a sua amargura.

No sonho de Wilbert havia uma batalha sangrenta em que ela Aubrey foi libertada, e após o grupo se dispersou, a decisão foi tomada porque não haveria mais união e confiança entre eles para seguirem lutando por um mesmo objetivo, as imagens do massacre dominaram a Alfred e Wilbert eles decidiram partir daquelas terras. Foram seguidos por Rosenberg, que se chamava Dickens e que já tinha naquela época a mesma admiração que teve hoje por Catherine e deseja tomá-la como esposa. Fez-lhe um pedido de casamento, o qual ela recusou. Ela não quis segui-los, já que ele iria partir com Alfred e Wilbert e o convívio com ele só aumentaria a sua dor.

Os que ficaram foram sendo dizimados um a um pela vingança de Sir Starton ou pelas doenças da alma e do corpo, lembranças do massacre dominaram a Alfred e a Wilbert.

Catherine, sem ter mais a estrutura e apoio de uma família e dos seus antigos companheiros decidiu voltar a viver no castelo de Starton, onde foi servi-lo como cortesã. Toda a jornada empreendida pelo grupo fora vã então, todos os esforços e mortes, não foram consideradas por ela quando dessa decisão. Catherine envolvida por seus sentimentos negativos, sem condições de ver o mal que causava a si mesma, capitulou àquele que liquidou tanto dos seus amigos e companheiros. No sonho de Wilbert ela veio a morrer cedo vitimada por doenças da alma e do corpo, a frustração, o arrependimento e a sífilis.

Bernard desmascarado foi deixado só, não sofrendo sanção por ordem de Alfred, mas ele partiu também, tinha medo das possíveis represálias de Starton e foi para as terras da Escócia, por lá viveu pouco tempo sendo assassinado de forma covarde e dolorosa, foi espancado por um grupo de salteadores e atirado a um rio , cujas águas se mancharam com o seu sangue.

Capítulo 13

Catherine chegou a casa e se trancou no quarto. Chorou por muito tempo e só saiu no dia seguinte, quando a criada foi chamá-la para o café da manhã.

-Catherine bom dia. Disse Norma, a criada mais antiga da casa, enquanto abria as pesadas cortinas. Catherine continuou deitada, a luz entrou forte e ela escondeu o rosto.

-Menina o que está acontecendo com você? Nunca a vi dormir tanto assim. Por que não responde? Como Catherine continuasse sem se virar e sem responder Norma foi sentar-se ao leito ao seu lado, quando então ela se virou.

-Mas menina que rosto é esse? Os olhos inchados? Andou chorando? E chorando muito, não foi? Agora só resta a você me dizer o porquê?

-Não quero falar sobre isso.

-Ora Catherine você acha que pode esconder alguma coisa de mim? Depois os seus pais a esperam para o desjejum. Fale logo, pois então eu poderei achar uma justificativa para que você não precise descer.

-Foi o Wilbert, ele estava aos beijos e abraços com uma, uma, uma mulher qualquer.

-Ora minha querida Catherine, o senhor Wilbert é um homem livre e pode beijar quem bem lhe aprouver.

-Mas Norma eu o amo. Essas três semanas eu passei lhe apoiando nos momentos difíceis em que estive doente, e dele recebo isso, uma traição. Uma desconsideração total, um desrespeito comigo.

-Vocês os jovens são sempre assim tão dramáticos e exagerados no seu sentir.

-Norma eu falo sério Wilbert é o amor da minha vida, sinto isso, aqui em meu peito, não sei por que não consigo olhar para ninguém, nenhum outro homem me interessa ou me desperta sensações e emoções, a não ser ele. A vida fica mais alegre e colorida ao lado dele, as cores se modificam e o ar fica mais puro. Sem ele tudo é nublado e triste. Norma eu não saberia viver sem ele ou longe dele, sem ele eu não resistiria, seria a morte.

-Isso não é motivo para esse desespero. Vá conversar com ele e esclareça tudo primeiro, depois se for o caso chore, mas antes vamos ao café porque sem energia você já sai perdendo essa luta. Falou Norma a abraçando com carinho e preocupação.

Amigos leitores falamos aqui nesse livro sobre o poder das nossas palavras e pensamentos, assim o que Catherine dizia ia impregnando a sua alma e os seus sentimentos ganhando força e poder.

À mesa estavam os pais de Catherine e o seu irmão Donny, grande amigo de Bernard.

-Por que nos deixou esperando Catherine?

-Desculpe mamãe acordei indisposta.

-Indisposta ou chorosa? Falou Donny.
-Chorosa por quê? Explique-se pediu o pai Albert.
-Chegou ontem chorando e se trancou no quarto, só saiu agora. Instigou Donny.
-O que aconteceu Catherine.
-Não quero falar sobre isso mamãe e, por favor, não me forcem, pois não falarei.
-Mamãe ela esta apaixonada pelo tal do Wilbert.
-Aquele filho do alfaiate?
-Esse mesmo mamãe, ela andou visitando ele no hospital e na casa dos judeus.
-Filha isso é verdade?
-É sim mamãe. Eu estou sim apaixonada por Wilbert.
-Você pode até estar apaixonada, mas isso terminará por aí. Falou o pai de Catherine.
-Veja se isso tem cabimento, a minha filha apaixonada por um alfaiate?
-Ele não é um alfaiate, o pai dele era.
-Chega Catherine, a sua mãe está certa, com certeza não será com o filho de um alfaiate que você se casará.
-Não foi esse rapaz que está queimado devido ao incêndio na alfaiataria?
-Ele mesmo mamãe. Ele estava hospitalizado e agora está na casa dos judeus. O Rosenberg e ele são inimigos de Bernard, na universidade eles estão sempre se contrapondo a ele.
-Ora não exagere Donny, Wilbert é um aluno brilhante e Bernard um invejoso medíocre.
-Não vejo como você pode se interessar por um pé-de-chinelo e não por Bernard.
-Mas que história é essa Donny.
Catherine corou e reagiu indignada – Não é nada mamãe.
-Vamos me fale Donny.
-É mamãe, Bernard está interessado por Catherine e ela não.
-Chega Donny, pare com isso nunca dei nenhuma motivação a ele para isso.
-Bernard até chegou a brigar por causa dela mamãe, foi na festa de casamento dos Sutherland, ele brigou com Owein só porque ele conversava com ela.
-Vamos parar com esses assuntos e me dêem licença – Falou Albert. Você tem aulas Donny? Então venha comigo, vou levá-lo e você Catherine juízo.

Wilbert foi procurar os irmãos Greenwall, queria saber sobre a situação da herança, ele tinha um projeto e dependia da liberação do dinheiro. Os irmãos disseram que estavam tentando separar o inventário em partes, pois assim poderiam liberar todo o resto que não fossem as terras que estavam em litígio com Sutherland. Disseram que se eles conseguissem isso não demoraria muito, talvez mais

uns quarenta dias.

Wilbert quis saber se ele conseguiria um novo adiantamento considerando a situação que estava vivendo. Eles disseram que iriam fazer uma petição ao juiz, mas achavam que seria facilmente concedido um adiantamento, pois a difícil situação de Wilbert era evidente. Assim foi feito e quatro dias depois Wilbert já tinha uma boa soma depositada no banco.

Ele voltou então ao hospital onde Liza estava e encontrou o casal reunido.

-Bom dia amigos! Que bom ver que você Liza está melhor, pelo menos está sorrindo, mas espero que isso seja um fato, a partir de hoje, freqüente.

-Wilbert você sempre presente e atencioso, fazendo tudo para melhorar a vidas dos outros.

-Bobagem Danton, sabe que eu ia dar uma notícia? Mas esse seu comentário me fez repensar se devo contar ou não, você me deixou constrangido.

-Wilbert você sabe que as mulheres são curiosas? Você não irá me deixar assim ansiosa não é? Ainda mais uma mulher em estado de recuperação. Disse a esposa de Danton.

Todos riram e Wilbert contou.

-Meu caro Danton, considero você um verdadeiro irmão e sei que se o meu pai estivesse vivo faria o mesmo que estou fazendo.

-Fale logo Wilbert.

-Claro, claro, não vou deixá-los mais neste estado de suspensão. Danton, quero passar a você hoje uma parte do que meu pai herdou, isso porque o total da herança não foi liberado, depois que isso acontecer passarei a você a metade do for recebido.

-Meu Jesus, você está brincando conosco Wilbert? Perguntou Liza, colocando as mãos sobre o rosto, como se não acreditasse.

-Não Liza estou falando seriamente.

-Não posso aceitar Wilbert, não é justo depois de tudo o que vocês sofreram por essa herança. Soubemos que é muito dinheiro, mas que é seu por ser justo. Retrucou Danton.

-Por isso também Danton, é muito dinheiro para um homem só, muito mais dinheiro do que eu mesmo haverei de precisar. Embora não me tenha dito, tenho certeza que seria isso que o meu pai faria e acredito que ele esteja feliz onde estiver, sabendo que o estou dividindo com você.

Bernard voltou e modificou seu modo de se comportar, o seu relacionamento como o pai piorou e ele pouco era visto pela casa. Trocavam poucas e necessárias frases, mal se cumprimentavam. O pai não o perdoara e ele também guardava rancor pelo tempo passado fora devido a decisão do pai. Bernard não voltou a Universidade para concluir o curso e se escusava de participar de qualquer evento social. Passou a conversar mais com a mãe que sempre o mimava e dele tudo desculpava. Para ela o filho único era apenas um menino que precisava de carinho e atenção, e para ele a mãe era um canal de obtenção de recursos para satisfação de seus desejos pessoais e era através dela que ele

conseguia dinheiro, para os seus vícios: mulheres e jogo.

A lembrança de Catherine ainda estava viva em seus pensamentos. Enquanto esteve fora parecia que o desejo por ela mais se configurava. Na sua mente ter Catherine era o primordial, depois vinham às demais coisas por conseqüência. Imaginava que ela poderia ser sua esposa e que a tendo realizaria dois desejos manifestos, o de poder desfrutar a vida ao lado dela e da sua beleza, do seu amor e depois o de poder dar uma resposta a Wilbert, que para ele também amava Catherine. Assim ele passava a maior parte do seu tempo a pensar nela, a família dele era rica, tinha um nome nobre e influências no reino e a dela também, portanto o que havia de errado em almejar? Por que ele não poderia concretizar essa união?

Um dia enquanto pensava sobre isso chegou Donny, o irmão de Catherine. Bernard foi avisado e mandou que ele subisse ao seu quarto.

-Então Bernard porque não quer rever os amigos?

-Não se trata disso Donny, eu apenas estava me recuperando de um problema, mas logo poderei estar com vocês novamente, aliás, estou já sentindo falta de um bom divertimento, uma boa mesa regada a vinhos e das meninas da taverna. Acho que uma noite por lá me reanimaria para a vida.

-Por que não vamos lá então esta noite?

-Não sei Donny.

-Vamos sim, vamos sim, isso fará muito bem a você, e a mim. Disse rindo.

-Está certo, mais tarde então.

Conversaram mais um pouco e Donny se despediu.

-Nos encontramos então.

-Está combinado, à noite.

À noite os dois tomavam cerveja e uísque, envolvidos pelos braços e beijos das moças que ganhavam a vida alegrando as noites dos fregueses de Dona Ambroise, e conversavam. Sobre a Universidade, Donny quis saber o porquê dele, Bernard, não retornar às aulas assim que chegou a Londres. Ele explicou que devido ao esforço da recuperação da saúde, não se sentira bem para retornar aos estudos, mas que no ano seguinte reiniciaria e terminaria o curso. Bernard quis saber de Catherine. Donny lhe falou dela e já depois de algumas bebidas se excedeu e contou a ele sobre a discussão à mesa do café e também do debate sobre o interesse de Catherine por Wilbert.

-Aquele maldito! Ainda teremos contas a acertar. Por causa dele perdi o ano da faculdade e tive que sair do país.

-Mas Bernard você não me disse que foi viajar para se recuperar de uma doença?

-Foi o que eu disse não foi?

-Sim foi.

-Esqueça então. O que quero dizer é que por causa de um desentendimento com Wilbert por causa de sua irmã, fiquei infeliz e isso contribuiu para a minha doença, mas como disse esqueça e me fale mais sobre ela.

-Os meus pais ficaram muito chateados por saber que ela estava interessada nele.

-Mas como você queira que eles ficassem? Um pobretão, desclassificado, que vivia as custas de uma bolsa de estudos, filho de um João-ninguém, com aspirações por uma moça de boa estirpe e de brasão.

-Você a ama?

-Sim Donny, a amo, e tudo faria para ter uma vida em comum com ela, uma relação estável, filhos e uma casa onde pudéssemos viver em família.

-Quem diria! O Senhor Bernard falando em vida estável, filhos e coisa e tal.

-Ora Donny por Catherine eu faria esse sacrifício de me casar.

Os dois riram e se abraçaram.

-Mas eu posso ajudar você.

-Pode como?

-Posso tentar influenciar o meu pai, falando de você, assim como se fosse acidentalmente, inserindo o seu nome nas conversas e mostrando o quanto você estima Catherine e o quanto é um bom partido para a minha irmã.

-Faça isso amigo e prometo que lhe darei um belo presente.

-Qual seria esse presente Bernard?

-Digamos que seja um belo animal, um animal especial e desejado, um garanhão árabe.

-O Vento do Deserto?

Bernard riu e ficou satisfeito ao ver o brilho nos olhos de Donny.

-Você ama aquele animal e ele será seu se conseguir o combinado. O Vento do Deserto me foi dado por minha avó e se sua família aceitar o meu pedido, no dia seguinte ao casamento ele estará com você.

Os dois abraçaram as suas companheiras e comemoraram o trato.

Capítulo 14

A vida corria e poucos meses depois, já no ano seguinte, Wilbert recuperado das queimaduras

trabalhava normalmente. Ele prestou as provas necessárias, por uma deferência do corpo docente e se formou com louvor. Então ele achou que já era hora de conversar com Yonah sobre os seus sentimentos e naturalmente a efetivação de uma relação estabelecida.

Wilbert e Yonah se amavam e tinham um mútuo e profundo respeito, onde observavam o espaço e a liberdade individual de cada um, o carinho, a atenção e o interesse pelas coisas profissionais e diárias eram modelar e davam o tamanho do quanto eram feitos um para o outro. O amor que tinham era a cada dia maior, o tanto que representava não os sufocava nem abafava a vida de ambos era um complemento e um saudável alimento das almas. Não havia ciúmes onde florescia apenas o bem. O respeito era fator de confiança e o resultado era uma compreensão perfeita. Quando estavam juntos emanavam o que era da natureza explícita deles, sentimentos que fluíam como uma energia pura e bela, quando estavam distantes um do outro esse sentimento os ligavam e os mantinham unidos como se estivessem próximos mesmo quando afastado. Eles mantinham um namoro onde se viam regularmente poucas vezes por semana, pois ela morava em um bairro retirado e distante do centro nervoso e comercial de Londres. Ela não tinha pai e sustentava a família, a mãe e um irmão menor. Assim que efetivaram o noivado, Wilbert que já havia recebido a herança comprou uma casa de dois andares, toda em madeira e a fez se mudar para lá, enquanto ele continuou a mora com Rosenberg até se casarem. Isso aconteceria semanas depois quando ela foi morar na simpática casa no meio de um terreno gramado com cercas e jardins a idéia era dar uma qualidade de vida melhor a família da sua amada, conforto e estudo para o irmão dela.

Catherine que mesmo sabendo do noivado dos dois ainda não perdera as esperanças de ter Wilbert para si tramava com os seus botões uma forma de separá-los.

Caros leitores, pobre dos seres que não compreendem o mal que causam a si mesmo quando cegos e infelizes tramam para destruir aquilo que é da natureza, do desejo de Deus. Pobres dos surdos que não ouvem as orientações dos bons espíritos dando-lhes os avisos dos danos que estão prestes a causar aos outros e a si mesmo. Não afinados com as energias superiores fecham os canais de comunicação entre si, seus mentores e os seus anjos protetores, espíritos que por afinidades buscam auxiliar os seus tutelados. Quantas vezes durante os dias da nossa existência carnal nos chegam avisos e orientações em forma de pensamentos e intuições, que a nós parecem originadas de nós mesmos? Mas muitas vezes não damos as devidas atenções e perdemos as oportunidades de avançarmos no caminho do crescimento pelo bem. Quantos dos nossos atos impensados, ações tomadas em momentos de imprevidências, desespero e de despreparo nos causam séculos de repetições de sofrimentos desnecessários?

O quê faz pensar um espírito que destruindo um amor perfeito e puro unido pelo bem e programação espiritual, possa trazer para si a felicidade?

Quem pode imaginar que causando dor e sofrimento a outrem que esteja construindo para si um alicerce de alegrias e benesses divinas?

A vida é uma fórmula perfeita e divina, nada nem ninguém pode ludibriá-la, enganá-la. Acreditar que podemos causar mal, dor, destruição e escapar impunes e tentar crer que Deus é cego ou injusto, que irá privilegiar o mal em detrimento do bem.

Muitas vezes envolvidos pelo nosso ego e vaidades não nos damos conta de que nem tudo que em alguns momentos nos parece de importância, não passaria de algo irrelevante se déssemos o tempo de amadurecimento e o desenrolar dos fatos que os envolvem. As circunstâncias envolvidas na maioria das vezes é o encaminhamento de fatos que atuam em nosso favor, considerando que Deus

tudo vê e tudo sabe, opta pelo que seja o melhor para o nosso desenvolvimento e crescimento. Catherine se enquadrava naquele grupo dos que se deixam envolver pelas circunstâncias e pelo ego. Mesmo sendo evidente para todos o amor que envolvia Wilbert e Yonah, Catherine não se satisfazia com o que para ela seria apenas aparência e um interesse momentâneo de Wilbert e resolveu atacar com as armas que possuía.

Aparecia sem aviso prévio, estava sempre nos mesmos ambientes e seguia o casal se tornando inconveniente e usando uma prática censurável e persistente.

Assim ela repetia o mesmo padrão de atitudes de encarnações anteriores.

Nós embora trazendo sob o véu do esquecimento os nossos passados, o que é uma benesse dada pelo nosso Pai Maior, temos guardadas em nosso subconsciente ou ainda melhor dizendo, impressas em nossos perispírito todas as vivenciações que tivemos. O esquecimento é temporário, principalmente quando estamos revestidos de corpo carnal, pois é útil para o nosso convívio com aqueles que em outras vidas nos causou mal, ou a quem nós tenhamos causado mal também. Imaginemos que nesta vida tenhamos escolhido conviver com alguém que matamos ou com alguém que nos tenha assassinado, e que estejamos agora como pai e filhos ou vice-versa, que bem poderia nos trazer esse conhecimento? Assim embora não saibamos das causas que nos uniu podemos ter em vários momentos das nossas vidas a intuição de que temos um compromisso a cumprir, um resgate a transformar pela prática da convivência, pela proximidade que nos dá a oportunidade de conhecer o caráter e índole de cada um, e por meio dos laços familiares ajudar aquele que por qualquer motivo seja mais frágil ou mais tardio nas práticas do bem. Essa oportunidade é uma dádiva de Deus, uma chance de beneficiar a nossa evolução, de podermos perdoar e sermos perdoados, mas ainda assim quantos de nós negamos esses sentimentos, que nos chegam pela intuição, avisos ou mensagens que nos são dadas todos os dias e todas as horas.

Donny começou a incutir no pai que Bernard seria um bom partido para Catherine, como a situação financeira da família não ia bem, Albert passou a pensar sobre o assunto, porém disse a Donny que nada havia de formal, portanto nada poderia também fazer a respeito. Para Donny era o que bastava, para ele a resposta do pai era uma aceitação e logo foi procurar Bernard para dar a notícia.

-Que notícia feliz, essa alegria eu não tinha há muito tempo, mas preciso conversar com o meu pai agora. Para que possamos formalizar a situação.

Passados os meses, para a maioria dos envolvidos o esquecimento caiu sobre o caso do incêndio da alfaiataria, mas para três deles ainda havia muitas lembranças, Wilbert, Reynolds e Danton, e para os dois últimos muito ainda precisavam ser resolvido.

Reynolds ainda investigou por conta própria e descobriu com os empregados da casa que Bernard chegara à casa pela manhã do dia seguinte a do casamento do primo, descobriu que o seu paletó tinha sido queimado em um dos braços, soube ainda da discussão e da repentina viagem de Bernard para justificar uma doença que ninguém sabia que ele tinha, nem qual era.

Ele forçou uma reunião com o chefe de polícia e colocou tudo o que havia descoberto. Havia provas suficientes para levantar uma convocação do pai e do filho, porém essa não era a intenção do seu chefe, premido que era por interesses políticos e pessoais, endividando e comprometido com Sutherland, ele era peça de um esquema destinado a abafar o caso da morte de Alfred. Depois da conversa com Reynolds ele pediu o seu afastamento por tempo indeterminado.

Para Danton, o pensamento obstinado, ganhava formas e contornos de obsessão, a sua vida estava alterada e seus pensamentos invariavelmente o levavam a Alfred e este do plano espiritual tentava trabalhar e conter esse ímpeto de Danton, pois que ele sabia onde isso poderia levá-lo, via que essa persistência sem equilíbrio o estava afastando da esposa e perturbando o convívio e a tranquilidade do seu lar, mas devido a teimosia e energia condensada nesse objetivo pouco Alfred pode ajudar o seu protegido e o mais improvável aconteceu. Depois da morte de seu bebê ele conseguiu uma licença especial e pôde ficar alguns dias na cidade e com o tempo e o esfriamento do caso policial de Alfred ele conseguiu prorrogar sua transferência ainda mais, e assim quando um dia saiu muito cedo, pela madrugada para trabalhar encontrou Bernard e Donny retornando das suas noitadas, fartos de fumo, álcool e sexo, e ao se cruzarem, em sua mente como um flash retornou a imagem que ele vira no dia do incêndio, a do rosto de Bernard. Ele estacou por um momento, depois tomado por uma fúria e revolta correu e agarrou Bernard pelos ombros.

-O que você quer comigo? Solte-me!

-Foi você quem eu vi correndo no dia do incêndio da alfaiataria.

-O rosto de Bernard foi tomado por uma palidez instantânea, os músculos da face se enrijeceram e a sua voz tornou-se trêmula ao reagir.

-Está louco homem? Eu nunca o vi.

-Você pode não me ter visto, mas eu sim, eu o vi fugindo naquela madrugada. Eu sei que foi você quem matou o senhor Alfred.

-Solte-me já disse. Gritou Bernard tentando se desvencilhar de Danton, que sendo um homem acostumado aos rigores da profissão tinha uma estrutura física diversa da de Bernard, mas musculosa e atlética.

-Nada disso! Só vou soltá-lo quando estiver nas mãos da polícia e é para lá que eu vou levá-lo agora mesmo seu assassino. Dito isso Danton arrastou Bernard, e o tinha dominado quando então sentiu a pancada na cabeça e a visão escurecer. Caiu. Donny com uma pedra o atingira de forma violenta na nuca. Depois ele ajudou Bernard a se levantar e correram.

Danton ficou caído, e mais de uma hora depois um transeunte parou para ver o que havia acontecido

e chamou ajuda para socorrê-lo. Danton foi levado para o hospital desfalecido, com um ferimento grande e com muita perda de sangue e massa encefálica.

Bernard e Donny foram para suas casas e só voltaram a ser ver dias depois.

Reynolds que era um policial admirado por muitos foi procurar ajuda para reverter a sua situação. Tinha também amigos influentes a quem servira e que muito lhes deviam. Dois deles serviam no palácio real, e eram assessores diretos para negócios de política e economia, respectivamente da Rainha Vitória. Os pais de Reynolds serviram além da rainha aos seus antecessores e tios Jorge e Guilherme. Ele nasceu e foi criado neste ambiente real, recebeu educação esmerada, mas logo cedo quis tomar as rédeas de sua vida, por influência de um dos seus primos acabou tomando admiração pelo trabalho policial e candidatou-se às fileiras da corporação. Devido a sua proximidade com a família que ainda servia à casa real, ele pôde prestar serviços especializados a alguns dos seus membros e funcionários de alto escalão, assim ainda neste tempo ele possuía uma facilidade de acesso ao palácio e àqueles a quem servira. Reynolds inconformado com os constantes desmandos dos seus superiores e com a impossibilidade de exercer plenamente as suas funções se viu sem saída e por tal buscou as mesmas armas políticas e influências que eram usadas contra si. Para esse efeito semanas depois ele reassumiu o seu posto com recomendações diretas de poder desempenhar as suas atividades. Pouco tempo depois seus contatos se mostraram eficazes e o chefe do posto policial foi substituído e Reynolds alçado a um posto de subchefia.

Danton não resistiu ao ferimento provocado pelo golpe de Donny, e veio há morrer dois dias depois. O que para muitos pareceu apenas uma fatalidade ou a conseqüência de um delito marginal, para Reynolds ficava a suspeita de que havia uma ligação entre aquele fato e os anteriores e passou a investigá-lo dentro dessa possibilidade.

Bernard conversou com Donny que não iria pedir a mão de Catherine, ele alegou que aquele encontro com Danton o havia esgotado, disse que deveria ter permanecido na Bélgica e que a sua volta fora prematura. Tinha medo que a polícia associasse a morte de Danton a ele, e também que isso pudesse causar malefícios indiretamente a Catherine.

Donny quis mostrar a ele que o melhor seria ele formalizar o pedido, pois isso só viria a melhorar as suas condições emocionais e que traria uma nova página à sua vida e que fugir nesse momento somente atraía suspeição maior, e que contrariamente o fato de alguém estar casando não criaria a suposição de culpa, uma vez que o casamento subtende vínculo e laços de fixação. Os argumentos de Donny surtiram efeito e ele prometeu a Bernard que faria uma carga mais forte e efetiva sobre seu pai Albert de modo a dar o aval ao enlace.

Bernard por sua vez pediu então a seu pai que formalizasse o pedido junto à família de Catherine. Para surpresa de Suterland algo de bom estava vindo da cabeça do seu filho desmiolado, e ele até com certo alívio nada objetou.

O pedido formal aconteceu para desgosto de Catherine, que ainda mantinha esperanças veladas de que o caso de Wilbert com Yonah não passasse de um flerte sem conseqüências.

As famílias acordaram que seis meses após aquela data seriam as núpcias, combinaram uma grande festa para a ocasião.

Wilbert e Yonah casaram-se numa festa simples e com poucos convidados, a cerimônia ocorreu nos jardins de uma casa de campo de Jacob, que estava presente com a família e entre os poucos convidados, estavam ainda os irmãos Greenwall.

Capítulo 15

Donny encontrou com Catherine nos jardins e zombeteiro deu a notícia do casamento de Wilbert a ela. Como se um golpe a atingisse direto no peito, o seu coração se descompassou e os olhos carregados de lágrimas se turvaram, as pernas bambearam e ela caiu sobre grama. Donny pediu ajuda e a levou para o quarto. Como ela não se restabelecia e parecia fora de si foram chamados os dois médicos da família.

O coração de Catherine estava estraçalhado, foram duas dores juntas e violentas que o atingiram: o noivado dela contra a sua vontade e o casamento de Wilbert. Seu desatino foi tamanho que a sua mente não suportou, ela trabalhava acelerada em um ritmo totalmente descompensado e perturbado, as lágrimas eram abundantes e a alma atingida adoentou-se.

Quando a doença atinge o corpo físico é porque a alma já está enferma e debilitada há muito, assim a doença se instalou no corpo de Catherine, onde a febre a consumia e os bacilos a minavam dia a dia. As deformidades de proceder estavam impregnadas no seu perispírito, há muito Catherine, repetia as mesmas vibrações e comportamentos, a doenças nela encontrou terreno fértil e fácil de assumir seus órgãos. Os médicos tudo faziam dentro das condições da época para tirá-la da prostração e melancolia, porém o seu espírito inconformado não se esforçava para ajudar na recuperação do corpo.

Os seus pulmões foram tomados pela tuberculose e o seu corpo frágil e de conformação delicada, definhou.

Os médicos sugeriram levá-la para uma estação de recuperação especializada. Assim se fez.

Wilbert soube do estado dela em conversa com Rosenberg.

-Lamentável Rosenberg saber disso. Eu nunca alimentei Catherine com esperanças, nunca, jamais lhe falei de amor, ou de possibilidade de acontecer alguma coisa entre nós.

-Eu sei Wilbert você não tem olhos para mais ninguém que não seja Yonah.

-Rosenberg, o amor da minha vida é Yonah, mas mesmo antes de conhecê-la eu a esperava, não sei explicar bem como. Por isso eu não queria assumir nenhum compromisso com outra pessoa, entende?

-Sim amigo entendo. Falou Rosenberg, lembrando do seu sentimento por Catherine. Ele também, embora não soubesse o porquê, sabia que não teria Catherine para ele.

-Ela está internada numa clínica fora de Londres. Você irá visitá-la?

-Não creio que a minha visita vá ajudá-la, creio mesmo que não seja uma boa idéia.

-Eu então irei vê-la, somos bons amigos e quero levar a minha ajuda.

-Vá sim Rosenberg, mas não fale de mim nem de Yonah para ela, eu ficarei aqui orando para que ela se restabeleça logo.

Rosenberg foi visitá-la e ficou profundamente preocupado com a sua aparência debilitada. Os seus olhos fitavam o vazio, como se não vissem o mundo, neles não se encontravam nada além de melancolia, tristeza e a presença da morte.

Rosenberg pegou as suas mãos de falou com o coração e visivelmente emocionado.

-Catherine, quero poder ajudá-la a sair dessa tristeza, encher o seu coração com a vida que eu tenho, dividindo-a com você. Se os seus pulmões estão adoentados, eu darei os meus para poder fazê-la sentir o ar da vida e respirar plenamente. Como posso ajudá-la? Responda? De que me vale a vida se não posso compartilhá-la com você, que está assim, fragilizada? De que me vale a vida se não podemos doá-la, se não posso deixá-la fluir do meu peito e injetá-la em suas veias? Repor em você a minha saúde e meu amor. Esse é o meu desejo, eu quero que isso aconteça.

Ajoelhado ao lado da cama Rosenberg silenciou e derramou lágrimas amargas e doloridas.

Catherine comovida pôs a mão sobre a sua cabeça. Naquele momento ela percebeu o quanto de erro havia cometido. O quanto ela provocara a si mesma de danos ao seu corpo e a seu destino, que poderia ter sido outro, com possibilidades felizes.

Foram cinqüenta dias de luta sem resultados. O comprometimento de seu físico era muito grande e grave e o fim da bela e culta Catherine foi triste.

Abrimos aqui um parêntese para falar das conseqüências do suicídio voluntário e involuntário. Por que teríamos de falar sobre suicídio quando uma pessoa morre de morte natural ou devido a uma doença adquirida? Devemos distinguir que os suicidas não são somente os que atentam contra a sua própria vida diretamente. Diante de Deus são considerados suicidas todos aqueles que provocam danos ou não lutam para manter os seus corpos e suas almas sempre sadias e saudáveis. Suicidas são aqueles que não buscando soluções para sanar os males que atingem os seus corpos físicos o deixam sucumbir por falta de esforço e empenho para lutar contra as doenças que os acometem. Suicidas são ainda os que por causas outras que não as doenças físicas trabalham para extinguir ou reduzir a suas jornadas no planeta Terra, quer seja pela tristeza e melancolia, pelo descaso para com a sua vida, pela bebida e pelas drogas. O corpo físico é um instrumento de vida, de oportunidades, de crescimento espiritual. É ele que nos possibilita cumprirmos as nossas programações de encarnação. O corpo físico é um presente de Deus, que por sua bondade nos permite repetirmos mais uma jornada ao erramos e falharmos em outras oportunidades anteriores. É pelo corpo físico que podemos acelerar os processos de resgate de vidas passadas pelo sentir mais rude e grosseiro, pela impressão que se impregna na nossa alma, as sensações e sentimentos expandidos pelo corpo carnal. Destruir o nosso corpo por quaisquer que seja os métodos citados, é uma agressão não apenas a nós mesmos, mas também a Deus. Lamentável achar que podemos nos livrar das dores terrenas apenas porque nos livramos da vida aqui nessa casa temporária. Lamentável, pois que quando se tira a vida se descobre que ela não se extinguiu, que ela continua acrescida de outras dores maiores que sejam as provocadas por nós quando usamos uma arma, um veneno, um sentimento de baixa vibração para fugirmos das nossas responsabilidades. Os problemas que tínhamos seguem vivos, e as feridas provocadas por armas, venenos, doenças permanecem nos ferindo, magoando, causando as mesmas dores e sofrimentos como se estivéssemos vivos.

Catherine quando deixou o corpo físico ficou sentada ao lado do túmulo, ainda desorientada e sem saber porque ninguém reparava nela. Por que ela se dirigia aos seus pais e ao seu irmão e eles não a respondiam? Ela falou com Rosenberg, que tinha os olhos vermelhos e inchados pelas lágrimas que derramara, ele pareceu perceber o que ela dizia, mas não respondia, ou melhor, ela sentia que ele dizia algo, mas não com os lábios, de forma oral. Eles se comunicavam mentalmente. Ela ouvia sem som o que ele falava. Ele dizia – Como uma mulher bonita e cheia de vida, inteligente e culta tivera um fim triste como aquele morrer de uma maneira melancólica e sem ter desenvolvido os seus dotes

e predicativos de vida? Por que os encantos de uma flor feneceram sem ao menos ter desabrochado, sem ao menos destilar o seu perfume a quem dele necessitava? Catherine recebera aquelas energias mentais de Rosenberg como um choque inesperado. Morrer? Quem morreu? Você está louco Rosenberg?

Depois desse episódio, Catherine foi submetida a uma fase de perda de consciência, as informações diversas e contundentes se chocavam com a realidade que ela conhecia, esse embate entre o conhecido e a vivência abrupta de uma condição que ela desconhecida provocou nela um apagão, o que os especialistas em mentes chamariam de uma fuga da realidade. Ficou por muito tempo em um sono, que serviu de escape àquela situação desgastante e incômoda.

Catherine, a bela Catherine se viu num vale sombrio e só, ao despertar, os cabelos desganhados e a pele macilenta, acinzentada, com feridas e dores que corroíam os seus pulmões e sistema respiratório. A febre a consumia e a cabeça latejava e parecia que a qualquer momento iria explodir. A sede era imensa e sua garganta queimava e a tosse constante a atormentava. Chorou por dias e meses seguidos, sem uma mão sequer a socorrê-la. Sem energia para sair dali ela pedia socorro a quem pudesse ouvir, mas a sua voz diminuída e fraca, mal era ouvida por ela mesma. Perto dali muitas vezes ela era observada, pelos dois corvos, Severo e Murdock, as aves agourentas sabiam que era necessário deixá-la sofrer até não ter mais resistência que pudesse se opor a eles.

Para os que não aceitam que as dores são provas do amor de Deus por nós, saibam que a maioria de nós somente cresce e evolui por ela. Poucos são aqueles que avançam pela sabedoria ou pela luz. Quando o espírito de Catherine optou pelo suicídio indireto ele se alinhou pelas baixas vibrações às energias dos dois infelizes. Assim então se ligavam novamente pelos caminhos da sabedoria da vida, três seres que tinham carmas associados e que alimentados pela dor estavam ganhando uma oportunidade de se acertarem.

Capítulo 16

Reynolds pediu a prisão de Bernard, mas devido à rede de informações de Sutherland ele conseguiu saber da ordem e antes dos policiais irem a sua residência executar o mandado, ele escondeu Bernard e dias depois pode mandá-lo para a Bélgica.

A vida dele nessa segunda vez no exterior foi mais amarga ainda do que da primeira, agora acrescida da morte de Catherine. Diferentemente dela que se entregou à tristeza e ao abandono do seu corpo, ele reagiu pelo ódio e dele retirou energias para alimentar seus desejos mais primários contra Wilbert. Ele prometeu que a partir daquela data viveria para destruí-lo e todos os que fossem ligados a ele pela vida afora. O seu desejo era retornar e destruir tudo o que pertencesse a ele: os bens, a família, a mulher, os filhos, os amigos, tudo por todas as gerações. Prometeu que iria descobrir uma maneira de prolongar a vida ou que depois dela pudesse subsistir para persegui-lo eternamente.

Desta forma Bernard abria mão de viver uma vida sua, útil, construtiva, voltada ao progresso, à sua evolução e para usá-la em vão na destruição de outras.

Nas suas andanças pela cidade de Bruxelas ele buscava descobrir alguém que o ajudasse no seu desejo hediondo, mudou a forma de se vestir, passou a usar as roupas escuras, e os lugares que freqüentava. Passou a optar pelas casas noturnas e por lugares sabidos que lidavam com magias e crendices em busca em indicações daqueles que mexiam com os espíritos, buscou alguns e descartou todos, quer fosse pela desconfiança quer fosse pelo charlatanismo. O desejo de Bernard era real e imediato, a sua alma transtornada não admitia erros ou perda de tempo, queria poder estar preparado para usar os meios ou instrumentos que fossem necessários na consecução dos seus objetivos. Vivia concentrado e finalmente encontrou alguém que o entendeu. Ele seria o seu mestre ou parceiro na missão desejada.

Malzabetec era um homem de olhar profundo e que encarava as pessoas fixamente. Alto e magro, impressionava pela postura ereta, e pela maneira de falar, pausadamente. Voz grave, não usava o corpo como auxiliar, falava olhando sempre para o interlocutor, quando apenas os músculos da face se movimentavam. O olhava insistentemente nos olhos e avaliava as reações e expressões, parecia que buscava saber com o seu olhar o que vinha em cada alma. Poucos conseguiam encará-lo e manter os olhos fixos nos seus. Ele olhou para Bernard e parecia que seu magnetismo capturava os seus pensamentos mais íntimos, mas Bernard o enfrentou e tão decidido estava, que não se abalou e não se enfraqueceu diante daquele homem que parecia ter um pacto com as forças das trevas.

-Vejo um poder que emana de você, não do conhecimento, da vivência ou dos estudos, mas do ódio. Devo dizer a você que mesmo a força do ódio precisa ser controlada.

-E por que eu deveria controlar essa força que é a mais forte que disponho?

-Porque a sua força é imensa e pode destruir quase tudo, inclusive a você próprio.

-Se ela pode cumprir o meu desejo tudo é válido para mim.

-Inclusive perder a sua alma?

-Eu não creio em almas.

-Eu sei que você vem em busca de vingança e quero que saiba que as forças que me auxiliam são poderosas, mas cobram por qualquer serviço que realizam.

-Eu tenho algumas economias. Quanto você quer para ajudar-me a destruir um homem?

-O pagamento não é apenas em dinheiro. Malzabetec, falou sussurrando como se não quisesse ser ouvido.

-Sobre o que você está falando?

-Apenas pensei.

-Diga-me o que você quer fazer? Quer que eu execute o homem a quem odeia ou quer aprender a lidar com as forças ocultas para você mesmo usá-las?

-Ambas as coisas.

-Isso vai custar muito caro.

-Quando começamos?

-Agora.

-Quero que você pegue essa vassoura e varra todo o salão de trabalho, mas não toque no altar ou em nada sem saber se pode.

-Eu nunca peguei numa vassoura.

-Pena que não o tenha feito, talvez se tivesse hoje não estaria nessa situação, se não quer fazer o que eu mando pode ir embora e esqueça o seu desejo.

Amuado e proferindo frases ferinas e ofensivas ele iniciou a tarefa. Isso foi repetido por dez dias, até que ele foi gradativamente reduzindo seus improperios. No dia em que iniciou o trabalho calado sem pronunciar uma ofensa sequer, Malzabetec o chamou.

Hoje você alcançou um novo patamar, acredito que sem perceber, mas estava esperando isso acontecer para mostrar o quanto o silêncio e a concentração são necessários e importantes na jornada que irá enfrentar. Essa lição talvez seja a mais importante de todas que terá. Se não passasse nela não poderíamos prosseguir.

-Já entendi o seu objetivo Malzabetec, qual a segunda lição então?

-Venha, siga-me. Eles entraram por uma passagem oculta sob o piso e seguiram por um túnel iluminado por uma luz difusa azulada, as paredes eram úmidas e de onde brotavam pequenas plantas e escorriam filetes de água, o cheiro de terra fresca era tão forte quanto nos dias de chuva. Ao final do corredor uma porta de madeira crua cruzada por eixos de ferro pintados de preto estancaram. Malzabetec bateu e um anão corcunda apareceu fez um gesto de cumprimento. Afastou-se dando passagem ao seu amo e permaneceu de cabeça baixa até que Malzabetec ordenou que conduzisse Bernard à câmara do silêncio. O Anão, com um sorriso no canto dos lábios, o levou até outro cômodo e abriu uma porta baixa, por onde solicitou a Bernard que entrasse.

Ele entrou e sentou-se sobre um pequeno banco de madeira e antes que o anão fechasse a porta Malzabetec lhe falou – Aqui você entrara em contato com os seus medos, seus demônios mais íntimos e medonhos. Sentirá todas as energias que existem que o assediarão, que o atormentarão. A visão de você mesmo na sua dimensão negativa, se apresentará com as suas vestimentas originais e reais, se quiser deter o poder de utilizá-las deverá encará-las, enfrentá-las e lidar com elas. Não poderá me chamar nem ao anão, e ai ficará por uma fase da lua e na mais completa escuridão, terá água e uma refeição especialmente preparada, no final do cômodo há um pequeno regato espero que seja útil, do mais desejo que você os vença ou os convença de apoiá-lo nos seus projetos.

A porta se fechou e a escuridão passou a ser a companhia de Bernard, no início os pensamentos descontrolados, assumiram a sua mente, lembrou de sua vida, do conforto que possuía, das mordomias, nunca tivera preocupações e maiores responsabilidades. Lembrou da mãe, do pai, de Catherine. A sua respiração se acelerou e o suor desceu. Ele se agitou e pensou em sair dali, se mexeu e engatinhou em direção à porta, e logo veio à sua mente Wilbert, e lembrou o porquê estava ali, o ódio foi tão forte que quase o podia sentir ali ao seu lado, voltou e sentou-se. Na escuridão tudo se ampliava e ou se adensava, ali ele convivia com a sua respiração, sua pulsação e o seu cheiro, a cabeça parecia pesar mais do que o normal. Ele passou a perceber todos os seus membros, cada parte do corpo como se não fosse dele, o pensamento perturbou a coordenação motora. O banco era incomodo e os ossos lhe doíam, o corpo mal acostumado ao conforto se ressentia, os olhos abertos buscavam alguma referencia, sentiu-se mal por tudo o que acontecia, seus sentidos estavam extremados e sensíveis ao máximo. Estava lidando com energias, sentimentos e sensações que sempre estiveram ali, nele, mas nunca percebidas assim como naqueles momentos e isso o exasperou inicialmente e depois a pele parecia arder e os nervos aguçados excediam suas percepções, a mente bombardeada por tantas informações diferentes e novas entrou em colapso e o pânico o tomou, ele girou e bateu nas paredes, as mãos esmurraram o chão, a boca se abriu exageradamente a buscar o ar ele ficou ali deitado no solo e chorou.

Podemos entender assim como se dá o processo de medo daqueles que temem o escuro, as sombras e os locais fechados e apertados. A nossa mente sem educação e sem vivência de situações que parecem anormais se assusta com coisas que estão diariamente em nós, absolutamente naturais, muitas são mais comuns que imaginamos, e algumas nem mesmo são percebidas por nós. Vivemos distraídos de nós mesmos e não nos damos a devida atenção, não voltamos os olhos para o que somos, não sentimos mais intimamente o que somos e ignoramos as informações que nos são passadas a cada segundo. Em algumas profissões e circunstâncias de vida elas são provocadas para podermos reconhecê-las e lidar com elas. São os bombeiros e policiais que lidam com o perigo, os astronautas e aviadores que vivenciam mudanças bruscas e extremas de condições de gravidade e locais fechados e apertados, os mineradores em minas escuras e profundas, os escafandristas e mergulhadores em ambientes distintos dos seus, seriam inúmeras as situações que poderíamos exemplificar, porem essas situações se tornam comuns e cotidianas para esses citados, mas não para todos nós, porque não estamos sintonizados a elas e nem fomos treinados para isso. Muitas mentes despreparadas não conseguem interagir com essas situações e agem descontroladas e na maioria das vezes causando danos a si mesmas e a outrem. O domínio das nossas mentes quase sempre deve ser exercido por nós, por isso Deus nos criou únicos, excetuando as causas degenerativas causadas por doenças adquiridas ou má formação congênita, ou traumas ao perispírito, podemos buscar o controle nas observações e na vigilância dos nossos pensamentos. O medo, os pensamentos negativos, a malícia, os exageros de qualquer ordem, os vícios podem ser dominados pela nossa força, correção e pensamentos ligados aos bons espíritos e a Deus que são uma força natural de auxílio e superação aos nossos conflitos e aflições. Os bons pensamentos nos trazem tranqüilidade e paz, nos ajuda a entender o que somos e o que passamos. Em outros planos espirituais essas franquezas são exploradas também. A máxima de Jesus “orai e vigiai” pode ser aqui aplicada, pois espíritos com más intenções e conhecedores desses princípios se aproveitam das falhas dos encarnados, quaisquer que estas sejam, as de caráter, as de comportamento ou as de pensamentos para penetrar nos seus pensamentos de modo a influenciar e enfraquecê-los, deste modo se associam a estes e, encontrando

brechas, passam a atuar usando-os ao seu bel prazer para os seus objetivos escusos. Quantos subjugados, submetidos a uma carga excessiva de pensamentos e medos provocados e sugeridos por esses espíritos sucumbem e buscam no desespero uma fuga, uma saída para as suas desesperanças e agonias, ou no suicídio ou na loucura, quando a melhor saída seria na busca de Deus o auxílio necessário para o afastamento desses espíritos infelizes e no fortalecimento de nossos pensamentos, a cura para esses tipos de males. Queremos lembrar que em nenhuma das duas opções estaremos livres dos nossos desesperos, pois nem os loucos nem os que tiram a sua própria vida escapam das suas mazelas, pelo contrário, apenas as aumentam e as prolongam.

Malbezetic tinha esse conhecimento e o usava para o mal e o aplicava a Bernard. Esperava que ele isolado vivenciasse os seus medos, os superasse e os vencendo pela busca da concentração, pudesse reverter o que parecia desfavorável em algo que ele futuramente usasse a seu favor.

Bernard caído desmaiado passava por esse processo, embora fisicamente desacordado o seu espírito estava em uma floresta. Vestia uma roupa feita de couro e linho grosseiro, segurava uma espada e uma adaga, estava deitado por trás de umas pedras numa elevação próxima a um riacho e observava junto a seus companheiros armados um outro grupo que cavalgava logo abaixo de onde estavam. Sentia uma fresta de sol que passava por entre as folhas de um carvalho, aquecer o seu rosto, havia chovido e o chão estava úmido e frio, os musgos estavam muito verdes e cheiro de terra e relva era muito forte, o seu coração acelerado encostado à terra repassava para ela o seu pulsar e ela lhe aumentava a força. Suas mãos crispadas eram uma extensão das armas. Sabia que estava prestes a usá-las, o medo e a ansiedade o tomavam, a respiração queria acelerar, mas ele a continha, não podia se descontrolar, precisava manter o corpo sob controle, não podia se fazer ouvir. Iria desobedecer ao seu líder e provocar a morte de todos os que ali estavam cavalgando. Cometera um roubo no castelo de onde eles vinham e dois deles sabiam que fora ele. Nesse grupo também seguia a mulher que ele amava e fora por ela que ele roubara para poder lhe fazer presença e lhe causar admiração, Aubrey, mas seguia também o homem que ele odiava e que era o seu adversário no amor da jovem mulher, Armitage (Wilbert). O seu plano era atingi-lo como se fosse por um acidente, e assim se livrar dele. Ele então, tomou a besta de um companheiro que estava ao seu lado e se colocou em outra posição mais à frente do grupo, preparando com ela o ataque.

Ao aviso de avançar ele apontou a seta para o peito de Armitage sentiu os dedos pressionarem o gatilho e a corda se distender, viu a seta voar silabando e atingir o homem que imaginava ser o seu oponente ao amor de Catherine. Sentiu a boca salivar e o grito sair da garganta quando se lançaram aos inimigos. Os sons se alastraram. Os metais se chocando, os gritos de dor e desespero e os sons dos cascos dos animais sobre o cascalho, os comandos e os impropérios, tudo era ouvido e distinguido naquele universo de ruídos misturados. Os seus sentidos eram mais evidentes e

acentuados, os cheiros de suor e de sangue dos homens em luta, o odor característico do medo, dos animais e das árvores da floresta tudo era para ele acentuado.

Os homens do seu lado em maior número e em vantagem pela surpresa foram pouco a pouco derrubando oponentes, Alfred gritava e pedia que partissem, pois já haviam resgatado Catherine, mas a voz de Bernard era mais potente e instigava que matassem todos. As armas faziam um concerto macabro de sons cortando o ar e atingindo os combatentes já feridos e impotentes, quando Bernard avistou Armitage ferido, atingido pela seta que ele mesmo disparara. Ele avançou então com a espada em riste para atingi-lo mais uma vez e assim certificar-se que ele não escaparia, porém um golpe desferido com o cabo de uma espada o atingiu na nuca impedido-o de consumir a sua intenção. Assim Alfred interrompeu o que seria mais um ato covarde de Bernard.

Capítulo 17

Wilbert e Yonah a cada dia mais se correspondiam e se amavam, um amor às vezes cálido e construído pela sensibilidade dos sentimentos dos dois, serenamente sem expectativas, sem ansiedades, sabedores que as suas almas se pertenciam e que tinham todo o tempo do mundo para se amarem. Outras vezes com uma intensidade que nem a distâncias o interrompia. Diversas vezes enquanto trabalhava Wilbert a sentia pensando nele e o mesmo acontecia em relação a ela. Quando saía do trabalho ele invariavelmente corria para casa, não eram pessoas de muitas badalações e festas, eles se bastavam e gostavam de estar juntos. Porém esse amor provocava em alguns inveja e ciúmes.

Yonah embora não soubesse era uma sensitiva, uma médium e por muitas vezes sentia presenças invisíveis ao seu redor, por isso ela sentia sempre que o espírito de Catherine se aproximava dos dois.

Catherine, despertada e em desespero, não via uma saída para a situação em que se encontrava, não sabia para onde ir, nem de quem se socorrer. A vida ainda a tinha, mas não podia chamar aquilo de vida, passava tempos imensos sem ver nada nem ninguém, às vezes ouvia ruídos pesados de seres que se assemelhavam a répteis imensos, que se pareciam com um homem, mais que propriamente o eram mesmo que em forma distinta deste, eram monstros verrugosos e escamados, fétidos e asquerosos, que urravam, quando então ela se escondia e esperava até se afastarem. Quando tinha sede bebia de uma fonte de cor ferruginosa, de sabor amargo e consistência lamacenta. Por que a vida estava sendo assim, por que Deus a jogara naquele lugar, quando ela, havia tido um lar de luxo e de abundância?

-O que eu fiz da minha vida? Wilbert me ajude. Yonah me perdoe. Eu estou ficando louca.

-Não você não está louca não Catherine.

-Quem são vocês?

-Eu sou Severo e ele Murdock, somos seus amigos de longa data e queremos ajudá-la.

-Como assim de longa data?

-Minha Cara agora não é lugar nem momento adequado para falarmos disso, apenas queremos que compreenda certos fatos.

-Quais fatos?

-Você Catherine estava muito doente e a doença abalou seus órgãos a ponto de impedir que eles funcionassem.

-Mas isso causaria a minha morte?

-Exatamente Catherine, foi isso o que aconteceu.

-Mas eu estou viva.

-Viva sim, mas em outras circunstâncias que não aquelas em que estava acostumada. Você assim que os seus órgãos faliram, sentiu uma brusca sonolência não foi?

-Sim.

-Porém você resistiu e quis ficar junto aos seus, depois tudo escureceu e você dormiu muito e acordou no Vale dos Suicidas. O que aconteceu foi que a sua vida na Terra se extinguiu, mas ninguém morre jamais, por isso você está aqui.

-Não pode ser, eu não morri. Disse ela exasperada, cerrando os punhos, e gritando o que provocou nela uma violenta tosse. O sangue jorrou de sua boca, uma massa fétida e viscosa povoada de vermes esbranquiçados escorreu de seus lábios e ela esgotada desfaleceu. Os dois a ampararam e a levaram para um grande prédio, numa ilha, cercada de pântanos e intenso nevoeiro.

Depois que ela despertou ainda frágil e tensa, Severo lhe disse - Você ficará aqui conosco por algum tempo até se recuperar do seu mal.

-Mas onde estou?

-Para o seu bem você deverá agora apenas descansar. Helen ficará aqui e cuidará de você até que possa sair.

Assim Severo se retirou sem dar mais explicações, Helen, sentou-se ao seu lado e falou – Fique calma que eu a ajudarei, não tenha medo. Eu também já passei por isso, portanto compreendo o seu drama.

Catherine chorou e chamou por Wilbert.

-Calma moça, isso não a ajudará, somente aumentará a sua dor. Quando você chegou aqui há duas semanas estava muito mal.

-Há duas semanas estou aqui?

-Sim moça, mas aqui o tempo não é algo tão importante, você logo descobrirá isso.

-Você quem é?

-Eu? Riu Helen. Um sorriso tímido e triste – Eu apenas uma mulher que errou muito e que está pagando por seus erros.

Mas como já disse vou ajudar você porque eu também já passei por isso. Vamos beba esse composto, ele servirá para melhorar a sua saúde.

O olhar de Helen era tão carinhoso e verdadeiro que Catherine aceitou a sua ajuda.

Dormiu muitos dias e acordou procurando por Helen, que minutos depois chegou e sentou-se ao seu lado:

-E então moça como você está?

-Acho que melhor, um pouco fraca ainda.

-Olhe moça, o que vou dizer a você, logo aqueles dois estarão aqui e a levarão para cima, talvez não tenhamos chances de falar sobre isso de novo. Aqueles dois não prestam, não confie neles. Não se submeta às suas exigências e propostas. É por isso que eu ainda estou aqui presa.

-Mas como assim presa?

-Não posso sair daqui devo favores a eles. Quando eu deixei a vida, do outro lado, eu cheguei aqui revoltada e cheia de ódio pelo meu marido.

-Que dizer que estamos mesmo mortas? Você e eu?

-Sim, mas a vida não se acaba porque morremos, afinal estamos aqui agora, não estamos? Mas não posso contar a minha história agora, deixemos para depois, apenas escute o que eu lhe digo sobre Severo e Murdock, não aceite as imposições e as propostas deles em hipótese nenhuma, afinal se você veio parar aqui porque mantém as mesmas vibrações que as deles e só sairá se conseguir superá-las.

-Mas se eu vim parar aqui por isso, por que você seria diferente de mim, já que está aqui também?

Helen deu um sorriso triste e inibido.

-Eu não disse que sou melhor que você. Eu apenas tenho mais vivência aqui nesse lugar.

Elas ouviram a maçaneta da porta se mover. Helen falou para Catherine.

-Finja que está adormecida, deite rápido.

Catherine deitou-se e Murdock entrou no recinto.

-Como está a moça? Ele perguntou a Helen.

-Ainda na mesma, embora a aparência dela esteja um pouco melhor.

-É de fato parece que ela ganhou um novo tom, isso é bom pois precisamos dela para nos ajudar no trabalho junto a Wilbert e a sua mulher, já conseguimos junto com Malzabetec mais um aliado do passado, precisamos reunir todas as forças necessárias para enfrentar as forças do bem, comandadas por Alfred.

-Fique atenta e qualquer alteração no estado dela me informe.

Murdock saiu e Catherine se sentou e foi logo perguntando.

-Que trabalho é esse a que ele se referia junto a Wilbert?

-Boa coisa não é, eles foram inimigos em outras encarnações, ele você e Wilbert viveram em uma mesma época. Você, Murdock e Severo em um lado e o Senhor Alfred e Wilbert de outro.

-Helen esse Senhor Alfred é o pai de Wilbert.

-Sim Catherine ele morreu há pouco tempo no incêndio provocado por Severo e Murdock na Alfaiataria do senhor Alfred, e ele agora comanda as forças do bem que impedem os dois de causarem danos maiores a Wilbert.

-Então Helen o fato de eu ter vindo para cá e o senhor Alfred ter ido para um outro lugar junto às forças do bem têm a ver com a nossa forma de vida anterior?

-Sim Catherine era disso que eu falava antes que Murdock chegasse, por isso que você precisa mudar as suas atitudes.

-Como assim Helen?

-Vocês já viveram muitas vidas juntos e o seu condicionamento em relação a Wilbert nunca mudou e devido a sua insistência em ter um relacionamento amoroso com ele tem impedido você de vivenciar outras experiências, novos caminhos de felicidade. Deus nos dá aquilo que ele sabe ser o melhor para nós. A sua teimosia tem vedado os seus olhos e provocado o seu sofrimento nessa e em outras

passagens pela Terra. As suas atitudes imaturas só provocaram danos a você mesma.

-Com os olhos cheios de lágrimas Catherine a medida que ia ouvindo as palavras de Helen revia a sua trajetória de vida e sabia que no fundo ela tinha razão.

Está na hora de você mudar o padrão de viver, dar uma nova oportunidade a você mesma.

-Helen me diga uma coisa, porque você ainda está aqui, se sabe tanto sobre a vida?

-Eu estou em fase de franco aprendizado. Há pouco sofria muito com as minhas atitudes também, a visão que adquiri, de nada do que eu vinha fazendo melhorou a minha vivência, fez eu repensar meus atos. A vingança não trouxe alívio às minhas dores e nem melhorou a minha existência, a cada dia eu me comprometia mais e mais com Severo e Murdock e cada maldade mais débitos eu adquiria junto ao nosso Pai Maior. Quando tive essa luz a iluminar os meus pensamentos e me arrependi sinceramente, eu recebi uma graça.

-Qual Helen?

-Veio até a mim um espírito muito iluminado e que ainda hoje me auxilia e tem me orientado imensamente nessa minha mudança, muitas vezes ele vem até aqui ao meu quarto, conversa e me conforta. A presença dele me traz a paz e a resignação para seguir a minha vida.

-Mas por que ele não a ajuda a sair daqui então?

-Catherine cada coisa a seu tempo, primeiro porque eu tenho uma missão aqui ainda, depois cometi muitos desatinos e o fato de ter que permanecer aqui acredito que seja para poder resgatar algo que não sei ainda o que é. Assim estarei fazendo um bem aos que aqui estão e ajudarei a evitar que os dois corvos causem maiores males a Wilbert e os seus.

-Por que Severo e Murdock querem tanto mal a Wilbert?

-Como disse Catherine, eles querem vinganças por atos cometidos no passado, para muitos espíritos a visão mais clara custa a surgir. As leis que comandam a vida são simples porém não são vistas quando outros fatores interferem em nossas mentes. A vingança no caso deles é a trava que cega e não possibilita a eles entender que estão presos há um mesmo tempo, ou seja, Wilbert, Rosenberg, Yonah, Jacob, Alfred e os que o seguem estão avançando, valorizando as suas existências pela prática do bem, quando se tem essa firme tendência os bons espíritos nos auxiliam nos dando sinais e conselhos, por intermédio de pensamentos e intuições, sonhos e avisos ou até mesmo com suas presenças luminosas como a de Galteur, o espírito que vem até aqui conversar comigo. Ele pertence ao grupo de Alfred e também conviveu comigo e com vocês em tempos passados. Tudo é muito simples Catherine, basta optarmos.

-Diga-me Helen quem é Malzabetec? Tive uma má sensação quando Murdock pronunciou esse nome.

-Malzabetec é um mago que não tem nenhuma restrição para utilizar quaisquer recursos ou pessoas para conseguir os seus propósitos.

-Mas por acaso nós conhecemos a pessoa a quem Murdock se referia quando disse que havia conseguido mais um para consecução dos seus propósitos contra Wilbert?

-Infelizmente sim Catherine, nós o conhecemos.

-E ele é Bernard?

-Sim Catherine ele é Bernard?

-Oh não! Ele então morreu?

-Não Catherine, não é preciso estar morto para servir de ponte a outro espírito para lograr fazer o mau a quem quer que seja. Malzabetec e Bernard estão vivos, mas trabalham com o mesmo propósito, fazer o mal e destruir Wilbert.

-Eu não permitirei isso, não deixarei que Bernard faça isso. Como posso ajudar a Wilbert? Diga-me Helen.

-A princípio usando a sua vontade para mandar energias para Bernard incitando-o a deixar de lado esse desejo, depois orando muito a Deus e aos seus mensageiros do bem que intercedam junto aos envolvidos.

-E isso ajudará Helen?

-Sim Catherine a força e a determinação que você aplicar será a medida dos resultados e lógico que também entrará as vontades e desejos e méritos de cada um dos envolvidos. Você faça a sua parte Catherine e deixe as outras com Nosso Pai Maior.

-Está certo então Helen.

-Agora deite e descanse, pois se você vai tomar partido de Wilbert nessa luta terá que estar muito bem preparada para lidar com inimigos poderosos.

-Vou deitar sim, mas me diga quem é esse Malzabetec?

Catherine deitou-se e antes que Helen dissesse a ela que Malzabetec era Sir Starton ela adormeceu e nos seus sonhos ela pediu a Deus que iluminasse Bernard e protegesse Wilbert.

Capítulo 18

Bernard fechado no recinto designado por Malzabetec, sentiu uma onda de energia atingi-lo. A suavidade e o perfume o fizeram relaxar e o envolver por algum tempo, logo em sua mente surgiu Catherine e ele sorriu para aquele pensamento, a sua Catherine ali. Ele a sentia tão real e viva que estendeu os braços e procurou envolvê-la. Catherine minha amada onde você está? Porque você partiu e me deixou nessa aflitiva vida solitário e triste? Eu estou aqui agora trabalhando para poder vingar a sua morte, eu irei destruir aquele que foi a causa das nossas desgraças.

Catherine falou então a ele,

-Bernard isso não mudará nada, a não ser provocar mais desgraças, não alimente esse desejo contrário aos meus. Eu peço que parta e vá viver uma vida útil, pois são preciosas todas as vidas,

tanto a sua quanto a de Wilbert.

Ao sentir pronunciado o nome de Wilbert uma onda de energia ruim se apossou dele, toda a concentração perdida retornou e ele se colocou impassível e atento a não permitir que Catherine invadisse os seus pensamentos. No silêncio do local ele retomou o processo que havia interrompido. Ele começava a entender que o princípio da concentração era importante, pois ele reforçava as suas vontades e impedia a perda de energia com pensamentos distintos e sem direção. Podia compreender agora o quanto havia perdido de tempo enquanto estava envolvido com a bebida e as mulheres, enquanto não tinha uma meta e uma direção, enquanto passava a vida na preguiça e no lazer relapso, no tumulto dos pensamentos vazios e na vadiagem. Estava compreendendo o porquê de estar ali, o porquê Malzabetec o isolara. Estava se sentindo forte e capaz de prosseguir sem medo e sem desvios do caminho que queria empreender. Agora nada o impediria de alcançar Wilbert, ele poderia lidar de igual para igual.

Passado o tempo determinado por Malzabetec, ele se dirigiu ao cômodo onde estava Bernard. Bateu na porta e obteve resposta.

-Sim Malzabetec.

-Bernard você irá sair de onde está aos poucos e iremos gradativamente retornando a vida aqui fora. Você cumpriu com valor a etapa talvez mais importante do seu trabalho, até confesso, para minha surpresa. Vamos a outras etapas onde poderei ensiná-lo a usar o poder da mente. Quando poderá sair e fazer o que quiser com esse aprendizado. -Anão abra a porta! -Bernard saia devagar, e não abra os olhos imediatamente.

Bernard saiu sujo e barbudo, o anão pôs as mãos sobre o nariz e se afastou.

Malzabetec não manifestou nenhuma alteração na face, esperou Bernard se alongar e abrir gradativamente os olhos.

-Bernard agora você tomará um banho e dormirá em uma cama confortável, depois então se alimentará e me dirá todas as suas percepções e vivências enquanto esteve só.

Helen despertou e não encontrou Catherine no quarto, temeu então que Severo e Murdock a tivessem levado para o seu escritório. A partir dali ela estaria só e totalmente dependente das suas opções e atos.

Numa sala ampla e cheia de equipamentos estranhos Catherine estava sentada em uma poltrona e Murdock fumava e soltava, prazeroso, as baforadas para o teto em direção a luz tênue e amarelada da sala, que vivia sempre acesa, Severo lhe falava.

-Nós a trouxemos aqui e demos assistência e acolhida. Agora você tem um compromisso de gratidão para conosco e nós queremos exercer esse direito, em troca de alguns serviços.

-Quem disse que eu devo alguma coisa a vocês? Por terem me ajudado eu agradeço, porém isso não significa que eu tenha que prestar qualquer favor que seja a vocês como se isso fosse moeda de troca.

-De fato nada a obriga a isso, mas eu gostaria que você me acompanhasse. Queremos mostrar todas as dependências do casarão, quem sabe talvez assim você compreenda que o melhor caminho para você seria nos ajudar.

Os três se levantaram e seguiram pelos corredores até atingirem uma descida que se abria rocha adentro.

Desceram uma longa escadaria feita na pedra e ao final chegaram a um pátio onde várias celas guardavam seres disformes e em plena demência, amontoados e fétidos, esfarrapados, alguns blasfemavam e xingavam quando viram o grupo se aproximar, aos gritos eles esticavam os braços e pediam clemência a Severo e Murdock, outros pedia a Catherine que os tirasse dali, alguns com o olhar vidrado e longe nada viam.

Catherine tapou os ouvidos a evitou olhá-los diretamente correu para a base da escada e lá ficou chocada e trêmula.

Severo se aproximou e disse:

-Sabe por que eles estão aqui?

Mas ele não esperou por Catherine e ele mesmo respondeu.

-Porque se recusaram a colaborar conosco. Acho que nada mais precisa ser dito não é Catherine?

-Ela ainda sob efeito daquela visão, balançou a cabeça positivamente, depois falou.

-O que eu preciso fazer?

-Vamos subir e eu direi o que você deve fazer. Primeiro você irá aprender como fazer para se deslocar no espaço, a se ligar nos centros de energia de outro espírito ou encarnado. Irá aprender como influenciar os pensamentos deles. Depois queremos você junto a Wilbert e assim irá se juntar ao nosso grupo e submetê-lo a derrota. Vamos minando a sua resistência e a sua vontade, fazê-lo sofrer, fraquejar e vê-lo cair aos nossos pés e submetê-lo a toda sorte de humilhação e desonra.

De volta a sala de Severo ele iniciou as primeiras aulas e seguiu os ensinamentos por algumas semanas depois. Ela aprendeu tudo o que havia prometido a Severo.

Helen que fazia companhia a Catherine tentava alertá-la do risco que ela corria se submetendo a eles.

-Helen eu não tenho saída, não quero ser trancafiada com aqueles seres monstruosos, isso é muito maior que a minha vontade de lutar.

-Pois eu preferiria isso a ter que cumprir as ordens deles e comprometer a minha jornada de evolução. Nenhuma dor que possamos sentir pode ter uma importância maior do que a causarmos a outrem. Não temos esse direito de interferir no plano de vida de ninguém e muito menos na vida de quem amamos. Você não diz amar Wilbert?

-Sim eu o amei, mas ele não me quis e por isso estou aqui agora nessa situação.

-Não queira jogar a sua responsabilidade nele. Tudo o que você está passando é culpa inteiramente sua. Se você não resistir a Severo você terá sim uma vida infeliz e estará aumentando as suas dores futuras e um carma maior e o que fará? Jogará a culpa nele também?

-Eu não sei o que fazer estou sem forças e sem saída.

-Não está não, se você resistir poderá ter a ajuda dos amigos espirituais.

-Ora Helen você ainda está aqui não está? Porque eles não a tiram daqui logo?

-Eu sei que eles não me abandonaram. Na devida hora eu irei com eles. Sei que a logo sairei daqui e receberei outras missões, mas não vou sair daqui deixando para trás tantos outros aprisionados.

-Está bem eu vou fazer o que manda a minha cabeça. Agora me deixe dormir, por favor.

Helen ajoelhou-se e fez uma sentida oração pedindo por Catherine. Seu rosto suavizou-se e uma luz azulada e composta por milhares de micro luzes pairou sobre ele, mas Catherine não pode ver porque estava virada e adormecida.

Capítulo 19

Um mês depois Malzabetec determinava a primeira missão a Bernard.

-Vejo que você assumiu a responsabilidade de mudar a sua vida e com isso conquistar o direito de ser o meu auxiliar, assim você Bernard que tinha uma vida sem brilho e sem futuro poderá obter a vida indefinida e tudo o que desejar, basta que me obedeça e me seja fiel. Hoje você cumpriu uma segunda etapa de instruções e treinamento e por isso ganhará a oportunidade de me acompanhar numa visita a um país distante sem deixar essa sala. Você já pode executar esse procedimento basta que para isso deixemos o Anão tomando conta do salão e das camas onde nos deitaremos, não podemos ser interrompidos pois estaremos viajando em espírito e nossos corpos estarão expostos e vulneráveis. Você está pronto?

-Sim Malzabetec podemos ir.

-Então se deite e beba essa poção. Faça a sua mente deixar o corpo e espere aqui em espírito ao lado da cama.

Assim Bernard fez. Em poucos minutos o seu espírito deixava o corpo e se postava ao lado da cama esperando por Malzabetec, que logo saía também da prisão corpórea. Ele tomou a mão de Bernard e seguiram para a Inglaterra.

Seguiram para a casa de Bernard e se acomodaram a um canto da sala onde Suterland e sua esposa conversavam.

-Estou preocupada com a falta de notícias de Bernard. Neste momento até senti um arrepio ao pronunciar o seu nome, onde ele estará agora Suterland?

-Não sei exatamente onde, mas ele continua em Amsterdã, ele me disse que não precisa de nada e que não irá mais escrever.

-Por que isso?

-Ora Emily como se você não soubesse da forma de ser e agir do seu filho. Bernard nunca se mostrou emotivo e apegado a nós, sempre foi extremamente egoísta no que diz respeito a si. Nunca nenhum gesto de carinho ou de atenção para conosco, apenas voltado para a sua vidinha medíocre e desinteressada.

-Ora Suterland você não tem condição moral para falar assim de Bernard, pois ele se assemelha em muito a você. Que atenção ou carinho você me dispensa? Portanto não me venha falar da maneira como Bernard se conduzia. Ele, ao contrário, de você me tinha carinho sim.

Bernard olhava a discussão impassível até que sua mãe pronunciou aquela frase, um pequeno e quase imperceptível gesto de emoção denunciou um pouco do seu sentimento por ela.

Malzabetec o segurou pela mão e levitaram para longe dali e chegaram à chefatura de polícia.

Eles se aproximaram e ficaram próximos à mesa de Reynolds e viram quando ele abriu a gaveta e retirou uma pasta com o dossiê do caso Suterland, remexeu os papéis e parou pensativo, nesse momento Malzabetec fechou os olhos e emitiu pensamentos direcionados a Reynolds.

-Arquive esse dossiê, não vale a pena mexer mais com isso. O caso foi encerrado juridicamente. Não é saudável mexer com pessoas poderosas como Suterland.

Os pensamentos chegavam à mente de Reynolds como se fosse ele próprio pensando.

Acho que eu deveria mandar arquivar esse processo, pensou Reynolds. Malzabetec insistiu.

-Faça isso sim, é o melhor caminho. O que você ganhará com isso. -Está tudo acalmado, não mexa mais com isso.

Reynolds levantou-se pegou o processo e o colocou na gaveta de um armário.

Malzabetec sorriu e pegando a mão de Bernard foram a outro destino.

Severo mandou que Catherine pensasse firmemente em Wilbert. Ela fechou os olhos e apenas lembranças chegaram. Ele perguntou o que ela via e ela explicou que chegaram recordações. Ele a orientou que deveria querer firmemente estar com ele de novo, vê-lo senti-lo, tocá-lo.

-Deseje tê-lo. Disse ele várias vezes.

-Ela tentou mais uma vez e o viu. Ele sorria e estava em uma casa em Londres, uma casa desconhecida para ela. Ele estava com duas mulheres, conversavam e sorriam. Catherine estava numa escada quando as mulheres se levantaram e subiram, tentou se desviar, mas elas passaram literalmente através de seu corpo. Catherine assustou-se e levou as mãos ao rosto, tapou a boca para evitar um grito. As mulheres subiram e entraram no quarto. Catherine respirou firme e compassadamente para se recompor e pensou:

-Elas passaram por mim como se eu não existisse.

Tomada e de uma consciência repentina ela se deu conta que não era mais uma encarnada.

-Ah! Mas eu morri é por isso que elas não me viram.

Ela então sabedora que não era visível aos olhos delas, as seguiu. Parou diante da porta do quarto onde estavam e olhou pela porta ainda que um tanto cuidadosa. Viu então Yonah e uma mulher que ela

não conhecia arrumando roupas pequenas, de criança. Quando Yonah se virou pôde ver a barriga de gestante bem próxima de dar a luz.

Uma mão pousou sobre o seu ombro e Catherine se virou e soltou um grito. Às suas costas estavam Malzabetec e Bernard.

-Olá Catherine quem diria que eu um encarnado viria a estar com você em espírito.

-Como pode isso? Como você pode estar aqui agora?

Malzabetec falou então.

-Quem está aqui agora ou melhor o que está aqui agora é o espírito de Bernard e não o seu corpo físico. Estamos aqui os dois viajando no espaço assim como você, sendo que a diferença é que você não tem mais corpo e nós sim. O que nos une então é o ódio a Wilbert.

Yonah sentiu uma pontada e se sentou, o rosto contraído e a respiração entrecortada denunciavam o sofrimento repentino que a tomou. Como as mãos sobre o ventre como querendo proteger o seu bebê ela se deitou.

Sua mãe correu a ampará-la.

-O que aconteceu com você Yonah? Foi o bebê?

-Não mamãe foi uma sensação esquisita uma energia que está aqui na casa, uma sensação ruim.

-A mãe de Yonah ajoelhou-se e iniciou uma oração com as mãos dadas com as de Yonah.

-Jesus pai de todos nós, que estais no céu, proteja esses vossos filhos, que nada de mal praticam, que só desejam a felicidade de todos os seres e poder realizar seus destinos com paz e tranqüilidade. Olhai por nós bondoso pai. Que a sua luz ilumine não só a nós, mas aos que aqui estão também, mostrando os caminhos de vossa bendita sabedoria e amor.

Uma luz desceu sobre as duas mulheres e inundou o quarto, e atingiu os olhos dos três que olhavam hipnotizados aquela cena.

Catherine foi a primeira a correr, desceu as escadas e atravessou a porta e só parou longe cansada, quando a tosse a acometeu.

Malzabetec saiu e Bernard o acompanhou, os dois se reuniram à Catherine.

Malzabetec pôs as mãos sobre as costas dela que se acalmou de imediato.

-Vejam vocês que não somente nós temos os conhecimentos. Aquela luz é perigosa e deve ser evitada a qualquer custo.

-De onde ela é proveniente? Perguntou Bernard.

-É uma emanção mental dos chamados da luz. Aqueles que seguem as leis do Cristo Crucificado. Nós podemos executar as nossas intenções desde que sejam pelas aberturas mentais de fraquezas deixadas, mas não podemos querer enfrentar os que são do lado da luz. Eles têm muita força e poder, mas respeitam a livre escolha de cada um, assim deixam as coisas acontecerem desde que seja da opção de quem as pratica. Por isso seria bobagem gastarmos energias desnecessariamente enfrentando-os diretamente. O que devemos fazer é ficarmos atentos esperando as brechas para agirmos. Entenderam?

Os dois balançaram a cabeça afirmativamente.

Catherine porém não estava à vontade e pensou em dizer que não queria mais fazer aquele trabalho, quando viu que Wilbert saía e se dirigia a direção em que eles estavam. Ela deixou os dois falando e correu como um autômato. Wilbert tirou o casaco, ela então o abraçou. O corpo dele se arrepiou e ele pensou em Catherine um odor característico dela tomou o ar. Ele fez uma oração mental e pediu que Deus a afastasse dali, que a levasse para o lugar onde ela pudesse receber ajuda. Catherine se

sentiu arrastada como se um vendaval a carregasse. Caiu em uma alameda florida e gramada, o lugar era bonito e havia sol. A luz era bonita e suave, a claridade embora intensa não incomoda a ela que viverá os últimos tempos somente na escuridão e penumbra. Estava encantada com aquele cenário. Quantas surpresas. Onde estaria?

Capítulo 20

Malzabetec e Bernard se entreolharam quando viram Wilbert se iluminar devido à oração que fazia e Catherine desaparecer subitamente. Bernard quis saber o que acontecera.

-Foi mais um uso da oração, uma forma de energia mental emitida por Wilbert. Eu avisei a vocês para se manterem afastados e só trabalhar nas brechas deixadas por pensamentos de baixo nível energético, mas a estúpida emotiva não me ouviu e aconteceu o que você viu.

Bernard não gostou nada do tom empregado por Malzabetec para falar de Catherine, mas achou melhor não fazer críticas naquele momento, mas perguntou.

- Para onde ela foi?
- A estúpida foi seqüestrada pelos da luz. Talvez esteja em alguma colônia deles.
- E não vamos fazer nada para resgatá-la?
- Resgatá-la? Acho que você não entendeu. O que foi que eu falei sobre enfrentá-los de frente?
- Desculpe-me, já entendi.
- É bom que entenda, não gaste a sua energia e concentração com ela. Você a ama, mas amor aqui somente serve para desviá-lo do nosso objetivo maior. Esqueceu?
- Não, não esqueci.
- Essa mulher nunca o amou, ela só tinha olhos para Wilbert, esqueceu? Malzabetec falava pausadamente e colocava energia em cada palavra pronunciada, queria chamar o seu pupilo à razão. Sentia que ele estava fraquejando devido ao seu sentimento por Catherine, e usava então seus conhecimentos para mexer com os seus brios.
- Por um momento esqueci sim, mas a partir de agora não mais o farei.
- Vamos voltar então, estamos há muito tempo fora dos nossos corpos, e isso não é uma boa prática.

Wilbert depois da oração subiu e procurou Yonah, ele a encontrou deitada, com a sua mãe sentada ao lado da cama.

Ele correu e a beijou nos lábios.

-O que aconteceu?

-Nada de mais, apenas uma indisposição.

-Mas deixei você tão bem.

-Meu bem, gravidez é assim mesmo, muda como a lua, não fique preocupado. Disse Yonah.

-O que a senhora acha Dona Mathilde?

-Nada que uma oração não resolva, disse ela com um sorriso terno.

Capítulo 21

Catherine fez a pergunta em alto tom.

-Onde estou?

Um homem vestido de branco se aproximou e a levantou.

-Seja bem-vinda a Casa da Luz.

-Casa da Luz? Vocês são os que adoram o Cristo-Crucificado?

-Se é assim que você nos chama seria um prazer saber que é isso que pensa, mas não o adoramos apenas o temos como símbolo, como objetivo maior a seguir.

-Mas por que aqui tudo é tão colorido e suave? Nunca vi cores tão vivas e tantas variedades de tons, tanta beleza, tantas flores e pássaros como os daqui, este céu e de um azul novo.

-Vamos dizer que a energia aqui propicia essas nuances, digamos que ela faz como que as coisas se façam diferentes. Quem sabe se você ficando aqui não poderá saber mais sobre tudo.

-Mas como eu vim parar aqui?

-Foi uma conjuntura de acontecimentos, desejos e vontades. Os acontecimentos em que você se envolveu, o desejo de Wilbert, Helen e o de Alfred e no fundo da sua alma você não queria estar lá, digo de onde veio.

-E Helen, por que ela não veio também?

-Ela é o nosso anjo lá na mansão do Severo e Murdock tirá-la de lá agora seria deixar algumas dezenas de infelizes desamparados, sem sua proteção e luz. Lá ela estará crescendo, ajudando a si e nos ajudando também. Lá ela faz aquilo com amor, e esse é o seu desejo. Agora vamos, quero lhe apresentar alguns amigos daqui.

-Todos aqui são assim como você? Calmos, passando paz, tranquilidade?

-Aqui há harmonia e união, trabalhamos sempre pelo benefício de todos, assim logicamente, colhemos também o que de benefício doamos, mas você mesma verá como isso acontece aqui.

-Então vamos sim.

Roy tomou a mão de Catherine e foram pela alameda em direção ao prédio principal.

-Este é o nosso líder e responsável por essa colônia espiritual. Falou Roy.

Catherine foi apresentada a um homem que ela sabia conhecer, mas que naquele momento não conseguia lembrar, ele estava vestido de branco e tinha uma face suave e um olhar firme e direto ele encarou Catherine e a sua voz mansa falou:

-Seja bem-vinda irmã! Você já era aguardada ansiosamente por nós. Esperamos que agora, aqui junto

a nós, você possa compreender muitas das coisas que envolveram a sua vida e sentimentos. Que assim você possa avaliar e tomar novas atitudes de vida.

Catherine o observava atenta e buscava intensamente lembrar quem era ele. Um momento de espanto a fez soltar um pequeno grito de surpresa – Alfred.

-Sim Catherine sou eu Alfred, estamos mais uma vez juntos.

A vida é assim reúne aqueles que por circunstâncias, naturezas afins, e relações contínuas tenham missões a cumprir e regastes a realizar juntos. Ele levantou-se e foi ter até ela, colocou as suas mãos em sua cabeça. Ela teve um pequeno tremor e chorou. Ele a levantou e lhe disse - Você ficará aqui conosco se quiser, mas acho que já é tempo de mudanças, a repetição de um mesmo erro somente nos faz patinar sem que avancemos, mas nós e nosso irmão Jesus daremos as mãos a você e vamos conduzi-la dessa vez.

-Ela se levantou e pediu a Alfred.

-Não me deixe fraquejar de novo Alfred, ajude-me.

Catherine nós a apoiaremos dando-lhe forças e incentivo, porém a maior parte do esforço é seu, peça que não pense mais em Wilbert, que se desligue das coisas que ficaram, pois se assim não o fizer poderá voltar a sofrer mais uma vez pela razão dos mesmos erros. O círculo vicioso deverá ser rompido, nós já fizemos isso mas ainda falta você, Severo, Murdock, Starton e alguns outros. Quanto tempo perdido, quantas dores poderiam ser evitadas, acho que já é a hora de você mudar esse padrão com atitudes novas.

O que a mantinha ligada à dor era seu pensamento, o que a manterá ligada na dor será o seu pensamento, ele é que a vincula ao passado e aos que ficaram na Terra, se você fraquejar abrirá um canal de comunicação com eles do grupo de Starton. Faça da oração sua arma, sua força e busque nela o seu refugio e ela a manterá equilibrada e forte. Oraí e vigiai, foi o que disse Jesus, pois faça isso então. Nosso irmão Roy a levará a uma de nossas alas de serviços e você à nossa colônia.

Roy conduziu Catherine a um prédio de mármore branco e cercado de jardins, as portas eram de vidro, coisa que Catherine nunca tinha visto e elas se abriram à aproximação deles, espantada ela não tinha tempo para absorver tudo que a cercava.

-Essa é nossa nova hóspede, Catherine. Assim Roy a apresentou a Myrtes e a Dayne.

-Ela ficará aqui com vocês para que se adapte ao lugar e a função. Mostre a elas o que vocês fazem e onde ela se alojará.

-Seja bem-vinda, aqui é a enfermaria secundária, onde recebemos os enfermos da enfermaria principal, ou seja aqueles que já estão em uma fase mais branda das doenças do mudo dos encarnados, aqui eles já estão e um momento próximo de despertarem do seu sono provocado pela ignorância da morte ou pela aplicação de passes magnéticos que os deixaram nessa situação.

-Mas eles dormem porque pensam que estão mortos?

Sim Catherine, os que acreditam que a morte é o fim de tudo, muitas vezes induzem mentalmente a si que o fim é o sono eterno, é o nada, a escuridão final, porém suas mentes estão ativas e no momento em que eles usarem os seus pensamentos descobrirão que na morte não deveria haver mais nada nem pensamentos e se estão pensando logo estão vivos e isso os despertará.

Malzabetec resolveu com Bernard que iriam voltar à Inglaterra e morar nos arredores de Londres, pois de lá poderiam estar fisicamente mais perto de Wilbert e assim atuarem mais, causando-lhes os maiores danos possíveis.

A carreira profissional de Wilbert ia de vento em polpa, ele era brilhante e culto, profissional extremamente dedicado às causas que lhes eram postas nas mãos. Jacob sabia que essa qualidade não poderia exigir dele a sua presença e os seus serviços cem por cento e por isso preferia tê-lo o quanto pudesse, assim ele montara um escritório de advocacia em parceria com Wilbert onde ele trabalhava as suas causas particulares e as de Jacob.

O bebê de Wilbert e Yonah nasceu menino, forte e bem de saúde, logo se tornou o centro das atenções e uniu mais ainda o casal pois para eles aquele era um sinal de Deus expressando por meio daquela criança sorridente o seu acolhimento e a sua proteção aquele amor, mas como o mal não dorme Malzabetec e Bernard estavam desembarcando na Inglaterra.

Malzabetec procurou informações sobre onde morava e trabalhava Wilbert.

A idéia era saber as suas rotinas e diminuir os riscos quando fossem por em ação os seus planos.

Malzabetec orientou a Bernard que não procurasse a sua família, ele deveria estar concentrado e oculto afinal ele era procurado pela justiça. Bernard deixou a barba crescer e evitava sair durante o dia e passava a maior parte do tempo lendo os compêndios e anotações de magias que eram de seu mestre e enquanto as informações iam sendo colhidas e repassadas ele ia delineando uma forma de atingir Wilbert. Na sua mente adoentada isso não seria de uma maneira superficial e passageira, ele desejava que fosse de uma forma definitiva e se possível cruel.

Quando esses pensamentos afloravam e a energia deles ultrapassava o espaço do ambiente e eram levados por sintonia ao encontro de Severo e Murdock, eles por sua vez, alimentavam os pensamentos de Bernard mantendo um estreito vínculo de ligações perispirituais onde uma verdadeira rede de energias magnéticas se retro-alimentavam. Toda a estrutura inclusive predial onde os dois habitavam era mantida por força de energias desse tipo, que davam matéria para a construção de tudo que ali existia. Os canais de comunicação entre eles era quase que constante, assim Severo era atraído por ele e o orientava mentalmente sobre as mais variadas formas de atingir Wilbert e a mais terrível era a sugestão de feri-lo por meio daqueles que ele mais amava, Yonah e seu filho. Bernard acatou a sugestão e comeu a formular uma maneira de fazer isso acontecer.

Reynolds mantivera uma amizade com Wilbert e com ele aprendia mais sobre a nova doutrina codificada por Kardec. Quando Wilbert dispunha de tempo nos finais de semana o convidava para

trocarem informações e considerações sobre a doutrina. Durante essas conversas a figura de Alfred se impunha e o assunto sobre o incêndio da loja voltava à tona. Reynolds falou.

-Algumas vezes os pensamentos de arquivar o processo me vêm, mas não me conformo que esse caso tenha sofrido tantas interferências e tenha ficado em situação de pendência, não queria nem por mim nem pelas circunstâncias que isso acontecesse.

-Reynolds, você agora que está tendo um convívio mais estreito com a doutrina espírita, deve saber que o tempo de Deus é diferente do nosso, as coisas são aparentemente assim como você descreveu, porém se for da vontade dele que esse caso se desvende, pode ficar tranquilo que isso ocorrerá.

-Mas ele quer Wilbert?

Wilbert que sempre se divertia muito com as maneiras de Reynolds, respondeu.

-Pergunte a ele, ou você não sabe conversar com ele?

Sutherland escapou por ter se ocultado sob a proteção dos seus pares, membros do parlamento, e o seu filho porque fugiu, mas se Deus quer que eu os encontre e devido a minha vontade de que isso aconteça, eu sei que acontecerá.

Capítulo 22

Catherine mesmo dedicando-se com firmeza e buscando ser útil ativamente aos trabalhos da enfermaria, não conseguia desligar-se de pensar em Wilbert. A força de uma paixão que ainda queimava o seu ser parecia não ter fim e a fazia sofrer. Muitas vezes deitava e na solidão do seu leito chorava amargas lágrimas de saudade e de desespero, então se levantava e ajoelhada orava a Deus pedindo que ele a livrasse daquela angústia e prisão, mas enquanto pedia expressando com palavras o seu coração sofria por não tê-lo e o desejava. O conflito era doloroso e verdadeiramente ela estava

dividida, não dizia a si que o desejava, mas não precisava pois em seu espírito essa força era viva. A cada vez que isso acontecia ela ia enfraquecendo o seu poder de lutar e aos poucos os seus pensamentos estavam desejando estar perto dele. Um dia ela deitou e visualizou Wilbert ao seu lado e sentiu o seu perfume, na sua ilusão ela estendeu os seus braços para alcançá-lo. Não soube como, mas naquele momento não estava mais na sua cama. Wilbert que dormia sonhou que estava sentado à beira de um rio e olhava as águas claras e cristalinas passando, o sol era bom e reluzia nas pequenas marolas provocadas pelas pedras que formavam obstáculos ao seu fluir. Ele desceu e pôs os pés na água e a sentiu fria, mas agradável. O contraste entre o calor do sol no seu rosto e a água fria o deixava em estado de absoluta abstração, era como se ele não estivesse ali e nisso ele sentiu um abraço que o tirou do seu transe, abriu os olhos e era noite e os braços desconhecidos o abafavam, nessa angústia para se livra deles e ele acordou. Ao seu lado sem que ele visse estava Catherine. Chorosa e lastimando o mal que ela sabia estar causando a ambos. Ela estava perturbada e perdida queria voltar e não sabia como fazer, mas ao olhar Wilbert desistiu, disse a si e mesma que ficaria ali ao seu lado.

Wilbert intuiu que era ela quem o abraçava em seu sonho e orou pedindo a Deus que tivesse piedade dela, que a orientasse e iluminasse, que a conduzisse para um local de ajuda.

Ela não sabia porque mesmo Wilbert não a querendo emitia uma luz de ternura. Foi então que uma mão amiga pousou sobre o seu ombro.

-O que faz aqui Catherine?

-Helen, minha amiga quem a mandou aqui? Você entendeu o meu sofrimento e veio em meu auxílio?

-Sim minha amiga foi isso que eu vim fazer, mas quem me trouxe aqui de fato foi uma oração. Wilbert pediu por você sim, mas como um irmão.

Catherine chorou muito caída aos pés de Helen.

Eu vou ajudá-la amiga, não chore, você ainda pode reverter tudo isso, apenas não se desespere. Desespero não nos ajuda em nada, assim também como a ilusão, ele é um dos maiores males da humanidade. Seque os seus olhos e apague as ilusões desse pobre coração. Infelizmente não tenho como ir com você para a Colônia e não tenho como fazê-la voltar, então vou escondê-la lá na mansão de Severo. Você não pode ficar por ai exposta e fragilizada.

Capítulo 23

Malzabetec e Bernard conversaram e definiram um plano maquiavélico e cruel que consistia em para acabar de vez, com Wilbert, denegrindo a sua imagem, destruindo seu patrimônio e atacando a sua família e iniciaram as ações quando Malzabetec contratou Ingrid, uma mulher de caráter e vida duvidosos, que era constantemente vista freqüentando as celas das delegacias policiais por roubo, furto e outros delitos. Ela era uma mulher que se especializou em dar golpes financeiros em homens idosos e que tentou fazer o mesmo com Malzabetec, mas ele percebendo os seus intuitos a ao invés de puni-la a deteve e fez uma proposta de trabalho. Ele queria que ela se tornasse íntima dos dois e participasse da execução do plano.

Ingrid orientada por Malzabetec foi ao restaurante onde Wilbert e Rosenberg almoçavam com mais freqüência e procurou a mesa onde eles estavam, sentou-se próximo a eles e passou a observá-los com insistência. O primeiro a perceber os olhares persistentes foi Rosenberg, que fez o comentário com Wilbert, que discretamente a olhou e fez a constatação. Rosenberg perguntou ao garçom se a conhecia e ele disse que não, que era a primeira vez que a via. Disse que não era comum que senhoras desacompanhadas freqüentassem o restaurante. Rosenberg convidou-a então por meio do garçom para fazer parte da sua mesa e ela aceitou.

Eles se apresentaram e ela disse que era da Tchecoslováquia e que viera a Londres resolver uns negócios para o seu velho pai que estava à morte e que estava morando com um tio e um primo, próximo a capital.

Conversavam animadamente e ela perguntou o que eles faziam. Rosenberg disse que eram advogados e ela manifestou a necessidade de dispor dos serviços de um escritório. Rosenberg interessado nela rapidamente se colocou a disposição para tanto.

De fato Malzabetec tinha posses em Londres e arredores e não seria difícil para eles engendram uma falsa necessidade de serviços do escritório e assim marcaram um encontro de negócios no dia seguinte.

Ingrid falou para eles que dispunha de algumas terras próximas a cidade que precisavam ser legalizadas, pois os impostos estavam em atraso e seu tio desejava pôr tudo em ordem antes de sua morte. Pediu a Wilbert que fosse com ela para conhecer as terras e ver em que situação elas estavam, já que pouco conhecia da cidade.

Rosenberg se dispôs prontamente a acompanhá-la, o que desagradou sobremaneira a ela, que ainda

discretamente tentou fazer com Wilbert ou ainda os dois fossem com ela, mas Wilbert argumentou que não seria bom os dois se ausentarem e que ele tinha uma família e um bebê, e que se não fosse isso e se Rosenberg não estivesse disponível ele teria prazer em acompanhá-la.

Eles foram e durante a viagem Ingrid aproveitou e procurou saber mais sobre Wilbert. Rosenberg encantado pela beleza da moça a tudo respondia sem desconfiar de nada.

Ingrid levou outras necessidades de serviços a eles e tornou-se uma freqüentadora assídua do escritório.

Rosenberg, pela insistência, foi se aproximando dela e iniciaram então um namoro formal. Ela passou a freqüentar a casa de Rosenberg e a de Wilbert.

Um tarde eles estavam reunidos quando foi anunciada a visita de Reynolds. Ingrid preocupada quando soube que Reynolds era um policial e tentou se manter afastada dele. Inicialmente ele achou que fosse apenas uma timidez dela, mas seu faro e instintos de longa data de serviços o fizeram compulsivamente procurar a presença da moça buscando conversar.

Ela, Rosenberg e Yonah estavam sob a sombra de uma árvore quando ele se aproximou.

-Senhorita Ingrid, a senhorita me disse ser da Tchecoslováquia, mais precisamente de que região?

Ela pigarreou sem saber o que dizer, mas vivida, logo achou uma saída.

-Eu sou da capital. Disse sem procurar se alongar muito.

-Fui a Praga duas vezes e gosto demais daquela cidade. Fui uma vez na primavera e outra no verão, gosto muito dos prédios históricos e das pontes, dos bares a beira do rio. Conheço Praga como a palma da minha mão. De qual bairro a senhorita disse mesmo que é?

-Eu não disse nada sobre isso. Eu nasci em Praga, mas muito pequena sai para Paris e somente agora voltei devido à doença do meu pai.

-Sei, e a senhorita veio a Londres para resolver os negócios do seu pai?

-Sim senhor.

Rosenberg viu que Ingrid estava incomodada e foi em seu socorro.

-Reynolds você esta interrogando a minha namorada?

-Longe de mim meu caro Rosenberg, apenas queria reavivar as lembranças de uma terra mágica. Desculpe-me senhorita, não era a minha intenção incomodá-la.

Mas para não perder a oportunidade emendou.

-Mas qual é a sua família?

Ingrid se engasgou com o refresco e pediu licença para sair. Rosenberg a acompanhou e Wilbert com um sorriso perguntou.

-Você não poderia deixar um pouco a sua profissão de lado, pelo menos hoje?

-Não é que eu não possa, mas qualquer pergunta que eu venha a fazer será considerada por vocês como parte de um interrogatório?

Wilbert riu e Reynolds falou.

-Eu não sabia que Rosenberg estava namorando.

-Nós a conhecemos no Golden, ela estava lá sentada olhando insistentemente para a mesa onde estávamos e Rosenberg a convidou para sentar-se conosco. Ela precisava de serviços advocatícios e foi assim que ele se entusiasmou por ela.

-Muito conveniente não?

-Como assim Reynolds?

-Rosenberg é um homem rico e o que uma mulher estaria fazendo sozinha em um restaurante?

-Ora Reynolds faça-me um favor. As coisas estão em evolução, hoje já vemos mulheres em várias atividades que se diria da alçada dos homens, já temos mulheres na Universidade e buscando direitos além dos que sejam os de ser mãe e cuidar dos seus lares. Falou Yonah.

-Pode ser Yonah reconheço esses avanços, mas não é disso que falo especificamente, vejo nessa moça alguma coisa que não casa com o seu discurso. Vocês sabem mais sobre ela?

-Bom Reynolds, somente o que contamos. Fomos regularizar os impostos e taxas de um terreno e alguns imóveis que ela disse ser do seu parente.

-Qual o sobrenome dele?

-Logan, mas deixemos isso para depois eles estão voltando e não queremos tornar desagradável a nossa reunião.

-Está bem.

Capítulo 24

Ingrid contou a Malzabetec e Bernard sobre o encontro com Reynolds.

-Eu achei que esse namoro não seria uma boa idéia. Você assim se expõe e acabará por nos expor também.

-Calma Bernard, temos que nos conduzir com equilíbrio e determinação. Ingrid estando perto de Wilbert é um fato positivo, assim ela nos trará sempre notícias e será nossos olhos vigilantes. Já expliquei que você deve usar a sua concentração, mas você ainda em determinadas situações a perder. Temos o que temos, as circunstâncias não podem ser totalmente administradas, assim vamos fazendo uso do que dispomos, o plano inicial saiu um pouco da rota, mas nada que não possamos cuidar.

Por um momento Malzabetec fechou os olhos e ficou em silêncio. O seu rosto magro e ossudo ficou imóvel e o seu corpo se ajeitou rito e ereto, nem um músculo se mexia e sua respiração estava como que parada. Ingrid o olhava buscando um movimento, mas nenhum conseguiu constatar. Ela desviou dele o olhar, ela o temia e só entrou naquele acordo pois se viu sem saída, além de ter sido descoberta por ele ainda poderia ganhar um bom dinheiro, porém o seu desejo de fato era sair dali e sumir.

Malzabetec lançou o pensamento buscando Severo e Murdock. Severo logo o sintonizou e respondeu mentalmente.

-Sim meu Senhor Starton.

-Severo, quero que você siga um homem, um policial amigo de Wilbert, chamado Reynolds, veja tudo o que ele faz e me informe. Eu poderia fazê-lo, mas quero estar livre para outras ações. Malzabetec desanuviou as feições e tornou a falar.

-Severo irá seguir Reynolds e nos informar de tudo.

-E eu Malzabetec? Perguntou Bernard.

-Você ficará aqui logo terá trabalho para fazer.

-Mas eu quero poder atingir Wilbert olhando nos seus olhos.

-Você terá esse prazer em breve.

Intimamente Bernard ainda não estava satisfeito com as suas funções, queria ação e maior participação nas ações, tinha presa em se ver livre de Wilbert e seguir sua vida.

Reynolds começou a investigar Ingrid e descobriu que ela não era quem dizia ser e sim uma ladra acostumada a pequenos golpes e que tinha algumas passagens pela polícia. Precisava agora saber se ela estava sozinha e qual o seu interesse em Rosenberg. Estava desconfiado que alguma coisa maior estava por trás da entrada dela na vida deles. Pediu que um policial a seguisse, ele descobriu que ela tinha ligações diárias e constantes com dois outros homens e que estava morando perto de Londres a alguns minutos da cidade.

Reynolds queria saber quem eram os dois e foi ter com o policial até a localidade onde eles estavam morando, ficou uma manhã observando a casa e viu quando Malzabetec saía. Pediu ao policial que o seguisse e esperou para ver o outro que vivia lá. O tempo passou e nada aconteceu. Ele resolveu então se aproximar da casa e não ouviu movimento interno. Circulou a casa e olhou pela vidraça e viu um homem sair de um porão. Ele fechou a porta e depois colocou um tapete e uma mesa sobre ela. Era um homem barbudo, mas que tinha algo de conhecido. Reynolds resolveu sair dali e voltar à chefatura. Perto dele o seguia o vulto de Murdock que o vigiava há alguns dias.

A caminho da chefatura Reynolds se esforçou para lembrar de onde conhecia aquele homem, mas apesar do esforço não conseguiu, pensou que poderia ser algum dos meliantes que conhecia, mas como eram muitos não conseguiu lembrar quem era. Resolveu então relaxar, pois assim logo lembraria.

Murdock entrou em comunicação com Severo e relatou tudo o que vinha acontecendo e Severo buscou comunicação com Malzabetec, que mentalmente recebeu as notícias que o deixou preocupado e apressado em voltar para casa, precisava providenciar logo a sua saída e a de Bernard de lá.

Bernard ficou agitado quando soube das notícias e mais uma vez culpou Ingrid pela situação que estava acontecendo.

Malzabetec o recriminou e os dois discutiram.

-Nós ainda não avançamos em nada, pelo contrário só estamos dando condições para sermos descobertos.

-Eu sou seu mestre e exijo respeito. Vamos Bernard.

-Desculpe Malzabetec, mas por mim eu já teria executado Wilbert e à minha maneira.

-Quero fazer uma coisa limpa e sem provas que nos incriminem. Por outro lado não estamos apenas lidando com Wilbert e Reynolds, há também as forças de Alfred que você não sabe, mas interferem a cada vez que nos descontrolamos. Vá arrumar as suas malas e ao anoitecer sairemos sem que sejamos vistos. Preciso sair e resolver para onde iremos, contratar um transporte para levar as nossas coisas.

Malzabetec saiu e Ingrid chegou.

-Onde está Malzabetec? Quero falar com ele.

-Fale comigo ou será que não presto para você.

-Do que você está falando Bernard?

-Do seu envolvimento com ele.

-Fale mais claro ainda não estou entendendo o que você que dizer.

-Vamos ter que fugir daqui hoje.

-Mas porque Bernard?

Porque você foi fazer o que não devia, foi se envolver com Rosenberg e Reynolds nos descobriu aqui.

-Eu fiz apenas o que você queriam.

-Nós queríamos que você ficasse por perto e descobrisse o máximo possível dos dois e isso não significava namorá-lo.

-Estou tentando ajudar e você que fica trancado o dia todo, sem nada fazer, a se achar melhor do que eu e a me criticar?

Os olhos de Bernard brilharam e assustaram Ingrid que, vivida, sabia o que representava aquele brilho. Ela se levantou para sair e ele a segurou pelo braço, ela tentou se livrar dele e ele a segurou com mais força, uma força que ela não imaginava que ele tivesse.

-Largue-me se não vou contar a Malzabetec.

Essa frase parece que mais o irritou, ele a agarrou pelo pescoço e a levantou do chão.

Os olhos dele ficaram no nível dos dela, e ela pôde ver o brilho de loucura e de morte.

-Fale de novo que vai contar a Malzabetec, sua ladra vagabunda.

Ingrid assustada esperneou e já ficando sufocada procurou com as mãos algo que pudesse usar como defesa para se livra dele. Apalpou uma garrafa que estava sobre a cômoda e a pegou, usando as últimas forças o atingiu na cabeça. As mãos afrouxaram a pressão em torno do pescoço e Ingrid que caiu. Ficou alguns minutos tentando buscar o ar e flexionando o pescoço. Bernard caiu ao lado dela desacordado. Ela apalpou os seus bolsos e pegou o dinheiro que achou e um relógio de ouro levantou-se e foi em direção à porta e a abriu. Esse foi o seu último gesto espontâneo nessa vida, uma faca atravessou o seu pulmão e o coração pelas costa. Ela não teve tempo de soltar nenhum som, nem expressar nada.

Mais tarde Malzabetec, voltou acompanhado de uma carruagem.

Tentou entrar e não conseguiu abrir a porta, deu a volta e entrou pela porta dos fundos e o espanto o acometeu ao ver sobre o tapete o corpo de Ingrid. Procurou por Bernard e não o achou. As malas estavam sobre a cadeira. Isso preocupou Malzabetec pois deu a atender que ele saíra às pressas. Malzabetec pagou o cocheiro e o dispensou. Levou o corpo de Ingrid até o porão e cavou uma cova e o colocou dentro.

Era sábado, Wilbert e Rosenberg precisaram adiantar um processo, saíram pela manhã e se encontraram no escritório.

-Como você está Rosenberg?

-Tudo bem meu amigo.

-Não parece. Vamos me diga o que aconteceu? Você não sabe esconder nada.

-Não é nada Wilbert.

-Bom se não quer me contar então tudo bem.

-Desculpe-me, você é o meu amigo querido, aliás, mais do que isso, você é o meu irmão.

-Obrigado Rosenberg, eu também o considero um irmão, mas isso não me dá o direito de invadir a sua privacidade.

-Não diga isso Wilbert é que fiquei preocupado, pois Ingrid marcou comigo um encontro ontem à noite, eu iria apresentá-la aos meus pais e ela não apareceu.

-Mesmo Rosenberg? Mas isso é de fato estranho.

-Eu queria ir até a casa onde ela disse estar e ver o que aconteceu.

-Faz bem sim em ir, assim que eu terminar os argumentos de defesa eu vou para casa e o espero para almoçarmos.

-Então vou sim, esperem por mim, vou levá-la também.

Assim Rosenberg saiu.

Wilbert trabalhava quando em seu pensamento veio a imagem de Yonah, sentiu uma grande ternura e deu um sorriso de felicidade. Agradeceu à vida por tê-la encontrado e bendisse o amor que os dois podiam experimentar junto. Pensou no seu pai Alfred e por um momento lamentou por tê-lo perdido, mas Deus o tinha compensado trazendo Yonah e seu filho. Uma brisa cálida e perfumada chegou e o envolveu. Ele terminou o trabalho, arrumou as suas coisas e foi para casa.

Helen acordou e desceu até a cela onde escondeu Catherine e a encontrou chorosa e quis saber o que aconteceu.

-Eu acordei assustada, pois sonhava que eu vivia em um castelo e estava grávida e que o bebê só seria para minha vida um estorvo, pois eu vivia na dependência do senhor do castelo e não queria ser preterida se ficasse grávida. Eu saía numa noite chuvosa e fui a procura de uma mulher que me deu umas ervas que provocou o aborto. Mesmo abortando o bebê eu não conseguia me ver livre dele, o pensamento da morte dele me acompanhava. Depois eu me via no leito de morte e ele estava ao meu lado e era um rapaz bonito e gentil me dizia que mesmo eu não o querendo que ele me tinha amor e que iria estar ao meu lado sempre. Num outro momento do sonho eu o via nascendo e que o seu pai era Wilbert e a mãe outra mulher, que parecia Yonah, mas não sei, não via o seu rosto. Ainda mais adiante eu o via em perigo e ele me pedia ajuda, eu estendia as mãos para ajudá-lo e ele desaparecia. Estou agoniada, preciso saber o que é que está acontecendo. Se ele é o filho de Wilbert eu preciso ir ajudá-lo algo grave está para acontecer. Helen por favor, me ajude.

Rosenberg estava escondido entre os arbustos da casa de Wilbert quando avistou Yonah e sua mãe com um bebê ao colo. As duas conversavam e caminhavam por entre as árvores. Estavam felizes sorriam divertidas com o bebê. Ele balançava os braços e sorria apontando para tudo, tentando se comunicar com a mãe. A cena era cândida e enternecia a quem a visse, mas aos olhos de Bernard somente causava repugnância e aversão. Isso precipitou os fatos. Ele com o ânimo alterado se descuidou e sem querer se mostrou. O bebê o viu e o apontou, Yonah olhou na direção do arbusto onde ele estava e gritou ao avistá-lo. Surpreendido ele se levantou de um salto e partiu em direção a Yonah com uma arma em punho. Ela protegeu o bebê e ele tentou tirá-lo dos braços dela. A mãe de Yonah o agarrou pelo casaco e ele a empurrou, ela caiu e não pôde se levantar. Yonah então o atacou com o braço livre, ele revidou e a atingiu o com a coronha do revólver. Enquanto ela caía, ele pegou o bebe de seus braços e correu, mas foi detido ao ver Wilbert à sua frente.

-Pare e devolva o meu filho!

Bernard desafiou Wilbert, o enfrentando com um sorriso provocativo, os cabelos desganhados pela noite que passou na mata e a barba espessa não deixaram que Wilbert o reconhecesse como Bernard. Ele levantou o bebê e ameaçou lançá-lo em direção a um barranco próximo de onde estava.

Wilbert preocupado que ele de fato cumprisse o que dizia recuou, mas uma voz falou por trás de Bernard.

-Seu bandido, demorou, mas eu lembrei de você, eu o reconheço, sei quem você é. Você não sairá daqui com o bebê, portanto não faça nenhuma bobagem. Vamos conversar com calma. Falou

Reynolds.

-Não tenho nada a tratar com você e se não sair da minha frente matarei o bebê.

-Você não matará o bebê, o que você ganhará com isso?

-Eu verei a dor e o desespero nos olhos de vocês e isso já me bastará. Disse Bernard soltando uma gargalhada que congelou Wilbert fazendo com que ele compreendesse que aquele homem desconhecido falava a verdade e assim então procurou ganhar tempo.

-Não seja covarde, deixe o bebê e eu irei com você. Disse Wilbert.

Reynolds procurava uma posição melhor para atacar Bernard, quando então Rosenberg chegou sem se dar conta do que acontecia e gritou fazendo com que isso assustasse Bernard e que num movimento brusco, compulsivo, atirasse nele e o atingisse. Reynolds avançou para ele e também foi atingido por outro tiro disparado por Bernard. Wilbert tentou também avançar e Bernard gritou.

-Parado, parado ai mesmo onde você está.

-Agora se afaste para o lado. Wilbert obedeceu. Bernard então correu e se embrenhou na mata carregando a criança.

Wilbert gritou para os vizinhos, que já se acercavam da casa e pediu que o ajudassem os feridos. Ainda vacilou sobre o que fazer, ajoelhou-se ao lado da sua amada Yonah e apoiou a sua cabeça sobre as mãos. O sangue escorria da sua testa, ele tirou um lenço e limpou o rosto dela.

-Yonah querida você me ouviu?

-Ela abriu os olhos e falou.

-O meu bebê onde ele está?

-Calma Yonah eu vou buscá-lo, logo ele estará aqui conosco.

-Vá Wilbert traga nosso bebê. Eu vou ficar bem. Vá Wilbert traga nosso filho de volta.

Wilbert deixou Yonah com a mãe e correu pela mata em busca de Bernard.

Os vizinhos acudiram Reynolds e Rosenberg, este estava ferido no ombro. A bala entrou e saiu, não ficando alojada no corpo e ele já estava sentado sendo atendido. Aconteceu que ele saiu em busca do falso endereço dado por Ingrid, quer era o de um pequeno hotel onde ninguém soube dar informações sobre ela, na verdade ela nunca esteve hospedada lá, a sua intenção era ter um endereço para informar, mas onde ninguém a encontrasse. Ele ficou decepcionado e ainda insistiu com os empregados, mas nos registros nada constava sobre ela e nenhum deles lembrava dela pela descrição apresentada por Rosenberg. Ele então resolveu voltar e ir para a casa de Wilbert, quando chegou encontrou aquela cena entre Wilbert, Reynolds e o homem que segurava o bebê, que depois veio a saber que era Bernard.

Reynolds estava ferido com gravidade no peito e já havia sido levado para o hospital, onde estava sendo atendido. Os médicos entendiam que ele por ser um homem de idade média e por ter uma compleição forte deveria ter boas chances de superar o ferimento que por pouco não atingiu o seu coração.

Reynolds estava na chefatura quando abriu a gaveta da sua mesa e viu o dossiê sobre o caso Sutherland, de imediato recordou do homem barbudo da casa que ele esteve vigiando Malzabetec, e esse homem era Bernard. Ele então pegou a sua arma e com dois policiais foram até a casa de Malzabetec para prender Bernard. Quando chegaram não havia ninguém. Eles entraram e percorreram os cômodos e nada encontraram, mas os olhos treinados de Reynolds verificaram que na base da porta da entrada principal havia respingos de sangue. Ele se abaixou e viu que havia ainda sangue na base da poltrona e no chão como se um corpo tivesse sido arrastado. Ele seguiu os

vestígios e viu que terminavam onde vira Bernard saindo do porão. Puxou então a mesa e o tapete, depois abriu a portinhola e desceu junto com os policiais escada abaixo. O chão era de terra e ele verificou que a terra fora remexida recentemente. Ordenou que os policiais cavassem o local e deram então com o cadáver de Ingrid.

Reynolds preocupado com aquele assassinato se lembrou que Bernard era um inimigo mortal de Wilbert e resolveu ir até a sua casa e avisá-lo que ele poderia estar correndo perigo, mas ao chegar viu que estava atrasado, Bernard chegara antes que ele.

Capítulo 25

Bernard corria e a princípio pensou em se livrar do bebê, mas dentro de si algum fio ainda de humanidade se acendeu e mexeu com seu ser. Arrependido de ter trazido o bebê não conseguia agora lhe fazer mal, não tinha coragem de abandoná-lo ali sozinho, desprotegido. Aquela pequena criatura, embora numa situação de risco e perigo, retirada dos braços da mãe e sendo sacolejada devido a corrida de Bernard para fugir, permanecia risonha e olhava para Bernard sempre que ele parava para respirar e descansar. Ele depois de quase uma hora perdido e sem saber o que fazer e aonde ir sentou-se sobre um tronco caído e afastou a manta que cobria ao rostinho do menino. A face do bebê suave e risonha o comoveu, ele que nunca tivera um contato amoroso verdadeiro e destituído de

interesse, sentiu a real face do amor, e ele que não era dado a expressões de afeto foi cativado por aquela criança. Ao seu lado Helen e Catherine estavam enviando mensagens mentais de amor e distribuindo fluidos sobre a região do seu cérebro, o que abrandava os seus centros nervosos causando aquela sensação amena e que ajudava a propiciar aquele momento de afeição. Catherine premida pela situação ansiava que o bebe fosse salvo, as horas se passavam e ela temia que a noite chegando, trouxesse riscos maiores por conta das condições noturnas em que se veriam envolvidos, assim ela enviava mensagens que davam conta a ele da proximidade se encontrava da casa de seus pais e sugeria que ele deixasse o bebê lá.

Bernard que conhecia a propriedade do pai como a palma da mão, pois quando criança arredia e solitária saía e percorria os campos e matas do terreno, reconheceu o regato que ficava a poucos quilômetros da residência principal dos Suterlands, assim ele se levantou e se dirigiu à casa. Depois dela se acercar procurou entrar por um anexo sem ser visto. No interior juntou duas cadeiras estofadas e de braços altos e fechados lateralmente que davam proteção ao bebê e o colocou carinhosamente sobre elas. Depois deu um sorriso para o bebê e se virou para sair.

Wilbert sem saber para onde ir e desorientado se sentiu impotente e desesperado chorou encostado a uma árvore. Depois de um tempo recuperou o equilíbrio e fez uma oração pedindo ajuda a Deus. Logo sentiu uma presença amiga e acolhedora. Era Alfred o seu pai, que em atendimento a sua prece se aproximou e disse ao seu ouvido.

-Filho, não deixe o desespero dominá-lo, o seu bebê está bem, mesmo que você não o ache logo, saiba que ele estará bem. Essa é uma oportunidade de Deus executar os seus planos de vida, para todos os que estão agora vivendo esse drama. Confie apenas e não se dê por vencido ou caia na tentação de blasfemar. Confie em mim e em nosso pai. Estaremos sempre perto e protegendo você e aos seus. Agora vá e não desanime.

Wilbert recebeu a orientação como uma intuição e entendeu que precisava confiar diante de qualquer situação que viesse a acontecer. Prosseguiu então até encontrar uma estrada de terra por onde seguiu.

Quando Bernard se virou deu de frente com James, o mordomo da casa.

-Meu Senhor Bernard?

-Sim James sou eu sim, mas como você me reconheceu?

-Eu o reconheceria em qualquer lugar e sob qualquer circunstância senhor. O que houve? Por que o senhor está assim nesse estado?

-Não tenho tempo para explicações. Cometi alguns desatinos, mas agora é tarde para consertar.

-Nunca é tarde para nada senhor.

-É sim James, já cometi outros atos impensados e não quero passar os meus últimos tempos numa prisão. Seria o pior para mim e você sabe, para a minha família.

-E esse bebê Senhor?

-Eu o deixarei aqui e vocês cuidem dele, não o levem a polícia ele deverá ficar aqui. Você não diga a ninguém que fui eu quem o trouxe.

-Ele é seu filho senhor?

-Digamos que sim James, mas agora preciso ir e se eu não o vir mais, saiba que tenho muita estima por você. Peça perdão a minha mãe por tudo quanto eu aprontei e por tudo que ainda ela virá saber. Preciso ir.

Bernard saiu se esgueirando pelas paredes e penetrou de novo mata adentro.

Tempos depois Wilbert ainda caminhava pela estrada que cortava o bosque e ladeava um rio. No seu cansaço o pensamento sobre Yonah o assaltou mais uma vez. Precisava encontrar o seu filho, era fundamental encontrá-lo sim, mas a preocupação com ela era grande. Como estaria a sua querida esposa? Estava ferida e sangrava quando ele a deixou.

Deitado, não longe dali Bernard respirava ofegante, se recuperando das horas que correu e vagou bosque adentro, pensava como chegara até àquela situação? Onde estaria Malzabetec? Pensou nos seus pais e porque que odiava aquele homem que chama de pai. Achou que ele era o culpado por tudo aquilo que estava vivendo agora. Depois pensou se as coisas não teriam sido diferentes se ele também tivesse sido diferente no trato com ele? Um mundo de pensamentos o assaltava e se misturavam num processo acelerado e estressante. Na ânsia de se ver livre dos pensamentos resolveu voltar a caminhar, talvez assim se livrasse daqueles torturantes pensamentos. Quando se virou viu Wilbert num plano mais baixo do bosque caminhando pela trilha.

-Agora sim poderei definitivamente acabar com ele, agora o tenho na mira da minha arma.

Wilbert desceu um trecho em declive acentuado e buscou um braço do rio que adentrava a mata, do lado da elevação aonde Bernard o observava, para beber água e lavar o rosto. Ajoelhou-se e com as mãos em concha bebeu a água e a jogou no rosto e na nuca.

Bernard apontava a arma e lentamente iniciou o deslocamento do gatilho, sorria satisfeito iria acabar definitivamente com o seu maior inimigo, de uma forma fácil e rápida, como um animal, ainda pensou como tivera sorte estando ali no momento certo, foi então que uma voz soou por atrás de si.

-Bernard já chega de desatinos.

Ele surpreso e assustado levantou-se e se virou, o gatilho disparou. O coice da arma o deslocou para trás e ele caiu de uma altura elevada em direção ao leito do rio. O seu corpo se chocou com o chão rochoso próximo a corredeira.

Bernard levantou-se ao ouvir o disparo a tempo de ver o corpo em queda livre chocar-se com o solo sobre as pedras.

No alto, onde antes estivera Bernard ele viu Catherine, parada a observá-lo, ela mandou um sorriso triste antes de desaparecer.

Bernard ouvira a voz de Catherine o recriminado e a arma disparar, sentirá o impacto do deslocamento dela contra o seu corpo, sentiu-se perdendo o equilíbrio e o seu corpo se deslocar no espaço, tentou segurar-se em alguns galhos que se partiram e o seu corpo flutuar a até atingir o solo, pela sua mente passou um filme veloz das cenas de sua vida. Viu-se ainda pequenino no seu quarto ouvindo a discussão entre os seus pais. Seu pai Suterland acusava a sua mãe de lhe ser infiel. Ela defendia-se e o chama de injusto, dizia que o amava e que ele sempre a ofendia e causava indignação com o seu comportamento ciumento e desconfiado, que usava esses argumentos terríveis e abomináveis injuriando a ela e afastando-o do amor do filho. Depois sentiu o conflito dentro de seu coração juvenil quando cavalgava sozinho pelos bosques da residência, o desejo de abraçar o pai e ter o seu carinho e a aversão pelo fato dele sempre o rejeitar. Depois veio o impacto do seu corpo batendo contra o solo. Ele sentiu que o vôo terminara, mas não sentiu dor. Os sentidos se tornaram extremamente acentuados, era como se pudesse sentir tudo ao mesmo tempo e mesmo assim saber separadamente cada uma das sensações particularmente. Sentiu o chão úmido e o ruído das águas, batendo em sua cabeça. O cheiro da umidade dos musgos, das folhas, dos galhos e o aroma de cada árvore distintamente. Viu o sol da tarde brincando com as folhas e os raios brincando com seu rosto. Ele fechou os olhos e quando os abriu viu um grupo de pessoas iluminadas à sua volta. Pensou ser um sonho.

Depois viu Alfred e Catherine e outra mulher que não conhecia, que era Helen. Havia outras pessoas também. O corpo de Bernard caiu num local de onde Wilbert não podia vê-lo. Wilbert viu o rio tingido pelo sangue do homem e procurou então caminhando pelo leito do rio, até onde virá o corpo cair. Ao chegar viu o homem que levara seu filho, da sua boca e narina escorria o sangue que turvava as água do rio, ele apoiou a cabeça dele sobre a sua perna. Reconheceu então que era Bernard.

Bernard sentiu que alguém apoiava a sua cabeça sobre o colo e perguntava.

-Onde está o meu filho?

Ele fez um esforço na tentativa de responder. Queria sim dizer a Wilbert onde poderia encontrar o seu filho, mas apenas conseguiu balbuciar uma frase desconexa e incompreensível. Uma golfada sanguinolenta o sufocou e a sua vida foi finda.

Ao longe três figuras vestidas de negro observavam. Murdock falou com Severo e Malzabetec.

-Tanto trabalho e esforço e vamos deixar que os da luz o levem?

Severo irônico lhe respondeu.

-Vá lá e o resgate.

Capítulo 26

A polícia foi até a residência dos Suterlands levar a notícia da morte de Bernard e solicitou a sua presença para reconhecimento do corpo. Emily não estava em casa e o bebê estava na casa de Elizabeth sendo amamentado.

Suterland embora atingido pela notícia não se dobrou nem deixou transparecer a sua dor, lamentou ainda a notícia por afetar a sua condição de homem público e que com isso pudesse ser atingido na sua posição parlamentar. Vivia-se um momento de caçada ética e qualquer deslize da pessoa pública como ele ou mesmo dos seus aparentados era um risco efetivo e iminente. O oficial de plantão contou em detalhes toda a investigação sobre o caso que culminou com a morte de Bernard e de Ingrid, falou da situação delicada de Reynolds que corria perigo de vida devido aos ferimentos de Rosenberg, falou também da situação de Yonah e do bebê que ainda estava sumido. Suterland associou tudo e entendeu que o bebê que estava em sua casa era o de Wilbert, ainda assim ele não manifestou o conhecimento do paradeiro da criança, a princípio porque ainda aturdido com tudo o que estava ouvindo, não quis informar ao policial o que deduzira, muito porque seria mais uma ameaça ao seu status social e político, depois porque queria ganhar tempo e decidir o que fazer em relação ao bebê. Depois seguiu para casa pensando em como dar a notícia a Emily temia ter que fazer isso, sabia do amor da mulher pelo filho, mesmo sabendo dos deslizes e fraquezas que eram do seu caráter. Pensou porque as coisas foram conduzidas àquele desfecho, suspirou fundo e sentiu-se cansado, perdera um filho que poderia ter sido seu amigo e muito amado. Quando ficou noivo de Emily foi por imposição das famílias, mas ele a amou e se sentiu feliz por poder desposá-la. Ela amava outro homem e um dia quando foi à sua casa os pais dela constrangidos não sabiam dizer onde ela estava, esse fato ocorrido a poucos dias do casamento o deixou revoltado e enciumado. Emily confessou depois que fora ter com o seu amado, que não queria se casar sem dizer a ele que aquele matrimônio fora uma condição imposta e que ela não tinha outra escolha a não ser obedecer. Que fizera isso porque não o veria mais e que queria dar essa explicação, sabia que não deveria ter ido, mas que não se arrependia. Pediu desculpas a Suterland que quis saber se ela o amava e Emily disse que sim, mas que aquela fora a última vez que o veria, a partir daquele dia em diante respeitaria Suterland como futuro marido. Suterland ferido no íntimo pela confissão da noiva, trouxe aquele fato como uma mágoa aberta e que vez ou outra ainda doía profundamente. Esse fato o transformou, a amargura e o despeito não o deixou mais ser carinhoso e afetivo com a mulher, as suspeitas que aquele encontro dela com o outro possivelmente a fizera se entregar a ele e o nascimento de Bernard antes do tempo previsto pelos médicos agravou as suas suspeitas e o afastou do filho, mas que de verdade era seu.

Os sentimentos de despeitos e os mal-entendidos que deveriam ser deixados de lado e ser tratados aberta e francamente o teria certamente sanado a totalidade situações que hoje causavam tantas dores e sofrimentos a todos os envolvidos, assim a vida iria consertar o que os homens conduziram erroneamente.

Suterland começara abrir sua visão para o quanto seu erro e seu sentimento dúbio levaram o amor do seu filho e a dor à sua casa, à sua família. Seguia triste, prostrado, ainda preocupado em como dar a notícia a Emily. Estava cansado daquela vida de luxo e ostentação, que para ser mantida necessitava de muitas negociatas, relacionamentos por aparências, uma vida cheia de subterfúgios, falta de ética e corrupções, estava cheio de tudo, o que conseguira se não tinha mais o filho e a esposa era distante

e desinteressada dele. Ao chegar a mansão encontrou Emily com o bebê ao colo, a alegria e o olhar amoroso que somente vira em seus olhos quando do nascimento de Bernard o emocionou e o fez se calar e não dar a notícia ruim à esposa. Ele se achegou e olhou o bebê de perto, a criança o olhou e sorriu, aquele pequenino ser parecia que viera para trazer às suas vidas uma nova emoção, o seu coração que chegara doído, ao ver a criança ganhou uma luz e uma batida diferente. Ele disse a si “Deus tu me levaste o meu filho, não irá tomar de nós agora essa pequenina esperança. Esse será o meu filho e a ele doarei o meu amor integralmente e nada e nem ninguém e nem mesmo tu o tirará de mim”.

Capítulo 27

O ferimento de Reynolds se agravou e depois de uma semana ele não resistiu. Yonah devido ao choque perdeu a visão, ainda abalada ela fez questão de comparecer ao velório e ao enterro do amigo que morrera tentando defender sua família.

A chuva descia fria e condolente, o vento a misturava às lágrimas dos presentes, Wilbert tomou um lenço e enxugou a face de Yonah, solidário a dor da esposa, os seus pensamentos viajaram, a dor e a tristeza tomaram o seu coração, pensou na situação do seu filho, da sua mulher e na morte do seu amigo, mas depois ele pensou no seu pai e uma onda de conforto veio ao seu encontro e ele soube que o seu bebê estava bem, não sabia onde, mas tinha certeza que ele estava protegido e amparado. Apertou Yonah contra seu peito e sentiu que Deus estava olhando tudo e que o fato dele não saber ao certo os motivos do que acontecia não tirava a sua fé nos seus desígnios e assim dos seus lábios saiu uma oração.

“Deus pai não permita que a distância que levou meu filho o tire totalmente de mim, mas permita pai que o meu amor chegue até ele onde quer que ele esteja, que a sua proteção a ele seja a benção que o senhor possa me conceder. Que eu tenha forças e determinação para manter-me firme e buscá-lo sempre onde quer que ele esteja. Que esse afastamento que agora me causa dor e que eu não compreendo o porque nos atingiu seja de alguma maneira uma forma de levar a alegria que ele possui a quem com ele esteja agora. Pai eu aceito isso como uma forma sua de nos fazer crescer, mas não o deixe longe de mim definitivamente e que antes que eu morra possa tê-lo em meus braços novamente”.

Wilbert olhou para o céu fechado de chuva e viu entre as nuvens pesadas uma pequena brecha azul, como uma mensagem de Deus.

Capítulo 28

Suterland naquele momento decidiu que mudaria de vida, queria recuperar o tempo perdido e construir uma nova etapa em sua existência, mesmo sabendo que poderia estar causando dor a outros não se importava com isso, afinal em seu conceito Wilbert era o causador também da dor que ele vivia e, portanto seria uma compensação que ele Suterland promoveria levando seu filho para substituir o que ele Wilbert lhe tirara. Resolveu assim que nada contaria a Emily sobre a morte de Bernard e nem que o bebê era filho de Wilbert, insinuaria sim que ele era filho de Bernard. Orientou a James que informasse aos criados que eles viajariam para outro continente e quem quisesse segui-los que seria bem-vindo, que teriam o salário dobrado, mas que os que não quisessem ou não pudessem ir que seriam indenizados e que seguissem as suas vidas, pois ele venderia tudo o que possuía na Inglaterra.

Os progressos espirituais são assim por etapas, não há saltos gigantescos. Se imaginarmos que estamos numa escola, não podemos passar de ano pulando de uma primeira série para a última sem passarmos pelas intermediárias, deixando de aprender matérias importantes, o mesmo estava acontecendo com Suterland, estava aprendendo pela repetição e pela exaustão quando dizia da sua vida cheia de atos imorais e amorais para manter uma situação social e política, mas havia ainda muitas outras matérias de vida que ele ainda necessitava aprender, e por conta da sua ignorância espiritual e atraso evolutivo ele tomara aquela decisão egoísta, que não levava em conta a dor que estava causando a Wilbert e sua família.

Ele conversou com Emily e contou que estava decidido a seguir para o Brasil, pois que por lá já tinha alguns negócios em andamento e com grandes perspectivas de crescimento. Emily estranhou o

fato repentino de seu marido querer sair da Inglaterra e o questionou.

-Emily, quero nesse momento pedir a você que me dê um voto de confiança, que venha comigo, para o Brasil, eu sei que não tenho sido um bom marido e nem talvez um bom pai, o nosso filho está longe de nós e acho que não o veremos mais. Quero recomeçar uma vida com você, quero que você me perdoe os anos de desatenção e de suspeitas. Eu não tinha o direito de duvidar da sua palavra e hoje eu sei que Bernard é meu filho. Quero partir daqui para uma terra nova e cheia de oportunidade, onde teremos um recomeço.

Suterland se aproximou da esposa e a abraçou. Emily embora ainda estivesse surpresa falou.

-Suterland não sei se devo confiar em você, porém alguma coisa me diz que você está sendo sincero, embora ainda não saiba bem porque você está tomando essa decisão e eu tenha a obrigação de segui-lo por ser o meu marido, não gostaria de ir e deixar Bernard.

-Minha cara Emily, Bernard está longe em outras terras que nem sabemos onde ao certo onde, longe dele você já está e acho que ele não retornará mais, acho que ficou definitivamente magoado conosco por essa segunda viagem que o obrigamos a fazer. Deixaremos instruções dizendo onde estamos e onde ele poderá nos encontrar se quiser. Está bem assim?

-Mas Suterland...

-Escute Emily, se você for comigo poderá levar o bebê, caso contrário eu terei que entregá-los às autoridades.

-Não Suterland não faça isso, ele é tão lindo e sereno é um anjinho que caiu em nossas vidas.

-Emily desconfio que esse anjinho não caiu aqui, acredito que ele foi deixado por alguém.

-Por Bernard?

-Creio que sim. Por isso também acho que ele não voltará mais aqui, pois se veio escondido, deixou esse menino que deve ser seu filho é porque não nos quer mais ver.

-Você acredita mesmo nisso Suterland?

-Minha cara Emily, você ainda não conhece o seu filho?

-Como faremos para levá-lo como nosso, não nos deixariam embarcar como uma criança sem registro.

-Eu sei como fazer isso, sei como providenciar os registros dele como nosso filho e assim partiremos tranquilos, você o que acha?

-Está bem Suterland eu farei isso se é por uma nova vida, por uma vida diferente e mais feliz, se é para ter essa criança junto a nós.

-Então assim será, partiremos daqui a um mês, até lá então levaremos essa criança para nossa estância de Abbein. James venha cá quero lhe dar algumas providências.

-Pois não Senhor Suterland.

-James providencie tudo para que sigamos daqui a três dias para Abbein, ficaremos lá por três semanas. Hoje irei providenciar o registro do menino, ele se chamará Victor, Victor Suterland.

Capítulo 29

Catherine retornou ao plano espiritual de onde deixara Alfred e o encontrou. Ela pediu desculpas por não ter sido forte, por não ter resistido ao desejo de estar com Wilbert.

Alfred falou.

-Catherine naquele momento você não queria estar aqui conosco, a sua atenção era com Wilbert, e daquele modo mesmo que você tivesse manifestado o desejo de ficar conosco, não era isso efetivamente que o seu coração queria, mesmo que você tenha gostado daqui, a força com que você se ligava a Wilbert era a energia que comandava a sua alma. Os desígnios de Deus são sábios, se você estivesse aqui conosco não teria salvado o bebe e Wilbert.

-Mas Alfred eu provoquei a morte de Bernard e o afastamento do bebê dos seus pais.

-Não foi você que provocou a morte dele, foram os seus próprios atos e escolhas feitas que formaram a sua estrada e conseqüentemente o seu desenlace. Tudo isso era necessário e será por fatos que tudo será arrumado para que as providências de crescimento e aprendizados aconteçam. Nada é gratuito Catherine.

-Alfred por que Wilbert tem que sofrer essa dor do afastamento do seu filho?

-Wilbert e Yonah são forte e espiritualmente preparados para saber que há uma programação em tudo o que está acontecendo, logicamente que os seus corações de pais estão sofrendo, pois há o amor e os laços que os unem, mas eles são os que melhor podem passar por isso para que outros também avancem, é uma prova que eles concordaram em passar, mesmo que nesse momento não tenham essa recordação. Já é hora de todas as dores que foram vivenciadas por nosso grupo cessem, que se desfaçam. Estamos há muito vivenciando um mesmo ciclo, alguns já saíram dele pelo aprendizado, outros pela dor, alguns ainda insistem em viver segundo as suas regras, deixando de lado as regras sábias da vida, mas isso não ocorre eternamente, a vida sempre nos puxa de encontro as nossas obrigações e compromentimentos que fomos contraindo por diversas encarnações. Bernard era um desses, o seu arrependimento, as suas atitudes pouco antes da sua morte o resgataram das mãos daqueles que pensavam aprisioná-los. Salton que hoje se denomina Malzabetec, Severo e Murdock estão prestes a passar por uma experiência que tem como objetivo acelerar seus progressos espirituais.

-Alfred como isso é possível, se já ouvi aqui mesmo dizer que não podemos interferir no progresso de cada um.

-Catherine, os planos de Deus não nos são dados a conhecer na íntegra, mas sabemos que sempre são

bons para todos, muitas vezes se faz necessário na escola da vida que alguns alunos tenham que aprender por outros métodos que não sejam apenas os que o seu livre-arbítrio escolhe, entende isso?

-Não sei, acho que não Alfred.

-Alguns alunos não progridem por si só, se os deixamos soltos para que estudem sozinhos eles não têm muitas vezes a capacidade e a necessária compreensão das matérias que estudam. Muitas vezes perdem a concentração e o interesse pelas matérias, então precisam de um mestre próximo que o acompanhe, um orientador que imponha certas regras que os tragam de volta aos seus deveres cada vez que descumpram suas lições, assim também é a vida.

-Bernard será ajudado por nós mesmo tendo cometido tantos desatinos?

-Sim Catherine, ele dentre os que estão do outro lado, foi o que tomou consciência dos seus erros na hora da sua morte e possibilitou ser ajudado, os danos que causou terão que ser parte de seus resgates futuros, são débitos que estarão ligados ao seu futuro e deverão ser pagos, mas agora nesse momento não poderíamos deixá-lo lá a mercê dos três algozes que o esperavam. Ele está em estado de letargia, ainda magnetizado pelos fluidos intensos que vivenciou nas últimas horas. As situações dramáticas e pesadas pelas quais ele passou estão ainda impressas em seu corpo astral e isso o manterá como em um sonho vivenciando pesadelos possivelmente terríveis. Não sabemos por quanto tempo, mas aqui ele estará protegido até que desperte.

-E eu Alfred, o que farei agora?

-Você voltará ao serviço que já conhece, e também cuidará de Bernard, você conversará com ele passando os ensinamentos que está adquirindo, ele a perceberá e isso ajudará muito na sua recuperação, porém fique atenta a tudo o que vir e ouvir, procure aprender o máximo possível, pois você terá em breve uma nova jornada a cumprir nos projetos de Deus.

-Alfred você conhece uma mulher chamada Helen?

Alfred sorriu e com seu jeito suave e tranquilo respondeu. Sim eu a conheço é uma grande colaboradora, uma amiga, um espírito que encontrou seu caminho e compreendeu as leis da vida, sabe que seguindo as premissas de Deus que ninguém ficará abandonado, assim não se preocupe com ela, ela está sendo orientada e instruída, foi corajosa em aceitar ficar, poderia egoisticamente saído de lá, preferiu ficar e isso prova o quanto ela evoluiu.

Capítulo 30

A dor que se abateu sobre Yonah e Wilbert veio os unir ainda mais, a perda da visão aumentou o seu nível de sensibilidade mediúnica e ela passou a ter uma consciência mais viva das coisas que acontecia com eles.

Wilbert conhecedor maior das leis espirituais passava muitos momentos junto a ela e procurava minimizar os danos que o sumiço do seu filho causou.

-Wilbert será que o nosso filhinho está bem?

-Querida Yonah, você está agora muito mais sensível, percebo isso e acredito que se você se concentrar e desejar saber sobre ele, isso acontecerá.

-Você acha mesmo Wilbert que eu poderei senti-lo mesmo sem saber onde ele está?

-Yonah meu amor eu tenho absoluta certeza disso. Concentre-se nele, agora deixe que apenas os seus pensamentos viajem e pense que eles o levarão ao nosso pequenino filho desaparecido, peça isso e deixe que o seu desejo de mãe a conduza. Assim Yonah procedeu. O grande amor que ela possuía pelo filho a absorveu e ela pode senti-lo. Ela o viu, primeiro a imagem difusa, e depois aos poucos o seu rostinho corado ganhou contornos e ela pode ver o seu sorriso tão próximo e sentiu o seu cheiro. Ela estendeu as mãos e pode experimentar a sua pele rosada, aveludada, suave e quente. As lágrimas encheram os seus olhos e o contato se desfêz.

-Wilbert eu o vi e o senti, você tinha razão meu amor, ele está bem e saudável. Eu o vi querido.

-Eu sei amor, eu sei. Agora, me conte calmamente o que você viu.

-Eu o vi Wilbert ele estava sorrindo para mim, bonito e corado eu sei que ele vive, eu sei.

-Tudo bem Yonah, tudo bem, descanse e em outra oportunidade faremos isso novamente. Não devemos forçar essa situação a todo o momento.

-Sim Wilbert, estou um pouco mais tranqüila agora, já que sei que ele está bem, tenho certeza absoluta disso.

Sutherland, Emily, James e mais dois casais de empregados partiram para o Brasil. Entre eles iam dois bebês, a filha de Elisabeth a empregada e Victor o filho de Wilbert e Yonah.

A vida seguiu o seu curso, no plano espiritual Bernard despertou depois de seis anos de sono profundo. Os tratamentos e o carinho de todos ajudaram a acelerar o processo de despertar.

Os primeiros meses de sua volta foram dolorosos, o conhecimento da continuação da vida o atingiu profundamente e o arrependimento dos atos cometidos foram marcantes. Aquela situação de sofrimento valia como uma purgação, pois assim funciona o processo de expiação, esse é um dos métodos de evolução, antes de ganharmos novas energias e uma nova condição espiritual, é necessário que a alma esteja limpa, que esteja purificada para que possa então receber novas energias, novas missões e conhecimentos, assim como um lago que foi poluído por produtos químicos e orgânicos, que tendo as suas águas contaminadas não possa ser berço de novas vidas, mas à medida que as águas vão sendo substituídas por água pura e limpa a vida volta a fluir. Bernard compreendeu que o seu procedimento em vida na Terra afetou outras vidas e soube então que o bebê de Wilbert não estava mais com ele e sim com os seus pais no Brasil. As lembranças da criança em seus braços ainda eram vivas e ele pode entender o quanto deveria estar sofrendo a sua mãe Yonah sem poder tê-lo ao seu lado, em seus braços. Esse sentimento o envolveu tão fortemente que o estava transtornando e causando impactos negativos diretos na sua melhora. Ele queria de qualquer modo poder minorar a dor que sabia estavam sentindo Yonah e Wilbert, e foi falar com Alfred.

-Alfred com licença, posso falar com você sobre uma aflição que tem me acompanhado todos esses meses em que estou aqui?

-Claro Bernard entre e se sente aqui, você sempre será bem-vindo e eu sempre estarei a postos para poder ouvir o que queira falar. Muito embora Alfred já soubesse o que levava Bernard a procurá-lo ele o deixou falar, assim ele poderia abrir o seu coração e aliviar sua alma.

-Alfred nos conhecemos de outras encarnações, eu puder ver o filme de minha vida passada nos laboratórios que você mantém aqui instalados para esse fim. Pude ver que nos conhecemos na Inglaterra no passado, e que você tem, desde então, trabalhado para que eu possa a me modificar. Vi também que tenho causado muito mal devido ao meu orgulho, ambição, caráter dúbio e inseguro. Percebo agora que tudo o quanto eu vivi egoisticamente não se ateve apenas a mim, mas gerou à minha volta reflexos diretos e afetou muitas vidas e isso tem me causado tamanho arrependimento que estou aqui diante de você para pedir a sua ajuda.

-Meu caro Bernard, a vida é evolução contínua, e feliz dos que podem manifestar o seu arrependimento, e feliz daqueles que podem ajudá-los. Agradeço sim a Deus por poder me dar essa oportunidade de estar aqui com você num momento de infinita importância. Tenho acompanhado o seu desenvolvimento e vejo que as mudanças que tem conseguido, desde que despertou aqui na nossa comunidade, serão fundamentais de agora por diante. É uma nova existência se manifestando, assim como você disse os seus atos repercutiram naqueles que estavam à sua volta, essa mudança que vejo agora em você também irá repercutir em todos quantos estiverem dentro do seu círculo de existência diretamente e se refletirá indiretamente por todo o Universo. Isso é amor.

-Mas eu quero poder ajudar a quem eu prejudiquei.

-Já esperávamos isso de você Bernard, sabemos que essa sua ansiedade não é benéfica, que o arrependimento é positivo desde que seja transformador, não o arrependimento continuado e fixo, não aquele que impregna nossos pensamentos de forma repetitiva, persistente e obsessiva, esse não ajuda, pelo contrário, apenas piora o estado das coisas, sabemos que é hora de agirmos e queremos saber se você concorda em participar dos nossos projetos? Neles queremos que você retorne ao convívio de Yonah e Wilbert.

-Deus, como assim?

-Isso mesmo Bernard, queremos que você volte a ter com eles.

-Não sei se estou pronto para isso, eu causei grandes males a eles. Falou Bernard visivelmente perturbado com a proposta.

-Sabemos disso, mas ouça tudo o que eu tenho a dizer e saberá então que isso será o melhor para todos. Quanto à sua preocupação imediata de retornar e rever aquele que até algum tempo atrás você considerava seu inimigo, não haverá problema. Você irá reencarnar como filho dele.

-Como filho de Wilbert? Jesus. Exclamou Bernard.

-Sim Bernard, assim como filho de Wilbert você poderá levar a alegria àqueles de quem você a roubou, restituindo um pouco do prazer de poder ter um filho, ou melhor, dois.

-Como assim dois Alfred?

Um riso sereno iluminou o rosto de Alfred antevendo a surpresa que viria a seguir.

-Wilbert e Yonah ganharão dois filhos se você assim como Catherine aceitarem retornar. Alfred calou-se e observou a reação de surpresa de Bernard.

-Vê Bernard como a vida é justa? Catherine será sua irmã e irá estar ao seu lado o ajudando nessa jornada. Yonah e Wilbert terão outros filhos que darão em dose dupla uma compensação pela perda de seu filho. Assim pelo renascimento com o passado e as lembranças apagadas vocês habitarão a Terra. As dores vividas e as possíveis ressalvas que poderiam surgir pelas vidas passadas em comum serão apenas vagas sensações experimentadas ocasionalmente e poderão ser diluídas pelo amor que será trocado e experimentado por todos nesse novo convívio. Catherine experimentará o amor de Wilbert e Yonah como pais e você terá a oportunidade de sendo filho, doar e receber amor, apagando o ódio do passado, o que de outro modo seria mais difícil.

Bernard emocionado concordou em participar das novas oportunidades e viu Catherine entrar e abraçá-lo dando início uma bela jornada de vida para os dois.

Capítulo 31

Os Sutherland se estabeleceram no Rio de Janeiro formaram uma estrutura familiar onde Victor era o centro das atenções, a vida era feliz para eles. O menino crescia belo e forte, e o seu jeito cativava quantos estivesse com ele, que era um espírito bastante iluminado pelo conhecimento de diversas encarnações e que estando naquele meio poderia por certo ter um maior nível de atribuições e poder de ajuda aos seus tutores, do que estando no seio da família de Wilbert e Yonah que já tinham uma evolução bastante firme e avançada para aceitar e entender que nada é por acaso.

Wilbert era um homem bem sucedido na profissão e nos seus negócios. O seu patrimônio adquirido associado ao deixado por seu pai logo cresceu. A vida nesse aspecto era tranqüila e sem sobressaltos, a única dor que ainda o incomodava era a da perda do filho. O seu caráter firme e resoluto o impunha uma serenidade dos que sabem que os projetos de Deus sempre são bons para todos e de uma forma serena continuava sendo uma pessoa que não se deslumbrava com as posses e procurava se manter atento aos avisos da vida. Com o tempo de convívio com Wilbert, Yonah passou a compreender os princípios da doutrina espírita e ao longo dos anos pôde descobrir em si uma sensibilidade muito refinada e constante, que incluía a vidência e a cura, essas manifestações se tornavam cada dia mais atuante e a levou ao desejo de aplicar esses dons em forma de ajuda aos seus próximos, Wilbert sugeriu a abertura de uma casa onde ela pudesse desenvolver um centro de estudos mediúnicos e tratamentos por meio magnético além da divulgação da nova doutrina. Wilbert não titubeou, adquiriu um terreno num bairro mais humilde e propenso a dedicar ajuda social e espiritual aos mais necessitados. Nesse tempo Wilbert também decidiu que já era tempo de ir a França e manter um contato mais estreito com o senhor Kardec, assim decidido ele partiu e por lá permaneceu um mês e meio. Em uma das casas onde Kardec mantinha um escritório dedicado a organizar suas experiências e estruturar os registros que viriam a ser a base da doutrina espírita, eles permaneceram boa parte do tempo a trocar conversas e discutir sobre os assuntos da espiritualidade e da reencarnação. Fizeram uma amizade mais sólida e longa. Kardec era mais velho e vivido do que Wilbert e assim o orientava quanto aos princípios que norteavam os seus passos em busca dos recentes conhecimentos que iriam mudar a face do mundo, devido à transmissão de uma maneira totalmente nova para época de encarar os fenômenos ditos espirituais e a relação com a morte, sem o uso quase sempre fantasioso e supersticioso com que eram encarados. Wilbert o acompanhou diversas vezes e pôde compreender melhor alguns princípios que entendia, mas que carecia ainda de cimentação. Ao final de algumas das seções preparadas por Kardec, um dos espíritos presentes pôde dar uma mensagem por intermédio de uma das médiuns. Ele se dizia o Irmão Trabalhador da Luz.

-Abriremos um espaço para que possamos falar sobre as causas primárias de todas as coisas, o amor. O amor que feito em doação por nosso Pai Maior pode nos dar a vida e a oportunidade de com ele dividir sentimentos, muitos de nós ainda não compreende esse ato de doação e não percebe que somente seremos felizes se usarmos o amor como nossa causa primeira também. Hoje estamos aqui para com felicidade agradecermos aos visitantes que estão aqui aprendendo e dedicando dias longe da sua família para estar construindo um caminho de entrega ao próximo, mas Deus é atento a tudo e aos seus filhos mais diletos entrega as cargas mais pesadas, pois sabe que eles não o decepcionarão, assim também permite que a vida nos dê intervalos de puro bálsamo e momentos de alegrias e êxtase. A entidade disse se dirigindo a Wilbert.

-A ti filho tão dileto e que em nenhum momento diante da dor se entregou ou cedeu às lamentações e lamúrias. Terás um agradecimento de Deus, ao retornar ao seu lar, pois que para nós é e grande valia a tua conduta reta e o teu proceder voltado ao próximo. Queremos, para terminar, dizer que logo terás dois novos amigos ao seu lado e desejamos que todo o amor do qual falamos seja o elo que iluminará novamente o seu lar.

Wilbert se emocionou ao sentir ali a presença querida de Alfred.

Muitos médiuns, antes da sua reencarnação, aceitaram a tarefa mediúnica como opção de resgate de erros de vidas passadas. Isso não significa que se trata de pessoas diferenciadas, beneficiadas ou desfavorecidas pela vida. Todos que percebam em si sintomas que indicam mediunidade devem começar a pensar com seriedade sobre o assunto. Não é em vão que essa capacidade nos é dada. É uma forma de podermos nos comunicar com o mundo espiritual, receber notícias dos que se foram, esclarecimentos sobre a vida nessa e na outra dimensão, sobre as leis naturais e para que possamos conhecer um tanto das coisas que nos intrigam, e obter respostas que fazemos sobre conflitos e angústias que povoam nossas existências. A mediunidade existe principalmente como instrumento para a prática do bem, no atendimento a espíritos sofredores e obsessores, no consolo aos aflitos de toda natureza e para alívio e cura de enfermidades do corpo e da alma.

Sabe-se que a tarefa mediúnica é uma programação feita antes da reencarnação e, muitas vezes, representa uma troca nas formas de resgate cármicos. Digamos que um espírito, conhecendo ou lembrando-se de uma ou mais de suas vidas passadas, nas quais cometeu faltas graves perante a Lei Maior, decide-se a resgatá-las. Solicita então, que purgar suas culpas numa existência de grandes sofrimentos e limitações.

De fato como fora avisado Wilbert recebeu um presente inesperado ao seu retorno da França.
-Meu grande amor Wilbert, quanta saudade, mas que felicidade o seu retorno.
Yonah o recebeu no jardim e o beijou aliviando a saudade que sentia, depois caminharam em direção a casa nova em que passaram a morar depois de todos os incidentes que ocorreram com o seu filho .
Na entrada principal estavam além dos empregados e da sogra, Rosenberg que correu e o abraçou com um abraço forte de um irmão querido.
-Será que deixei tantas saudades assim em tão pouco tempo?
-Sim amigo, mas estamos aqui porque queremos juntos partilhar uma grande notícia.
-Mas do que se trata, falem vamos.
Rosenberg pediu que Yonah então desse a tão esperada notícia.
-Querido, Deus nos presenteou com uma felicidade inesperada.
-Diga querida!
-Vamos ter um filho amor, eu estou grávida.
Os dois se abraçaram e depois o amigo e a mãe de Yonah se uniram aos dois num grande e feliz abraço.

Wilbert associou a mensagem recebida na França a notícia da gravidez de Yonah, mas ficou intrigado porque ele não a via acontecer na íntegra. Foi dito que dois amigos chegariam em suas vidas como um presente de Deus, mas Yonah estava grávida apenas de um bebê. O que ele não sabia era que em poucos meses viria a entender tudo. Os gêmeos estavam a caminho. Eles vieram ao mundo no mês de abril e Wilbert e Yonah os chamaram de Sophia e Jonathan. Assim Catherine e Bernard ganhavam uma nova oportunidade de refazerem suas jornadas pontilhadas de enganos e ilusões. A vida promovia os encontros necessários a que reunidos em convívio pudesse pela aproximação, entenderem as diferenças, dividirem as dores e os carinhos, formarem elos novos e positivos, instituírem afeições, e superarem vínculos vibratórios passados de magoas e rancores, essa é a vida, esse é Deus que nunca esquece seus filhos, que nunca os abandona.

Capítulo 32

Esse mesmo fenômeno de união para melhoria e avanços promovidos pela vida, acontecia em outras

paragens, longe das terras do continente europeu, no Brasil Victor entrou para o curso superior, o comportamento e a maneira de ver e viver a vida o distinguiu da maioria dos jovens da época, a maior parte deles ligados aos eventos e modas da ocasião, levou mudanças significativas à vida dos seus pais adotivos, Emily tornou-se mais suave e amorosa, mais amiga e companheira de Suterland, que por sua vez, passava a maioria do seu tempo em casa ao lado do rapaz, com ele discutia tudo e se assombrava com as suas observações firmes e precisas, sempre muito bem colocadas e intensas. Ele falava naturalmente sobre política e administração pública, assuntos que eram dados a entender somente aos mais vividos e experimentados, discorria sobre ética com uma visão moral sensível e pura, mas determinada e resoluta, pois não deixava brechas a negociações e flexibilidades quando se tratava de moral e honestidade, mesmo não concordando com tudo que ele dizia, Suterland nem por isso deixava de se emocionar, via o rapaz como uma sumidade. Assim Suterland pouco a pouco foi se afeiçoando a ele e modificando seus procedimentos e sua forma de pensar, e viver a vida, evitando envergonhar aquele que sentia ser como seu filho verdadeiro. Algumas vezes ele observava Victor e via nele muito do pai Wilbert, mas não tanto que pudesse chamar a atenção de Emily para isso. A ela Suterland disse que o menino era um resultado de uma vida desregrada de Bernard com uma moça qualquer.

Malzabetec, praticamente esquecera de Wilbert, e com a morte de Bernard o seu compromisso de agressão a ele se desfez, tinha interesses outros e se ocupava com seus estudos de magia. porém para Severo e Murdock causar mal a Wilbert ou aos seus era ainda um caso pendente e prioritário. Com a constituição da casa de ajuda social aos pobres criada por Wilbert e Yonah as defesas que já possuíam aumentaram e eles não se atreviam a se aproximar, mas a estratégia de ambos era atuar nos que eram próximos a Wilbert, e por esse caminho buscavam como atingir os seus intentos. Não foi fácil, ainda assim, conseguirem uma boa oportunidade para os seus fins. Uma das idéias deles seria trabalhar na questão de Victor e fragilizá-lo devido à forma como ele foi retirado do convívio da família, mas Victor estava longe e as sugestões mentais que tentavam incutir em ambos, somente geravam resultados contrários, uma vez que Wilbert e Yonah pareciam dispor de uma canal de comunicação espiritual que acentuava-se mais à medida que dele lembravam, por isso os corvos deixaram esse método de lado e partiram para uma segunda idéia que era manipular os gêmeos que na vida passada foram Catherine e Bernard, para que pela lembrança de seus passados pudessem novamente se tornarem suas marionetes, mas os gêmeos cresciam saudáveis e unidos, o amor de Yonah e Wilbert era uma fonte de satisfação e proteção para eles que retribuía e na troca do ambiente familiar gerador de energias e vibrações elevadas era uma redoma de difícil penetração às suas intenções. Como dissemos, para Severo e Murdock ainda havia uma ferida aberta entre eles e Wilbert, mas ao invés de tentarem curá-la, eles queriam, ao contrário, abri-la ainda mais, assim eles recorreram mais uma vez a Malzabetec.

Malzabetec sentado em frente ao seu altar meditava quando uma interferência mental chegou até os seus pensamentos as imagens de Severo e Murdock vieram ter até ele cada vez mais forte e vivas. Malzabetec cerrou os olhos e se concentrou nos dois e formou a comunicação mental entre eles.

-O que o traz a mim? Falou com Severo

-O que de tão importante pode interromper a minha meditação?

-Desculpe Malzabetec, mas queremos dispor dos seus conhecimentos e da sua participação em um intento que estamos organizando, já que estamos tendo dificuldades para atingir Wilbert e os seus.

-Pensava que já tinham esquecido esse assunto, acreditava que a última tentativa que vocês empregaram, parcialmente bem sucedida, havia sido definitiva.

-Malzabetec perdemos dois dos nossos e Wilbert está vivendo uma situação excelente e próspera.

-Mas ele teve perdas.

-Não suficientes, pois o queremos aniquilado, rastejante, na lama, aos nossos pés.

-Por que vocês estão tendo dificuldades?

-Eles abriram uma casa de ajuda e estudos nos princípios do tal Kardec, o local é constantemente vigiado por entidades da luz que formam um cordão em torno deles e da casa, o que não nos permite aproximação.

-Qual a idéia então?

-Temos duas linhas de ação que visam atingir os filhos deles.

-Ele perdeu um de seu filho e um amigo, isso não foi suficiente?

-Ele está preste a se avistar com o filho que está no Brasil, isso pode ser tornar uma nova conquista para ele e mais uma baixa para os nossos planos. Queremos que esse encontro se torne uma situação crítica, conflituosa para todos os envolvidos, que isso venha a ser um drama familiar dos Suterlands, com um final infeliz, prisão ou morte, fazendo assim com que Victor veja em Wilbert não o pai que perdeu, mas um inimigo que veio destruir a paz familiar que ele possui.

-É um bom plano sim, mas você disse que tem outra linha de atuação.

-Sim temos Malzabetec, a outra idéia é atingir sucessivamente Bernard, agora encarnado como Jonathan. Sabemos que embora protegido sistematicamente que ele é o ponto mais fraco do elo familiar de Wilbert. Ele agora está com dezessete anos, e na idade onde os desejos e a necessidade de independência surgem mais fortes e determinantes na formação dos próximos anos de sua vida, assim usaremos essas brechas atuando sobre ele, desestruturando a sua situação de conforto e estabilidade emocional. Provocaremos assim uma situação de embaraço na família e enfraquecimento das linhas de defesas de Wilbert podendo atingi-lo então.

-De fato pode ser uma boa idéia sim, mas o que querem de mim?

-Queremos que você se aproxime de novo de Bernard e o influencie novamente, procurando jogá-lo contra o pai. Trazendo as lembranças que no passado alimentaram o ódio que ele tinha por Wilbert.

-E o que eu ganharei em troca da minha participação?

-Uma coisa que você busca há muitos anos, possivelmente há muitos séculos. O livro que traz conhecimentos infinitos e que era usado pelos antigos, pelos grandes magos.

-O Livro da Vida Eterna?

-Sim, nós sabemos onde ele se encontra e diremos a você, assim que houvermos obtido êxito nas nossas incursões.

Severo mandou Murdock pegar o livro que estava escondido nas galerias subterrâneas onde habitavam. Murdock não gostava de descer aos calabouços, tudo era fétido e úmido, a luminosidade parca e sempre a caminho parava e entrava na cela aberta de Helen.

-Boa noite Murdock que bom que veio aqui me fazer uma visita. Falou ela.

-Não vim visitá-la, você sabe que sempre paro aqui para fazer uma pausa, tanto devido à descida quanto pelos odores fétidos, esses animais, suam como se defecasse, vertem vômitos como se falassem e segregam cheiros de pústulas como se sangrassem, detesto esse ambiente e odeio sempre que Severo me obriga a vir aqui.

-Sabe Murdock eu não sinto, vê que meu espaço é limpo e de bons odores.

-É verdade Helen, posso sempre paro aqui, mas como consegue isso? Não compreendo.

-Poderia explicar a você que somos o que pensamos, mas não vou, quero sim saber porque Severo manda em você?

-Porque, porque. Repetia Murdock sem se explicar.

-Ora ele não manda em mim, apenas colaboro.

-Faz tempo que não o vejo descer aos calabouços, e sempre vejo você por aqui, isso significa que ele não manda?

-Helen não me provoque.

-Porque, não consegue ouvir verdades? Baterá então em mim por isso?

-Não. Não quero bater em você, não gosto.

-Faz tempo que estamos juntos, os três e não quero bater em você.

-Faz tempo sim Murdock e quero bem a você que é diferente de Severo, não é tão agressivo e maquiavélico.

-Ora Helen isso não é bem um elogio, eu queria sim ser maquiavélico como Severo.

-Queria mas não consegue, seu coração é feito de matéria diferente, mais maleável, mais moldável. Você é um ser distinto, por trás dessa carcaça, há humanidade latente, uma semente pronta a germinar em seu peito, fazer nascer um novo coração. Murdock...

-Chega Helen, você sempre com essa conversa, com essa catequese, com essa doutrinação, que não mexe em nada comigo.

-Murdock, eu sei que você não é insensível, saiba que você me tornaria muito feliz se pudesse se transformar.

-Em que?

-Em um amigo de meus amigos.

-Por acaso você mudou de lado, se debandou para o grupo dos assassinos?

-Isso foi há muito tempo Murdock e hoje eles são outros.

-Como sabe?

-Murdock se você decidir mudar tenho uma proposta para você, um lugar onde poderemos estar juntos, sem a que você chama de podridão humana, um lugar mágico, cheio de flores e cores, perfumes, odores agradáveis e uma vida limpa, decente, sem perda de energia, de tempo de atrasos, Diga Murdock que aceita.

-Onde existe esse lugar, onde você viu isso?

-Digamos que nos meus sonhos.

-Só me diga que aceita.

-Helen vou dizer a você que se esse lugar existir eu fujo com você.

-E Severo você não o teme?

-Ele nunca a respeitou e só a mantém presa para manter viva sua vaidade e porque você nunca se valorizou.

-Eu sei Murdock, você têm razão, mas eu mudei, Severo nunca me amou e somente via serventia em mim por minha beleza e por desejo, mas você está enganado quanto a me valorizar, isso eu aprendi.

-Eu sempre a amei Helen e se existir esse lugar eu vou com você.

-O que você veio fazer aqui nas galerias Murdock?

-Não posso dizer Helen.

-Como não o que é tão importante assim que faça com que você tenha segredo comigo? Afinal você me diz que sempre me amou e tem mistérios que não pode ser contado a quem você ama?

Murdock ficou calado e pensativo, depois falou-Vim pegar o Livro da Vida Eterna.

-Que livro é esse Murdock?

-Ele traz conhecimentos antigos, informações importantes e fórmulas e manipulações secretas, enfim um conjunto de saber e poder a quem souber traduzir seu conteúdo. Muitas das informações estão em códigos e línguas mortas. Malzabetec é um possuidor de muitos conhecimentos e Severo quer dar o livro a ele em troca de ajuda para destruir a família de Wilbert. Malzabetec prometeu nos ajudar mas quer uma prova que o livro está conosco, vou fazer uma cópia de uma pagina que evoca um demônio e a darei a Malzabetec, como amostra do conteúdo do livro.

Helen tremeu e rapidamente pensou. Preciso evitar isso.

-Murdock você disse que me ama, isso é verdade?

-Sim Helen, sempre a amei, quero você e espero que um dia possamos estar juntos. Ele tentou abraçá-la e Helen o rechaçou.

-Eu ficarei com você desde que você me ajude.

-Como assim Helen? Quero que você suma com esse livro, desapareça com ele.

-Murdock se afastou horrorizado. Você está louca.

-Louca, louca eu, ou louco é você é você que quer seguir levando essa vida sem amor, sem lógica. Vivendo nesse inferno, nessa existência sem sentido. Vejo que você de fato não me ama tanto quanto diz.

-Helen não posso ir contra Severo assim abertamente ele possui muita força e poder e muitos guardas e espiões aqui. Agora mesmo me arrisco estando aqui com você.

-É de fato você é o que eu imaginava, um homem sem vontade, um fantoche, um boneco mandado. Vá embora e me deixe em paz.

Murdock saiu triste, durante a descida pensava nas palavras de Helen, sempre fora um parceiro de Severo e Helen, sempre viveu momentos de diversão nos castelo de Starton, e sempre se incomodou com o tratamento dado por ele a Helen e também a ele mesmo. Severo era fiel escudeiro de Starton, agia com crueldade amando do seu senhor e mesmo ao seu prazer. A violência, o abuso de poder e os excessos marcavam a existência dele. Murdock se acostumara a segui-lo sem no entanto intervir ou criticá-lo, mas no fundo o desprezava e somente não via como viver sem as benesses do parceiro.

Ele pegou o livro e subiu as escadas, foi até o seu quarto, sentou-se e abriu o livro, viu os textos em línguas que não conhecia e imagens dando mostra de como usar certos ingredientes e preparos. Viu manipulações diversas e imagens assustadoras. Fechou o livro. Deitou-se e imaginou uma nova vida junto com Helen e decidiu que iria tratar daquele assunto sim.

Capítulo 33

Sophia e Jonathan, antes Catherine e Bernard, cresceram com evidentes diferenças, tanto de comportamento quanto de atitude e de saúde física. Ela possuía uma alegria espontânea e uma curiosidade vivaz. Era sempre saltitante e cheia de energia, gostava de carinhos e vivia sempre abraçando e beijando os pais e o irmão, a quem defendia e protegia com constância. Ele alternava momentos de alegria ao lado da irmã e da mãe Yonah e tinha uma visível rejeição ao pai, que sabedor dos processos da vida, das leis da reencarnação, vivia atento e educando-o sempre com carinho e tranqüilidade, buscava-o para perto de si e minimizando os efeitos que ele trazia das vidas passadas, Wilbert tentava com amor vencer a resistência que sentia acontecer. O afeto de Catherine pelo pai ainda mais aumentava a rejeição de Bernard por ele. Yonah também sempre atenta aos filhos percebeu logo a diferença entre eles, e procurou conhecer mais o filho e entender toda aquela gratuita manifestação de afastamento a Wilbert. Para com o pai era tão formal e com ela tão afetuoso. A menina Sophia ao se tornar uma jovem pode também observar o mesmo fato, e intuitivamente trabalhava para desfazer esse ponto negro na vida familiar. Jonathan sofria ainda as conseqüências

de seus desregramentos em vidas passadas, seu dormir era inquieto e agitado, sonhava com freqüência sendo atacado e perseguido por sombras e seres tenebrosos, acordava sempre sobressaltado e sentia ainda dores de cabeça e vertigens sem explicações plausíveis pelos médicos da época, mas de fato varias dessas conseqüências eram sintomas advindo de seus registros perispirituais.

O perispírito é o corpo fluídico que acompanha o espírito através de suas muitas encarnações, é também nele que ficam impressos muitos dos abusos realizados no corpo físico ao longo das existências. São marcas perispirituais que só podem ser retiradas se transferidas de volta ao corpo físico pela incorporação. É por isso que muitas pessoas apresentam doenças crônicas para quais a medicina só apresenta cura momentânea, mas que voltam em outras oportunidades. Uma vez transferidas para o corpo físico, no entanto, ao sair daquela encarnação o perispírito recupera sua saúde fluídica, vendo-se livre dessas marcas deletérias que ficaram pra trás. Desta maneira é que podemos compreender que muitas vezes as doenças de hoje são veículos da cura efetiva para as encarnações seguintes.

Quando dissemos que Sophia, sentia intuitivamente queremos dizer que ela veio a Terra tendo como uma de suas missões ajudar a minorar a inimizade que o irmão desenvolvera por Wilbert. Muitas vezes os dois riam e brincavam pelos gramados dos jardins da mansão da família em atividades recreativas ou esportivas quando Wilbert se aproximava e a desenvoltura de Jonathan se assombreadava, as suas feições se tornavam duras e os olhos se contraíam. Wilbert se achegava a eles e os abraçava, Sophia o envolvia ternamente e o enchia de beijos e carinhos, Jonathan se mantinha rito e com a cabeça e os braços pendentes, incapaz se expressar um gesto de carinho pelo pai. Quando isso acontecia Wilbert pacientemente sentava-se com eles e participava das atividades, assim ao poucos o menino ia desfazendo a sua carranca e rigidez, ao final Wilbert o abraçava e dizia do seu amor por ele.

Aos dezessete anos ele e Wilbert mantinham um ameno relacionamento, que se não tão efusivo como com Sophia, ao menos havia mudanças significativas em se comparadas aos primeiros anos do crescimento do menino. Wilbert fazia questão de participar dos estudos com ele e os seus pontos de vista foram sendo aparados e ajustados, já que o menino nem sempre manifestava uma integridade moral tão bem definida quanto a dos pais, Wilbert pôde ir mostrando a ele valores morais mais efetivos e determinados e com isso conseguia trazê-lo para si, tanto na questão de sintonia quanto no respeito que ele já manifestava pelo pai, porém essa não era uma situação totalmente determinada, na alma de Jonathan uma semente de amor já estava plantada, quanto o desenvolvimento ainda era cedo para saber se seria um sucesso, se daria frutos.

Essa situação de desenvolvimento das relações espirituais deixam momentos que permitem acesso de espíritos que buscam desvirtuá-las e atrasar os processos de evolução, os alertas que nos são dados vêm desde a época de vida física do nosso mestre Jesus, quando nos dizia que devíamos estar sempre atentos e vigilantes, quando nos dizia para orarmos e vigiarmos, ele sabia que nossas defesas espirituais se assemelham as nossas defesas orgânicas, ou seja, se estamos tristes, deprimidos ou sem força mental para nos mantermos saudáveis, os micros-organismos se apoderam de nossos corpos e atuam quando os nossos anticorpos estão em baixo número, em quantidade insuficiente para rechaçá-los, naqueles pontos do nosso organismo onde somos mais frágeis. Assim também atuam os espíritos inferiores, como verdadeiros micro-organismos em nossas defesas mentais e vibratórias, quando nos sentem fragilizados eles nos atacam e nos usam como fontes de alimentação energéticas. Vinculam-se a nós pela afinidade de pensar, pelas sintonias vibratórias. Esse procedimento é tão ou mais pesado e profundo quanto às oportunidades que deixamos. Se formos dados ao uso do álcool e do fumo ou do sexo de maneira exagerada, às drogas, eles se agregam ao nosso perispírito e como vampiros absorvem as emanções que emitimos desses produtos. Os pensamentos também servem a esse fim, pois quando somos fracos de vontade e manifestamos sentimentos de desespero, de tristeza exagerada, medo, inferioridade ou de exacerbada vaidade, culto ao físico, preguiça, manifestadas atitudes de racismo, segregação racial, religiosa, falta de ética e moral, vivência na corrupção e toda espécie de vícios, devassidões e defeitos humanos que povoam esse planeta de sofrimentos, dão abertura e a liberdade para esses espíritos atuarem em nós e nos usem como seus representantes nos mundos onde há a vida física. Eles nos envolvem nos usando como fantoches, nos enfraquecendo a vontade por sugestões e influencias, por manipulações onde sugam as nossas energias pela absorção dos nossos corpos físicos, das nossas energias que se dá pelo duplo etéreo, ou seja, pelo nosso corpo astral, mais precisamente pelos nossos chácras.

Os chácras estão intimamente ligados aos pontos nevrálgicos do corpo astral e indiretamente ao corpo físico, constituem-se em pequenos vórtices ou redemoinhos do tamanho de um pires, por esses pontos são sugadas estas energias sutilíssimas que irrigam e haurem o corpo físico energicamente que são absorvidas pelo corpo físico expandindo-se em milhares de filamentos luminosos chamados Aura.

Assim sem vontade própria os desencarnados atuam sobre nossos desejos e impõem suas vontades, usando-nos para a manutenção desse estado de coisas que degrada a vida humana e a criação de Deus. Essas associações acontecem em todas as camadas e níveis da sociedade terrena, desde os mais humildes até com os de mais posses, uns pela ignorância, falta de preparo outros pela soberba e pela falta de crenças, uns pelas desculpas de não ter posse e outras pelos excessos delas. Assim os defeitos dos espíritos encarnados associados aos dos desencarnados, são exemplificados no que vemos ocorrer quando líderes mundiais carentes de Deus em seus procedimentos usam suas posições para atacar e destruir outros povos, por toda a sorte de justificativas que vão desde a necessidade de defender-se, às diferenças de pensar, passando pelas opções religiosas, de credos, às mais absurdas possíveis. A intolerância é umas das maiores armas usadas por essa legião de espíritos inferiores para causar danos à vida. A condição de espíritos inferiores não significa inferioridade intelectual ou de inteligência, pelo contrário essa legião a que nos referimos é possuidora de todos os atributos de força e de poder que se possa pensar, porém não dispõem da maior e mais poderosa arma que as forças da luz detêm, o amor. Assim devemos sim estar sempre alertas não dando condições necessárias a sermos manipulados e sim manifestando o nosso amor, pelo próximo, pela natureza e formando condições de mudanças positivas nessa luta silenciosa.

Em Jonathan as condições negativas estavam latentes, e eram elas que Malzabetec desejava usar para evitar melhorias evolutivas que ele vinha conseguindo com a ajuda das familiares e que isso viesse a ser uma das desgraças de Wilbert.

Ele sabia que Jonathan estudava no colégio Sant Patrick, e para lá se ofereceu como professor de ciências. Expôs-se a uma bancada que o salteou e interrogou por horas até que ele foi aceito nos quadros da instituição. Logo ele pôde se orientar e buscar uma situação de lecionar em uma das turmas onde Jonathan estava inscrito. Por alguns meses ele pôde então estabelecer uma relação com o jovem mais profunda e de confiança onde passou a incutir na mente desprevenida seus conhecimentos e conselhos subliminares.

Sophia e Yonah perceberam com inquietudes mudanças de comportamento em Jonathan a partir de então, ele andava calado e ensimesmado, as conquistas que Wilbert adquirira no convívio com ele pareciam estarem se desfazendo. A aversão e a contrariedade com a presença do pai voltaram a ser a tônica na casa. Wilbert se entristeceu momentaneamente com a recaída do filho, mas logo se recuperou e retornou a investir naquilo que passou a ser uma questão de vida para ele. Assim uma luta passou a acontecer independente do conhecimento de Wilbert, de um lado ele e a sua família buscando com amor conter a instalação da indiferença e da rejeição ao pai e ascender ao coração de Jonathan uma chama definitiva de afeição e afabilidade e por outro as forças negativas manipuladas e usadas por Malzabetec. Jonathan que era resistente às reuniões espíritas que a mãe Yonah coordenava passou a ser levado pelos pais a participar delas mesmo a contra gosto seu.

Capítulo 34

O grupamento formado por Severo e Murdock trabalhava buscando realizar sua vingança e avançava acreditando estar desta vez ganhando terreno na consecução de suas ações. Malzabetec agia em relação a influenciar Jonathan. Severo atuando diretamente sobre James no Brasil acusando-o mentalmente de ter colaborado indiretamente no seqüestro de Victor, o primogênito de Wilbert.

Murdock formatava formas pensamentos para que agindo sobre Rosenberg e induzi-lo a convidar Wilbert para ir ao Brasil, assim eles cuidariam de colocá-lo em contato direto com o seu filho Victor e provocando entre ambos um conflito de relacionamento. Os três agiam coordenadamente e se reuniram em sessões de magia realizadas na mansão de Malzabetec. A mansão comprada por ele em Londres era considerada mal-assombrada, mas Malzabetec era um bruxo acostumado com as coisas do mundo dos mortos. Neste momento vamos encontrá-lo no salão onde ele realizava suas práticas, sobre uma bancada de mármore ele lia uma cópia da página do Livro da Vida Eterna feita por Murdock, lia com extremo cuidado traduzindo cada termo escrito em linguagem antiga não mais existente. O texto era em sânscrito e mostrava uma figura de um demônio acuando dois seres apavorados, Malzabetec passou o dedo magro sobre as linhas leu em voz baixa, como se soletrasse as palavras, terminado o texto o recitou, agora mentalmente, depois verificou se havia dito todas as palavras contidas nele e o repetiu mais uma vez em voz alta. Levantou-se e foi diante do altar, onde duas grandes colunas ladeavam três prateleiras superpostas, subiu a escadaria e colocou o livro sobre o púlpito. Retirou de dentro de uma urna de bronze uma sacola de erva e colocou uma porção sobre o braseiro que ardia em um vaso, a fumaça e os odores de diversas ervas encheram o ambiente. Depois retirou da urna um pote com sangue não coagulado, e jogou algumas gotas num outro pote com um líquido feito de álcool vegetal e balançou a mistura colocando-o sobre a prateleira. Ajoelhou-se e ergueu os braços pronunciando em voz alta o texto que decorara. Os seus olhos brilharam e o seu rosto endureceu, seus dedos crispavam e a sua voz ficou mais rouca e ele evocou uma entidade de nome Leugim. Uma imagem foi se formando à sua frente e um ser de estatura muito alta foi surgindo. Os olhos avermelhados e as orelhas retorcidas, caroços por todo o corpo, ombros desnivelados, braços fortes e músculos exagerados. O pescoço curto e com vasos sanguíneos alterados, visivelmente dilatados. Ele ficou parado e Malzabetec o observou por algum tempo, depois andou a sua volta e ao chegar às costas parou e observou duas protuberâncias sobre as omoplatas que Malzabetec julgava serem asas não desenvolvidas.

-De fato você é um anjo contrário, essa é prova. Falou ele.

-As suas asas estão atrofiadas, você irá me servir e muito a partir de hoje, eu o trouxe aqui devido aos meus imensos poderes, eu Malzabetec senhor das trevas e manipulador da vida e da morte, exijo obediência e servidão. Depois ele ordenou a Severo e Murdock que aparecessem. Jogou um pó sobre o braseiro e eles então sugeriram ao lado de Leugim. Murdock se assustou e pulou do alto das escadas e caiu próximo a Malzabetec, Severo ficou paralisado olhando para o ser disforme a seu lado, monstruoso e gigantesco.

-Venha Severo desça. Falou Malzabetec.

-Mas quem é esse ser?

-Ele é um demônio que evoquei com a cópia que me deram, a do Livro da Vida Eterna e irá nos ajudar na nossa missão, e a mim a obter o livro que tanto almejo para me tornar o ser mais poderoso jamais existente. Isso é apenas um pouco do que poderei fazer com o livro em minhas mãos. Porque não o trouxeram?

-Não é esse o acordo, quando destruímos o Wilbert ai sim você o terá.

-Se é assim, que seja.

-Você já tem seu monstrengo, Leugin urrou e Severo se protegeu atrás de Malzabetec. Tudo é válido para que possamos nos reforçar. Qual será o trabalho dele? Disse Severo.

-Ele ira atacar a casa de Wilbert, precisamos de alguém que seja poderoso e que tenha muita força

para enfrentar e romper as defesas da casa de estudos, onde eles exercitam as práticas da luz, ele irá provocar um rompimento nas defesas pessoais de Wilbert, ele precisa descobrir um ponto fraco nele, além do qual já sabemos, a família.

Há os que pensam que os planos do mal são feitos de sucessos. Aos que pensam que Deus permite que o mal haja indistintamente e imaginam que quando algo de ruim acontece é porque Deus está desatento, aos que julgam serem as trevas e a escuridão tão poderosos quanto a luz, este que assim pensam estão apenas vendo os fatos com a visão limitada e humana de quem habita ainda um planeta destinado a expiação, aqueles que ainda são como crianças nos caminhos da espiritualidade. O mal é um recurso de expiação assim como a dor e o sofrimento, ele ainda atua devido as nossas opções por ele, ele existe devido as nossas escolhas, e assim dentro das circunstâncias que ele se apresenta ele é usado para os fins de aprendizado que a vida necessita para nos fazer aprender e nos mostrar as conseqüências de nossas escolhas. O mal por si só seria uma negação de Deus, de sua bondade, o mal pelo mal seria uma injustiça da vida para conosco.

Enquanto Malzabetec e os seus auxiliares trabalhavam imaginando estarem apenas desenvolvendo e executando ações que seriam de seus próprios interesses, estavam eles sim trabalhando para um todo, para o interesse sim do Universo. Quando eles pensavam que os seus atos resultariam apenas em conseqüências interesseiras e egoístas dos seus desejos, não, eles estavam sim inclusos num plano maior de Deus, onde todos os que têm débitos interagem e se ajudam independente de o saberem ou não. Sabedores ou não dessa interação essa é maneira de Deus aproveitar os ensinamentos que de cada ato resultara, reunindo os alunos que precisarão aprender a lição que será dada.

Assim Malzabetec e os seus trabalhavam e suas ações os uniam a outros grupos vistos por eles como inimigos seus, mas perante a Deus estavam prestes a concluir mais uma etapa evolutiva de aprendizagem.

Capítulo 35

Rosenberg, visitava constantemente a casa de Wilbert e embora tendo sua opção por uma religião, admirava a tenacidade com que Yonah se empenha em cumprir sua doutrina e não a julgava por ter abandonado a sua antiga religiosidade. Mesmo deficiente da visão, atuava e se dedicava de alma ao seu trabalho social, eram muitas pessoas que vinda de vários pontos do país e mesmo do estrangeiro em busca de colocação profissional, buscavam o atendimento oferecido. Pessoas que se viam por vezes diante de circunstâncias desfavorável na suas vidas, outros deficientes, abandonados, sem familiares, doentes, idosos e crianças, esse era o povo que era atendido por Yonah. Rosenberg ajuda com doações financeiras e ajuda em colocação de empregos, somente não gostava de assistir as reuniões de estudos da doutrina espírita, porem muito conversava com Wilbert e Yonah, tentando entender certos processos de vida.

-Wilbert, a entrega de Yonah me surpreende, por tanta dedicação, lidando com toda essa situação e incômodos, vômitos, fezes, urinas, vejo aqui tantas pessoas combatidas, atacadas por doenças diversas, isso me incomoda e me perturba, muitas vezes temo por vocês, temo que vocês possam ser contaminados por alguma dessas doenças.

-Rosenberg, mais que qualquer medo está a caridade, se isso for um caminho de contágio, seremos contagiados, mas não será pelo medo que deixaremos de ajudar a quem precisa, o medo imobiliza e trava. Você Rosenberg, sinceramente acha que está livre de ter alguma doença estando longe desses infelizes?

-Não sei Wilbert, mas muitas doenças nos atingem pelo contato, eu li sobre isso recentemente.

-Sente-se Rosenberg, vamos ter uma longa conversa para você entender como ocorrem as doenças. Quantas pessoas têm contatos com os doentes, e nada sofrem, os médicos, as enfermeiras, os padres, os missionários. Rosenberg o perispírito é um corpo intermediário que permite ao espírito encarnado exercer suas ações sobre o corpo físico. Sua ligação é feita atingindo a mais profunda intimidade das nossas matérias físicas. Esta ligação se processa pelas vibrações de cada um dos dois corpos, o físico e o espiritual, cujo ajuste exige uma determinada sintonia. Como o perispírito não é prisioneiro das dimensões físicas do corpo de carne, podendo manifestar suas ações além dos limites do corpo físico pela projeção dos seus fluidos, a sintonia e a irradiação do perispírito são dependentes unicamente das projeções mentais que o espírito elabora, do fluxo de idéias que construímos. De maneira geral, o ser humano ainda perde muito dos seus dias comprometidos com a crítica aos semelhantes, o ódio, a maledicência, as exigências descabidas, a ociosidade, a cólera e o azedume entre tantas outras reclamações levianas contra a vida e contra todos. Como o vigiai e orai ainda está distante da nossa rotina, desajustamos a sintonia entre o corpo físico e o perispírito, causando um desequilíbrio, uma desarmonia. Essa desarmonia desencadeia sensações de mal-estar, como a estafa

e a fadiga sistemática, a enxaqueca, a digestão que nunca se acomoda, o mau humor constante e as inúmeras outras manifestações tidas como doenças. Ainda nos dedicamos pouco a uma reflexão sobre os prejuízos de nossas mesquinhas atitudes, principalmente em relação a um comportamento mental adequado. Há a necessidade de um perfeito ajuste entre esses três elementos, é no seu desalinhamento, no seu desajuste que as imperfeições energéticas se impõem, ou seja como doenças, ou seja isso significa um aviso, um alerta, um reflexo resultante de alguma coisa não vai bem em nós. Se esse processo persiste e se agrava, o mesmo acontece com os sintomas que sentimos, ou seja as doenças se estabelecem.

Esses desajustes ocorrem quando não nos afastamos das programações que definimos com a espiritualidade antes de reencarnamos, ou seja combinamos uma coisa e depois que aqui chegamos, os interesses e experiências terrenas, nos vão sugestionando desvios, atalhos e veredas outras que não aquelas que deveríamos trilhar.

-Wilbert isso tudo é muito complexo e me confunde, não sei se acredito nesses seus conceitos. Acho que doenças são doenças, processos físicos de fraquezas, debilidades físicas e de deformações também físicas, orgânicas.

-Rosenberg, em parte você tem razão, mas antes de se manifestarem fisicamente os processos das doenças são mais profundos. Eles já se originaram no corpo espiritual, a sua presença externa, somente acontece no final desse processo. Esses processos pode ser além da nossa forma de pensar, também de influências outras que encontrando sintonia em nossa forma de ser ajudam a agravar essas doenças, uma delas se dá por obsessão de nós mesmo. Você sabia que o pensamento é energia? Que constrói imagens que se unem a nós?

-Não, Wilbert, mas essa parte me interessou, como funciona isso?

-Bom, impressas no perispírito essas imagens formam um campo de representações do que pensamos. Construídas com fluidos do Universo, as idéias tomam formas sustentadas pela intensidade com que pensamos nelas. A matéria mental constrói em torno de nós uma atmosfera onde estão representados os nossos desejos e nesse cenário, estarão todos os personagens que nos aprisionam, o pensamento pelo amor ou pelo ódio, pela indiferença ou pela proteção. O medo, angústias, mágoas, idéias fixas, desejo de vingança, opiniões obsessivamente repetidas, objetos de sedução, poder ou títulos cobiçados, tudo se estrutura em idéias vivas que alimentamos, tornando-nos prisioneiros dos nossos próprios pensamentos. A matéria mental que produzimos é que nos escraviza. Somos nós os próprios causadores de nossas desgraças, por desejos de poder, de invejas, ódios e outros. Isso tudo nos enfraquece e possibilita a instalação das doenças.

-Bom Wilbert nisso eu creio sim, e vejo isso acontecer na prática, já observei que as pessoas que vivem com esses sentimentos são pessoas amargas e doentes.

-É sim Rosenberg, pessoas doentes, de alma e corpo, pessoas tristes, desanimadas, sem alegria, também abrem brechas para as doenças ou mas existem ainda aquelas doenças que se manifestam por influências de outro ser. O mundo espiritual é povoado de inúmeros espíritos que vagam e se sintonizam conosco. A maior parte habitando as proximidades dos ambientes terrestres, assim compartilham das nossas condutas. Podemos atraí-los como guias e protetores, que constantemente nos inspiram, mas também a eles nos aprisionamos pelos vícios, o álcool, o fumo, os desregramentos alimentares e os abusos sexuais. Para todas essas situações, as portas da invigilância estão escancaradas, permitindo o acesso de entidades desencarnadas afins. Nesses desvios da conduta humana, a mente do responsável agrega em torno de si elementos mentais com extrema capacidade

corrosiva de seu organismo físico, construindo assim as doenças que passam a obstruir o funcionamento do fígado, dos rins e pulmões, causando lesões que a medicina considera incuráveis. As entidades espirituais viciadas compartilham dos prazeres do vício que nós encarnado lhes favorecemos e ao seu tempo os estimulamos a nele permanecer. Nesta associação, há uma tremenda perda de energia por parte do encarnado. Daí a as possibilidades de surgirem as doenças, inclusive as mentais. No decurso de cada encarnação, a misericórdia de Deus nos permite usufruir das oportunidades que melhor nos convém para estimular nosso progresso espiritual. Os reencontros ou desencontros são de certa maneira planejados ou atraídos por nós para os devidos resgates ou para facilitar o cumprimento das nossas vontades antes de encarnarmos. Desse modo, pais e filhos, reencontram-se como irmãos, como amigos, como nós parceiros de uma sociedade. Marido e mulher que se amaram ou se desrespeitaram, agora se reajustam como pai e filha, chefe e empregados ou como parentes distantes, que a vida dificulta a aproximação. As dificuldades da vida de uma maneira ou de outra vão reeducando a todos. Os obstáculos que à primeira vista nos parecem castigo ou punição trazem no seu conteúdo de provas a possibilidade de nos recuperarmos de danos físicos ou morais que produzimos no passado. No decorrer de nossas vidas, seremos sempre ganhadores ou perdedores na grande luta da sobrevivência humana. Nenhum de nós percorrerá essa jornada sem ter que tomar decisões, sem deixar de expressar seus desejos e sem fazer suas escolhas que resultarão na saúde ou nas doenças.

-Diga-me uma coisa Wilbert esse contato, essa proximidade como que vocês chamam de espíritos, não pode ocasionar algum mal a você e a sua família? Quero entender o que significa ser médium, o que é essa estória de mediunidade? Mexer com essa coisa não pode causar mal a vocês?

-Rosenberg, com muita freqüência, a mediunidade se manifesta de forma tranqüila e é tida como tão natural que o médium, quase sempre ainda muito jovem, mal se dá conta de que o que vê, o que percebe e o que escuta de diferente é mediunidade e que ele é um médium. Outras vezes, os fenômenos são apresentados de forma abundante e o principiante é tomado de medos e inseguranças, principalmente, por não saber do que se trata. Em outras ocasiões, a mediunidade é atormentada por espíritos perturbadores e o médium se vê às voltas com uma série de quadros das demências, ocorrendo crises do tipo pânico, histeria ou outras manifestações que se expressam em dores, paralisias, anestésias, membros inchados, insônia rebelde, sonolência incontrolável. Uma grande maioria tem pequenos sintomas e se sente influenciada ou acompanhada por entidades espirituais. São médiuns com aptidões ainda muito acanhadas, em fase de aprendizado e domínio de suas potencialidades, uma terra semente que ainda precisa ser cultivada para se desabrochar. A doenças que trazemos de outras encarnações é antes de mais nada uma oportunidade de resgate e redenção espiritual. Sempre que pelas nossas intemperanças desconsideramos os cuidados com o nosso corpo e atingimos o equilíbrio físico ou psíquico do nosso próximo, estamos imprimindo estes desajustes em nosso corpo espiritual. É assim que, no rol das doenças humanas, ficam registrados os quadros de lúpus que nos compromete as artérias, da doença do fogo que nos queima a pele, das malformações de coração ou do cérebro, das doenças do sangue, dos ossos que nos imobiliza no leito ou das demências que nos compromete a lucidez e nos afasta da sociedade. Precisamos compreender que estas e todas as outras manifestações de doença não devem ser vistas como castigos ou punições. O Espiritismo ensina que as dificuldades que enfrentamos são oportunidades de resgate, as quais, com freqüência, fomos nós mesmos quem as escolhemos para acelerar nosso progresso e nos alavancar do retardo, que às vezes nos mantém distantes daqueles que nos esperam adiante de nós, que mais

rapidamente evoluíram. Mais do que a cura das doenças, a medicina tibetana, há milênios atrás, ensinava que médicos e pacientes deviam buscar a oportunidade da iluminação. Os padecimentos pela dor e as limitações que as doenças nos trazem sempre possibilitam esclarecimento, se nos predisposmos a buscá-lo. Mais importante do que aceitar o sofrimento numa resignação passiva e pouco produtiva é tentar superar qualquer limitação ou revolta, para promovermos o crescimento espiritual, através desta descoberta interior e individual.

-Sabe Wilbert como você pode me descrever tudo isso, quando o a sua doutrina ainda encaminha, quando só a tão pouco tempo esses conceitos foram divulgados?

Wilbert sorriu, um sorriso largo e prolongado, e disse.

-Meu amigo, se você se preocupasse mais em observar a vida e estudar, ao invés de somente questionar poderia saber tanto quanto diz que eu sei, por outro lado mantenho sempre correspondências, com revistas e sociedades ligadas ao assunto, procuro estar sempre atualizado, não quero mexer como você diz com energias sem saber como o que estou lidando, de fato ainda são conceitos e fatos recentes onde ainda precisamos conhecer mais profundamente.

Nesse instante a sogra de Wilbert veio chamá-los para uma refeição.

-Só mais uma coisa Rosenberg, o fato de você não crê nos espíritos não quer dizer que você se relacione com eles e eles com você. Disse Wilbert sorrindo e abraçando o amigo.

-Vamos deixar esse assunto para outra hora, vamos tomar um bom chá que é o melhor.

Victor se formou e cinco anos após já era um dos mais brilhantes profissionais da cidade, montara um escritório no centro do Rio de Janeiro e muito rapidamente pode tornar-se independente financeiramente, angariara o respeito de seus pares e sua carreira tomava vulto e a admiração de seus adversários, sua família era o centro de sua vida no que era correspondido por Emily e Suterland.

Capítulo 36

Rosenberg após varias tentativas de se corresponder Liza, desistiu. Diante de sua recusa em voltar ao convívio com o mundo Liza buscou o afastamento com seus amigos. O seu coração parecia ter sido enterrado com o corpo de Danton. Diante do quadro de impossibilidade de aproximação de Liza ele acabou por se apaixonar e casar-se com Estela uma mulher de mais idade que a dele, nascida no Uruguai e que possuía terras no Brasil onde criava gado no Rio Grande do Sul e que tinha duas representações industriais de construção e reposição de produtos para ferrovias em São Paulo e Rio de Janeiro. Essas empresas eram intermediárias de outras sediadas na Inglaterra e negociavam os interesses comerciais nessa área de serviços e assim Rosenberg passou a ampliar os seus negócios e os de seu pai no novo continente, vinculados aos contratos e aos interesses jurídicos demandados. Depois de sua primeira vinda ao Rio de Janeiro Rosenberg percebeu a necessidade de passar a vir mais vezes por conta do acelerado ritmo de crescimento dos seus negócios.

No seu retorno a Londres ele se viu na contingência de pedir a Wilbert que o acompanhasse na próxima ida ao Brasil e duas semanas após eles seguiam no navio com destino ao Rio de Janeiro.

Após a longa viagem os dois foram recebidos por Estela, esposa de Rosenberg, que havia ficado no Rio de Janeiro e hospedaram-se na casa de um influente negociante português em Santa Teresa, chamado Álvaro Coutinho. Coutinho possuía inúmeros negócios no eixo Rio - São Paulo, sendo que dentre eles um em sociedade com Estela. Uma das propostas públicas que ganharam foi a expansão de um ramal de rede ferroviária instalada que seguia para o interior do estado do Rio de Janeiro e que ajudaria a desafogar a produção cafeeira. Uma pendenga, porém envolvia o contrato no que dizia respeito a desapropriação das terras ao longo da via, já que a empresa deles queria fazer um desvio não previsto no projeto inicial, o que reduziria o prazo, mas que aumentaria os valores das indenizações as quais o poder público não queria arcar, já que um grande proprietário se sentia prejudicado com a passagem da ferrovia em meio as suas terras e por isso entrara com uma ação judicial para questionar os valores oferecidos como indenização por parte de suas terras. Esse fato trouxera ainda outra divergência entre a companhia de Coutinho e Estela e a administração pública, já que esta concordava com o desvio da rota desde que a empresa deles assumisse as diferenças nas indenizações não previstas pela desapropriação.

Coutinho, embora jovem, era um homem experimentado nesses assuntos, e que fizera fortuna rapidamente intermediando compra e venda de metais e pedras preciosas entre o Brasil, países europeus e sul-americanos, principalmente o Uruguai, país onde veio conhecer Estela. As dificuldades legais e os perigos que envolviam esse tipo de transação comercial o fizeram gradativamente ir mudando o rumo dos seus negócios. O comércio de metais e pedra ficou quase que

totalmente em segundo plano. Muito falante e com fluência no espanhol e no inglês, com uma vida cultural substantiva ele teve imediato acesso à sociedade fluminense. Na primeira semana de Wilbert e Rosenberg no Brasil ele pôde levá-los a algumas recepções, o que não era um hábito para Wilbert. Ele comparecia por conta da pressão exercida por Rosenberg devido à importância da sua presença para os negócios, que em última análise era o que pagava os seus honorários. Wilbert ainda teria uma pequena porcentagem sobre os lucros nos negócios fechados ali, desse modo se sentia na obrigação como sócio de Rosenberg de acompanhá-lo em cada reunião ou evento de conhecimento social.

A distância trazia a saudades de Yonah, mas a sua mente invariavelmente buscava o filho Jonathan, queria tê-lo mais próximo, amigo e confidente. O corpo de Wilbert sabia que teria que colocar todas as suas forças naquele resgate, que precisava conquistar o filho definitivamente, ele sabia que aquela missão era muito mais dele do que do filho, sabia que havia um interesse da vida em uni-los, sabia que a agressividade e o afastamento que o filho às vezes lhe impunha não eram simplesmente resultado de implicâncias comportamentais da juventude, não eram mimos ou conduta indevida da educação, mas sim forças de existências anteriores atuando sobre ambos. A vida os unira por alguma determinação ou necessidade e ele faria tudo para reverter àquela situação, trazendo-o para si e protegendo seu filho, o ajudaria a construir uma nova jornada, desligada de rancores e influências passadas, mas a vida o queria no Brasil, para que naquele cenário acontecesse outros desígnios de Deus.

Rosenberg e Wilbert estavam no escritório de Coutinho avaliando os projetos da estrada de ferro quando um jovem advogado chegou e se apresentou como sendo o representante legal das terras da fazenda Senhorinha pelas quais a estrada de ferro passaria. Ele queria conversar com os responsáveis pelo projeto para colocar os seus pontos de vista e interesses. Rosenberg fez as apresentações e se colocou com um dos responsáveis pela empresa, uma vez que a sua esposa e o seu sócio Coutinho não estavam presentes. A entrada de Victor causou um choque em Wilbert que não soube explicar o que acontecia, ficou tão perturbado que Rosenberg percebeu e pediu licença para se retirar por uns minutos. Na sala o contíguo chamou Wilbert e perguntou. Wilbert você está passando mal?

-Não, eu estou bem, mas não sei o porquê, fiquei tão perturbado com a presença do jovem advogado, não sei por que, foi algo repentino quanto inesperado, é inexplicável. Uma sensação que não sei definir, nem como ruim nem como boa. Realmente não sei o que é, mas a presença desse rapaz me causou esse sentimento estranho.

-Tome um pouco d'água, se não quiser prosseguir eu faço a reunião sozinho.

-Não, não Rosenberg, eu vou sim quero saber mais sobre ele. Alguma coisa nele me deixou assim, preciso descobrir o porquê, vamos.

Eles voltaram à sala, se sentaram e chamaram um empregado da empresa que conhecia a língua portuguesa e o inglês e assim poderia traduzir o que fosse falado. Victor porém recusou a intervenção dizendo que dominava muito bem a língua inglesa, depois expôs a situação e as reivindicações dos proprietários que seriam seus pais. Queria mostrar à empresa detentora do contrato que a demanda não amigável levaria o embargo das obras ou a uma batalha judicial demorada causando maiores prejuízos a todos.

Rosenberg e Wilbert que primavam pela correção em seus negócios, a princípio concordavam com os argumentos que Victor expunha, porém permaneceram calados e a ouvidos. Rosenberg então se pronunciou e disse:

-Acho que os pontos expostos por você são de fato relevantes, porém quero deixar claro uma coisa, o que digo não vai de encontro a uma desconfiança de caráter pessoal, mas apenas uma proteção à empresa que represento, assim sendo considere que não podemos simplesmente tomar seus dados e informações sobre os valores comerciais das terras como sendo o definitivo. Queremos sim um laudo de um perito quanto a valorização delas para então tomemos uma decisão, que seja positiva para ambas as partes. Concorda Senhor? Aliás o Senhor não nos disse o seu nome.

-Desculpe, pois então tomem o meu cartão.

Rosenberg tomou o cartão e leu, depois o passou a Wilbert, que ainda visivelmente embaraçado ouvia tudo, mas que pouco registrou sobre o assunto, já que ainda estava bastante impressionado com sensação que o tomou desde a chegada do jovem. Ele leu então o cartão – Victor S. Mondville.

Victor então disse concordar com a colocação de Rosenberg e se dispôs em uma semana trazer pessoalmente a avaliação feita por uma pessoa abalizada com o preço comercial de suas terras.

Todos se despediram e Rosenberg perguntou a Wilbert.

–Amigo o que aconteceu? Você ficou olhando fixamente para o rapaz e não se manifestou, não deu nenhuma opinião ou sugestão durante a conversa.

-Não sei explicar Rosenberg, uma sensação estranha, o meu corpo foi tomado por uma energia que apenas sinto nas nossas reuniões espíritas. Alguma coisa de sintonia, de energia, mas não sei bem definir. Será que Coutinho conhece esse rapaz?

-Quando ele estiver conosco saberemos. Vamos almoçar então?

-Sim, vamos.

Alguns dias depois Wilbert pôde saber de Coutinho quem era o jovem advogado que tanto o impressionara.

-Wilbert, Victor é o mais jovem advogado formado pela Faculdade de Direito do Rio de Janeiro e por méritos, pois ele é uma pessoa precoce e considerada, e em apenas cinco anos de profissão um dos mais requisitados profissionais da cidade. Falou Coutinho.

-Mas ele disse ser filho dos donos das terras que temos que indenizar!

-Sim, eles são pessoas estranhas e isoladas, a fazenda deles é de criação de gado e de lavoura de café. Eles não são dados a vindas à capital e nem a participação em eventos sociais. De verdade as negociações relacionadas às coisas da fazenda, compras e vendas de produtos e materiais não são feitas por eles, mas sim transacionadas por seus empregados de confiança. Hoje Victor cuida de boa parte dos negócios, mas há ainda um velho e antigo empregado que também tem essa função.

-Por que eles são assim tão esquivos? Perguntou Rosenberg.

-Não sei dizer Rosenberg, mas se você quiser daremos uma ida a fazenda e procuraremos saber.

Disse Coutinho em tom de brincadeira.

-Mas se eles são tão esquivos assim como nos receberão?

-Ora vamos a negócios e depois que estivermos lá eles não irão nos pôr para fora, ainda mais sabendo que somos os representantes da empresa que irá indenizá-los. Disse rindo Coutinho.

Brincadeiras à parte Wilbert pensou que seria interessante ir até a fazenda e conhecer o modo de vida daquele rapaz. Pensou, mas não manifestou verbalmente o pensamento.

Capítulo 37

Dias depois Coutinho foi ao encontro de Rosenberg e Wilbert convidando-os a irem à fazenda Senhorinha.

Conversei com o Doutor Victor e disse que gostaria de fazer uma verificação mais detalhada da região por onde a estrada irá passar, há um trecho sobre o Rio das Pedras que corta a fazenda e que gostaríamos de dar uma melhor definição no projeto. Como Rosenberg também já conseguiu o documento dando conta do real valor das terras podemos ser convidados por ele para um almoço de negócios amanhã, na mais bonita fazenda da região. O que vocês acham?

-Por mim tudo bem disse logo Rosenberg.

Wilbert nem precisou responder já que os dois estavam resolvidos.

O dia demorou a correr, pois alguma coisa deixava Wilbert com o coração e alma apertados. Pela noite foi difícil conciliar o sono, os pensamentos o assaltavam e o deixavam irrequieto e ansioso, por isso Wilbert se sentou à beira da cama e fez uma prece pedindo tranquilidade e paz de espírito, fechou os olhos e ficou em silêncio por alguns minutos e sentiu a mente ir serenando e uma voz suave falar.

-Wilbert busque a serenidade porque irá precisar dela agora, as soluções e andamentos da vida estarão ocorrendo em breve e você precisará de muita calma e equilíbrio para atravessar toda a turbulência que está por acontecer. Ore e busque toda a proteção na oração, mas siga confiante, pois tudo o que está por vir será a valorização da vida por seu modo de ser e viver. Momentos decisivos para ajustes nas vidas de todos nós que estamos reunidos num mesmo ciclo de relacionamento antigo, já estão acontecendo, portanto, fé e confiança! Não esmoreça diante das dificuldades aparentes.

Wilbert recebeu a mensagem e pensou nos seus filhos e na sua esposa e soube que era sobre isso que a voz amiga falou, depois a imagem do seu filho seqüestrado veio em sua mente e Wilbert desejou poder revê-lo. Fez uma oração final, deitou-se e o seu sono foi sereno. Pela manhã ele levantou fisicamente bem disposto, mas ainda com uma preocupação que não sabia explicar. Lembrou-se das palavras recebidas na noite passada e procurou não se ocupar daquilo que não poderia dar solução.

Coutinho passou horas depois e junto com Estela foram os quatro para a Fazenda Senhorinha. Na entrada principal da fazenda Victor os aguardava junto com o capataz e com outro homem de mais idade, que por sua postura e destreza com o animal chamava a atenção. Seguiram então para a região da fazenda que estava sob questão, vistoriaram a área e Victor falou.

-Consegui um documento formal dando conta do valor deste pedaço de terra. Estou com ele na sede

da fazenda e eu o passarei para vocês durante o almoço que nos espera. Todos comemoram. Durante o percurso Wilbert olhava atento, ora para o empregado de mais idade que acompanhava Victor e ora para o próprio Victor, do primeiro tinha uma leve impressão de conhecê-lo e para o segundo algo nele lhe era extremamente familiar.

-Acho que estamos perto de concluirmos nosso acordo sem maiores complicações, disse Estela.

-Sim Senhora, fico feliz de poder ser assim, pois esse é o princípio que norteia as minhas ações de vida e profissionais. Procuro sempre agir de modo que possamos realizar tudo na vida sem maiores males, buscando a justiça e o bom entendimento.

Wilbert falou então.

-Se vivêssemos todos na Inglaterra creio que poderíamos fazer uma oferta de trabalho a você Victor, pois temos também a mesma filosofia de trabalho.

-Seria um prazer Senhor, mas não creio que vá me ausentar do Brasil definitivamente, apenas talvez, pelo desejo de conhecer a Europa, e o país dos meus pais, mas creio ter aqui mesmo um vasto campo de trabalho, e podendo estar junto à minha família.

-Senhor Wilbert, de que região da Inglaterra o senhor é?

O nome de Wilbert caiu como uma bomba na cabeça do empregado idoso de Victor. Ele olhou bem o homem com quem Victor dialogava e logo reconheceu ser o pai de Victor, o verdadeiro, aquele de quem ele fora arrancado e trazido para o Brasil. Por sua mente passaram em poucos segundos uma infinidade de pensamentos. De sua memória vieram lembranças de um passado que não gostaria que voltasse. Reviu o dia em que Bernard brigara com os amigos e atirara o copo de bebida no jardim e mais tarde quando ele chegou pela manhã e o Senhor Suterland o aguardava, foi ele James quem jogou fora o jaquetão tosquiado. Lembrou também o dia em que ele apareceu com o bebê. James soube dias depois da morte de Bernard e que o bebê de Wilbert havia sido seqüestrado. Por dias andou ensimesmando pensando se aquele bebê não era o filho desaparecido dele. Associou também que a morte de Alfred tinha alguma relação com aquele jaquetão tosquiado. O ódio que Bernard nutria por Wilbert era evidente e explícito, sabia que aqueles fatos tinham uma relação direta e que seria pouco provável que Bernard um homem pouco afeito à família, um homem que vivia à custa do pai, que gostava de aproveitar a vida solto e livre, desregrado, tivesse um filho, porém a urgência da viagem para o Brasil e as providências imediatas o envolveram de tal forma que ele logo esqueceu do assunto. Depois por toda a sua vida, ele, James trabalhara para os Suterlands e tudo o que possuía fora adquirido com a ajuda deles, nunca tivera outro emprego, a gratidão que tinha por eles foram a venda e a mordança que o fizera guardar para si o que suspeitava.

Agora o pronunciar daquele nome revivia tudo o quanto tentara esquecer, tudo o quanto durante anos nas noites de silêncio e solidão do seu quarto o martirizou, sabendo que o filho que alegrava a casa dos Suterlands poderia ser o filho que faltava à casa de Yonah e Wilbert.

A velocidade dos seus pensamentos acelerou a frequência cardíaca e a pressão sanguínea, sua cabeça tonteou, a visão escureceu levando-o a um colapso. O seu corpo se desequilibrou e quedou do cavalo, o seu rosto foi ao solo e antes que alguém pudesse ajudá-lo o seu corpo estava no chão desacordado. Um enfarto o acometera. O empregado mais jovem partiu em desespero em busca de ajuda médica. Victor saltou da cela e amparou James, depois foi até sede da fazenda buscar um transporte adequado à situação. Os quatro permaneceram junto ao corpo ainda desacordado. Minutos depois James abriu os olhos e falou baixinho quase inaudível, num esforço estremo.

-Quero falar com o senhor Wilbert.

-Wilbert, venha, ele quer falar com você. Falou Rosenberg

Wilbert se aproximou e colocou o ouvido próximo à boca de James.

-Senhor Wilbert, estou partindo e nem sei se deveria fazer o que estou fazendo, mas quero partir em paz. O seu filho...

A voz apagada, e a falta de energia o fizeram buscar fôlego.

-Tenha calma senhor, não se esforce. O que tem o meu filho, o que você quer me dizer?

-Ele é o seu filho.

-Ele quem?

Mas a vida foi interrompida no corpo de James e ele se calou antes que pudesse dizer tudo o que queria.

Rosenberg que estava mais perto, ao lado dos dois, pôde ainda ouvir as palavras finais de James e, intrigado questionou Wilbert.

-O que esse homem, que não conhecemos e que deduzo não nos conhecesse, quis dizer Wilbert?

-Eu não sei Rosenberg, eu não sei. Ele está morto agora.

-Mas falou como se o conhecesse.

-Também me pareceu.

Logo na estrada de terra a poeira levantada por um galope chamou a atenção de todos que ficaram atentos aguardando a chegada de alguém. O capataz que havia ido a busca de ajuda retornava agora acompanhado de um médico e minutos depois uma carroça chegava com Victor e outro homem que, mesmo bastante queimado pelo sol tropical, deixava ver ser um tipo europeu e que apesar da idade logo Wilbert reconheceu como sendo Suterland.

Apesar de mais idade e cabelos totalmente embranquecidos, Rosenberg também o reconheceu de imediato.

Victor apeou e correu para junto do médico que avisou ser tarde demais para ajudar James.

Victor deixou descer algumas lágrimas e lamentou.

-Pobre James.

-James? Perguntou Rosenberg

-Sim James, porque senhor Rosenberg

-Ele era um inglês?

-Sim, James era inglês, mas o que tem isso?

-Ele falou com Wilbert como se o conhecesse. Disse Rosenberg se aproximando do velho empregado caído.

-Eu reconheço esse senhor, agora me lembro dele, ele era empregado dos Suterlands.

-Sim meu pai é Suterland.

Pela cabeça de Wilbert e Suterland uma confusão de pensamentos ocorria. Ambos se olharam e Wilbert pressentia, mas não tinha ainda as informações definitivas para concluir que Victor poderia ser o seu filho. Suterland embaraçado e tomado pela vergonha de se ver descoberto pela mentira que guardou por anos, perante aquele que tinha como o seu filho, sentia a expectativa o oprimir e os seus olhos se embargaram. Aquele cenário inusitado e surpreendente não o deixava pensar com clareza. A situação fatalmente levaria a descoberta dos fatos que tentara preservar ao vir para o Brasil. Não poderia ser desmascarado assim diante daquele que considerava e amava como seu filho.

Para Suterland a vida o pegara e o expunha sem pena, sem piedade, a situação o surpreendera e ele estava ali sem máscara, sem camuflagem, sem disfarce e sem poder dizer nada que impedisse o que

por certo viria logo em breve a ser desvendado. A situação que ele arrumara para esconder Victor dos olhos indesejáveis se desfazia agora em um lugar distante onde ele jamais imaginou poder vir a acontecer. Ele montou então o cavalo de Victor e disparou, logo sumiu pela estrada envolto na poeira, diante da perplexidade de todos.

Capítulo 38

Severo e Murdock satisfeitos com o andamento dos seus planos esperavam que a consecução final se desse logo e infligiam mentalmente a Suterland as lembranças passadas, imagens que o reportavam a sua decisão de seqüestrar o filho de Wilbert. Premido pelos recentes acontecimentos e pela obsessão dos dois ele aumentava a velocidade do cavalo, que pelo campo já se distanciava da sede da fazenda. Pela cabeça de Suterland os pensamentos viajavam a tanta velocidade quanto a que ele imprimia ao cavalo. Ele pensava em como iria explicar a sua esposa tudo quanto ocultara dela sobre o seu filho de criação. Quantas dores ele teria de viver ao saber que poderia perder o seu filho. Filho daquele que causara a desgraça de Bernard e que estava prestes a causar mais uma à sua família. Um homem que estaria prestes a retomá-lo. O que faria agora? O que seria da sua vida e da sua família? Estava destruído e não queria voltar mais a fazenda, estava velho e agora esgotado com esse acontecimento. O cavalo castigado freneticamente, cansado ao saltar uma vala tropeçou e caiu Suterland foi atirado distante. Por uns segundo seu corpo voou, segundos bastantes para que toda sua vida transcorresse diante de seus olhos. A infância, seus pais, seus avós, seus estudos, sua juventude e fase adulta, depois sentiu o choque de seu corpo, uma dor aguda e profunda nas costas. Tentou se mover e a dor foi insuportável, sabia que se ferira gravemente, pois algo o impedia de sair de onde estava, aquietou-se, seus olhos se fecharam, maior naquele instante era a dor que sentia na alma, a vergonha, o embaraço, e o constrangimento. Meia hora depois foi achado no mesmo lugar onde caíra. O médico que os seguiu o examinou e constatou que galho do troco da árvore caída penetrara nas suas costas, o bastante para ter perfurado o seu pulmão. O retiraram com os cuidados necessários e o levaram para a fazenda.

-Preciso tratá-lo de imediato na fazenda ainda, mesmo que por lá os recursos sejam escassos, posso

dar os primeiros socorros e depois levá-lo para o hospital. Disse o médico. Cada minuto poderá ser fatal.

No dia seguinte na sala de espera no hospital, Emily e Victor esperavam notícias médicas, ela ainda frenética e aos prantos perguntou a ele.

-Victor meu filho, o que aconteceu para tudo isso? O que houve de fato? James morto e o seu pai assim nesse estado, entre a vida e a morte?

-Não sei mãe! James teve um mal-súbito e caiu do cavalo e papai não sei por que, num gesto inexplicável saiu num galope enlouquecido e somente o encontramos uma hora depois nesse estado, bastante ferido, também não entendo ainda o porque de tudo isso, estou tão surpreso quanto a senhora.

-O Doutor Almeida disse ontem ao operá-lo que o estado dele é muitíssimo grave, por que isso filho?

-Não sei mãe, mas alguma coisa aconteceu naqueles poucos minutos durante o encontro na ponte, foi como se algo nos tivesse reunido e ativasse um comando para que tudo isso acontecesse.

-Como assim meu filho, explique.

-James passou mal repentinamente, quando cheguei com meu pai, o Senhor Rosenberg e o Senhor Wilbert se surpreenderam por James ser inglês e disseram que conheciam o meu pai. A partir daí a senhora já sabe.

-Senhor Wilbert e Rosenberg? Eles são ingleses?

-Sim mãe, são, mas porque?

-Por nada filho, mas você sabe os sobrenomes deles.

-Eu tenho os cartões deles aqui. Veja.

Emily pegou e o leu, depois devolveu o cartão ao filho.

Seu rosto se sombrou.

O médico veio e trouxe notícias nada favoráveis a Sutherland. Já operado a sua situação permanecia extremamente grave, a febre o acometia e sua resistência parecia diminuir. Os médicos trabalhavam com poucas possibilidades de reversão do quadro. Ele autorizou a visita rápida dos dois.

Emily sentou ao lado dele e observou por minutos em silêncio o marido inconsciente, depois falou pausadamente.

-Sutherland, não sei se você me ouve, mas quero dizer que estou desvendando um segredo e uma mentira que você manteve guardada até hoje.

Capítulo 39

Em Londres Malzabetec, continuava sua catequese sobre o filho de Yonah e Wilbert. Passou aos poucos sugerir a ele que era possível aos homens, com muito estudo e treinamento ativar poderes poucos comuns à grande maioria dos seres humanos. Ele que na vida passada tivera já treinamentos

com o mesmo Malzabetec, inconscientemente se afeiçãoou ao velho mestre e assim iniciaram ocultamente, mais uma vez os estudos da magia negra.

Falou com Jonathan sobre o Livro da Vida Eterna, explicou o ganho de poder a quem o possuísse, deixou subentendido que se Jonathan o seguisse que poderia ter o acesso aos conhecimentos secretos, que ele Malzabetec o instruiria nas lições das línguas mortas, principal chave de descobrimento dos domínios ali contidos.

Nos planos superiores, na Casa da Luz, onde estava Alfred também estava Reynolds, o investigador, que após a morte levou algum tempo sobre supervisão de Roy, e ainda ficou por um tempo sentindo a dor do tiro que recebeu. Ele pôde por muitas vezes estar com Alfred e Roy e conversar sobre a sua situação, Reynolds não entendia muitas das coisas que a ocorriam. Não entendia porque ele sentia fome e sede e necessidades fisiológicas, desejos carnis físicos, de banho e às vezes até sexo, quando não via esses mesmos desejos em outros componentes que viviam na Casa da Luz. Alfred explicou que a medida que evoluímos essas necessidades vão sendo minimizadas, até cessarem, devido a eliminação das características carnis e o fortalecimento do espírito, cuja formação de matéria mais sutil dispensava essas necessidades.

Em cada mundo existente no Universo há um nível de evolução que determina as necessidades de cada povo que nele habita. Há o mundo de povos ainda grosseiros animalizados, assim como foi a Terra há milhões de anos, por outro lado há mundos sutis onde os seus seres não necessitam de alimentos, de água, de sono ou de sexo.

Aos poucos Reynolds entendia as explicações, mas a forte fixação nas coisas que deixou quando saiu da Terra o impediam de se libertar definitivamente da casca grosseira que ainda possuía. O seu desejo maior era poder participar diretamente da resolução dos fatos que ficaram interrompidos quando morreu. Queria esclarecimentos sobre o caso da morte de Alfred, que agora estava ali diante ele, com toda a paciência tentando acalmá-lo. Alfred explicava que já se passara muitos anos desde que isso acontecera, e que fatos novos já interferiram no andamento daquela situação específica. Deus já havia tomado suas providências e a vida seguia promovendo ajustes junto àqueles que dela participaram. Naquele momento não era ainda permitido a Alfred que contasse a Reynolds e que ele soubesse da nova situação, pois isso poderia confundi-lo e atrapalhar a sua melhora. Mas ele não cedia aos argumentos dados por todos da Casa da Luz.

-Tanto trabalho eu tive na busca de quem lhe causou a morte, tantas investigações, estava próximo de desvendar todo o caso, de deixar Suterland em apuros. Estava bem perto de levar o caso a instâncias superiores e prende-lo.

-Reynolds, nada deixa de passar pelo crivo de Deus, não era hora de Suterland ser preso. Havia outros planos para ele, era necessário que as coisas prosseguissem para que ele ganhasse uma nova chance de recuperação. Eu pedi ao meu filho que nada fizesse para buscar o culpado, você lembra que Wilbert lhe falou sobre isso?

-Sim me recordo, sim. Disse Reynolds surpreendido pela recordação do fato. -Agora entendo, agora compreendo o que ele queria dizer, mas isso está errado, não se pode deixar um culpado de um crime livre.

-Reynolds, você ainda precisa compreender muitas coisas, se tivesse sido preso naquele tempo, tudo seria mais difícil. A revolta e o ódio dele somente aumentariam, a revanche seria o seu caminho natural, seriam muitos mais anos, séculos de embate desnecessários. A opção de deixá-lo seguir não foi somente minha, foi de Wilbert, Yonah e de Victor, antes mesmo de encarnarem, pois assim a

espiritualidade poderia estar dando uma chance de regeneração a Suterland, não somente, mas também a Bernard. Outros fatos deverão com a bondade divina estarem prestes a ocorrerem, logo teremos notícias e quero contar com você Reynolds para que elas se realizem.

Reynolds ainda olhava para Alfred como se não acreditasse no que ouvia. Alfred então pediu aos seus superiores em profunda oração que o iluminasse e o orientasse para o seu aperfeiçoamento e evolução.

No Brasil a situação se agravou, mas Suterland, despertou e pediu que chamassem Emily e Victor, e com a voz frágil e cansada, debilitado pela dor do ferimento e da culpa, se esforçou para fazer de seus últimos minutos um momento de importância e de verdade, sentimentos aos quais ele jamais conseguiu dar a devida importância, mas nos seus momentos de inconsciências pôde ver seu espírito sair do corpo e ficar ao lado de Emily e Victor, pôde ver nos olhos deles a preocupação e o amor que ambos destinavam a ele, viu ainda que algumas pessoas de luz, as quais não conhecia estavam próximos dele, também percebeu que os seus dias estavam por findar, que sua vida se esvaia, ainda assim, mesmo diante de tudo permanecia estranhamente calmo. Sabia que tinha ainda uma situação que deveria deixar esclarecida e assim sentiu seu espírito se incorporar de novo ao seu corpo com a ajuda daquelas pessoas que pareciam amigas e recobrou a consciência.

Emily sentou-se ao seu lado.

-Minha querida esposa, que por muito tempo me aceitou cheio de defeitos e mistérios, esposa que mesmo sabendo que minha vida era uma colcha de retalhos feita das mais diversas ações e atos falhos, uma vida indigna e desprovida de caráter, de falta de amor ao próximo e de humanidade, se manteve ao meu lado. Como é bom nesse momento poder chamá-la assim, de querida. Você que mesmo quando deixei o nosso país me seguiu e o mais importante, você que sofreu devido a minha dúvida quanto ao seu amor por mim, da minha desconfiança quanto a sua fidelidade, honra e dignidade. Eu que hesitei quando nos casamos, pondo em dúvida a paternidade de Bernard, peço minha esposa que não me deixe partir sem o seu perdão. Emily que sempre esperou que o marido reconhecesse seus erros, lamentou apenas que isso só estivesse ocorrendo no momento em que a morte rondava seu leito, porém o beijou com carinho e falou.

-Meu querido embora soubesse que em alguns pontos você não fosse o melhor dos seres, vivi uma vida de luxo, conforto e com certo grau de felicidade e tranqüilidade, principalmente depois que viemos para o Brasil, pouco cobre de você, nunca quis saber de seus segredos e de seus atos, por tudo isso não creio que seja eu um modelo exemplar para julgá-lo, quando poderia tê-lo ajudado a se modificar e a ser um ser humano, mais justo e mais correto. Nada tenho a perdoá-lo somente a agradecer os anos em estivemos juntos.

Depois Suterland se dirigiu a Victor e disse.

-Meu filho, tenho uma revelação que irá chocá-lo, mas que por outro lado dará aos fatos as suas devidas e justas posições, a verdade enfim prevalecerá. Eu que nunca pensei que pudesse um dia estar fazendo o que estou, mas sinto que isso me trará paz e uma felicidade extrema antes da minha partida, que me ajudará a partir serena e calmamente, em paz.

-Pai o senhor não morrerá.

-Victor, quando é chegada a hora cada um sabe, mas deixe-me dizer o que eu quero falar, pois o tempo é curto para mim. Victor, eu não o seu pai.

-Pai o que o senhor está dizendo?

-Deixe-me falar meu filho, eu o chamo assim porque de fato durante esses anos você foi tudo de bom e de melhor que eu tive, nada de material de posses, bens, dinheiro nada disso substituiu ou interferiu no amor que dediquei a você e você a mim. Essa felicidade me acompanhará e nada nem ninguém poderá tirá-lo de mim, nem mesmo a morte. Só você foi capaz de me trazer essa compreensão.

-Mas quem é o meu pai então?

-Seu pai está aqui hoje, no Brasil, e o nome dele é Wilbert.

-Deus meu! Gritou Emily, você sempre me deu a entender que Victor era filho de Bernard.

-Sim minha querida eu tinha ódio de Wilbert, assim como Bernard também tinha, e foi esse rancor que me fez calar e ocultar a verdadeira história. James também sabia e acho que por isso sofreu a morte súbita ao se deparar com Wilbert novamente. Eu descobri esse fato associando o aparecimento da criança em nossa casa com o sumiço do filho de Wilbert. O meu primeiro desejo foi devolvê-lo, mas o ódio e o rancor que tinha por ele me fez mudar de pensar e assim os enganei e viemos para o Brasil. Emily me ajude a fazer o que é certo, pois para mim já não há mais tempo. Dito isso uma forte dor tomou seu peito e em minutos depois seu coração parou. Suterland partiu, mas no seu rosto um leve sorriso ficou estampado.

Capítulo 40

Yonah sentia as mudanças de Jonathan, pois ele agora também procurava evitá-la, desejou que Wilbert retornasse logo, ela queria ao seu lado o marido amado, ele duplicava suas forças, a união que possuíam era um elo de amor e o amor é a maior das forças desse mundo, e mesmo distante ele recebeu o pedido dela mentalmente. Wilbert sabia que deveria retornar logo, mas o momento era delicado e ainda pendente, devido a situação de Victor.

Rosenberg e a esposa, Coutinho e Wilbert voltaram para a cidade e tentavam obter notícias sobre saúde de Suterland, mas na fazenda já corriam os preparativos para o velório. Eles não foram convidados a comparecerem ao enterro, porém Emily pediu dois dias após Wilbert fosse procurá-la. Victor e Emily conversaram muitos obre todas as mudanças surpreendentes e repentinas, e ele disse a ela.

-Como a vida é intrigante, ela trouxe meu pai verdadeiro de tão longe, aqui a outro país, do outro lado do oceano para me encontrar e desfazer todo cenário montado. Hoje nossa família foi desfeita, descobri que meu pai não era meu pai, James a quem considerava meu outro pai, morto. Que você não é minha verdadeira mãe, porém quero que saiba que você continua minha mãe sim, eu a amo e a prendi a respeitá-la, o filho que foi tirado de você e que era um renegado por meu pai Suterland foi repostado na minha pessoa, para trazer o respeito e alegria que foi negada a você. Agora apesar de tudo, da situação constrangedora eu perdi um pai e ganhei outro e tenho duas mães.

Eles se abraçaram e deixaram a emoção envolvê-los.

-Mas eu preciso saber quem é a minha mãe original.

-Filho de fato eu pouco sabia sobre esse assunto, do ódio de Suterland e de Bernard por Wilbert, eu de fato nem bem o conhecia, portanto também não sei quem é a sua mãe, mas logo saberemos, mandei chamar Wilbert aqui para conversarmos.

Suterland não sabia onde estava e quem eram aquelas pessoas que o cercavam. Porque não estava morto? Sabia que tinha morrido, sabia, mas não estava, Porque estava ali? Porque todos o tratavam bem, mas não lhe davam informação alguma?

Pedia notícias dos seus parentes e ninguém lhe dizia nada.

Ele estava num hospital e ainda sentia dores terríveis nas costas, mas as enfermeiras e médicos não eram os mesmos que conhecia.

Se não tinha morrido, porque estava em outro hospital?

Capítulo 41

Emily contou a Wilbert tudo o que soube por Suterland, e disse que a partir daquele momento seria Victor quem decidiria o que fazer.

Victor disse que não desejava sair do Brasil, pois foi o país onde conviveu com seus pais adotivos e construiu a sua vida profissional e tinha seus amigos e contatos que deveria manter.

Wilbert ouviu e não manifestou interferências, ao final falou.

-Victor meu filho, posso chamá-lo assim não posso?

-Sim, meu pai é o senhor, não será fácil acostumar-me a chamá-lo assim depois de tantos anos tendo outro pai.

-Eu sei filho, mas quero ponderar também a minha visão da vida e da situação em que estamos. Você nos foi arrancado com violência e agressividade, éramos uma família feliz, e você tem uma mãe que ficou cega por causa desse incidente, uma mãe que sofreu muito, mas que em momento algum desistiu de tê-lo nos braços, creio que ela mereça essa alegria de pelo menos revê-lo, de saber que você está bem, de poder tocá-lo. Não poderei voltar e dizer a ela que encontrei o nosso filho, mas que ele não a quis ver.

-Meu filho Victor, Wilbert tem razão Bernard e Suterland causaram muito mal a todos nós, creio que devemos resgatar pelo bem de todos os equívocos provocados por eles, e também repor cada coisa em seus devidos lugares, esse foi o desejo final de Suterland, e eu quero que se faça cumprir o seu desejo final.

Victor ponderou, ficou pensativo e decidiu.

-Irei sim com você a Inglaterra, passarei algumas semanas, mas retornarei depois, acredito que aqui é meu lugar.

Assim eles decidiram que iriam a Londres mesmo que fosse por uma temporada.

Suterland seguia questionando a tudo e a todos, a gentileza, carinho e atenção impediam que Suterland reagisse mal, mas o seu desconforto e insatisfação estavam nos limites, e foi então que Alfred interveio, surgiu ao seu lado e disse que iria contar a ele o que acontecia.

-Suterland vejo que já está bem melhor, por suas reações de insatisfação mostrar que está adquirindo sua antiga forma.

-O que faz aqui Alfred você está morto, eu sei, que está. Isso significa que eu também estou?

-Suterland se morre significar deixar sua antiga vida, desencarnar, perder seu velho corpo e está em outra dimensão espiritual, sim você e eu morremos, mas essa forma de morte que você compreende não existe, a vida segue. Por isso estamos aqui.

-Mas o que você faz aqui, digo fazemos.

-Vejo que tem uma ascendência sobre os que aqui trabalham.

-Apenas dão ,eu trabalho em prol de que possamos manter essa instituição de ajuda e aparo aos que deixam a terra pela morte de seu corpo físico, todos que aceitam e querem ser admitido aqui receberão ajuda, conhecimento e carinho.

-E eu porque me trouxeram aqui, só tratei a vida com interesses meus, particulares e egoístas, prejudiquei você, omitindo as falhas de Bernard, e também a Wilbert raptando o menino filho dele.

-De verdade isso somente trouxe o crescimento e todos que estavam num projeto de encerramos onde todas as mágoas e litígios de um passado que precisa ser consertado. Eu contarei a você tudo o que sei para livrá-lo do que ainda o angustia, e que no final das contas já está em andamento, passados todo esse tempo desde a sua partida da esfera terrena.

Assim Alfred contou da fuga de Bernard levando o filho de Wilbert e Yonah e que ele foi adotado por Suterland, que o levou para o Brasil. Contou ainda que Bernard e Catherine reencarnaram como filhos de Wilbert com sua esposa, e que nesse momento fatos importantes aconteciam nas vidas deles. Yonah é uma grande mulher e ama muito seus filhos e seu esposo e por eles faria qualquer sacrifício. Suterland e James morram e está agora fazendo parte de um grupo onde coordeno ações que visam corrigir erros de um passado terrível. Vou contar a você toda a história desse passado perturbador. Assim Alfred o fez.

Suterland estou contando isso a você porque Bernard que foi seu filho no plano terreno, e que hoje é filho de Wilbert, está correndo perigo mais uma vez, Malzabetec ainda trabalha associados a Murdock e a Severo atuando sobre Bernard que hoje se chama Jonathan, com intenção de causar prejuízos a Wilbert. Precisamos de toda a ajuda possível, você deseja atuar conosco nessa luta?

-Sim desejo sim, quero fazer tudo que eu possa para corrigir meus erros passados, e ajudar meu filho Bernard.

-Obrigado Sunterland preciso de você para nos ajudar, mas acho que agora você poderá ver alguns membros do nosso grupo e trabalharem juntos.

Assim Alfred chamou James e Reynolds que também estavam desejosos de atuarem e poderiam fazê-lo, mas agora em outra situação, unidos lado a lado, quando antes eram antagonistas, com a finalidade de dismantelar a organização de Severo e Murdock.

Jonathan já exercitava pequenas formas de magia, e junto com seus livros de estudos acadêmicos levava sempre um livro emprestado por Malzabetec, isso ampliava a amizade e admiração que Jonathan tinha pelo mestre. Malzabetec o elogiava pela compreensão imediata dos ensinamentos e pelo avanço acelerado dos conhecimentos.

Por outro lado ele passou a fazer exercícios de regressão, voltados para trazer até a ele as imagens do passado dos conflitos entre ele e Wilbert. Passou a se trancar no quarto e evitava sistematicamente a irmã Sophia, para não dar condições a ela de se envolver nos seus novos conhecimentos.

Sophia que muito apegada ao irmão desconfiava de algo e passou a segui-lo sistematicamente, ocultando-se para não ser vista, nem sempre devidos aos horários de algumas aulas ela podia fazer isso continuamente, porém um dia ela viu em um canto do prédio do colégio, seu irmão confidenciando com Malzabetec e pôde vê-lo recebendo um livro e o colocando entre os seus. Jonathan seguiu em outra direção, mas Malzabetec seguiu na direção onde ela estava, ela não conseguiu disfarçar a situação nem teve tempo de se esconder, quando ele passou por ela lançou um olhar de um magnetismo tão forte que a perturbou, seu corpo se arrepiou e ela tonteou.

Aquela cena abalou o coração de Sophia, ela sabia que havia toda a ralação entre o retorno do comportamento de seu irmão em relação aos pais como também o seu afastamento da casa de ajuda que era administrada pela mãe, aos pouco ele foi deixando seus afazeres e renegava aquelas pessoas humildes e pobres que buscavam um prato de sopa, uma roupa usada, ou um local onde ouvisse uma palavra de ajuda e carinho, muitos dos que perambulavam pela cidade, que não tinham onde dormir, não tinham parentes ou família onde buscar recursos agradeciam a Mãe Yonah, como passou a ser conhecida. Sophia e Jonathan, ajudavam a mãe na organização e na distribuição dos alimentos, lá os carentes podiam tomar banho e cortar os cabelos, mas subitamente Jonathan passou a tomar nojo daquelas pessoas e não entendia porque sua bela mãe, tinha que estar junto aqueles seres desprezíveis, mal cheirosos, doentes e carregados de feridas e mazelas. Assim ele se recusou determinadamente a voltar ao local, isso tudo aconteceu enquanto Wilbert estava fora.

Sophia foi conversar com Jonathan e tentou demovê-lo do abandono da casa de ajuda.

-Meu querido, irmão, por que você causou esse mal à nossa mãezinha? Você sabe a felicidade que lhe enche o coração ao nos saber participando, integrados dentro dos conceitos espíritas de ajudar, dentro dos conceitos cristãos de caridade, mais do que uma rebeldia sua, uma resolução de desprezar os trabalhos, foi uma agressão a nossa mãe.

-Ora Sophia, quanta perda de tempo com quem nem nos agradece o pão que recebe, quantos apenas vêm em busca de se fartar e horas depois se vão sem olhar para trás, que roubam o tempo de dedicação de nossa mãe, tempo que deveria ser nosso. E nós que não podemos ter nossa mãe ao nosso lado, que somos furtarmos da sua presença do seu carinho, que temos lazer, que não temos diversão, tudo em nome desses desconhecidos. Não voltarei mais, não ajudarei em nada e se puder, desejo que todos se sumam, que todos desapareçam, o mundo não necessita deles.

-Jonathan não blasfeme, não foi isso que nossos pais nos ensinaram. Nossa mãe apenas retribui todo o bem que ela recebe.

-Bem que recebeu? O de ficar cega? De ter um filho seqüestrado?

-Bem sim Jonathan, de ter um marido, como o nosso pai, ao lado dela, que a apóia e que dá amor incondicional a ela, que tudo construiu com seu esforço e estudo. Tudo o que temos é mais do que suficiente para nós, tanto que eles podem distribuir com os que nada têm, sem nos faltar nada.

-Sim e onde ele está agora?

-Jonathan, não o estou reconhecendo, meu pai está em um país distante, desprovido da mesma estrutura que teria aqui, longe da família que e ele ama, a trabalho, em busca do sustento nosso e de todos esses infelicitados que ajudamos. Não seja injusto. Você está usando argumentos falhos, se você acha que não tem o carinho da mamãe é porque não quer estar ao lado dela, eu estou e assim onde quer que ela esteja poderei desfrutar do seu amor e da sua atenção. Sinto-me feliz de poder ouvi-la nas palestras, a observo e vejo que a falta da sua visão não a perturba, é como se ela visse a vida com um olhar que poucos de nós consegue ter.

-Ninguém pode receber mais amor do que nós que somos filhos, enquanto ela está ocupada com esses mendigos e famintos, estropiados, poderia estar conosco.

-Como você pode pensar assim Jonathan? Amor que é amor sempre é infinito, infindável, Jesus amou a todos e até deu sua vida por nós pecadores. Por que você ao invés de ficar pedindo amor, você não doa? Tenho certeza que você seria muito mais feliz.

-Ora me deixe em paz Sophia, cuide da sua vida e deixa a minha que cuido eu.

-Eu sei que você está cuidando, mas de forma errada.

-Como assim?

-Eu peguei o livro que você escondeu, aquele que o bruxo do Malzabetec deu a você.

-Você não tinha o direito de fazer isso, de se intrometer nas minhas coisas, você não respeitou minha privacidade. Dê-me o livro ou eu...

-Ou o quê? Está me ameaçando, pois se quiser assim, eu vou entregar o livro ao papai quando ele retornar.

-Não Sophia, não faça isso, eu te peço, por favor.

-Vou pensar sobre isto, mas só se você me prometer que não irá mais se envolver com aquele homem.

-Está certo, mas me devolva o livro.

No Brasil Wilbert, Rosenberg, Emily e Victor embarcavam para a Europa, ela desejava mudar-se de vez, porem não queria desagradar a Victor, mas na sua mente desejava que ao chegar a Londres que ele tomasse gosto pela cidade e desejasse ficar.

Ao chegarem Emily e Victor foram para um hotel, Wilbert para casa onde foi recebido com a saudade de todos, Yonah o abraçou demoradamente e Sophia sentiu o quanto gostava de estar com o pai, Jonathan o recebeu sem grandes entusiasmos, e Wilbert percebeu que mais uma vez teria que cuidar dos filhos com redobrada atenção. O dia seguinte foi de festa e muita alegria, um almoço foi servido

com a mais cuidada atenção, Rosenberg foi convidado. Yonah quis saber então porque eles demoraram mais do que o previsto, e Rosenberg ia contar, mas Wilbert tomou a frente e disse.

-Minha querida esposa hoje é um dia realmente especial para você, tirando a modéstia, digo que a minha volta deve ter coberto o seu coração de alegria e satisfação, mas há ainda uma notícia de mais importância que irá por certo superar qualquer alegria e amor que você hoje possa distribuir. Todos na mesa ficaram atônitos e curiosos com aquela declaração.

Sophia questionou o pai, queria que ele fosse mais claro, Rosenberg se divertia, mas Yonah sentiu com sua intuição que algo muito especial havia sido dito, devido ao tom de voz do seu marido e ficou apreensiva, inquieta e tomou a mão de Wilbert e a apertou.

Ele então disse.

-Querida, temos hoje mais uma visita, mais um convidado, uma pessoa muito especial, muito mais que um convidado, ele se chama Victor. Wilbert aumentou o tom da voz e repetiu. Ele se chama Victor. Victor saiu de uma dependência da casa, de onde se aproximou da mãe e a abraçou.

-Mãe, mãezinha, sou eu seu filho, que esteve durante tanto tempo longe da senhora. Yonah por uns segundos sentiu o corpo de um homem a abraçá-la, resistiu e tentou afastá-lo, mas foi só Victor falar e ela não se conteve, o amor maternal, os anos de espera, os sonhos que manteve vivo, as intuições que davam conta que o filho vivia, explodiram de uma só vez em um abraço tão forte quanto seus braços podiam dar, e seu pranto rolou intenso e comovido, lágrimas de uma saudade incontida e de uma espera infinita. Todos quantos ali estavam também não contiveram as emoções, todos, menos Jonathan. O abraço de Yonah e Victor foi longo e sentido, ele que não guardava lembranças da mãe, sentiu por ela uma afeição imediata e intensa. Depois das emoções, as apresentações. Victor foi apresentado aos irmãos e a todos, o almoço centralizou-se nele. Todos queriam saber como fora sua vida e o que ele fazia agora. Queriam saber se ele ficaria em Londres ou voltaria ao Brasil.

Capítulo 43

Durante os dias em que esteve em Londres Victor optou por permanecer perto da mãe, acompanhou seu trabalho comunitário e conheceu a Doutrina de Kardec, sua felicidade era visível e o seu entusiasmo pela força, pela dinâmica e pela dedicação de Yonah o comoviam, o amor e o carinho que o tomou foi o fator que o levou a querer ficar definitivamente em Londres, e ele comunicou isso a Wilbert e a Emily.

Emily retornou ao Brasil e se desfez de todas as propriedades e bens e feliz se estabeleceu novamente em Londres. Wilbert colocou Victor na empresa onde trabalhava, e pôde desfrutar da amizade e do convívio do filho. Juntos puderam ir se conhecendo e aprendendo o jeito e a forma de pensar de cada um. Victor muito interessado por tudo quanto dizia respeito à mãe, mais queria saber sobre a doutrina de Kardec, a Wilbert que era um estudioso e amigo do grande mestre, muito pode passar do seu conhecimento ao filho. Tudo parecia caminhar bem na família, mas não, no coração de Wilbert uma ponta de angústia o incomodava.

Nos jardins onde a alegria e amor floriam, as ervas daninhas medravam, as do ciúme de Jonathan o corroíam, tanto pela presença do novo irmão, quanto pela centralização das atenções sobre ele, mas principalmente sua referência de raiva se voltava para a mãe e para a irmã. Por outro lado os planos de Severo e Murdock de atingir Wilbert pelo filho Victor foi um fracasso total, e Severo estava possesso e irritadiço, e assim entrou em contato com Malzabetec. Queriam cobrar uma ação mais direta, e o único meio que dispunha dessa feita era o filho mais novo de Wilbert, queria usar a raiva e o rancor de Jonathan para causar malefícios na família.

Malzabetec não gostou da interferência, pois tinha outros planos para Jonathan, em que via potencial para ser um grande aluno e assessor, o ataque a Wilbert para ele estava em segundo plano e de verdade ele nem muito se importava com isso, mas devido a insistência de Severo ele resolveu tomar alguma ação, porém não queria causar mal ao jovem Jonathan, por isso resolveu preparar um ataque efetivo à casa de caridade de Yonah e Wilbert, com isso convocou o seu ser monstruoso e a quem atribuía grandes poderes e força, o demônio Leugim.

-Leugim hoje você terá enfim uma oportunidade de liberdade, eu passarei uma missão que deverá ser cumprida com rigor e sucesso, pois somente assim adquirirá a sua liberdade, a somente assim deixará de ser meu escravo, você deverá romper as barreiras de proteção que envolvem a casa de caridade de Wilbert e Yonah. Quero que enfrente e afaste os defensores espirituais que se organizaram, quero que os ponham em debandada, quero que abra uma brecha nas suas fileiras, quero aquele espaço livre para que possamos colocar os nossos, assim teremos o controle e a obsessão daqueles que comandam, trabalham ou que de algum modo participam daquela instituição, assim derrotados e sob nosso controle poderemos esmagá-la e destruí-la definitivamente. Aquele lugar é a

referência do bem, e do sucesso deles. Vamos fazê-los tombar gradativamente depois que executarmos essa tarefa. Você comandará nossas forças compostas por diversos espíritos das profundezas, do inferno, por espíritos atormentados e maliciosos, espíritos vingativos e que têm necessidade de se unirem energeticamente aos vivos. Que têm sede de vivenciar e saciar seus desejos, que carecem de sentir novamente corpos, sexo, vivências materiais. Vamos dar isso a eles, vamos saciá-los. A partir de hoje até a lua cheia estarei convocando todos, e formado o exército com o qual atacaremos.

Esteja, portanto preparado.

Capítulo 44

Na casa de caridade de Yonah ela se preparava para realizar uma seção de orações após a distribuição dos alimentos e roupas aos necessitados. Fazia isso em um cômodo particular, na época o doutrina espírita ainda não era bem conhecida e as restrições impostas pela igreja eram ferrenha, e mesmo não sendo católica Yonah temia ter problemas se divulgasse os conceitos de Kardec, temia perder sua casa e deixar de atender aos seus pobres, assim ela, Wilbert, sua mãe, Victor e Sophia, se reuniam naquele lugar de amor e louvor a Jesus. Eles somente divulgavam a doutrina a poucos e muito próximos, àqueles que demonstrassem interesse ou fossem particularmente confiáveis.

Emily para poder estar perto do filho adotivo foi se afeiçoando a Yonah e acabou por tornasse sua mais constante assessora e aos pouco foi tomando conhecimento da filosofia do espiritismo e simpatizando com o a forma e a maneira de encarar a vida e de se conduzir dos chamados Kardecistas. Naquela noite estavam reunidos e Yonah propôs uma oração de louvor aos anjos guardiões e espíritos de luz, aos mentores e protetores, pediu que mantivessem o amparo àquela casa que praticava um trabalho de ajuda e caridade. Que os defendessem dos inimigos e dos maus espíritos que a força e poder da luz predominassem sempre sobre todos os que ali estavam direta ou indiretamente trabalhando em nome do Pai.

Por um instante Victor sentiu um calafrio percorrer seu corpo e segurou a mão de sua mãe. Yonah também teve uma visão estranha, de um lugar antigo, do passado, onde uma luta se desenrolava e as cenas se misturavam no momento presente ali, naquele mesmo local onde estavam. Uma sensação de pânico a envolveu e ela como se despertasse de um sono se levantou repentinamente.

Wilbert foi até ela e a tomou nos braços, ela o abraçou forte e se sentiu segura com ele. Victor aproximou-se e disse que tivera uma visão, e queria saber se aquilo era uma coisa anormal.

Wilbert ouviu o que ele relatou e Yonah disse que também vira a mesma coisa. Que aquilo era um sinal que precisavam estar vigilantes e buscar na oração maior proteção divina. Wilbert disse que momentos difíceis estavam por vir. Pediu a Yonah que se acalmasse e que se sentasse à mesa circular que usavam para seus encontros. Ela sentou-se e fechou os olhos e buscou concentração pediu aos amigos espirituais que trouxessem uma explicação para a visão que ela e Victor tiveram.

Surpreendentemente foi Victor quem falou, a voz estava mudada e a fisionomia com traços diferentes dos seus.

-Amigos a minha presença se fez necessária pela gravidade do momento que iremos enfrentar. Quando for o primeiro dia da lua cheia deveremos dar início a uma vigília que se estenderá por doze horas, das seis horas do tarde às seis horas da manhã seguinte. Uma falange de espíritos amigos estará unida a vocês e defenderemos essa casa de um ataque de uma legião do mal. Nenhum de vocês deverá demonstrar medo ou insegurança, isso é importante, eles trabalharão sobre essas fraquezas, nada temam, vocês são filhos do bem, filhos de Jesus, assim como eles também o são, apenas não sabem disso. Tenham firmeza de pensamentos e se mantenha em oração. Eu estarei aqui junto aos meus queridos, meu filho, meus netos e minha nora amada. Junto comigo estão outros amigos de longa data, Reynolds manda um abraço a todos e diz que a luta é parte de uma batalha maior que devemos empreender ainda. Vou partir, mas renovo as orientações, nada temam.

Wilbert pensou em ter mais detalhes, mas o processo se encerrou.

Capítulo 45

Mesmo com os avisos de Sophia, Jonathan mantinha a relação com Malzabetec e a influência deste sobre ele era cada dia maior. Muitas vezes Jonathan forjou meios de se ausentar das aulas e de estar com o seu chamado mestre e poder ganhar conhecimentos específicos, ditos de magia. Os experimentos dele com Jonathan eram teóricos e práticos, e Jonathan estava encantado com o poder que se descobria possuidor. O fato era que Malzabetec o preparava para utilizá-lo como instrumento-útil, ele o estava usando para ajudá-lo a romper as forças que defendiam a casa de Yonah e Wilbert quando chegasse à hora do ataque. Ele faria dele um aliado, que inocentemente criaria condições favoráveis às suas intenções.

-E então Jonathan, o que achou desta fórmula de criar fumaça?

-Muito boa mestre Malzabetec, mas qual sua utilidade numa situação prática?

-Ela nos ajuda a criar um ambiente de confusão, de hesitação e propício a uma fuga estratégica.

-Mestre em que situações poderia usá-la.

-O volume de fumaça desorienta o inimigo, não os permitindo ver nada dentro de um espaço, limitado, mas o bastante para nos deixar usar outros artifícios ou nos dar o tempo de escape.

-O senhor já precisou usá-la?

-Sim meu caro Jonathan, algumas vezes sim, mas quero que você a use numa ocasião bem próxima, em sua casa.

-Mas como assim mestre?

-Você não quer buscar a evolução dentro do conhecimento? Não quer ser também um mestre na arte da magia?

-Sim quero.

Então fará o que estou dizendo?

-Sim senhor farei.

-Ouça bem, daqui a três noites será noite de lua cheia, as energias de poder para as magias estarão no seu auge, a energia da lua está atuando com mais magnetismo e força de propagação. Quero que você experimente esse poder, farei alguns ajustes nessa fórmula e você pode por alguns minutos se tornar invisível aos olhos humanos enquanto a fumaça estiver condensada.

-Quero que você faça essa experiência durante uma das reuniões de sua família, na próxima, aquelas que você tanto detesta, quero que com isso eles pensem quem que foi uma obra de espíritos perturbadores, que se assustem e julguem que esses contatos estejam atraindo seres indesejáveis, demônios agitadores e isso enfraqueça as presenças e a assistência se afaste e as autoridades intervenham. Malzabetec gargalhou e perguntou a Jonathan. Você espalhara o pó mágico no local da reunião, depois dispare essa bomba de fumaça que espalhara o caos e o conflito.

-Não é isso que você deseja de fato? Acabar com aquelas reuniões e ter de volta a sua mãe?

-É sim meu mestre desejo com todas as minhas forças que isso aconteça.

-Quero que durante a explosão que a fumaça cause desconcentração e perturbação, que desse modo possamos inserir um demônio na sala e provocar o encerramento daquele agrupamento.

-Obrigado mestre, quero que tudo aconteça desse modo, que acabemos com aqueles encontros, que aqueles maltrapilhos não voltem mais a nossa casa.

-Assim será, confie em mim, faça tudo como eu orientei, e logo verá os resultados espantosos.

-Mas mestre meus pais andam me questionando sobre meu comportamento e minha irmã anda me

vigiando, até já me ameaçou de contar a eles sobre nós.

-Faça tudo com muita calma, sem ansiedade, seja um bruxo não só na aplicação das fórmulas e magias, mas seja um também no comportamento, na maneira de se comportar. Seja frio e use o seu poder mental para que os outros façam o que você deseja. Intimide pelo olhar, use seu magnetismo, seja um dominador.

-Mas não poderei vir aqui sempre!

-Não faz mal, amanhã levarei a formula ao colégio e a entregarei a você.

-Murdock desceu as galerias e foi ter com Helen. Conversaram por algum tempo e Murdock falou que Malzabetec estava pressionando Severo para lhe entregar o Livro da Vida Eterna, sugerindo que com o livro ele teria certeza absoluta da vitória, que com o livro ele derrotaria Wilbert e os da luz. Contou sobre Leuguin e temia que Severo cedesse aos apelos de Malzabetec e com isso ele, Murdock ficasse mais subjugado ainda mais a eles.

-Murdock você não pode dar novas formas de ajuda a Severo e Malzabetec, não os deixem se fortalecerem?

-Helen eu vim aqui exatamente para saber como posso inverter tudo isso? Porque você falou com tanta certeza que existe um lugar onde possamos viver uma vida nova juntos?

-Não posso dizer isso enquanto não tiver plena certeza que você está mesmo querendo mudar.

-Conte para mim como é esse lugar e como podemos ir para lá?

-É um lugar protegido contra a maldade, lá não há malícia, crueldade ou outros sentimentos de baixas vibrações, é um lugar onde nos sentimos seguros, e libertos desse peso do medo, do rancor, das mágoas, onde podemos viver seguindo nossas boas intenções e desejos. Um lugar onde tudo é belo e cuidado com carinho e amor, limpo, colorido, perfumado.

-Puxa Helen você já foi lá?

-Sim eu vi esse lugar, ele me foi mostrado por Alfred.

-Como assim por Alfred?

-Outra hora eu explico tudo, apenas confie em mim. Você confia Murdock?

-Sim Helen eu confio.

-Então me ouça Murdock e faça tudo como eu vou explicar. Primeiro sugira a Severo que leve todos os que estão aqui presos.

-Isso não será difícil Helen.

-Depois desapareça com o livro. Isso é o mais importante.

-Isso será difícil, mas vou dar um jeito.

-Vá Murdock e não pense, aja. Vá, por favor e não perca tempo.

Capítulo 46

Na casa de Wilbert e Yonah os preparativos para o dia do enfiamento se faziam com oração. Sophia se tornou uma grande amiga do irmão Victor, e estavam sempre próximos e afetivos. A felicidade deles era completa. Tinham agora uma nova família, mas era tão ou mais querido quanto antes, via a afeição e a união em torno deles, porém o que ainda o incomodava sobremaneira era o comportamento arredio e estranho do irmão Jonathan e era sobre isso que eles conversavam.

-Sophia onde está Jonathan?

-Não sei Victor, mas possivelmente no seu quarto, pois é lá o lugar onde se sente mais à vontade e onde fica a maior parte do seu tempo.

-Você não acha isso estranho? Um jovem que deveria estar cheio de vitalidade, curiosidade e amor ao ar-livre, viver entocado?

-Acho sim Victor, mas já nos acostumamos com o seu jeito de ser, papai é quem mais sofre e mais luta para se manter próximo a ele, e não deixá-lo se distanciar mais ainda de nós. A afeição dele é mais forte por mamãe e por mim. O carinho de papai por ele é muito grande, mas a resposta dele é oscilante, vacilante e não no mesmo grau de troca. Também ele vive com problemas de saúde, sente dores muitas dores de cabeça e tem pesadelos constantes, sempre foi assim, sonho inquieto e sonhos sofridos, cansativos, todos nós sofremos juntos com ele.

-E no colégio qual o comportamento dele junto aos mestres e colegas?

Victor viu uma nuvem negra passar sobre os olhos azuis da menina, e indagou.

-O que houve Sophia, diga. Por que ficou assim calada repentinamente?

-Não foi nada, às vezes sou assim mesmo. Disse a menina tentando disfarçar sua preocupação com o irmão e com professor Malzabetec.

-Você não me engana, vejo em seu semblante uma nuvenzinha de preocupação, e não admito que minha irmã tenha segredos para mim.

-Eu sei que não deveria ter segredos para você, mas fiz uma promessa e não quero quebrar a jura.

-Bom, uma jura é uma jura, mas me diga apenas para quem a fez?

-Fiz uma jura para Jonathan.

-Mas veja por outro lado Sophia, se você fez uma jura e está preocupada com isso é porque seu coração não está certo que você fez o melhor, não foi?

-É sim Victor, não estou certa se deveria me calar numa situação que me preocupa.

-Muito bem então, se você quer ajudá-lo de verdade deveria me contar tudo. Principalmente se você considerar que isso possa trazer alguma consequência futura que possa prejudicá-lo. Entende?

-Sim Victor, entendo.

Sophia ficou calada por um tempo, enquanto pensava se deveria mesmo quebrar sua jura.

Decidida então contou tudo o que sabia sobre a relação de amizade entre seu irmão e Malzabetec.

-E você não contou a mais ninguém sobre isso?

-Não Victor.

-Papai e mamãe não sabem nada sobre isso?

-Não.

-Pois eu acho que você fez muito mal de ter omitido o fato a eles. Se esse homem, esse tal de Malzabetec for mesmo tudo isso que você me contou, devemos mesmo temer pela segurança de nosso irmão.

-Vamos falar com eles agora?

-Não. Temos que cuidar da nossa defesa, da nossa casa, e não quero nesse momento tirar a concentração deles. Devemos sim nos unir a eles e reforçar ainda mais nossas defesas.

Os dois saíram e foram ter com seus pais.

Em uma das janelas Jonathan que ouvira toda a conversa, destilava seu ódio ao irmão recém-chegado.

-Chegou e foi tomando o amor de minha mãe e agora de Sophia, mas irei mostrar a você que nada é de graça, tudo tem um preço e o seu custará muito caro.

No mundo espiritual Alfred e seus amigos estavam reunidos traçando planos para o auxílio a Wilbert e Yonah. Para os planos de Deus a casa deles era um ponto estratégico de crescimento das boas novas do Kardecismo, por isso todas as providências precisas estavam sendo consideradas.

Malzabetec e seus parceiros Severo e Murdock, organizavam e distribuíram ordens e instruções aos espíritos cativos, dominados pelo mau e pela vivência contínua nos vícios e apegos das coisas materiais. Espíritos cujas aparências variavam de acordo com suas formas-pensamento, que são criações mentais que utilizam a matéria fluídica ou matéria astral para compor as características do ser de acordo com a natureza do [pensamento](#). Deste ponto de vista, encarnados e desencarnados podem criar formas-pensamento, com características boas ou ruins, positivas ou negativas. As formas-pensamento são criadas através da ação da [mente](#) sobre as energias mais sutis, criando formas que correspondem à natureza do pensamento gerado, espíritos que iam dos corpos deformados, decompostos, descarnados, aparências monstruosas nada humanas, e outros com

vestimentas exóticas, seres que quando encarnados utilizaram-se das energias astrais e matérias terrenas, para proveito próprio e para causar prejuízos e malefícios a outrem, seres que se preocupavam egoisticamente apenas consigo, nunca aplicaram seus conhecimentos para o bem da humanidade. Eram esses os aliados envolvidos no projeto de destruir de qualquer modo todos os focos da nova doutrina, a chamada doutrina da luz, uma ameaça que crescia em interesse entre a população mais esclarecida, entre aqueles que não crendo apenas no invisível, tinham nessa doutrina argumentos consistentes e baseados em estudos e codificações bem conduzidas era o perigo a ser combatido, essa era a formação a ser derrotada, extinguida da face da Terra – O Kardecismo e seus seguidores.

A noite caía e as brumas do outono envolviam a cidade, elevações mentais pairavam naquele cenário bucólico, o momento do grande confronto estava próximo, apenas algumas horas separavam o face a face das forças do bem contra as do mal.

Yonah e Wilbert à noite deitados conversavam, e ela demonstrava sua preocupação com os seus filhos.

-Porque filhos tão diferentes, com índoles tão distintas? Sophia, doce, carinhosa e meiga, amiga nossa, nos ajuda e participa dos nossos conhecimentos com euforia e prazer, Jonath distante, vago, misterioso.

-Eu e sei amor, tenho trabalhado para trazê-lo para próximo de nós, porém, cada um tem seu tempo de maturação, não podemos exigir dele que nos ame se não está no seu coração, mas nós que entendemos isso devemos sim amá-lo de verdade e cuidar para que não haja diferenciação nos tratamentos. Devemos pedir a Deus que os orientem sempre, que façamos a nossa parte, pois é o que nos cabe, as mudanças internas é a parte deles, é a missão que têm que cumprir. Yonah abraçou o marido com carinho.

Wilbert falou.

-E nós também não somos um casal diferente?

-Sim amor. Somos sim, já compreendi o que você quer dizer.

-Viu? A nossa sintonia é tão grande que você me compreende mesmo sem que eu use palavras. Devemos agradecer o nosso amor todos os dias de nossas vidas. Que presente maior Deus poderia ter me dado se não você?

-Sim meu amado Wilbert, agradeço sempre, ter uma marido assim especial, que me enche de carinho e amor, compreensivo, tranquilo e sábio.

Minha amada Yonah sei que você me ama de verdade do fundo do seu coração e eu também a você, mas sem exageros- Riu ele. E disse -Porque você acha que Deus nos uniu?

-Porque Wilbert?

-Porque juntos nossas forças são duplicadas e podemos enfrentar qualquer coisa.

Ela sorriu e o beijou de leve nos lábios e soube que nunca haveria outro homem que viesse a amar

tanto.

Capítulo 47

No galpão usado por Yonah, para seus trabalhos espirituais e sociais, estavam todos reunidos, Wilbert e sua sogra, Victor e Sophia. Aquele seria um dia especial também para Rosenberg, visitando a família soube da situação que estava prestes a acontecer, por uma vontade intensa e inexplicável, desejou ficar e ajudar, ele que já sabia muito sobre o Kardecismo pelas conversas que tinha com Wilbert e Yonah foi orientado a ficar absolutamente em concentração e oração, aquele seria um momento único, forte e de risco, não poderia haver fraqueza, não poderia haver desconcentração, as forças das sombras esperavam por essas brechas para atacar um de seus membros, desorientá-lo e usá-lo a seu favor.

Do mundo espiritual estavam presentes: Alfred, Sutheland e uma plêiade de espíritos de luz. Reynolds também estava presente e aceitou trabalhar em conjunto, pois ele foi um espírito que deu muito trabalho a Alfred, era individualista e queria, como investigador que fora, usar sua função na espiritualidade, mas Alfred o fez ver o quanto ele era importante naquele momento ali no grupo, pela sua força e seu desejo de atuar e vencer o mal.

Quando faltavam poucos minutos para a meia noite Victor sentiu a ausência de Jonathan, Dona Isabel mãe de Yonah levantou-se para procurá-lo, mas Victor tomando a sua frente fez questão de ir. Jonathan conforme orientado esperava a meia noite para usar sua fórmula, sem saber que ela continha outros elementos inseridos por Malzabetec. Victor procurou pela casa e não conseguiu encontrá-lo.

Saiu e procurou pelas imediações e gritou seu nome, como Victor demorava e Dona Isabel foi em busca dos dois, sua preocupação era devido à hora, quase onze e mais da noite e os dois estavam fora do círculo de proteção montado. Assim enquanto Victor saía da casa, dona Isabel entrava no celeiro em busca deles. Estava escuro e ela vacilou, ficou próxima a porta tentando se acostumar ao ambiente. No celeiro Jonathan não viu quando Dona Isabel entrou, mas quando o irmão chamava por ele e se aproximou da entrada ele resolveu usar sua fórmula mesmo não sendo ainda meia noite. Atirou com força o pacote ao chão e uma explosão se deu, uma imensa nuvem de fumaça tomou todo o celeiro e com a explosão uma chama se alastrou, tomou a alfafa ao redor, os cavalos relincharam, saltaram e se soltaram de suas báias, Correram em direção à porta.

Quando Victor empurrou a porta do celeiro os cavalos vinham em sua direção e ele se jogou para o lado, os cavalos passaram em velocidade e ganharam o campo, Victor levantou-se, ajeitou-se e viu o fogo, Jonathan, oculto pela fumaça correu e atirou uma outra bomba no salão de reunião, o fogo se alastrou devido ao material que ele havia espalhado anteriormente e em tempo contínuo correu saindo do lugar tomado pelas chamas e se ocultou. Victor viu o corpo de Dona Isabel caído ao lado interno do galpão, gritou e pediu ajuda. Carregou Dona Isabel e a pôs em um lugar seguro. Jonathan assustado assistia a tudo, o fogo ganhando o estábulo e parte do galpão de trabalho de sua mãe, estava surpreendido pois não sabia que as bombas gerariam fogo. Preocupado, em pânico e desespero, sentiu-se culpado pelo que acontecia, saiu em meio e fumaça e correu pelo bosque. Agachou-se ainda por algum tempo viu o fogo e a fumaça ganhando espaço e comendo os prédios, nos seus pensamentos perturbados não pensava em ficar e ajudar, mas sim, repetiam padrões antigos e essa confusão mental o desorientava e enchia sua cabeça de convulsão, os gritos e barulhos do crepitar do fogo era verdadeiras pancadas em seu cérebro. Ele tapou os ouvidos e fechou os olhos, mas ainda via e ouvia a confusão e fugiu em direção a floresta.

Todos correram e saíram da sala, as labaredas evoluíam e se alastrava, todos tentavam com baldes apagar as chamas, os gritos e a tosse era o som mais ouvido. Cada um fazia o que podia para salvar a casa, já que o estábulo estava evidentemente condenado, aos poucos os esforços estavam sendo recompensados, gradativamente se podia ver as chamas diminuírem até ser debelada. Wilbert e Victor socorreram Dona Isabel nos jardins, ela estava com um ferimento na cabeça e desacordada, ministraram os primeiros socorros e ela não recobrou os sentidos, embora sem seqüelas aparentemente graves, alguém disse que era necessário um médico para atendê-la. Discutiram sobre o que fazer enquanto Wilbert tratava do ferimento da sogra, temiam que houvesse outros ferimentos internos, decidiram por chamar um médico, ela poderia estar precisando de atendimento, e não se podia arriscar apenas por palpite.

Sophia lembrou que deveria retornar á reunião de defesa que deveriam manter e de Jonathan que não estava ali.

Rosenberg resolveu sair em busca do médico, e Victor em busca de Jonathan, foi então que Yonah falou:

-Esperem e ouçam.

-Tudo o que aqui aconteceu foi obra de falanges dos irmãos que desejam impedir a permanência nossos trabalhos, de modo a nos enfraquecer e dispersar. Wilbert me ponha próximo a minha mãe, pediu.

Passou então as mãos sobre todo o corpo dela, e disse.

-Os ferimentos dela são superficiais, mas o da cabeça precisa ser tratado, Rosenberg, por favor, vá antes que as coisas se iniciem. Ficaremos nós e pediremos que os bons espíritos lhes conduzam e guardem quando do seu retorno. Foram para o refeitório e sentaram-se na mesa comprida de madeira e em oração tomaram suas posições à mesa. Yonah tornou a falar.

-Os lugares fora daqui estão tomados por energias negativas, não se detenham diante de nada, corram em oração e se distancie o quanto puder, mas ao voltar observem a casa de longe, vejam se conseguem distinguir algo que dê a certeza que você pode retornar.

Victor vá buscar Jonathan, ele está em desespero e cheio de culpa por algo errado que provocou, pense que ele foi usado e que não sabia que aconteceria tudo isso, vá e o ajude. Rosenberg vá você também. Vão com Deus, vão antes que a meia noite chegue.

Malzabetec e seus parceiros comemoravam a ação bem sucedida, já que agora apenas os quatro estavam na casa e seriam alvos fáceis de suas brigadas.

Malzabetec chamou Leugim, e o ordenou a iniciar o ataque à casa de Wilbert:

-Vão, deixe-os enlouquecidos.

Capítulo 48

Victor buscou uma lanterna e seguiu as passadas de Jonathan, na terra úmida era fácil visualizá-las. Seguia pensando no que sua mãe o orientara, seguia vigilante e em oração, sentia próximo de si emanções negativas tentando desviá-lo, desorientá-lo, causar-lhe medo e pânico, mas ele seguia firme sabendo que seu irmão poderia estar correndo perigo, ao pensar assim sentia emanções de amor e de carinho vindos dos seus mentores e se apressava.

Jonathan em desespero correu por muito tempo sem saber onde estava indo, queria sumir, estar muito longe, fugir de tudo, sua avó estava, ferida ou morta, pensava ele, e estava perturbado em relação a Malzabetec. O que dera errado? Ele o teria enganado? Sentiu medo e vergonha ao pensar em sua irmã, em seus pais, mas inda assim culpava Victor. Ouviu então a voz do irmão a chamar o seu nome, correu então mais ainda, no escuro os galhos açoitavam o seu rosto, suas roupas rasgavam ao se prenderem aos espinhos e devido às quedas que foram inúmeras. Não sabia por quanto tempo corria, o cansaço e a fadiga o atormentavam, os rasgos na pele e na carne o consumiam, o resultado das ervas daninhas e venenosas agiam sobre ele com um efeito aflitivo.

Victor pensou em descansar, mas não queria dar distância a Jonathan. Sabia que estavam próximos, pois via as pegadas mais frescas e marcadas no solo. Jonathan não o queria ter por perto, suas vidas não tinham afinidade e não eram comuns em suas rotinas, desejava que ele desaparecesse, que sumisse para sempre, que o deixasse em paz. Se nunca fora feliz de fato, agora era menos ainda, devido a sua presença. Assim inspirado pelas sugestões maléficas Jonathan ao contrário do seu irmão deixava que estas o tomassem e decidiu dar um fim àquela situação. Não tinha nada mais a perder. Subiu num pequeno platô que beirava o riacho e suspendeu uma grande pedra, uma pedra cujo peso era muito grande para uma pessoa com sua estrutura física franzina, ao ouvir e ver a luz da lanterna ele a ergueu acima da cabeça e preparou-se para arremessá-la sobre Victor.

Capítulo 49

Leugin começou seu deslocamento em direção a casa de Wilbert, junto seguia seu grupo das trevas e os aprisionados de Severo. Na casa os que estavam em oração sentiram as forças pesadas em deslocamento, os urros e os uivos encheram seus ouvidos, Sophia ameaçou chorar, mas Wilbert a abraçou e lhe falou com calma e tranquilidade, dando-lhe forças e concentração.

-Não faça o que eles querem, somos uma família e forte, estamos do lado certo, do bem. Seu avô e nos amigos do bem estarão conosco, nada tema minha filha. Não se desespere Sophia esses serem nada podem fazer de mal a nós se nos mantivermos em pensamentos unidos em oração, assim Jesus e os amigos de luz estão em nossa defesa.

-Está bem pai.

Rosenberg conseguiu pegar um dos cavalos soltos, e galopou em busca de um médico e ao chegar ao alto de uma colina apeou e observou o que acontecia no vale, na casa e o que viu o assombrou duas vezes, devido às manchas escuras, às névoas cinzas e adensadas, sombras compactas que ora pareciam seres humanos, ora animais estranhos, medonhos que marchavam como uma legião em direção a casa de Wilbert, e devido ao poder inesperado de poder ver tudo aquilo. O espanto pelo inesperado senso de vidência que não sabia possuir.

-Eu que duvidava de tudo estou aqui vendo esse quadro dantesco, que Deus nos proteja. Olhou uma vez mais e ele temeu pelos seus amigos.

Yonah orou pedindo ajuda, e Alfred falou ao seu ouvido.

-Minha querida, nada tema, o bem sempre vence o mal. Estamos prontos e atentos para o momento tão esperado juntos. Na ignorância estão muitos que caminharam conosco, muitos dos que em épocas passadas nos tomaram como inimigos e que hoje poderão ter uma nova oportunidade de regeneração, graças à bondade de nosso pai Jesus. Não tema, apenas mantenha-se firme, não duvide, nem esmoreça. São forças poderosas, mas temos também a força do nosso Pai, contra ele não há poder maior.

As ameaçantes forças das sombras avançavam e já entravam por terras de Wilbert, e ao ganharem as alamedas que faziam caminho à entrada principal, se detiveram.

A um comando de Alfred, os mensageiros da luz intensificaram suas orações e concentração, uma luminosidade tão intensa foi imitada, e os das trevas foram surpreendidos e muitos tomados de pânico, muitos nunca haviam lidado com aquela situação, fugiram. Muitos haviam sido orientados por Helen e Alfred os esperava avançar pelo corredor de luz e onde seriam recolhidos e levados para tratamentos diversos. Outros tentavam proteger os olhos diante de tamanha demonstração de poder e radiância. Muitos caíram diante daquilo que para eles era o próprio Deus em forma de luz. Os ganidos, gritos e impropérios de pavor se alastraram, Malzabete gritava, tentava reorganizá-los.

-Somos um exercito, muitos de vocês foram mortos covardemente pelos que estão do outro lado, lutem, vinguem-se, essa é sua hora, quantos de vocês esperaram séculos por esse dia, vamos não recuem, não se acovarde, avancem. Leugin que ansiava por sua liberdade tentava fazer avançar suas tropas, mas ao atingirem a barreira de luz eles caíam prostrados, e o pânico dominou a legião das sombras e a confusão foi grande e geral. Leugin, atacava seus próprios comandados ao vê-los desertarem, os agarrava e os arremessava de encontros ao objeto de seu ataque, a barreira luminosa, mas nenhum deles conseguiu o intento de atravessá-la. As forças do bem comandadas por Alfred, via neles a profunda tranquilidade dos que nada temem, dos que confiam no que estão fazendo, nos que acreditam em Deus. Não sabendo para onde fugirem, vários dos seres em desespero caíram, outros

se debatiam e se agrediam. Xingavam e emitiam blasfêmias mútuas. Outros pediam perdão e que Deus não os castigasse pelos pecados cometidos. Grande parte se dispersou, desapareceram e aos que permaneceram caídos dominados, sem forças para reagir, Alfred falou.

-Amigos, a vocês foi dada uma chance de se tornarem outros, melhores, de admitir que erraram, mas que não serão julgados por isso, Deus quer de vocês apenas que reconsiderem o que praticaram, que recomecem, que retomem suas vidas agora, com um objetivo maior dedicado ao seu aperfeiçoamento, com responsabilidade e fé. Alfred se dirigiu a um dos que dizia ser seu inimigo.

-Percy, você que durante anos se degradou ao escolher o mal com forma de vingança, que não soube perdoar e que a cada dia se vê mais triste e arrependido, essa é sua hora de mostrar que quer definitivamente mudar.

Percy personagem da antiga batalha entre Alfred, Severo e Murdock, se via diante de seu inimigo, agora revestido de luz.

-Perdoe-me Alfred, perdoe-me, agora vejo o quanto perdi de tempo e o quanto sofri achando que a minha vingança acalmaria minha dor. Eu estava enganado. O sofrimento foi apenas o fruto que colhi por todos esses longos anos. Eu agia segundo o pensamento que dominava minha mente, as lembranças da emboscada que fui vítima me seguiam e não me davam trégua nem descanso. Queria apagá-las, mas elas invariavelmente retornavam à minha cabeça como um carrossel de terror e de ódio.

-Eu sei Percy, mas esse tempo é passado, agora não vamos falar mais sobre isso, você agia segundo seu entendimento, que era errado, por não saber exatamente como tudo aconteceu, logo que se sinta mais forte e equilibrado você saberá de tudo e então poderá avaliar o quanto perdeu de tempo e de felicidade. Todos vocês que estão aqui, deslumbrados com o poder de Deus, ouviram o que Percy relatou, e sei que como ele vocês também passaram por situações idênticas, mas todos poderão assim como ele receber ajuda e tratamento adequados para que possam ganhar equilíbrio emocional e espiritual, e para que possam ganhar novas oportunidades de seguirem conosco ou de reencarnarem e cumprir o programa divino.

Alguns se levantaram de pronto e foram encaminhados aos colaboradores do bem, para que pudessem, seguir rumo às colônias astrais, onde seriam cuidados. Outros, mais timidamente, ainda com as mãos aos olhos se ajoelhavam e pediam perdão, gemiam e pediam clemência, dentre esses estava Murdock, que por vários anos já dava mostra de cansaço e fadiga com a companhia de Severo e suas práticas.

Helen ordenou aos seus amigos de prisão que viessem, que passassem pelo corredor e eles correram e avançaram.

Ao ver seus aprisionados adentrando o túnel de luz Severo imaginou que eles estavam vencendo as forças da luz e incentivou aos demais que avançasse, ele mesmo correu e mas ficou caído ao bater na parede de luz e voltar engatinhando às suas trincheiras.

Malzabetec assistiu seu plano naufragar e ao seu lado Severo se lamentar gralhando como um corvo aborrecido.

-Veja lá Malzabetec, o infeliz do Murdock, nos traindo, ajoelhado como uma velha beata vá resgatá-lo.

-Não seja estúpido! Vá se quiser e também ficará na mesma posição de submissão seu idiota!

-Idiota é você que mais uma vez é derrotado pelos da luz. Que mago é você que vive de derrotas? Você sim é um estúpido, o perfeito e patético idiota!

-Como se atreve a falar comigo assim? Vou mostrar a você quem é o patético idiota aqui.

Assim Malzabetec, ferido pela derrota e pela raiva das palavras proferidas por Severo, ordenou a Leuguin que dominasse Severo.

-Agora me diga quem é o patético idiota?

E gargalhou diante do espremeur e das ameaças vãs de Severo que se debatia aprisionado pelo abraço de ferro de Leuguin.

-Depois planejaremos uma forma de resgatá-lo, agora vamos para minha casa precisamos descansar, e recuperarmos as forças.

Capítulo 50

Tomadas as providências finais de resgate Alfred foi ter com os seus.

Yonah o sentindo perto falou: -Está tudo terminado Alfred?

-Ainda não minha querida, Rosenberg está próximo, chegando com o médico, ore e peça que Deus proteja sua mãe. Nem tudo ainda está terminado, as repetições dos erros do passado são como as águas de um rio que retornam. Wilbert estremeceu e sentindo uma angústia falou.

-Vou buscar Victor e Jonathan.

A lua se abriu e mostrou naquela noite toda a sua pujança, o seu disco branco estava no auge de luminosidade e sua proximidade da Terra a fazia maior e mais deslumbrante. Do alto do platô Jonathan ergueu uma pedra e se preparou para atacar Victor. Ao suspendê-la os seus braços fraquejaram e se curvaram para trás, fazendo com o seu peso uma alavanca que o desequilibrou e o fez cair em direção ao rio.

Por sua mente passou numa fração de minuto uma visão de passado de repetição de uma mesma situação, sabia que aquela situação era uma repetição, sabia que caia para a morte. Sentiu-se caindo, o seu corpo se deslocando no espaço, tentou segurar-se em alguns galhos que se partiram e o seu corpo flutuou até atingir o solo, pela sua mente passou um filme veloz das cenas de suas vidas. Viu-se ainda pequenino no seu quarto ouvindo a discussão entre os seus pais. Viu quando um homem chamado Suterland acusava a sua mãe de lhe ser infiel. Ela defendia-se e chamava de injusto o seu comportamento ciumento e desconfiado, terrível e abominável injuriando a ela e afastando-o do amor do filho. Depois sentiu que o vôo terminara, mas com queda, não sentiu dor. Sentiu o chão úmido e o ruído das águas, batendo em sua cabeça. O cheiro da umidade, dos musgos, das folhas, dos galhos e o aroma de cada árvore distintamente. Viu a lua escondida entre as folhas e a sua luz brincando com seu rosto. Ele fechou os olhos e sentiu que alguém apoiava sua cabeça sobre as pernas, se esforçou e abriu os olhos, era Victor, lembrou que vivera aquela situação, viu no rosto do irmão o de Wilbert, e lembrou de Wilbert em outra encarnação e sua cabeça apoiada na perna dele e do esforço que fez para dizer-lhe que havia seqüestrado o seu filho Victor. Sim o seu filho, o bebê que seqüestrara de Wilbert era Victor, o irmão que agora o apoiava, sim era Victor. Porque errara tantas vezes, repetidas vezes? Perguntou-se. Tomou as mãos de Victor e falou já sem forças e disse.

-Perdoe-me Victor, peça perdão a minha mãe e a meu pai. Eu não soube merecê-los. Seus olhos se banharam de lágrimas e sua alma aflita e desorientada partiu.

Amigos leitores, naquele momento com sua cabeça apoiada sobre a perna do irmão Victor, Jonathan poder reviver as suas duas últimas encarnações, esse processo é comum quando desencarnamos, é uma oportunidade de no momento de transpormos o portal da outra dimensão de podermos avaliarmos o que fizemos, assim também aconteceu com ele e naquele momento sentiu o quanto causou de sofrimentos às pessoas que sempre o acolheram, com amor, carinho e dedicação. Nos seus últimos instantes Jonathan pensou: Por que Deus me colocou como filho de Wilbert? Por que Wilbert me aceitou como filho e porque se dedicou tanto a mim? Por que aceitou como filho um homem que o

traiu e o fez sofrer, que cegou sua esposa, que raptou o seu filho? Que homem é esse que apesar de tudo isso me amou de verdade?

Esses pensamentos o perturbaram e o comoveu. Assim arrependido verdadeiramente Jonathan estava garantindo um futuro melhor onde poderia estar mais uma vez com esses seres que abdicaram de si pra dar a ele amor.

Nos futuros capítulos vocês entenderão porquê o arrependimento de Jonathan o pôs em uma situação nova e com oportunidade de também poder amar.

Murdock quando se viu cercado pelos da luz, fingiu arrependimento encenou uma situação patética de falso choro e pedido de perdão, mas logo que pôde escapou do local e foi em busca dos seus amigos de malefícios.

Ao encontrar os seus companheiros riram e gozaram da situação que ele achava que enganara Alfred e os seus.

-Já estávamos planejando uma maneira de resgatá-lo, por um momento achei que você se convertera a eles, sua encenação foi dramática e teatral, perfeita Murdock, parabéns, por um momento você conseguiu enganar até a mim.

Riam e se divertiam sem saber que logo se arrependeriam do que praticavam.

Vemos aqui duas situações distintas, uma de Jonathan cujo arrependimento foi real e verdadeiro, e a situação inversa dos três que além dos males causados ainda se divertiam, isso teria um reflexo nas próximas encarnações preparadas para todos eles, vejamos então.

Capítulo 51

De volta ao Rio de Janeiro, a uma casa espírita, Cícero se perguntava o que fôra fazer ali, mas Aldo insistira tanto e as suas crises continuavam a atormentá-lo tanto, que já aceitava qualquer ajuda como bem-vinda. Estava ansioso e inquieto, nunca mexera com coisas daquele tipo e nem mesmo poderia dizer que acreditava em algo além da matéria.

A sessão se iniciou e Cícero olhava preocupado para Aldo, que permanecia sereno e absorvido nas orações e cânticos. As atividades se desenrolavam com amor e muita tranqüilidade. Cícero foi chamado à mesa para tomar o passe energético.

A médium tomou suas mãos e o guia espiritual sintonizado com ela iniciou os passes. Cícero não conseguia se concentrar e tinha ímpetos de sair dali o mais rápido possível.

A médium disse então:

-O medo não é senhor das boas ações.

-Como disse? Eu não estou com medo.

-Você traz um medo interno de quem foge da verdade, seus sofrimentos e visão vêm para que você preste atenção a eles, para que, os entendendo, possa corrigi-los. Você precisa se conhecer. A fuga não permite que seu autoconhecimento possa emergir, você somente se livrará do seu passado quando se conhecer no presente e no passado, as visões o atormentam porque você não as quer deixá-las virem. Suas vidas foram rios que não puderam seguir, ficaram estagnados causando repetidas visões das suas dores e sofrimentos. Esse círculo precisa ser rompido, a vida precisa prosseguir, fluir, deixar as águas se tornarem límpidas.

-A senhora falou de rios?

-Sim filho você sabe de que rios falo, esses rios ainda atormentam suas noites, seus sonhos e suas vidas.

-Como posso livrar-me desse tormento, me diga, por favor.

-Vou dizer sim, queremos que você venha aqui por mais vezes, que você tome conhecimento de como a vida funciona, que ela tem regras definidas e que ninguém pode fugir dela ou de si mesmo, que ninguém pode regatear uma menor cota de ajuste por cada ato construído, por cada semente plantada, que ela tem vários mundos de existências, mundos materiais e imateriais, fluídicos, energéticos, astrais, seja qual for o nome que se dê, neles existe a vida que prossegue sempre, por esses vários níveis de existências. Quero que você passe a atender as leis da vida e de Deus, queremos que você se sintonize, que seus canais mediúnicos se abram e que juntamente com o conhecimento adquirido futuramente possamos então revelar o que significa os seus pesadelos e suas visões. Isso acontecerá à medida que seus conhecimentos avancem e o torne apto a saber o que o seu passado esconde. A revelação se dá pelo conhecimento, por suas mudanças e desejo de crescer espiritualmente, pelo seu desejo de ser reto, digno, probo. Queremos que você saiba que teve várias passagens por esses

mundos e que precisa definitivamente se ajustar ao bem, pela compreensão e entendimento dessas leis divinas. Hoje é o que posso dizer, cada coisa ao seu tempo. Tudo agora depende de você.

Cícero saiu da casa espírita num misto de surpresas e dúvidas, não sabia o que pensar, mas as coisas que lhes foram ditas eram com certezas ligadas às suas visões, mas permanecia resistente ao fato de ter que voltar àquele lugar.

Mesmo os argumentos de Aldo não foram suficientes para demovê-lo.

-Sabe Aldo eu nem deveria ter ido aquele lugar com você, um lugar onde mexem com os mortos, e onde eles falam pelas pessoas. Isso é algo que mexe com minha cabeça.

-Mas Cícero, você não tem obtido sucesso junto a tratamentos médicos, pensei apenas em ajudar, fazer um favor. As palavras ditas a você falaram fundo ao meu ser, porque não ao seu?

-Desculpe Aldo, não quis ser ingrato, desculpe, mas não me vejo preparado para lidar com essas situações.

-Está certo amigo, não vou insistir, como a médium disse a você, cada coisa no seu devido tempo, mas quero que me faça um favor, não se feche a essa possibilidade. Você mesmo viu que é um lugar do bem, um lugar de auxílio e de acolhimento. Quero que você leia este livro, irá ajudá-lo a compreender e afastar os seus medos, só o conhecimento nos permite isso.

Cícero pegou o Livro dos Espíritos de Alan Kardec e pôs embaixo do braço e chamou um táxi. Chegando em casa pôs o livro sobre a cabeceira e foi tomar um banho e comer alguma coisa antes de se deitar.

Demorou a dormir, as palavras da médium ecoavam em sua mente:

-“O conhecimento adquirido poderá então revelar o que significa os seus pesadelos e suas visões. Isso acontecerá à medida que seu conhecimento avançar e o torne apto a com equilíbrio, saber o que o seu passado esconde”.

Ele pegou então o livro e leu as trinta primeiras páginas, o sono o acometeu e ele adormeceu com o livro sobre a cama. Sonhou então que uma mulher muito bonita e cega o tomava nos braços e o acarinhava, mas o chamava pelo nome de Jonathan, e dizia que ele não temesse o rio, que não se fechasse aos amigos novos e às novas oportunidades, Deus está abrindo uma nova porta para você. Depois ele via uma moça, sobre uma elevação banhada pela luz da lua, serena dizia a ele que o esperava, mas que somente poderia estarem juntos quando ele conseguisse obter uma revelação.

Ele acordou suado e foi tomar um banho, pensou sobre o que sonhara, embora houvesse uma preocupação pelo fato de o rio estar de volta a sua vida, sentia uma agradável sensação por ter estado nos braços daquela mulher, pensou em sua mãe e sentiu saudades, desde que viera morar no Rio de Janeiro, poucas vezes fora visitá-la, aliás a mulher do sonho lembrava ela, pensou. A moça que acenava para ele era muito bonita e o sorriso permaneceu com ele por algum tempo. Por algum motivo sabia que a conhecia, mas não sabia de onde, andava muito cansado ultimamente com tudo o que vinha vivendo.

Foi trabalhar e contou a Aldo sobre o que sonhara.

-Meu amigo, tudo tem um motivo lógico e inteligente acionando alguma força associada à sua necessidade de crescimento espiritual, dá surgimento a essas situações, basta que você esteja atento, vigilante aos fatos. Logo outros se associarão a estes e uma cadeia de entendimento se formará. Sinto que seus problemas estão perto de se revelar.

-Foi essa palavra que a moça do sonho usou. Falou Cícero.

-Vê então o que digo? Por que não voltamos ao Centro e você dá a si uma nova chance?

-Aldo eu tenho médico na quarta e não vou voltar àquele lugar. Sei que mais cedo ou mais tarde o Doutor Cabral encontrará uma solução, uma cura para minhas visões.

Na terça feira perguntou a Cícero:

-Vamos comigo ao Centro Espírita?

-Não amigo, não estou disposto.

-Sei, fique com Deus, vou pedir por você, mas se decidir de outra forma, você sabe o caminho.

Cícero chegou à janela e do alto observou o vai e vem dos carros, o andar apressado da cidade, as pessoas querendo logo chegar em casa, para estarem com suas famílias, esposas filhos, namoradas. Por que com vinte e oito anos nunca se detivera a pensar sobre uma família constituída? O único parente que possuía era sua mãe Ione, a quem nem mesmo via com freqüência. Muitas vezes pensou em buscá-la no Paraná, mas ela se negava e sair de seu sitio.

Desceu e foi até um shopping, pensou de novo na moça do sonho quando sentou-se em um bar para tomar um drinque. Olhou para fora e viu passando a moça que esbarrara uma vez na cidade e que derrubara os papéis. Pagou a conta e correu para falar com ela, procurou pelos corredores, mas ela desaparecera. Pensou que era a segunda vez que a via e ela sumia sem poder lhe falar, mas desta vez não deixaria a oportunidade se ir, quem sabe se nunca mais teria outra chance. Correu feito louco e foi até porta de saída do shopping, esperava que ela não tivesse ainda saído e somente assim poderia abordá-la. Foi então que a viu entrar num táxi, correu e pegou o seguinte e pediu que a seguisse. Atravessaram a cidade e seguiram para um subúrbio da Central, no mesmo bairro onde Aldo o levara ao Centro Espírita, aliás o taxi entrava na mesma rua e parou em frete a Casa Espiritualista.

Cícero constrangido entrou e viu quando ela deu um beijo no rosto de um rapaz que usava um jaleco branco, aquele gesto o deixou perturbado e triste. Ela tinha um namorado e ele fizera um papel de bobo a seguindo e uma vagem inútil. Saiu decidido a ir para casa.

Estava saindo quando Aldo o deteve, segurando pelo braço.

-Onde você pensa que vai?

-Estou indo embora.

-Mas porque Cícero? Você não vê as oportunidades se apresentando. Se você veio foi por algum motivo.

-Foi sim tive um motivo, mas agora não o tenho mais.

-Que conversa é essa Cícero?

-Por favor, Aldo depois nos falamos. E dito isso se foi.

Aldo ficou perplexo e foi sentar-se no salão para o início dos trabalhos. Aldo foi chamado e tomou seu passe magnético e então o médium falou.

-O tempo certo de cada um depende também de nós, das nossas ações e compreensão dos fatos. Julgar pelas aparências não é uma boa atitude, que quase sempre nos leva a percepção errônea ou

distorcida, diga isso a seu amigo.

Capítulo 52

Cícero continuava o tratamento com o Doutor Cabral e ele agora queria usar uma droga que o induziria buscar em si a causa de suas visões. O médico andava preocupado com o visível abatimento de Cícero, o desânimo e a depressão eram evidentes. Fisicamente em volta dos seus olhos apresentavam-se olheiras e o seu corpo magreza acentuada.

Discutiram os prós e os contras do uso da medicação e Cícero concordou em usá-la.

Durante a sessão Cícero semi-adormecido passou a descrever sobre orientação do médico o que recordava do passado.

-São muitos galhos se chocando contra meu rosto, a dói-me o rosto o desespero me envolve, corro no escuro e alguém me persegue. Dizia Cícero angustiado e suando em bicas. O falar se alterava e o peito arfava, a cabeça se movia repetida e freneticamente de um lado ao outro, e sua forma de falar já era afobada quando ele gritou:

-O rio, o rio, não quero cair, o rio, não me deixe cair.

-Cícero o que você vê diga? Pediu o médico.

-Um rio vermelho, um rio de sangue, por favor, me tire daqui. Tire-me daqui, gritava arfando e buscando o ar, a impressão que se tinha era que sufocava, que se afogava.

O médico preocupado com a situação crítica do paciente aplicou um tranqüilizante e ele se acalmou e adormeceu.

O Doutor Cabral prescreveu mais tarde então alguns medicamentos com finalidade de deixá-lo mais controlado e pediu que voltasse na semana seguinte.

Aldo ao saber do que acontecia se revoltou, via com preocupação a situação do amigo ficando dramática e sem solução aparente. Aldo sugeriu que Cícero fosse passar uns dias com a sua mãe, ou que fosse viajar, sair um pouco da rotina de trabalho e da casa, relaxar, viver um pouco, novos ares. Sugeriu roteiro de viagens e excursões pelo Brasil e pelo exterior. Disse que ele mesmo cuidaria dos negócios enquanto o amigo estivesse ausente. Cícero era teimoso e não admitiu que alguma coisa estivesse fora de controle, dizia que estava sob cuidados médicos e que logo superaria tudo. Aldo resolveu que precisava fazer algo e ligou sigilosamente para Dona Ione, mãe de Cícero e sugeriu que ela viesse passar alguns dias com o filho, falou discretamente sobre o problema de que vinha acometendo-o e que o preocupava.

Dona Ione chegou sem avisar ao filho e ficou preocupada ao vê-lo magro e tristonho, sem alegria e sem vida no olhar.

Ela e Aldo passaram então a se falar com freqüência, buscavam soluções e discutiam o que fazer e como ajudar Cícero a superar aquela situação. Descobriram então que tinham algo em comum, que admiravam a doutrina de Kardec. Aldo contou que freqüentava uma casa espírita, e que levara Cícero uma vez a uma reunião, mas que ele não manifestara mais o desejo de retornar. Depois lembrou que ele fora ao lugar uma vez mais e que estranhamente se retirou sem explicações.

Ione também ficou intrigada e quis conhecer o lugar.

Marcado o dia, Aldo levou Ione.

Chegando ao Centro cedo ela pôde ser apresentada a vários membros do quadro mediúnico, inclusive a Marcela, a moça que Cícero derrubara os documentos, ela por sua vez apresentou o seu pai Wilton a Dona Ione, ele era viúvo assim como ela. Ele era médium da casa e responsável pela parte administrativa. O efeito da apresentação de Wilton a Ione foi o de um choque percorrendo os seus corpos, seus olhares se cruzaram e uma luz brilhou em ambos, uma afinidade brotou instantânea, e se demoraram ali diante do outro, como se conhecessem o que os seus olhos falavam. Ele a convidou para um café antes do início da sessão, e não se separaram mais durante a noite. Ione contou a situação do seu filho e sua preocupação pela insistência dele em não usar a Casa Espírita, sobre os tratamentos médicos que estavam levando à depressão e não se via melhora.

Wilton decidiu que poderia tentar convencê-lo primeiro mandando alguns livros para que ele lesse. Assim Ione levou quatro livros e os deixou com Cícero.

A depressão o tomava e a tristeza era cada vez mais evidente. Já não tinha ânimo para o trabalho e faltava com freqüência ao escritório. O tratamento cada vez mais forte o deixava ao termino alheio e excessivamente dopado.

Capítulo 53

Wilton e Ione mesmo sob a pressão da situação de Cícero vinham se correspondendo de maneira cada vez mais próxima, o carinho e o romantismo dele a cativava. Nela a delicadeza e o conhecimento da vida o atraía. Eles precisavam se conhecer e a cada dia se viam mais e mais, saíam aos shoppings, cinemas e restaurantes juntos. Um dia Cícero teve uma crise mais grave e parecia que a loucura o tomara, a angústia o tornou agressivo e agitado, via vultos e as imagens se repetiam e o assombravam, não queria dormir, falava sozinho e os médicos resolveram então interná-lo.

Ione foi totalmente contra e pediu ajuda a Wilton para que não levassem seu filho para o hospital psiquiátrico. Wilton conversou com Andrea, sua filha advogada que encontrasse uma forma jurídica que desse autonomia a Ione para manter o filho sob sua guarda.

Andrea conseguiu alegação que o rapaz não causara mal a ninguém e que a Ione o levaria para um sitio em local afastado em que ele ficaria sob cuidados de profissionais qualificados. A aceitação ficou sob condições que se cumprissem as regras definidas, que ele fosse mantido sob observação e cuidados médicos, mas se ele viesse a piorar, causar mal ou agressão a alguém seria internado em

hospital.

No sítio Wilton foi ajudar Ione e lá ficaram por duas semanas até que descobriram que perto da residência havia uma casa onde uma senhora cuidava de doenças variadas, usando com ervas e simpatias, tratamento dito espiritual. Depois de várias informações e buscas de conhecimento dos casos por ela resolvidos, levaram Cícero até lá.

A casa de Dona Elza era simples e limpa, um altar com Jesus e Maria compunha uma sala pequena com uma mesa e quatro cadeiras, uma cômoda com uma moringa e uma estante com vidros de infusão e de ervas secas.

Dona Elza pôs Cícero sobre uma cama no seu quarto e colocou um copo de água junto à cabeceira. Fez silêncio, e entrou em concentração, depois diversas orações, por uns instantes calou-se, olhou no copo e disse.

-Moça venha aqui perto e você também moço, chamando Wilton e Ione.

-Segurem cada um uma das mãos dele.

Assim eles o fizeram. -Agora digam em voz alta que o perdoam por todo o passado que viveram juntos.

Wilton e Ione se entreolharam, e repetiram as palavras que eram ditas pausadamente por Dona Elza : “Cícero nós o perdoamos porque qualquer coisa que tenha acontecido no passado, já não importa o que tenha ocorrido, nós o amamos e o queremos bem, nós precisamos de você bem, saudável e feliz.” Elza então pegou um feixe de ervas e bateu no corpo de Cícero, ele a cada batida tremia e falava palavras desconexas para quem as ouvia, mas eram diálogos do passado que vinham à tona. Eram pensamentos sobre os ataques a Wilbert e antes a Alfred e a Armitage, em outras encarnações. Eram visões sobre suas próprias mortes, repetidas de forma semelhantes, por seguidas encarnações. As quedas sobre as pedras, o seu sangue se misturando às águas. Erros e repetições seguidas, por opções feitas, pelo seu livre arbítrio. Os sofrimentos que causou tanto a si mesmo, quanto aos outros. Ele se viu numa colônia de regeneração planejando seu retorno a essa vida, seu nascimento, sua gestação no ventre de Ione, viu que ela era Yonah, essas lembranças, esses conhecimentos trouxeram o pranto agitado e consternado. Apertando forte a mão de Wilton ele disse meu pai Wilbert, me perdoe por tantas dores e intransigência, me perdoe meu pai por tanta resistência, pela falta de carinho, por todas as dores que lhe causei. Wilton e Ione se entreolharam, sem entenderem o que Cícero dizia. O rosto de Cícero suave e Elza o enxugou com uma toalha, ele silenciou. Ela pediu a todos, em baixa voz, que se concentrassem. Depois de minutos a água do copo se transformou tomando uma cor avermelhada.

Elza falou.

-Parte do trabalho está resolvido.

-Como assim? Perguntou Ione.

-Vocês foram uma família em várias encarnação. Cícero os rejeitou e os prejudicou de diversas maneiras. As mortes dele foram por três vezes semelhantes, tombando sobre as pedras de um rio, seu sangue se misturando ao leito das águas, essas lembranças marcaram sua mente e impregnou seu perispírito. Hoje ainda , três seres, trabalham juntos, os obsediando, para mantê-lo junto a eles no mal e evitarem que ele se torne uma pessoa boa, regenerada, que se livre dos repetidos erros do passado. Agora mais uma vez precisamos ajudá-lo, trabalhando para cessar essa ligação, para afastar definitivamente esses seres ignorantes de perto desse rapaz que está com certeza no caminhos das mudanças positivas em busca uma nova vida. Vamos todos trabalhar junto, eu, vocês e a Casa

Espírita que vocês freqüentam.

Wilton quis saber como.

-Na sexta-feira, vocês irão para o Centro Espírita, então, quando a lua cheia tomar o céu, iniciaremos os trabalhos. Cícero ficará aqui sob minha proteção, darei um chá para mantê-lo adormecido, na Casa Espírita vocês saberão o que acontecerá. Peça à moça que é sua filha que venha passar aqui conosco, senhor Wilton.

-Porque Andréa? Perguntou Wilton.

-Ela foi uma figura importante e influenciou pelo bem a Cícero. Em varias vida eles vêm se encontrado em situações distintas.

Assim foi feito.

Capítulo 54

No Centro Espírita Aldo, Wilton e Ione davam-se as mãos. A seção dos preto-velhos foi iniciada especialmente para atender ao caso de Cícero.

Os preto-velhos tentavam trazer ao centro do terreiro as entidades que obsediavam Cícero ou seja Morcego Murdock e Severo. Mantinham um estratagema mandar magneticamente mensagens escolhidas com conteúdo cheio de boas sugestões e de alusões aos bons momentos que viveram, cenas de infâncias e carinhos vivenciados dentro do seio da família, usavam parentes ou de parentes e familiares que tinham mais afinidade e afeições por eles, para que sugerissem pensamentos e emanções fluídicas de carinho e amor,.

Queria atraí-los até a Casa Espírita para mostrar a eles os erros e os caminhos errados tomados em suas vidas. O medianeiro falava aos dois que distante dali ouviam mentalmente as palavras proferidas. Murdock na sua cela se sensibilizava com as palavras e cenas mentais que lhes chegavam, pouco a pouco por momentos se entregava ao sentimento que vinha até ele, mas resistia ainda. Severo mais resistente recebia as induções, mas se livrava delas pela concentração aos seus planos e objetivos. Foi quando um personagem que atento se manteve afastado, trabalhando nos bastidores surgiu para ter um papel definitivo na quebra da resistência de Murdock, Helen, chegou a Murdock e mostrou a ele não fora Alfred causador de todas as mortes ocorridas nos bosques da

Inglaterra antiga, e nem também Wilbert os traiu, contou a ele como tudo aconteceu. Eu mesma convivi na época de vocês e era apaixonada por Severo, que durante todas as minhas investidas me rechaçou optando apenas por seus desejos de vingança, eu o esperei por todas as minhas vidas e de longe cuidei de vocês com carinho e dedicação, hoje vim lhe dar esse depoimento para mostrar que o tempo que você perdeu em busca de prejudicar Wilbert em vão, mas nada está perdido, estou aqui para ajudá-lo ser sua companhia, quero que você supere esse momento difícil. Vocês passaram séculos atuando sobre a vida dos outros, nada construíram, nada criaram, trouxeram interrupção de vidas, de programações definidas pelo astral superior, sobre isso vocês não tinham o direito de intervirem, e vocês o fizeram, criaram para si um imenso débito que levarão muitas encarnações para que tomem consciência de todo mal que causaram. Eu quero estar ao seu lado Murdock, quero que você seja minha companhia em uma nova oportunidade de reencarnação, se você desejar assim.

Murdock a cada palavra proferida por Helen sentia uma imensa vontade de sair daquela vida sem sentido, cheia de tristeza, solidão e maldades. Ele sentiu mão dela se postar sobre seu ombro, com um sorriso, convidando-o a acompanhá-la, Murdock estendeu-lhe a mão e disse que iria com ela. Helen pediu a ele que antes de ir que fizesse uma última ação.

Severo foi ter com Malzabetec que havia morrido mas se mantiveram unidos e aplicados nos mesmos intentos, os dois reuniam suas forças energéticas e conhecimentos para se manterem firmes e resistindo a irem ao Centro Espírita. Severo chamou Murdock e apresentou um novo plano que ele e Malzabetec haviam concebido, usaram recursos do Livro da Vida Eterna para descobrir onde Wilbert estava encarnado, tinham Jonathan sobre controle e o dominavam com as emanções mentais, mas não sabiam que Ione era a reencarnação de Yonah. Desejavam descobrir isso e se Alfred também havia reencarnado, para retornarem aos ataques.

Liam a formula escolhida e discutiam detalhes de execução, quando foram atraídos por um enorme barulho, fora da sala, um tremor e uma nuvem densa iniciou a invasão da sala por baixo da porta, perfume embriagados de flores surgiu e transtornou Severo e Malzabetec. Por um instante, o suficiente para que Murdock pegasse o livro e atirasse pela pequena janela de uma das torres do castelo onde habitavam, o livro antigo e de papel pergaminho, esmaecido e resíduooso, foi se desfazendo em pedaços e folhas que se soltavam ao léu, as folhas que sobraram presas à capa, atingiu o plano d'água que submergiu rapidamente.

Severo gritou e tentou agarrar Murdock e não conseguiu, ele desapareceu diante do olhar dos dois atônitos. Severo questionou Malzabetec e perguntou.

Onde foi parar Murdock?

-O safado fraquejou se deixou levar pelos da luz.

-O que vamos fazer Malzabetec?

-Estamos numa situação delicada, estamos cercados, olhe lá fora!

-Pelos demônios, quem são todos aqueles seres? Perdemos o Livro, o que faremos?

-São os da luz nos cercando, mas tenho recursos ainda que eles não esperam.

Murdock aos prantos foi levado ao interior da sala de reunião e dessa vez seu choro não era encenado.

O Medianeiro falava calma e pausadamente orientado pelo astral.

-Você Murdock terá uma consolação devido ao seu arrependimento, uma vida um pouco menos difícil no futuro, mas temos que unir você, e seus amigos. Os três seguirão dentro da programação divina, unidos pela miséria, irmanados numa aldeia pequena e pobre da Índia, onde viverão do que receberem de doação, onde trabalharão muito e terão dificuldades físicas e poucos recursos, onde conhecerão a religião num nível que possam se interessar pelas coisas divinas. Sofrerão doenças graves e moléstias que causarão pavor e afastamento das pessoas, mas receberão isso como uma oportunidade de regeneração, de crescimento e de evolução. Colherão apenas o que plantaram por suas muitas vidas e a colheita será melhor ou pior diante de como vocês se conduzirão daqui por diante. Ouçam muito bem o que acabei de dizer agora, e registrem isso nas suas almas, as suas colheitas dependerão de como vocês se conduzirão daqui para frente.

Hoje precisamos dos três aqui para darmos início ao processo de retorno de vocês a uma nova vida, a um novo recomeço.

-Helen você me prometeu estar comigo, ao meu lado, sendo minha companhia.

-Eu serei sim sua companhia, acredite em mim.

-Malzabete corria pelos corredores e era seguido por Severo que gritava. – O que você pretende, me diga?

-Cale essa boca infeliz é assim que eles o atraindo para aquele lugar, acalme-se e cale essa boca. Disse Malzabete com o olhar fulminando Severo.

-Vou sair pelo túnel de escape e de lá poderei sumir e livrar-me desses da luz.

Malzabete tomou a descida em direção ao túnel, bateu na porta e o Anão a abriu.

Severo quis segui-lo, mas o Anão bateu a porta.

Os seres de luz apareceram dentro do castelo e Severo intimidou-se, ajoelhou-se e gritou pedindo perdão. Pediu que não fizessem mal a ele, e assim ele se viu repentinamente lançado no meio do salão do Centro Espírita ao lado de Murdock.

Malzabetc fugia pelo túnel e seguido pelo Anão.

Helen que a tudo visualizava, chamou pelo nome de um ser que logo em seguida apareceu frente a frente com Malzabetc e o agarrou pelo pescoço.

Helen fez uma reza e ordenou que Leuguin levasse Malzabetc à Casa Espírita.

Assim aconteceu.

O médium então pôde falar aos três.

-Quanto maior a resistência e a aceitação tanto maior será o prolongamento das suas dores. Só lhes cabem viverem com a aceitação e o reconhecimento dos seus erros e pedir ao Cristo que os alivie em suas penas, que lhes dêem resignação e superação, isso sim fará com que suas encarnações sejam menos severas. Partirão hoje e receberão um ventre que os espera para uma gestação muito difícil. O que vocês viverem em prol do bem servirá como um expurgo de seus passados. A opção é de vocês, avaliem e tomem consciência de todos os males que fizeram.

Quanto a Leuguin, que era apenas um espírito vivido por muitos e muitos séculos na ignorância espiritual, uma criança, um ser sem a consciência de que não era um demônio e muito menos um anjo caído, usado por Malzabetc, pôde passar a servir a Colônia Espiritual Filhos do Sol, instalada no astral e ao grupo de Alfred, onde aquele o protegia podendo ter acesso a lugares de difícil densidade magnética, de fluidos pesados. Ele também pôde, por estar perto de seres de luz, ir gradativamente tomando conhecimento da sua natureza e da necessidade que tinha de se modificar.

Quando Cícero despertou, viu o rosto de Andrea e perguntou:

-Você é um anjo?

-Não sou Andrea filha de Wilton.

-Você é a moça que eu derrubei os documentos, lembra?

-Você? Aquele que me pagou táxi?

-Sim sou eu sim.

-Por que fugiu de mim por tanto tempo? Eu queria saber seu nome e revê-la. Sabia de alguma forma que iria ter essa chance mais uma vez, alguma coisa me dizia que a veria novamente. Mas como você veio parar aqui? Sempre quis revê-la.

Andrea riu: -Você está fraco e falando coisas irreais.

-Olhe Andrea, posso estar fraco e debilitado, mas minha mente e minha vontade nunca estiveram tão firmes em querer conhecê-la.

Pena que você tenha um namorado.

-Eu namorado? Você está definitivamente delirando.

-Eu os vi se beijando na Casa Espírita.

-Não seja precipitado em suas conclusões, Pedro é meu primo, é médium da casa. Trabalhamos juntos como médiuns, um trabalho que nos une mais como parentes e como amigos de outras vidas.

-Que bom então fico feliz que ele seja seu primo, assim acha que terei alguma chance de conhecê-la melhor?

-Vou pensar sobre isso, mas nada prometo, ainda estou muito zangada com você por aquele esbarrão, mas agora você precisa ficar fortalecido se quiser de fato me conhecer melhor.

-Um ser espírita não pode ficar com esse sentimento guardado por tanto tempo.

Os dois riram.

E ela segurou suas mãos.

Dias depois, com a melhora, Cícero foi procurar o Doutor Cabral e se submeteu os exames e técnicas de hipnose e regressão, Cícero pôde retornar aos lugares do seu passado e ter contato com as situações que vivera e que tanto o perturbavam, mas desta vez com serenidade e tranquilidade. Enquanto o Doutor Cabral conduzia a sessão ele pôde relatar tudo o que via e sentia e compreendeu o porquê de sempre ver as águas do rio turvadas de vermelho. Pôde assistir, como um espectador, suas próprias ações como um assistente de um filme e ir julgando suas ações. Assim ao término estava aliviado e pôde conversar com o doutor sobre tudo o que relatou.

Capítulo Final

Dias depois no sítio, os quatro puderam sair e fazer uma caminhada, a tarde caía e eles se sentaram sobre uma grande pedra e ficaram ouvindo o rio cantar e as águas tomaram o laranja- avermelhado do entardecer. Cícero falou sobre a vida e seus mistérios, do medo que tinha dos rios, mas que agora via neles apenas beleza, e vida, o medo estava superado. Falou que seus sonhos e visões haviam passado e que o seu amor por Andrea era um presente, uma compensação pelas dores sofridas, queria crescer espiritualmente, aprender, evoluir junto a ela, com sua ajuda, já que a perdera de vista duas ou três vezes e a tinha agora em seus braços. Disse que a vida era sábia, pois sua doença de alguma maneira servira para uni-los de novo Elizabeth e Bernard.

Wilton e Ione, ou Wilbert e Yonah também ganharam uma nova encarnação, unidos pelo amor, agora estando juntos na meia idade, mas com a mesma força do querer de marcou suas vidas anteriores, com a mesma certeza que eram almas afins, que onde quer que estivessem se reconheceriam e se amariam sempre, próximos de seus dois filhos para poder melhor ajudá-los nessa nova caminhada.

Quatro almas se reuniam novamente, almas que viveram momentos difíceis, mas agora com um parêntese de paz e tranqüilidade para viverem felizes juntos, Wilbert, Yonah, Elizabeth e Jonathan viam o dia indo à noite chegando diante do rio do destino que não pára jamais de correr.

Na cidade de Haridwar, uma das mais sagradas no mundo hindu. A impressão não era nada boa, uma cidade cheia, suja, muito pobre, lotada de vacas e pedintes espalhados nas ruas e calçadas. A cidade bem pequena e os rickshaws com pessoas pedalando para todos os lados, muita aglomeração, vendedores, e mendigos. No alto um templo na colina, era necessário pegar um bondinho para chegar. O lugar não era limpo. Um prédio com um corredor comprido, em que de um lado viesse a paisagem e do outro os deuses hindus, representados de uma forma bem pobre. No final, ao lado de um ultimo deus hindu, um homem mal vestido co roupas típicas regionais, falava aos visitantes em língua local, rapidamente explicando o significado da imagem esculpida. Passava uma substancia pegajosa na testa das pessoas como proteção e boa sorte e colocava um colar de flores de laranjeiras e insistentemente tentava convencer aqueles resistentes a colocar também. Ao entardecer o homem seguiu para o rio que havia sido alterado em seu curso normal, para criar uma área de banhos, mais rasa e com chão de cimento. Nesse lugar é onde se realizavam as cerimônias em homenagem ao rio sagrado. O homem vendia arranjos de flores bem bonitos de todos os tamanhos, as pessoas compram para colocar no rio, depois de acenderem uma velinha e um insenso. A beira as pessoas se seguravam nas correntes e se banhavam já que a água corria rápida! Os homens entrar de cueca

mesmo, mas as mulheres entram até de véu na cabeça. A cerimônia seguia e batidas metálicas eram tocadas. Em seguida, uma música vinda de caixas de som. As pessoas que compraram as tigelas com flores nessa hora fizeram suas oferendas. Homens carregavam tochas e faziam movimentos circulares com o fogo. Ao final sob uma garoa final o homem pegou uma criança e uma mulher e seguiram para um subúrbio distante acotovelado em lotação velho e sem vidros. De novo ao chegar cansados, esgotados passaram por muitos mendigos, paraplégicos no chão e todo tipo de miséria imaginável. Chegaram a um prédio habitado por diversas famílias e entraram em um cubículo onde dois outros meninos os esperavam. O mais novo Raji levantou-se e abraçou a mãe Nalini e o pai Ravi, com carinho prolongado e saudoso.

-Então filho Kumar, como foi seu dia com seu irmão, Hamid.

-Cansativo pai, Hamid não se esforçou para fazer sua parte de convencer as pessoas a ajudar um ceguinho, não tocou sua flauta e assim obtivemos menos do que deveríamos, conseguimos poucas moedas e ele se deitou logo que chegou. Disse que estava cansado e sentindo dores de cabeças.

-Ele vem sentindo dores há algum tempo, precisamos levá-lo ao Doutor.

-Com que dinheiro Nalini?

-Eu sei querido, mas vou oferecer meus trabalhos ao doutor em troca do atendimento dos remédios.

-Querida temos que buscar outra solução, qualquer dia de trabalho perdido é uma piora na nossa situação, não podemos viver assim, sempre dependendo da ajuda alheia, nem de esmolas, precisamos trabalhar muito e duro, buscar uma maneira de ter uma profissão mais estável, estou desempregado há mais de dois anos.

-Mãe, eu acho melhor levá-lo no velho curandeiro, ele é um homem santo, não cobra nada damos o que puder.

-Papai eu tenho também umas moedas que ganhei do senhor Putar e algumas roupas e sapatos, posso vender e ajudar mamãe. Disse Raji.

-Obrigado filho temos que manter esse espírito e solidariedade e nos maternos unidos. Vamos sim levá-lo ao Homem Santo ele é um iluminado e poderá ajudar o nosso Hamid, também tenho uma boa notícia, arrumei um serviço numa nova obra pública de construção de uma estrada e terei um emprego pelo menos por seis meses. Nalini abraçou o marido. Meu querido esposo isso nos dará alguns meses de uma vida melhor, os deuses nunca nos abandona. Quando inicia?

-Verdade minha amada, os deuses são bons quando trabalhamos, o serviço é para daqui a duas semanas, mas vamos nos deitar estamos cansados e amanhã ainda temos que confeccionar os colares de flores para os turistas de amanhã.

Pai não vamos comer? Estou com fome hoje somente tomei a refeição da manhã.

-Desculpe filho, vamos sim, eu consegui um pão e vamos sentar para dividir, acorde Hamid ele também tem direito ao seu quinhão.

Nalini retirou da sacola uma grande broa e dividiu em cinco partes e ali sentados os cinco agradeceram aos deuses da fartura o alimento que recebiam e que saciaria suas fomes por mais um dia.

Ali sentados, Helen e Suterland como pai e mãe de Severo, o menino cego, Murdock, o mais jovem e Malzabetec, partilhavam do pão nosso de cada dia, ali aprendiam com as dificuldades a se manterem unidos e se ajudando mutuamente, empregando seus corações a conhecerem Deus de uma maneira própria e peculiar à cultura do local. Assim cada um deles reunidos em família aprendiam a viver segundo seus atos passados e colhiam segundo seus plantios. Deus realizava ao seu modo uma reunião de interesses evolutivos e aprendizados, onde alguns se submetiam a doar e acelerar sua evolução, e outros vivenciariam as durezas e os sacrifícios e as dificuldades como provas de superação e aprendizado.